

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

Aline Margotti de Carvalho

WHATSAPP E DESORDEM INFORMACIONAL NAS ELEIÇÕES DE 2022
Uma Cartografia das Controvérsias sobre a atuação do Poder Judiciário e a
desconfiança sobre o processo eleitoral durante o 2º turno das eleições presidenciais

Belo Horizonte
Julho de 2023

Aline Margotti de Carvalho

WHATSAPP E DESORDEM INFORMACIONAL NAS ELEIÇÕES DE 2022
Uma Cartografia das Controvérsias sobre a atuação do Poder Judiciário e a
desconfiança sobre o processo eleitoral durante o 2º turno das eleições presidenciais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação Social.

Orientadora: prof^ª Dr^ª Regina Helena Alves da Silva

Belo Horizonte
Julho de 2023

301.16 C331w 2023	<p>Carvalho, Aline Margotti de.</p> <p>WhatsApp e desordem informacional nas eleições de 2022 [manuscrito] : uma cartografia das controvérsias sobre a atuação do poder judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o 2º turno das eleições presidenciais / Aline Margotti de Carvalho. - 2023.</p> <p>183 f.</p> <p>Orientadora: Regina Helena Alves da Silva.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia</p> <p>1. Comunicação – Teses. 2. Eleições – Brasil – Teses. I. Silva, Regina Helena Alves da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"WHATSAPP E DESORDEM INFORMACIONAL NAS ELEIÇÕES DE 2022: Uma Cartografia das Controvérsias sobre a atuação do Poder Judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o 2º turno das eleições presidenciais."

Aline Margotti de Carvalho

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª Regina Helena Alves da Silva - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Geane Carvalho Alzamora
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Joana Ziller de Araújo Josephson
DCM/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 03 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por Joana Ziller de Araujo Josephson, Professora do Magistério Superior, em 03/08/2023, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Geane Carvalho Alzamora, Professora do Magistério Superior, em 04/08/2023, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Regina Helena Alves da Silva, Professora do Magistério Superior, em 07/08/2023, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2499243 e o código CRC 772DF3E9.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que ajudaram a construir o caminho que me trouxe até aqui. Aos meus professores durante toda a minha caminhada acadêmica. A meus amigos e colegas que entenderam as minhas ausências e sempre se fizeram presentes. À minha orientadora, Lena, e a todo o PPGCOM pela acolhida. Ao Cássio, pela parceria diária e por ajudar a tornar os meus dias mais leves. À minha família, em especial à minha irmã, Anelise. Às minhas sobrinhas Maria Elisa e Maitê, por tanto amor. Por último, e mais importante, a quem sempre acreditou em mim e me deu o necessário para que eu fosse capaz de buscar os meus sonhos e superar os desafios que aparecem pelo caminho: meu pai, Darnival, e minha mãe, Zenaide, que permanece viva em tudo o que sou e faço. Obrigada!

RESUMO

Este trabalho investiga a desordem informacional nas eleições de 2022. Propomos uma observação da controvérsia sobre a atuação das instâncias superiores do poder judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Para isso, realizamos a análise dos conteúdos e mensagens mais compartilhados nos grupos monitorados pela ferramenta Monitor de WhatsApp. A pesquisa mapeia as posições argumentativas, identificando, através da metodologia da Cartografia das Controvérsias, os argumentos conectados e estruturados nos discursos e as visões de mundo presentes nos conteúdos analisados. Para realizar a análise, partimos da conceituação de verdade, pós-verdade, crise epistêmica, plataformas e desordem informacional. Utilizamos a Teoria do Ator-Rede como base conceitual-metodológica para a realização da Cartografia das Controvérsias, além da utilização da análise de conteúdo e da semiótica greimasiana. Os resultados destacam o uso de estratégias de camuflagem para conferir veracidade aos conteúdos compartilhados e a predominância de determinadas subcontrovérsias. Observamos a interconexão entre as discussões no WhatsApp e o ambiente offline, ressaltando a necessidade de abordagens multidisciplinares para compreensão da desordem informacional.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Ator-Rede; Cartografia das Controvérsias; desordem informacional; pós-verdade; WhatsApp, eleições; Poder Judiciário; plataformas.

ABSTRACT

This research investigates the informational disorder in the 2022 Brazil elections. We propose an examination of the controversy surrounding the role of higher instances of the judiciary and the distrust in the electoral process during the second round of the presidential elections in 2022. We analyze the most shared contents and messages in the groups monitored by the WhatsApp Monitor tool. The research maps the argumentative positions, identifying, through the methodology of the Cartography of Controversies, the connected and structured arguments in the discourses, and the worldviews present in the analyzed contents. To perform the analysis, we start from the conceptualization of truth, post-truth, epistemic crisis, platforms, and informational disorder. We use Actor-Network Theory as the conceptual-methodological basis for the Cartography of Controversies, in addition to the use of content analysis and Greimasian semiotics. The results highlight the use of camouflage strategies to confer veracity to the shared contents and the predominance of certain sub-controversies. We observe the interconnection between discussions on WhatsApp and the offline environment, emphasizing the need for multidisciplinary approaches to understanding informational disorder.

KEYWORDS: Actor-Network Theory; Cartography of Controversies; informational disorder; post-truth; WhatsApp, elections; Judiciary; platforms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interesse do termo “fake news” na ferramenta de buscas do <i>Google</i> ao longo do tempo. Entre 2004 e junho de 2023.....	15
Gráfico 2 - Interesse do termo “fraude nas urnas” na ferramenta de buscas do <i>Google</i> ao longo do tempo. Entre 2004 e junho de 2023.....	16
Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo dos termos “eleições” e “fraude em associação no mecanismo de buscas do <i>Google</i>	66
Gráfico 4 - Comparação entre o interesse nos termos de busca.....	67
Gráfico 5 - Interesse ao longo do tempo do termo “urna eletrônica” no mecanismo de buscas do <i>Google</i>	85
Gráfico 6 - Gráfico da distribuição das mensagens coletadas de acordo com o tema principal.	99
Gráfico 7 - Ocorrência de mensagens que citam diretamente o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Supremo Tribunal Federal (STF), os ministros membros dos tribunais supracitados ou outras instâncias do Poder Judiciário.	100
Gráfico 8 - Classificação geral dos grupos.....	105
Gráfico 9 - Classificação dos grupos do recorte temático.....	106
Gráfico 10 - Número de compartilhamentos na distribuição temática dos grupos.	107
Gráfico 11 - Distribuição das mensagens sobre o suposto jantar do ministro Gilmar Mendes e o filho do candidato Lula.....	112
Gráfico 12 - Conteúdos com citação de fontes.....	119
Gráfico 13 - Ocorrência das subcontrovérsias.....	134
Gráfico 14 - Análise do formato das mensagens e da distribuição por subcontrovérsia.....	134
Gráfico 15 - Distribuição dos conteúdos na linha do tempo.	136

FIGURAS

Figura 1 - Quadrado veridictório de Greimas.....	31
Figura 2 - Exemplo de informações disponibilizadas pelo Monitor de WhatsApp.....	96
Figura 3 - Mensagem em imagem mais compartilhada.....	108
Figura 4 - Mensagem em imagem menos compartilhada.....	108
Figura 5 - Compilado das imagens de Gilmar Mendes em um suposto jantar compartilhadas entre os dias 24 e 27/10/22.	111

Figura 6 –19/10/2022, 221 compartilhamentos, 138 grupos, 192 usuários.....	118
Figura 7 - 19/10/2022, 220 compartilhamentos, 134 grupos, 190 usuários.	118
Figura 8 - 26/10/2022, 162 compartilhamentos, 107 grupos, 115 usuários.	122
Figura 9 - 20/10/2022, 77 compartilhamentos, 57 grupos, 58 usuários.	123
Figura 10 - 03/10/2022, 63 compartilhamentos, 48 grupos, 46 usuários.	125
Figura 11 - 30/10/2022, 26 compartilhamentos, 16 grupos, 23 usuários.	125
Figura 12 - 03/10/2022, 53 compartilhamentos, 45 grupos, 47 usuários.	127
Figura 13 - 27/10/2022, 34 compartilhamentos, 25 grupos, 28 usuários.	128
Figura 14 - 03/10/2022, 105 compartilhamentos, 85 grupos, 84 usuários.	129
Figura 15 - 14/10/2022, 18 compartilhamentos, 14 grupos, 4 usuários.	139
Figura 16 - 19/10/2022, 221 compartilhamentos, 138 grupos, 192 usuários.	140
Figura 17 - 21/10/2022, 75 compartilhamentos, 61 grupos, 63 usuários.	140
Figura 18 - 18/10/2022, 205 compartilhamentos, 133 grupos, 171 usuários.	143
Figura 19 - 18/10/2022, 202 compartilhamentos, 1314 grupos, 169 usuários; 19/10/2022, 222 compartilhamentos, 135 grupos, 191 usuários.	144
Figura 20 - 19/10/2022, 222 compartilhamentos, 138 grupos, 190 usuários.	144
Figura 21 - Imagem compartilhada em dois dias: 1) 18/10/2022, 205 compartilhamentos, 134 grupos, 174 usuários; 2) 19/10/2022, 216 compartilhamentos, 133 grupos, 189 usuários. ...	145
Figura 22 - 19/10/2022, 220 compartilhamentos, 137 grupos, 190 usuários.	146
Figura 23 - 27/10/2022, 62 compartilhamentos, 53 grupos, 55 usuários.	147
Figura 24 - 28/10/2022, 41 compartilhamentos, 33 grupos, 34 usuários.	148
Figura 25 - 03/10/2022, 465 compartilhamentos, 252 grupos, 392 usuários.	149
Figura 26 - 03/10/2022, 168 compartilhamentos, 123 grupos, 154 usuários.	150
Figura 27 - 04/10/2022, 65 compartilhamentos, 48 grupos, 57 usuários.	151
Figura 28 - 03/10/2022, 63 compartilhamentos, 48 grupos, 46 usuários.	152
Figura 29 - 03/10/2022, 42 compartilhamentos, 36 grupos, 34 usuários.	152
Figura 30 - 03/10/2022, 41 compartilhamentos, 35 grupos, 35 usuários.	153
Figura 31 - 04/10/2022, 30 compartilhamentos, 27 grupos, 23 usuários.	154
Figura 32 - Nuvem de palavras.....	156
Figura 33 - Análise de Similitude.....	158
Figura 34 - Análise de Similitude com a utilização de halos para delimitação dos diferentes clusters observados	159

MENSAGENS

Mensagem 1 - Mensagem de texto mais compartilhada.....	109
Mensagem 2 - Mensagem de texto menos compartilhada.....	109
Mensagem 3 - 14/10/2022 – 65 compartilhamentos, 47 grupos, 56 usuários.	110
Mensagem 4 - 14/10/2022, 126 compartilhamentos, 88 grupos, 106 usuários.	110
Mensagem 5 - 21/10/2022, 85 compartilhamentos, 70 grupos, 77 usuários.	113
Mensagem 6 - 26/10/2022, 184 compartilhamentos, 121 grupos, 139 usuários.	113
Mensagem 7 - 25/10/2022, 119 compartilhamentos, 83 grupos, 92 usuários.	113
Mensagem 8 - 25/10/2022, 83 compartilhamentos, 60 grupos, 73 usuários.	113
Mensagem 9 - 27/10/2022, 107 compartilhamentos, 76 grupos, 98 usuários.	114
Mensagem 10 - 27/10/2022, 96 compartilhamentos, 77 grupos, 88 usuários.	114
Mensagem 11 - 27/10/2022, 89 compartilhamentos, 70 grupos, 82 usuários.	115
Mensagem 12 - 04/10/2022, 394 compartilhamentos, 202 grupos, 334 usuários.	126
Mensagem 13 - 25/10/2022, 119 compartilhamentos, 83 grupos, 92 usuários.	129
Mensagem 14 - 21/10/2022, 173 compartilhamentos, 121 grupos, 143 usuários.	130
Mensagem 15 - 07/10/2022, 64 compartilhamentos, 61 grupos, 8 usuários.	139
Mensagem 16 - 10/10/2022, 67 compartilhamentos, 66 grupos, 7 usuários.	139
Mensagem 17 - 23/10/2022, 69 compartilhamentos, 51 grupos, 60 usuários.	141
Mensagem 18 - 28/10/2022, 77 compartilhamentos, 71 grupos, 16 usuários.	141
Mensagem 19 - 17/10/2022, 68 compartilhamentos, 65 grupos, 8 usuários.	141
Mensagem 20 - 08/10/2022, 56 compartilhamentos, 49 grupos, 14 usuários.	142
Mensagem 21 - 17/10/2022, 64 compartilhamentos, 62 grupos, 7 usuários.	142
Mensagem 22 - 19/10/2022, 89 compartilhamentos, 71 grupos, 79 usuários.	143
Mensagem 23 - 19/10/2022, 94 compartilhamentos, 73 grupos, 79 usuários.	146
Mensagem 24 - 04/10/2022, 394 compartilhamentos, 202 grupos, 334 usuários.	150
Mensagem 25 - 04/10/2022, 234 compartilhamentos, 156 grupos, 199 usuários.	153
Mensagem 26 - 30/10/2022, 73 compartilhamentos, 61 grupos, 59 usuários.	153
Mensagem 27 - 07/10/2022, 233 compartilhamentos, 141 grupos, 198 usuários.	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Picos de maior relevância dos termos “eleições” e “fraude” em associação no mecanismo de buscas do <i>Google</i>	66
Tabela 2 - Categorias para análise de conteúdo.	97
Tabela 3 - Seleção dos conteúdos para o corpus de análise.	100
Tabela 4 - Classificação dos grupos.	104
Tabela 5 - Classificação dos grupos do recorte temático	106
Tabela 6 - Número de compartilhamentos das mensagens 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33 e 34	117
Tabela 7 - Fontes citadas nos conteúdos.	119
Tabela 8 - Categorização semântica dos conteúdos.	132
Tabela 9 - Quadro de Argumentos predominantes.....	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 VERDADE, PODER, CRENÇA E DISCURSO	20
1.1 Concepções filosóficas da verdade	20
1.2 Verdade e Poder	23
1.3 O processo de formação de crenças	26
1.4 Verdade como efeito de sentido.....	30
2 PÓS-VERDADE, CRISE EPISTÊMICA E DESINFORMAÇÃO	35
2.1 Crise epistêmica e pós-verdade	35
2.2 Atenção como mercadoria: Plataformas e as mudanças no consumo de informação	42
2.3 Desinformação e <i>fake news</i> : definições e conceitos.....	47
2.4 Junk News e os efeitos da plataformização	53
2.5 Aproximações conceituais: processos de rumores e desinformação.....	55
3 DESINFORMAÇÃO E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022	60
3.1 Crise epistêmica brasileira e o poder judiciário	60
3.2 Eleições 2022: guerra contra as <i>fake news</i>	65
3.3 Desinformação no WhatsApp	72
4 CARTOGRAFANDO CONTROVÉRSIAS ONLINE	78
4.1 Teoria Ator-Rede: uma sociologia das associações	78
4.2 Controvérsias: movimento em busca de estabilização	83
4.3 Cartografia das Controvérsias	88
5 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	94
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO	104
6.1 Análise dos grupos.....	104
6.2 Análise de conteúdo.....	107
6.3 Fontes.....	118
6.4 Camuflagens e estratégias de manipulação discursiva	121
6.4.1 Camuflagens objetivantes	121
6.4.2 Camuflagens subjetivantes.....	123
6.4.3 Estratégias subjetivantes	125

6.4.4 Papéis subjetivantes	128
6.4.5 Discurso interpelativo	130
6.5 Limites e escala da controvérsia.....	132
6.5.1 Definição das subcontrovérsias.....	132
6.5.2 Cronologia da controvérsia	135
6.6 Conexão entre discursos e argumentos	137
6.6.1 Subcontrovérsia 1: denúncias de censura ou menção a decisões do judiciário e/ou seus membros	138
6.6.2 Subcontrovérsia 2: Corrupção do Poder Judiciário	147
6.6.3 Subcontrovérsia 3: Fraude no sistema eleitoral	148
6.7 Análise das conexões	155
CONCLUSÃO.....	161
REFERÊNCIAS	167
ANEXO: CORPUS DE ANÁLISE.....	174
Imagens.....	174
Mensagens de texto	179

INTRODUÇÃO

“Vi no WhatsApp” virou frase corriqueira. Tornou-se comum apontar a ferramenta de conversas online como fonte de informação, pelo menos para boa parte dos brasileiros: em setembro de 2022, estudo do Instituto Reuters¹, mostrou que o grau de confiança dos brasileiros em notícias recebidas pelo WhatsApp era de 53%. Em julho do mesmo ano, pesquisa realizada pelo instituto DataFolha² apontou que 92% dos brasileiros estavam conectados com a plataforma, do total de 94% algum acesso à internet. Não resta dúvidas de que um grande número de pessoas usa a ferramenta não só para se comunicar no dia a dia mas também para se informar.

As características da ferramenta, que possui uma lógica de interação de pessoa a pessoa, ou de pessoas a grupos de pessoas, o baixo custo, a acessibilidade e a facilidade de comunicação em tempo real, facilitaram a utilização da plataforma como ferramenta de comunicação. Essas mesmas características também possibilitam a difusão de conteúdos sem qualquer forma de controle ou restrição, além de dificultar a mensuração de seu alcance. Por esse e outros fatores, o WhatsApp se tornou um importante veículo para a disseminação de desinformação (RESENDE et al., 2019).

Os obstáculos à transparência da plataforma também são um grande desafio para pesquisas que se debruçam sobre o tema da desinformação ou da circulação de conteúdos multiplataformas nas mídias digitais. O WhatsApp é visto como um importante elo dessa rede intrincada de plataformas de mídias sociais, por onde circula todo tipo de conteúdo multimídia, incluindo conteúdos falsos, enganosos, distorcidos ou manipulados, produzidos ou não de maneira intencional. Essa, aliás, é a definição de “desordem informacional” (WARDLE, DERAKHSHAN, 2017), termo que usaremos nesse trabalho para descrever, entre outras coisas, o que no senso comum chamamos de “*fake news*”. A desinformação, termo que será também bastante usado nessa dissertação, se refere a conteúdos falsos, distorcidos ou manipulados. Conceituaremos melhor esses termos nos próximos capítulos.

As limitações de observação dessa plataforma, enquanto arena de comunicação, nos despertou o interesse de encontrar uma alternativa que nos permitisse observar o que acontece

¹ SÁ, Nelson de. Maioria dos brasileiros confia em notícias via WhatsApp, diz estudo. Folha de São Paulo, 22 set. 2022. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/maioria-dos-brasileiros-confia-em-noticias-via-WhatsApp-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

² MORAES, Acácio. 94% têm conta em alguma rede social; WhatsApp lidera com 92%. Folha de São Paulo, 8 jul. 2022. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-WhatsApp-ldera-com-92.shtml>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

dentro do WhatsApp. O período, não poderia ser mais propício: as eleições presidenciais de 2022 foram um marco para a história brasileira. Uma disputa acirrada entre dois candidatos, um embate entre visões de mundo contrastantes, o clímax de uma polarização política que vem se consolidando ao longo de quase uma década. A disputa entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições presidenciais ganhou contornos épicos para a imprensa e a opinião pública brasileira.

As eleições de 2018 já haviam marcado um ponto de virada para a política nacional com a eleição de Jair Bolsonaro em um contexto de disputas judiciais e desordem informacional. Muitos consideram esse último fator, a difusão das *fake news*, determinante para a vitória do candidato de extrema direita. Se em 2018 o uso das mídias sociais nas eleições gerou espanto em muitos, em 2022, as estratégias de comunicação digital já eram esperadas, e a desinformação, temida.

Também acompanhamos ao longo dos últimos anos o aumento do debate público sobre *fake news* e desinformação. O tema tem levantado preocupação e mobilizado debates sobre sua extensão e regulação em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, onde a desinformação vem se consolidando como ferramenta de mobilização do debate público. Assistimos, por exemplo, ao aumento da desconfiança em torno da vacinação contra a Covid-19 (SOUZA, LAGE, 2021), estimulada pela desinformação sobre o tema e pelo movimento antivacina. A pandemia causada pelo novo coronavírus tornou-se tema de interesse para todo o mundo, sendo alvo de uma produção e circulação massiva de informações, verdadeiras e falsas, designadas pela OMS em setembro de 2020, pelo neologismo *infodemia*. “No âmbito da infodemia, informações científicas sobre a pandemia se misturam a rumores, palpites e desinformação” (ALZAMORA, MENDES, RIBEIRO, 2021, P.18), fenômeno amplificado pelas redes sociais que proporcionam amplitude, velocidade e capilaridade à difusão dessas informações.

A desordem informacional emerge como um elemento da crise epistêmica, marcada também pela radicalização da conjuntura política brasileira que foi escalando a partir das “jornadas” de junho de 2013 (DOURADO, 2020) e das eleições de 2014. Em 2018, a desinformação teve um papel importante no pleito e na radicalização política, entre outros aspectos, com o uso de ferramentas de disparo em massa financiadas de maneira ilegal por empresários para difundir informações falsas que beneficiariam o candidato eleito, Jair Bolsonaro (CAMPOS MELLO, 2020).

Como podemos ver no gráfico 1, o interesse no termo “*fake news*” nas ferramentas de busca do *Google* atingiu seu ponto mais alto entre setembro e outubro de 2018, coincidindo

com o período eleitoral, mantendo-se como tema recorrente nas pesquisas dos brasileiros a partir de então, com outros picos de menções entre março e maio de 2020, início da pandemia de Coronavírus; maio de 2023, quando se intensificaram as discussões sobre a regulamentação das mídias sociais no Congresso Nacional; e o período que interessa a essa pesquisa, outubro de 2022.

Gráfico 1 - Interesse do termo “fake news” na ferramenta de buscas do *Google* ao longo do tempo. Entre 2004 e junho de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com uso da ferramenta do *Google Trends* (2023).

Ações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para coibir e punir difusores de desinformação foram insuficientes para conter a prática. Segundo o TSE, nas 36 horas antes do 2º turno das eleições em 2022, foram retiradas do ar 700 URLs que continham discurso de ódio, notícias fraudulentas e desinformação ao eleitor. Número incipiente perto da quantidade de conteúdos que circulam nas redes sem que haja regulação ou transparência adequadas, debate que passa, como muitos especialistas apontam, pela regulamentação das plataformas.

A desinformação, ainda que nem sempre possua uma intencionalidade direta, como discutiremos adiante, é utilizada como método de campanha, direta ou indiretamente, não apenas beneficiando um candidato em detrimento dos ataques ao outro, mas criando “lastros de veracidade” que possam justificar o acionamento de um arsenal de narrativas, valores e universos simbólicos compartilhados, sempre que for oportuno.

Nesta complexa disputa discursiva, o que se vislumbra são disputas pelo poder em um processo de fluidez que busca tensionar a verdade mais moralmente aceita, visando desidratar um entendimento de verdade já consolidado, para oferecer outro alternativo que seja forte o suficiente para substituir discursiva e historicamente o entendimento de verdade sobre um tópico abordado a partir da disputa dos discursos e apego às crenças de parte do eleitorado. (PINTO, 2020, p.97)

Nesse quadro político e discursivo das eleições 2022, também ganharam papel importante as ações do Poder Judiciário e seus membros, que foram, ao longo dos últimos anos, ganhando maior visibilidade na imprensa e protagonismo no cenário político brasileiro, o que aconteceu paralelamente à um ambiente de crise epistêmica, com instituições e referências epistemológicas da democracia moderna colocadas em xeque.

No Brasil, assim como em outros lugares do mundo, como abordaremos adiante, o processo eleitoral foi uma dessas instituições questionada. A suspeita de irregularidades no processo eleitoral e a desconfiança sobre as urnas eletrônicas e a transparência do processo de centralização dos votos foi tema recorrente desde 2018. No gráfico 2 podemos ver, por exemplo, que as buscas pelo termo “fraude nas urnas” ganha relevância em dois momentos: nas eleições de 2018 e, atingindo o ápice de relevância no período eleitoral de 2022.

Gráfico 2 - Interesse do termo “fraude nas urnas” na ferramenta de buscas do *Google* ao longo do tempo. Entre 2004 e junho de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com uso da ferramenta do *Google Trends* (2023).

Diante desse cenário, nos interessamos em investigar a desordem informacional, buscando compreender os sentidos, atores presentes nos discursos e como eles se relacionam e se constituem em redes. Essa pesquisa propõe uma observação da controvérsia sobre a atuação das instâncias superiores do Poder Judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, através da análise dos conteúdos sobre o tema compartilhados em grupos de WhatsApp.

Para isso, iremos utilizar dados coletados pelo Monitor de WhatsApp, ferramenta do Projeto Eleições Sem Fake, desenvolvido pelo Departamento de Ciências da Computação (DCC) da UFMG, que monitora, utilizando inteligência artificial, cerca de 1 mil grupos abertos de conteúdo político na rede social, e organiza um banco de dados de acordo com o número de vezes que foram compartilhadas nos grupos monitorados em determinado

intervalo de tempo e permite uma visão de quais imagens, textos, áudios e vídeos foram mais frequentes nesses chats do WhatsApp.

Realizaremos a análise dos conteúdos sobre o tema compartilhados em grupos de WhatsApp e coletados através da ferramenta. A partir da análise de conteúdo serão elaborados mapas descritivos, segundo a metodologia da Cartografia das Controvérsias proposta por Venturini (2010, 2012), que nos permitem observar os discursos, literaturas, e universos de sentido em disputa.

A utilização da Cartografia das Controvérsias como metodologia possibilita ao pesquisador observar a complexidade dos fenômenos imersos nas redes, acompanhando os rastros e revelando as diversas dimensões de redes em formação (LEMOS, 2012). As controvérsias giram em torno de crenças, utilizando a técnica proposta por Venturini (2010, 2012) mapeamos o macrocosmo do fenômeno em disputa, contribuindo para a compreensão do fenômeno como um todo. Através da pesquisa, pretende-se contribuir para o entendimento deste fenômeno comunicacional multifacetado, que se institui também como ferramenta de poder e dominação.

Nossa discussão se ancora nos seguintes pontos: 1) quais características conferem veridicidade aos conteúdos; 2) o que os conteúdos mais compartilhados têm em comum; 3) como os argumentos se relacionam em cada subcontrovérsia analisada e como estes se distribuem ao longo do período; e 4) se há indícios que apontam para estratégias de automatização e orquestração na distribuição dos conteúdos nos grupos de WhatsApp.

Para realizar a pesquisa, partimos da conceituação de pós-verdade, informação e desordem informacional, a partir de uma revisão bibliográfica. No capítulo 1, realizamos um breve trajeto sobre o conceito de verdade que sempre foi tema na filosofia ocidental. Partimos dos filósofos clássicos para nos debruçar nas discussões de Hannah Arendt (2006) sobre a “verdade factual”, de Nietzsche sobre a “vontade de verdade” e sobre os “regimes de verdade” propostos por Foucault (1996). A ideia da verdade enquanto construção social que perpassa pela discussão dos três filósofos nos ajuda a compreender o fenômeno da desordem informacional e da abordagem que fazemos nesse trabalho, muito mais voltado para o desvelamento de construções de sentido do que da simples oposição entre o que seria “verdade” e o que seria “mentira”. Ainda neste capítulo abordamos discussões teóricas que nos ajudam a compreender o fenômeno analisado e nos fornecem instrumentalizações para a análise, como o processo de formação de crenças, de Charles Peirce, e a abordagem da verdade como efeito de sentido para Greimas (2014). Neste tópico apresentamos também o

conceito de camuflagem como estratégia para construção de efeitos de sentido, que serão instrumentalizadas na nossa observação de como os conteúdos analisados são construídos.

No capítulo 2, trazemos a discussão sobre o que a crise epistêmica e o conceito de pós-verdade, importantes para a compreensão do momento que vivemos e das condicionantes da desordem informacional, parte de um fenômeno mais amplo que extrapola as mídias sociais e inclui discussões sobre as instituições, a organização e funcionamento das plataformas e a economia da atenção.

Neste capítulo também discutimos os conceitos de desinformação, *fake news*, desordem informacional e *junk news* a luz de estudos pioneiros e recentes que avaliam a instrumentalização dos termos e a delimitação da intencionalidade e amplitude dos conceitos. Por fim, fazemos uma aproximação conceitual entre os processos de rumores e a desinformação, apontando que elementos observados hoje estão presentes há muito tempo na comunicação.

No capítulo 3, discutimos a base contextual do nosso objeto de pesquisa. Debates a crise epistêmica brasileira e o papel do Poder Judiciário, como se deu o processo que culminou nas eleições presidenciais de 2022 e em uma pretensa “guerra às fake news”, instrumentalizada em grande parte pelos tribunais superiores. Também debatemos a desordem informacional no WhatsApp, como as *affordances* e características da plataforma contribuem para esse cenário comunicativo, além de sua inserção como parte de uma estrutura multiplataforma de comunicação.

No capítulo 4, apresentamos a base teórico-metodológica da nossa pesquisa: a Teoria Ator-Rede e sua instrumentalização, a Cartografia das Controvérsias. Apresentamos seus principais fundamentos que justificam a escolha da metodologia para o nosso trabalho. Também debatemos sobre as controvérsias como possibilidade de observação dos fenômenos sociais e dos universos simbólicos em disputa.

Nas definições metodológicas apresentamos as chaves analíticas utilizadas na pesquisa e como instrumentalizamos os conceitos abordados no nosso referencial teórico. Delimitamos o nosso percurso metodológico, com a elaboração de mapas e representações visuais que nos ajudam a observar o conteúdo do fenômeno em disputa.

Nossa análise é estruturada nos seguintes eixos: análise dos grupos, espaços onde as mensagens foram coletadas; dos temas e amplitude das mensagens; das fontes externas citadas, que os conectam a outras redes, enunciadores e enunciados; as camuflagens utilizadas como estratégias de manipulação discursiva; os limites e escalas das controvérsias e como

elas se distribuem ao longo do período analisado; a conexão entre os discursos e argumentos presentes nas mensagens e, por fim, como estes estão conectados em redes semânticas.

Nossa pesquisa busca contribuir para a compreensão de um fenômeno complexo, com grandes implicações no nosso mundo social. As mídias digitais são “paisagens artificiais” (VENTURINI, MUNK, 2021) cultivadas com cuidado e precisão pelos atores que participam da sua construção, não são ecossistemas evoluindo de maneira espontânea. Os construtos técnicos-científicos também fazem parte do social, como nos explica Latour (2012). Por isso, trabalhos como este são importantes para ajudar a elucidar, ainda que parcialmente, as lógicas sociais contemporâneas.

1 VERDADE, PODER, CRENÇA E DISCURSO

1.1 Concepções filosóficas da verdade

Neste capítulo, apresentamos um breve percurso filosófico do conceito de verdade, demarcando os conceitos abordados por Hannah Arendt e Friedrich Nietzsche e como estes se relacionam com a abordagem sobre a verdade como construção social e dispositivo de poder em Michel Foucault. Também abordamos o percurso pragmático da construção de crenças elaborado por Charles Peirce, que nos ajuda tanto na conceituação do termo “verdade” quanto na discussão de desinformação enquanto crença compartilhada. Por fim, trabalhamos o conceito de verdade como efeito de sentido na semiótica discursiva de Algirdas Greimas, que nos apresenta também ferramentas analíticas para a observação dos conteúdos de desinformação que apresentaremos no Capítulo 6.

Conceituar o que é a “verdade” sempre foi tema importante na filosofia ocidental. Mello e Martinez-Ávila (2021) nos ajudam a esboçar um breve percurso do conceito pela filosofia. Na Grécia Antiga, o pensador pré-socrático Heráclito, acreditava que a única substância do cosmo era o poder espontâneo da mudança, expressa pelo movimento. Ele afirmava que tudo flui constantemente, e que a verdade está na constante transformação, e não no ser estático. Esta ideia é expressa pela frase "Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque o rio é outro e nós já não somos os mesmos" (JAPIASSU; MARCONDES, p.31, apud MELLO, MARTINEZ, 2021, p.111).

Já Sócrates formulou a célebre frase "Conhece-te a ti mesmo", entendendo a verdade como algo subjetivo, como um "caminho" para a busca da própria identidade. Com Platão, a verdade passa a ser vista como algo imutável, uma forma de ideal perfeito. Ele acreditava que havia um mundo sensível (imperfeito) e um mundo ideal (chamado Inteligível), onde tudo é verdadeiro. Defendia que o conhecimento é o caminho para chegar à verdade, e que a verdade só pode ser alcançada com a razão. Aristóteles, por sua vez, argumentava que a verdade deve ser verificada empiricamente, através da observação dos fatos. Para ele, ela é algo dinâmico, que pode ser descoberto a partir da análise e do estudo dos fenômenos naturais.

Na Idade Média, Agostinho entendia que a verdade era imbricada à ideia de Revelação, ou seja, que as pessoas só têm acesso ao conhecimento quando iluminadas por Deus. Isso significa que, para Agostinho, a verdade era algo que só poderia ser obtido através da interferência divina. Influenciado pelo racionalismo, Descartes defendia que somente a razão daria certeza na busca pela verdade. Para ele, os sentidos das pessoas podem enganá-

las, e por isso, ele propôs um método racional, chamado de cartesiano, que ajudaria a alcançar a verdade.

Com o surgimento do empirismo, a verdade passou a ser estabelecida pelo uso da experiência como principal fonte de conhecimento, em vez de ser baseada em princípios metafísicos. Esta visão foi defendida por diversos filósofos, como David Hume e John Locke. David Hume defendia que não é possível estabelecer uma relação necessária entre causa e efeito pois, ainda que haja regularidades e estas sejam necessárias para a vida, elas não implicam em certezas. Hume argumentava que toda a relação existente entre uma causa e um efeito é construída a partir de nossas experiências anteriores, ou seja, a partir de nossas crenças. O empirismo cético defendido por Hume afirma que, embora possamos ter a impressão de estarmos diante de uma relação de causa e efeito, isso não significa que ela realmente exista. No século XX ganha força o entendimento da “verdade” como construção social.

No ensaio “Verdade e Política”, Hannah Arendt (2011), discute a relação entre verdade e opinião e entre a verdade factual, aquela relacionada aos fatos concretos, e a verdade filosófica, a qual parte do indivíduo para se tornar opinião quando colocada em praça pública. Para ela, a verdade factual é essencialmente política, porque diz respeito a fatos e circunstâncias que envolvem muitas pessoas, ao contrário da verdade filosófica que, longe da esfera pública, mantém seu caráter individual.

A verdade factual

é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade. É política por natureza. Fatos e opiniões, embora possam ser mantidos separados, não são antagônicos um ao outro; eles pertencem ao mesmo domínio. Fatos informam opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e paixões, podem diferir amplamente e ainda serem legítimas no que respeita à sua verdade factual”. (ARENDR, 2011, p.295)

Arendt aponta que a “verdade factual” não é auto evidente pois necessita dessa construção coletiva e de evidências. Ainda assim, essas evidências e documentações também são formas de interpretação. Como nem sempre essas evidências são fidedignas, podem ser facilmente desacreditadas com uma outra opinião. A falsidade deliberada, a mentira, se opõe então à verdade factual. O mentiroso age para transformar a opinião sobre o fato, apesar de não alterar o fato em si, a verdade. Para ela, é a capacidade de mentir, ou seja, divergir deliberadamente dos fatos, que confirma a liberdade humana.

Como a mentira não é regulada pelos fatos, ela pode ser mais convincente do que a própria verdade: “o mentiroso é livre para moldar os seus ‘fatos’ adequando-os ao proveito e ao prazer, ou mesmo às meras expectativas de sua audiência, o mais provável é que ele seja mais convincente do que o que diz a verdade.” (ARENDR, 2011, p.311)

Arendt também fala sobre os perigos que emergem dessa moderna manipulação dos fatos. O que antes era usado para manipular inimigos estrangeiros - mentiras como estratégia de propaganda de guerra, por exemplo - passa a ser utilizado para sujeitar oponentes internos, mas os resultados podem atingir uma sociedade inteira. É o que vemos no fenômeno chamado de pós-verdade, ou no que Benkler, Faris e Robert (2018) chamam de crise epistêmica.

A obra de Hannah Arendt e a teoria de Friederich Nietzsche sobre verdade possuem pontos em comum, pois ambos colocam em dúvida o conceito de verdade como algo absoluto e inerente à realidade. Arendt fala da verdade factual como construção coletiva, enquanto Nietzsche aborda a verdade como uma construção moral que é historicamente variável e influenciada pelas crenças e preceitos de cada indivíduo.

Como nos explica Pinto (2020), Nietzsche, em suas obras, realiza uma crítica ao conceito de verdade como algo universal e absoluto. Ele afirma que a verdade não é inerente ao conhecimento, mas é construída a partir de um contexto moral que é subjetivo e influenciado pelas crenças e preceitos de cada indivíduo. Assim, a verdade é colocada acima da inversão, pois esta última é considerada como um ato de rebeldia e desobediência às normas estabelecidas. Por isso, Nietzsche cunha o termo “vontade de verdade”, que se refere à necessidade humana de apaziguar as angústias através da busca por uma verdade primordial. Isso significa que a verdade não é um conceito inerente à realidade, mas sim uma construção moral que é historicamente variável.

Para Nietzsche, a vontade de verdade surge como uma necessidade de criar e manter certas crenças para a autopreservação. Portanto, a ‘verdade’ não é algo absoluto, mas sim um fenômeno social que é construído e reforçado pelo consenso da sociedade. Assim, essa vontade de verdade advém de uma vontade de engano, pois as verdades aceitas são formadas a partir de erros que são considerados ‘mais corretos’ do que outros erros existentes. Dessa forma, é possível entender que, para Nietzsche, a ‘verdade’ seria uma ilusão de autopreservação, exercendo uma função reguladora sobre discursos e a vida em sociedade. Assim, “a vontade de engano seria a necessidade de se alçar um determinado valor à categoria de verdade para fazê-lo mais forte e mais poderoso, a fim de que se possa acreditar nele. Entretanto, como este valor foi criado historicamente, é um engano tê-lo por verdade” (PINTO, 2020, p.40).

A vontade de verdade é a busca metafísica por um fundamento último para o conhecimento, é acreditar que através da razão e das construções intelectuais se atinge uma espécie de verdade primordial. A vontade de engano é a maneira como Nietzsche enxerga esta vontade de verdade. O filósofo entende a razão e as demais construções intelectuais como construções históricas -e, neste sentido, suas proposições são chamadas de falsas - mas entende que há uma necessidade de se acreditar em tais falsificações como se fossem verdades. Esta é a ilusão necessária que Nietzsche chama de vontade de engano. A vontade de verdade, a busca da verdade e a crença nesta verdade decorrem da necessidade de se acreditar nas construções históricas e culturais, ou seja, decorre da vontade de engano. (CAMARGO, 2008, p. 98 apud PINTO, 2020, p.42)

Nietzsche afirmou que não existe uma verdade absoluta, mas verdades relativas, que são formuladas e aceitas dentro de um contexto histórico e cultural particular. Essa abordagem é semelhante à de Foucault, que argumentou que um discurso considerado verdadeiro não é verdadeiro em todos os lugares, mas mantém seu status de verdade em uma época e cultura específicas. Para Foucault, a verdade não é uma coisa imutável, mas é construída e reinterpretada pelas pessoas e pela cultura em que estão inseridas. Assim, a verdade é relativa à cultura e à história e, portanto, seu significado muda de acordo com o contexto. Embora Nietzsche e Foucault tenham abordado a verdade de maneiras ligeiramente diferentes, ambos concordaram que a verdade é uma noção relativa e contextualizada. Como explica Pinto (2020), Foucault e Nietzsche veem a mesma vontade sob diferentes perspectivas: Nietzsche a chama de 'vontade de engano' e Foucault de 'vontade de verdade'.

Os mecanismos de poder e saber que atravessam a verdade não são transcendentais, não sendo, portanto, princípios de realidade. Ao dizer das forças de saber e poder que atravessam e constituem os discursos verdadeiros, Foucault evidencia a busca infrutífera dos genealogistas em distinguir o verdadeiro do falso ou o legítimo do ilegítimo, quando buscam submeter verdades enraizadas a uma 'prova de acontecimentalização'. A história da verdade para Foucault está ligada a processos de objetivação e subjetivação, articulando práticas discursivas e práticas não discursivas, não sendo inerente ao objeto ou ao sujeito, mas construída em “jogos de verdade”.

1.2 Verdade e Poder

Para Foucault (2021), a verdade está relacionada às relações de poder. Verdade e poder são elementos constitutivos da realidade social e, por isso, são conceitos que não podem ser dissociados. Ele não acredita que a verdade seja uma “consciência coletiva” que para

sobre os indivíduos, mas uma construção social, elaborada com a participação do sujeito, que age sobre as estruturas por meio das “práticas sociais e discursivas, das regularidades, vigilância, opressão e resistência”(VIEIRA, BRITO, 2015, p.74).

A verdade não é um mito, ela não existe fora do poder. O que chamamos de verdade são sistemas de crenças e práticas sociais que determinam e estruturam o modo como as “verdades” são reconhecidas, aceitas e produzidas, sistemas de regulação que definem as fronteiras entre aquilo que é considerado verdadeiro e o que é considerado falso. A verdade não seria uma representação da realidade, mas uma produção da realidade. O que é verdadeiro é aquilo que é aceito como tal.

por verdade não quero dizer ‘o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar’, mas o ‘conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder’; entendendo-se também que não se trata de um combate ‘em favor’ da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (FOUCAULT, 2021, p.53)

Foucault argumenta que estes conceitos de verdade são utilizados para silenciar e excluir aqueles que estão fora do sistema de conhecimento dominante e utilizados para reforçar hegemonias e estruturas de poder que controlam o que é considerado verdadeiro ou não através de “regimes de verdade”:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2021, p.52).

Foucault elabora o conceito de “micropoder” (2021), distanciando da noção marxista que entende o poder nas suas formas de dominação entre grupos sociais (VIEIRA, BRITO, 2015, p.75). Segundo ele, na concepção marxista há uma funcionalidade econômica do poder, a de manter as relações de produção e reproduzir a dominação de uma classe sobre a outra. Já na teoria jurídica clássica, o poder seria um direito concreto, um bem que poderia ser alienado, cedido ou transferido para constituir um poder político. Foucault critica essas teorias por colocarem o poder sempre em posição secundária em relação à econômica, seja a economia da razão (na teoria jurídica clássica) ou a economia da circulação de bens (marxismo) e por entenderem que o poder seria “modelado pela mercadoria” (FOUCAULT, 2021, p.274).

Ele propõe então uma análise não econômica do poder. Para ele, o poder se manifesta em uma rede de poderes moleculares que abrange toda a sociedade. O poder é circular: não está restrito a uma classe, ou pode ser apropriado como riqueza, ele só funciona em cadeia.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2021, p.284).

Dessa maneira, existem para ele dois modelos de percepção do poder, o primeiro proposto pelo Direito e baseado nas leis, proibições, nas instituições e no Estado, o segundo, que ele chama de modelo estratégico, é baseado nas relações de poder no meio social, sendo a verdade um dos mecanismos utilizados para disciplinar o comportamento social.

Foucault propõe assim olhar para a verdade enquanto um dispositivo, um sistema normativo que regula e normatiza comportamentos e discursos (PINTO, 2020, p. 44), podendo ser entendida como um mecanismo de afirmação do poder que perpassa as relações sociais. Para ele, o dispositivo é um mecanismo de controle, formado por estratégias de relações de força, como a vigilância, a disciplina e a distribuição de conhecimento. “É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2021, p.367).

Por este termo [dispositivo] tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discurso, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 2021, p.364).

O saber é, assim, peça de um dispositivo político que o produz e é produzido por ele, e a verdade é uma de suas materializações. A verdade não é universal, mas uma construção social, ligada à normatização e às relações, não necessariamente à racionalidade. “A história da verdade para Foucault está ligada a processos de objetivação e subjetivação, articulando práticas discursivas e práticas não discursivas, não sendo inerente ao objeto ou ao sujeito, mas construída em ‘jogos de verdade’” (PINTO, 2020, p.43).

Segundo Foucault, a verdade se manifesta nas práticas sociais, que são perpassadas pelo discurso. Ela se estabelece a partir de relações de poder que conformam e constroem os

sentidos possíveis. “As regularidades do enunciado constroem verdades, a repetição e reprodução de uma premissa carregada de “ideologia” possibilita a sua consolidação” (VIEIRA, BRITO, 2015, p.79). A verdade não é algo inerente ao objeto ou ao sujeito, mas é construída a partir de 'jogos de verdade'. Essa construção envolve processos de objetivação e subjetivação, bem como a articulação entre práticas discursivas e não discursivas.

De acordo com Foucault, não há verdade universal; em vez disso, existem verdades sociais construídas não a partir de relações de significado racional, mas através de processos ligados à regulação e às relações de poder. Estes processos estão relacionados com modelos legais de poder e guerra.

O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam. Quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, veicula saber (o saber institucional) e é gerador de poder. As regularidades do enunciado constroem verdades e a repetição e reprodução de uma premissa carregada de “ideologia” possibilita a sua consolidação, pois nossas ações são permissíveis dentro dos sistemas disciplinares, de processos reguladores. “É ele (o sujeito) o responsável pela formação da verdade, através da reprodução, das regularidades da ação e do discurso, sendo, portanto, necessário pensar o seu cotidiano” (VIEIRA, BRITO, 2015, p.80).

A compreensão da verdade é possível quando conseguimos visualizar além daquilo que foi postulado cronologicamente, percebendo os acontecimentos em sua “irrupção histórica”. É necessário entender a história em “descontinuidade”, rompendo-a para compreender o seu funcionamento e, assim, compreender que a verdade só seria possível fora de sistemas de dominação, pois como afirma Foucault (1996), a história não se constrói em relações de sentido, mas em relações de poder. Nota-se que as narrativas sociais continuístas são carregadas de significados, sublimando determinados saberes, culturas e formas de dominação e suplantando outros.

1.3 O processo de formação de crenças

O nosso processo de significação social da desinformação é influenciado por nossas crenças. Charles Peirce (1839-1914), acredita que a verdade é um ideal formativo que vai evoluindo ao longo do tempo. É através deste processo que as crenças e verdades são criadas e passadas adiante. O processo de significação social é influenciado por nossas crenças, que são criadas por meio de nossos contatos com o meio-ambiente e a sociedade.

Essa relação é central para o pragmatismo, perspectiva filosófica da qual Peirce é um dos formadores, que aborda como as crenças individuais guiam a nossa conduta e afetam a realidade. O propósito inicial do pragmatismo é a compreensão dos efeitos provocados por um certo conceito ou fenômeno. Para os pragmatistas, os nossos hábitos e crenças guiam nossa conduta e geram efeitos práticos perceptíveis. Elas determinam o nosso processo de construção de sentido, como devemos pensar, o que deliberadamente escolhemos fazer e o que estamos preparados para apreciar. Para Peirce, o hábito é uma espécie de crença, que guia como vamos agir, nossas predisposições, gerando efeitos práticos: “A crença não nos faz agir de imediato, mas nos coloca em condição para nos comportarmos de certa maneira quando surgir a ocasião” (PEIRCE, 2008, p.44). Sendo assim, desmentir uma desinformação é muito mais complexo do que apenas apresentar um argumento lógico/científico, já que quem acredita em informações falsas ou enganosas também segue um parâmetro lógico de pensamento baseado em uma ética e estéticas próprias.

O processo de construção de crenças é cíclico, como explica Charles Pierce. A crença é um estado de conforto, quebrado pela dúvida, que é uma situação inesperada que nos causa desconforto e nos estimula a agir. A partir da dúvida, inicia-se o processo de *investigação* (PEIRCE, 2008, p.45), que culmina na elaboração de uma nova crença, de um novo estado de comodidade. Enquanto as crenças fazem com que as pessoas ajam de maneira pré-determinada, a dúvida provoca a ação.

A dúvida gera um sentimento de irritação que conduz à busca por uma opinião que supere esse estado de incerteza. Peirce chamou esse processo de *investigação*. A investigação tem como intuito final a substituição da dúvida pela crença, cessando a incerteza. Uma vez que a crença é alcançada, ela é vista como satisfatória (POGREBINSCHI, 2005, p.51). Assim, crenças geradas podem ser falsas ou equivocadas, desde que causem certa sensação de conforto.

O processo de fixação de crenças descrito por Peirce (1887), se dá de quatro maneiras diferentes. O mais rudimentar é o método da tenacidade, que é a fixação a partir da repetição: repete-se uma informação à exaustão e rejeita-se qualquer experiência que possa contradizê-la. É o método propulsor da desinformação. Uma notícia ou informação falsa é repetida à exaustão, e as redes sociais - através das ações humanas e algorítmicas - contribuem para que ganhem abrangência e visibilidade. Com os efeitos de filtros-bolha e câmaras de eco, favorecem a sua difusão sem a interferência de informações divergentes que, quando aparecem, são rejeitadas antes de ganharem espaço de argumentação e de contraditório (ALZAMORA, ANDRADE, 2019).

No método da tenacidade:

Um homem pode passar a vida inteira mantendo sistematicamente fora de vista tudo o que poderia causar alguma mudança em suas opiniões [...]. Ele não se propõe a ser racional, e na verdade, falará, frequentemente com desdém, da fraca e ilusória razão humana. (PEIRCE, 2008, p.48)

Outro método de fixação que também é utilizado como ferramenta da desinformação é o método da autoridade, quando a crença é reforçada pela força da confiança e credibilidade conferidas a figuras públicas e líderes de opinião. Mecanismo que ganha contornos diferentes com as redes sociais, que conferem autoridade pela visibilidade e pela lógica interna dos algoritmos, validando posições de autoridade, crenças e notícias segundo critérios de visibilidade, por exemplo. Para Ribeiro e Paes (2021, p.95), no método de autoridade, a “fixação de crenças individuais ocorre pela força de uma autoridade (política, religiosa, estatal) responsável por inibir o pensamento dissonante”. Essa repressão pode ocorrer de diferentes formas, através da violência, do terror ou pela segregação.

Esse terror pela segregação descrito por Peirce como uma das ferramentas de fixação da crença pelo método da autoridade pode ser relacionado ao que Noelle-Neumann apresenta na teoria da “Espiral do Silêncio” (1995). Segundo a autora, as pessoas tendem a se calar por considerarem sua opinião minoritária e ajustar seu comportamento e opinião ao que consideram como opinião majoritária, sendo o “clima de opinião”, ou seja, como as pessoas consideram que outras pessoas pensam, fundamental para este movimento de mudança de opinião minoritária para majoritária. Esse movimento só é possível porque a sociedade ameaça as pessoas desviadas com o isolamento e esse medo que motiva as pessoas a avaliarem constantemente o clima de opinião para adaptar suas próprias percepções sobre o mundo. Quanto mais uma opinião circula, mais ela é validada e tende a predominar no clima de opinião. Ou seja, a opinião que prevalece nem sempre corresponde à opinião individual das pessoas. A desinformação, quando amplamente difundida e reforçada por líderes de opinião e pessoas a quem conferimos autoridade, ganha visibilidade e adeptos que acreditam ser essa a “verdade” predominante.

Assim, o que é dito também por pessoas a quem conferimos autoridade através de relações pessoais, hierarquias familiares ou sociais ganham peso diferente nesse processo de conformação de crenças. Estas pessoas são consideradas confiáveis e, portanto, as informações que elas compartilham são mais facilmente aceitas e compartilhadas.

No contexto das plataformas de redes sociais, o método da autoridade também se evidencia, por exemplo, na tendência de compartilhamento de informações recebidas de amigos, parentes, políticos, líderes religiosos ou celebridades com as quais temos alguma afinidade, na medida em que atribuímos a essas pessoas uma notória confiança. Por esse método, as crenças são fixadas pela força de uma autoridade, e não pelo raciocínio desimpedido dos indivíduos. (RIBEIRO, PAES, 2021, p. 95-96).

O terceiro método apontado por Peirce é o método “a priori”, através do qual as crenças são motivadas por serem agradáveis à razão e fixadas por caprichos ou preferências individuais. Ou seja, são as crenças que se aproximam de crenças já estabelecidas, em um local de conforto ao nosso pensamento.

É esse o funcionamento que observamos em grande parte das teorias da conspiração. Estas são tentativas de entender os eventos públicos, principalmente aqueles com grande significado social e político que chamam a atenção e exigem que seus espectadores forneçam explicações sobre esses acontecimentos. “De maneira ampla e geral, a epistemologia por trás desses esforços de explicação e compreensão da realidade se assentam numa relação de desprezimento e cinismo face às explicações sociais disponíveis” (AGGIO, 2021, p.68).

Assim, é comum a ocorrência das narrativas conspiratórias na desinformação, onde um grupo de poderosos age segundo interesses próprios, inibindo direitos e liberdades, atentando contra as instituições e enganando pessoas em grande escala (AGGIO, 2021, p.67). Esse modelo narrativo é utilizado para explicar uma série de fenômenos, reforçando crenças pré-existentes, sentimentos, e suprimindo a verdade. Mais uma vez, a constituição do nosso sistema de crenças e da nossa predisposição a convicções prévias ajudam a explicar a enorme adesão a narrativas que não possuem base em acontecimentos e elementos concretos.

O quarto método é o que Peirce entende como o que mais se aproxima da verdade: o método científico. Através dele, as novas crenças são baseadas em argumentos, que independem das nossas convicções individuais. A ciência é então o único meio de alcançar conclusões que não sejam influenciadas por nossas próprias opiniões. Para o autor, é no ideal da convergência entre argumentos que se encontra a verdade, sendo esta não uma verdade absoluta, mas construída coletiva e cumulativamente, e passível de modificação a partir de um processo de teste e validação. Assim, a verdade é, em uma concepção pragmática, um “ponto de convergência ideal”: “indivíduos diferentes podem partir de hipóteses distintas diante de uma dúvida. Porém, a soma coletiva dos resultados aponta para a verdade, caso as condições para esses experimentos sejam amparadas pelo rigor da ciência.” (ALZAMORA; MENDES; RIBEIRO, 2022, p.6-7). O método científico, assim como as “verdades” obtidas através dele são construções coletivas, validadas coletivamente.

Ribeiro e Paes (2021, p.106) apontam que as ideias de Peirce são fundadas a partir da tradição do iluminismo europeu, para a qual a ciência seria a única via para a verdade e todos os conhecimentos fundamentados na razão. Quando tomamos a ideia de “ciência” a partir da visão de Foucault (2021), ela passa a ser entendida como um “dispositivo de controle” do saber e poder, exercendo também o papel de autoridade:

A ciência, entendida como um dispositivo de regulação de saber e poder (FOUCAULT, 2015), não é um mecanismo purificado de inclinações. a ciência é uma instância que está sujeita a uma relação de poder responsável por ditar “procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade” (FOUCAULT, 2015, P.52). Nesse sentido, a própria ciência pode ser considerada um agente no método de fixação de crença pela autoridade. (RIBEIRO, PAES, 2021, p.106)

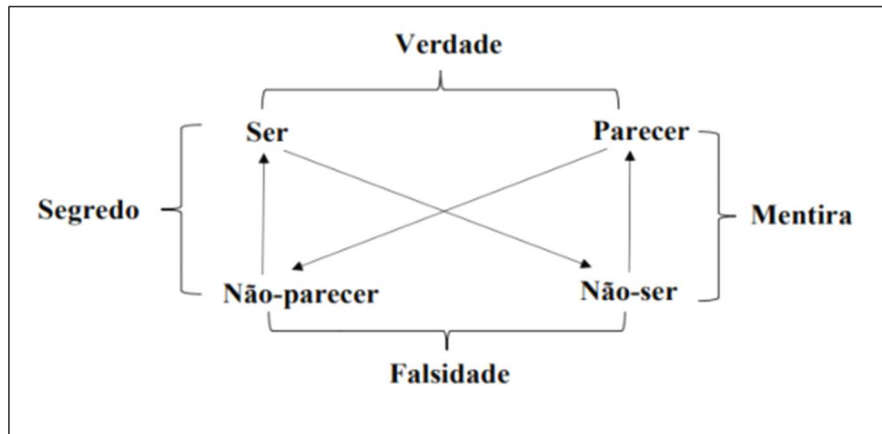
Dessa forma, os métodos de fixação de crenças não devem ser considerados isoladamente, uma vez que mesmo o conhecimento científico é mediado. O processo de formação de uma única crença pode recorrer a diferentes métodos, que coexistem, ganhando maior ou menor notoriedade e apelo em diferentes contextos.

1.4 Verdade como efeito de sentido

Na perspectiva da semiótica discursiva, é por meio da linguagem e do discurso, que permeiam as esferas sociais às quais fazemos parte, que construímos sentido para o mundo-objetivo: “é por meio deles que este começa a fazer sentido, a ser ‘real’ e ‘verdadeiro’ para cada um de nós” (BALDAN, 1988, apud DEMURU; FECHINE; LIMA, 2022, p.2).

Segundo o pensamento de Algirdas Greimas (1917-1992) a verdade é inscrita discursivamente, através de um "dizer-verdadeiro" desvinculado do referente externo. Assim, a semiótica Greimasiana trata da veridicção, não de uma verdade ontológica (RIBEIRO; MENDES; ALZAMORA, 2022, p.7). A veridicção é exemplificada no quadrado veridictório (FIGURA 1), segundo o qual “verdade” é o que é e parece ser; “segredo” é e não parece; “mentira” é aquilo que parece, mas não é; e “falsidade” é o que não parece e não é:

Figura 1 - Quadrado veridictório de Greimas



Fonte: Adaptado de Greimas; Courtés, 2008, p. 532.

Dessa forma, o que Greimas entende como “veridicção” é aquilo que reúne as duas características: ser e parecer. A verdade é um “efeito de sentido”: “consiste em um *fazer-parecer-verdadeiro* (Greimas, 2014) que depende menos de uma correspondência entre o discurso e o “mundo real” ou factual (referente) e mais de um fazer persuasivo e interpretativo a priori pela permuta de crenças e valores” (DEMURU; FECHINE; LIMA, 2022, p.5). Assim, um discurso é lido como verdadeiro quando um “‘crer-verdadeiro’ for instalado entre enunciador e enunciatário” (RIBEIRO; MENDES; ALZAMORA, 2022, p.7), sendo estes, respectivamente, o “eu” que se comunica e o “tu” a quem se destina a comunicação, no ato de enunciação.

Para o discurso ser lido como verdadeiro é preciso que haja um bom funcionamento do “contrato de veridicção” que estabelece uma relação de equilíbrio entre o enunciador, o que através do fazer persuasivo busca o “fazer-crer” e o enunciatário, que por meio do seu fazer interpretativo estabelece o “crer”. Assim, o conceito de verdade acaba sendo, segundo Greimas, substituído pelo conceito de eficácia:

Se a verdade é apenas um efeito de sentido, conclui-se que sua produção consiste no exercício de um fazer particular, um fazer-parecer-verdadeiro, isto é, a construção de um discurso cuja função não é o dizer-verdadeiro, mas o parecer-verdadeiro. Esse parecer não visa mais, como no caso da verossimilhança, à adequação ao referente, mas a adesão da parte do destinatário a quem se dirige, e por quem procura ser lido como verdadeiro (GREIMAS; 2014, apud RIBEIRO; MENDES; ALZAMORA, 2022,p.8).

O “crer” só é possível a partir de uma sanção fiduciária. A “adesão” do enunciatário depende do seu universo cognitivo e das variantes lógicas que o destinatário de um discurso tem a mão para interpretá-lo:

Esse julgamento ou ato epistêmico é uma passagem de um estado de crença a outro. nele, o destinatário da comunicação verifica a adequação daquilo que é novo e desconhecido ao antigo e conhecido, valendo-se, para isso, de seu universo cognitivo, dentro do qual se encontram a variante fiduciária, ligada ao crer, e a variante lógica, ligada ao saber. Em tal universo, o crer precede o saber, visto que comunicar é, antes de um fazer-saber, um fazer-crer, e ambas as modalidades pertencem a um único e mesmo universo cognitivo (GREIMAS, 2014, p.145, apud RIBEIRO; MENDES; ALZAMORA, 2022, p.9).

No entanto, o saber instalado não expulsa o crer, ambos estão alinhados em uma estrutura elástica. O discurso de desinformação é considerado verdadeiro quando o enunciatário escolhe o seu universo cognitivo (ligado ao crer) como variante fiduciária, em detrimento de uma variante lógica (ligada ao saber). Assim, “o reconhecimento da 'verdade' não se adequa ao referente, mas ao próprio universo cognitivo de quem interpreta” (RIBEIRO; MENDES; ALZAMORA, 2022, p.10).

De acordo com Greimas, o enunciado é a unidade básica da comunicação linguística e é definido como uma frase completa, com significado completo, que expressa uma mensagem. O enunciado é formado por elementos estruturais essenciais e por um contexto temporal que dá sentido ao seu significado. “Todo enunciado pressupõe necessariamente um *eu* (enunciador) que se dirige (ou se comunica) a um *tu* (enunciatário) no *aqui e agora* do ato de enunciação” (DEMURU; FECHINE; LIMA, 2022, p.6).

Estes “eu” e “tu” podem ou não serem projetados no enunciado. É a partir da presença das suas marcas no enunciado que Greimas propõe dois regimes de enunciado: enuncivo e enunciativo, cuja principal diferença é a presença de marcas do ato de realização do discurso. Demuru, Fachine, Lima (2022, p.6) explicam que no regime enuncivo, essas marcas estão presentes e, por isso, Greimas o chama de “enunciado enunciado”, uma vez que nele, tanto autor quanto leitor são “reais”. Já no regime enunciativo, as marcas de realização do discurso não estão explícitas, sendo o sujeito um simulacro, sempre inacessível. Nesse caso, ator e leitor são considerados “implícitos”, num enunciado que Greimas chama de “enunciação enunciada”.

No contexto da manipulação discursiva, Greimas (2014) propõe dois tipos de procedimentos com objetivo de produzir o verídico: camuflagens objetivantes e subjetivantes. A camuflagem objetivante procura “parecer não o discurso de um sujeito, mas o puro

enunciado das relações necessárias entre as coisas e, para isso, apaga tanto quanto possível todas as marcas da enunciação” (GREIMAS, 2014, p.123). Na camuflagem objetivante há o uso do “nós” e certo mascaramento do ato de linguagem, uma vez que o enunciador é substituído por construções impessoais. Já na camuflagem subjetivante, há um sujeito que interpela, provocando um efeito maior de proximidade. “O sujeito da enunciação se declara como um *eu* fiador da verdade” (ibidem, p. 123).

Demuru, Fechine, Lima (2022) discorrem sobre a desinformação como camuflagem, identificando as estratégias manipulatórias presentes em discursos de desinformação, interpelando não o porquê de uma informação ser falsa, mas o porquê de ela ser considerada verdadeira, uma vez que “discursos que não buscam mais uma adequação ao referente, mas a adesão da parte do destinatário a quem se dirige e por quem procura ser lido como verdadeiro” (DEMURU, FECHINE, LIMA, 2022, p.8).

Duas estratégias manipulatórias encontradas nos textos de desinformação são a invisibilidade e o disfarce. Fabbri (2013, apud DEMURU, FECHINE, LIMA, 2022), explica que a invisibilidade se dá pela ocultação do sujeito da enunciação, construindo um enunciado sem marcas de origem e destino e, por isso, considerado mais “transparente”, por não ser produzido ou controlado por nenhuma fonte produtora. É por esse mecanismo que, como observamos na análise do corpus deste trabalho, comumente conteúdos de desinformação mimetizam características do jornalismo, ou utilizam da linguagem científica para conferir veracidade. A outra estratégia de manipulação observada em conteúdos de desinformação é o disfarce: se passar pelo outro, aproveitando-se de sua autoridade para conferir credibilidade à mensagem.

Os autores também identificam dois procedimentos gerais de camuflagem mais presentes nos conteúdos de desinformação sobre a pandemia de Covid-19 analisados no estudo. Os dois principais são o discurso em primeira pessoa e o discurso interpelativo. Ambos identificados pelo uso persistente e explícito da categoria do “eu”.

O discurso em primeira pessoa é identificado em muitos relatos, principalmente os observados em áudio, “nos quais supostas verdades são proferidas pelas vozes de inúmeros ‘eus’ que contam suas histórias pessoais como se fossem realidades objetivas e compartilhadas pela maioria” (DEMURU, FECHINE, LIMA, 2022, p.10). Histórias que tratam de experiência pessoal soam mais autênticas do que as veiculadas pela imprensa, por exemplo, é por meio desse mecanismo que se estabelece a crença.

“Tal regime de crença estabelecido depende, por um lado, de uma tomada de posição em relação àquilo que é informado e, por outro, da confiança do destinatário naquele que

fala.” (ibidem, 2022, p.11). A tomada de posição é sustentada pela moralização do que é narrado a partir de um acordo prévio. A eficácia também depende da capacidade de apresentar aos destinatários da comunicação algo em que já acreditam e já estejam motivados. A persuasão apoia-se, assim, na partilha de valores.

Já o discurso interpelativo é, segundo os autores, praticamente indissociável do discurso em primeira pessoa já que, se há um narrador, há alguém a quem ele se dirige, a quem chamamos de “narratário”. Esse “tu” costuma ser explicitado por meio de vocativos, resultando nos efeitos de proximidade e sugerindo maior envolvimento. Em muitos casos, a interpelação é explicitada por “apelos permeados por um senso de urgência, que incita um posicionamento imediato do destinatário” (ibidem, 2022, p.12).

O apelo e envolvimento muitas vezes é sugerido por uma “força ilocutória” (AUSTIN, 1975), que atribui ao destinatário um papel de co-testemunhas e co-protagonistas da narrativa.

Ao receber, por meio de um aplicativo de mensagem que já explora uma comunicação personalizada, um enunciado que o reconhece como interlocutor, o indivíduo é, assim, levado a crer que tem lugar e um papel a cumprir nesse jogo discursivo, ainda que seja propagando com a mesma imediaticidade o conteúdo recebido (ibidem, 2022, p.14).

Essa inscrição no enunciado de um destinatário “você” reforça o elo de confiança, favorecendo a mobilização do destinatário emocionalmente, como um sujeito persuadido, e pragmaticamente, como um sujeito compartilhador. O predomínio da presença do papel subjetivante do especialista ajuda a conferir veracidade ao discurso através de uma fala autorizada, de um interlocutor com alguma carga de autoridade. Já o papel de “pessoa comum” confere credibilidade ao discurso através de uma percepção de “autenticidade” sustentada pelo anonimato do interlocutor que pressupõe um distanciamento de instituições que exercem poder e influência.

A utilização das camuflagens confere ao discurso um “fazer-crer” verdadeiro mais comumente balizado pelas crenças e emoções do destinatário interpretante do que em argumentos racionais. Dessa forma, a utilização de camuflagens é uma importante ferramenta para influenciar o destinatário. Esta técnica visa criar uma relação de confiança entre o remetente e o destinatário, além de gerar uma percepção de autenticidade que leva o destinatário a acreditar no discurso. Desta forma, o efeito persuasivo do discurso é aumentado, pois suas crenças e emoções são mais facilmente mobilizadas do que argumentos racionais.

2 PÓS-VERDADE, CRISE EPISTÊMICA E DESINFORMAÇÃO

2.1 Crise epistêmica e pós-verdade

A disseminação de conteúdos falsos com fins políticos não é um fenômeno recente. “É muito provável que a produção e disseminação de relatos falsos com fins políticos sejam fenômenos coextensivos à própria política” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 35). Porém, a internet e as redes sociais online acrescentaram uma nova página a este fenômeno. Casos como Cambridge Analytica, movimento QAnon e Pizzagate nos EUA (KAISER, 2020) alertaram o mundo sobre o impacto das tecnologias e das redes sociais na circulação de informação para efeitos políticos. Fenômeno que observamos no Brasil com grande intensidade nas eleições brasileiras em 2018 (ZAGANELLI, MAZIERO, 2021; ALVES, 2019; DOURADO, 2020); durante a pandemia de Covid-19 (ALZAMORA, MENDES, RIBEIRO, 2021; SOUSA JÚNIOR, et al, 2020; SOARES, et al, 2021; CARDOSO, et al., 2021), e como ferramenta de fomento à desconfiança no sistema eleitoral brasileiro (RUEDIGER, M. A., et al., 2020).

As mudanças tecnológicas e a plataformização³ trouxeram grandes impactos à sociedade, modificando as formas de produção de informação e conhecimento. Mudanças que contribuem para o que Benkler, Faris, Robert (2018) chamam de crise epistêmica, que coloca em risco alguns pilares da modernidade e da democracia, calcados na racionalidade iluminista.

Para os autores, a crise epistêmica da democracia norte-americana, com a qual podemos fazer um paralelo para analisar a situação brasileira, é um fenômeno enraizado na radicalização dos grupos de direita e sua visibilidade conferida de forma assimétrica pela mídia, e principalmente de um longo processo gradativo de perda de um referencial comum de verdade. Fatores que deixaram o ecossistema midiático mais suscetível aos fabricantes de clickbaits⁴ políticos, que produzem conteúdos com o objetivo de gerar engajamento e receita, sem compromisso ético com a factualidade dos conteúdos, e também tornaram o público mais propenso a aceitar ficções políticas.

Como público, perdemos nossa capacidade de concordar sobre modos compartilhados de validação em relação ao que está acontecendo e ao que é apenas absurdo. As ameaças percebidas à nossa capacidade de distinguir a verdade da

³O termo plataformização é usado para explicar as relações de dependência de diferentes setores de produção cultural com as plataformas (D'ANDREA, 2020). Abordaremos o conceito na próxima seção.

⁴“Isclas de clique” em tradução literal. Se refere a conteúdo online destinado à geração de receita de publicidade on-line.

ficção política conveniente, se forem verdadeiras, atacam os próprios fundamentos da sociedade democrática. (BENKLER, FARIS, ROBERT, 2018, p.6)⁵

Assim, a ausência de um conjunto compartilhado de crenças e valores minam a confiança na informação política, tornando mais difícil tomar decisões e prejudicando a integridade do processo democrático.

A forma como indivíduos passam a se relacionar e a constituir identidades coletivas a partir da lógica das redes sociais online e das plataformas digitais ampliam a dificuldade de estabelecer um consenso mínimo sobre o que está acontecendo no mundo. Uma vez que suas características favorecem a criação de câmaras de eco “que reforçam nossos vieses enquanto removem a capacidade de cultivarmos sentimentos de confiança e capacidade de produzir sentidos sobre o mundo e nos governarmos como democracias razoáveis” (BENKLER, FARIS, ROBERT, 2018, p.4)⁶.

Segundo Tomberg (2018), as câmaras de eco são formadas por *clusters* homogêneos de usuários que tendem a buscar informações que confirmem suas crenças existentes, em vez de expor-se a diferentes perspectivas e ideias. Esses *clusters* de usuários, portanto, fornecem um ambiente propício para a disseminação de rumores e desinformação, pois informações enganosas ou imprecisas podem se espalhar facilmente entre grupos que compartilham as mesmas crenças e ideias. O autor argumenta que as câmaras de eco podem facilitar a propagação de desinformação, uma vez que esses ambientes promovem a autoconfirmação e não estimulam a diversidade de opiniões.

Os indivíduos tendem a se associar e continuar relacionamentos com pessoas que têm visões similares, porque permanecer em câmaras de eco exige menos esforço cognitivo (WARDLE, DERAKHSHAN, 2017). São as câmaras de eco que, segundo Benkler, Faris, Robert (2018) tornam as democracias ingovernáveis. Uma vez que não há mais consenso sobre os parâmetros da realidade e diferentes grupos compartilham universos de sentido dissonantes.

⁵ Tradução nossa. No original: “as a public we have lost our capacity to agree on shared modes of validation as to what is going on and what is just plain whacky. The perceived threats to our very capacity to tell truth from convenient political fiction, if true, strike at the very foundations of democratic society.” (BENKLER, FARIS, ROBERT, 2018, p.6)

⁶ Tradução nossa. No original: “echo chambers that reinforced our biases, were removing indicia of trustworthiness, and were generally overwhelming our capacity to make sense of the world, and with it our capacity to govern ourselves as reasonable democracies.” (BENKLER; FARIS; ROBERT, 2018, p.4)

Com experiências online cada vez mais personalizadas, as pessoas tendem a se isolar em grupos, onde não há troca entre pessoas que compartilham opiniões, interesses e universos simbólicos divergentes, como explica o conceito de homofilia:

Homofilia é uma característica das redes sociais conectada ao fato de que as pessoas tendem a ter contato com pessoas similares, em termos de gostos, background etc. (MCPHERSON, SMITH-LOVIN & COOK, 2001). A homofilia auxilia na compreensão da tendência de uma determinada informação espalhar-se mais dentro de determinado grupo, especialmente em grupos políticos (RECUERO, GRUZD, 2019, p.34).

A homofilia favorece a criação de câmaras de eco, espaços que limitam o acesso à informação contraditória, assim, os indivíduos se tornam menos capazes de discernir sobre a veracidade, parcialidade ou manipulação das mensagens.

Câmaras de eco são atraentes porque elas oferecem “espaços seguros para compartilhar crenças e pontos de vista com outros, com menos medo de confrontação ou divisão” (WARDLE, DERAKHSHAN, 2017, p.50). Essa tendência não é algo novo, mas é intensificada pelas plataformas, que a utilizam para fazer com que os usuários permaneçam mais tempo usando os seus sites.

Estamos muito mais propensos a confiar em uma mensagem vinda de alguém que conhecemos, mesmo se nós suspeitamos que ela seja falsa. É por isso que a desinformação pode ser disseminada tão rapidamente. Ela viaja entre uma rede de pessoa para pessoa onde a confiança tende a ser alta. (WARDLE, DERAKHSHAN, 2017,p.50)

Assim, segundo Benkler, Faris e Robert (2018), a independência dos processos tecnológicos que ocorrem sem controle de indivíduos ou governos, tais como a curadoria algorítmica de notícias, *bots*, inteligência e análise de *big data*, estão criando câmaras de eco que amplificam nossos preconceitos e excluem informações confiáveis. Isso tem sobrecarregado nossa capacidade de compreender o mundo ao nosso redor e, conseqüentemente, de governar nossas democracias de forma razoável. Em outras palavras, esses processos tecnológicos prejudicam nossa habilidade de tomar decisões informadas e de ter um debate público saudável e racional.

A crise epistêmica é um fenômeno atravessado por vários elementos, sendo a tecnologia um deles. Como a internet é usada e percebida em cada país depende de vários fatores, incluindo suas instituições políticas, o ambiente midiático e a cultura política geral. Esses fatores afetam a maneira como as pessoas usam a internet para fins democráticos ou não, influenciando em menor ou maior grau esse ambiente de crise.

Assim, para os autores, o ecossistema midiático e o hiperpartidarismo são fatores mais relevantes para a crise epistêmica do que a tecnologia em si. Em países onde essas estruturas se diferem, as tecnologias e as *fake news* têm menor incidência ou efeitos. É importante considerar as condições culturais e institucionais em que a tecnologia é usada, pois isso pode influenciar a forma como ela é percebida e utilizada, assim como o seu grau de interferência na confiança dos indivíduos na informação disponível e na dificuldade em chegar a consensos sobre a realidade: “A tecnologia não determina resultados ou os padrões de sua própria adoção. Tecnologias específicas, sob condições institucionais e culturais específicas, certamente podem contribuir para crises epistêmicas”⁷ (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018, p.22).

Os autores concluem apontando para a importância de considerar o contexto histórico, social e político mais amplo para entender a relação entre tecnologia, instituições e cultura. A crise epistêmica americana atual não é causada pela tecnologia; não pode ser atribuída à internet, às mídias sociais ou à inteligência artificial. É um fenômeno enraizado na radicalização da direita da política americana e em um processo de trinta anos em que os mercados de mídia recompensam propagandistas de direita. Já no Brasil, como descreve ALVES (2019), a deterioração democrática se deve a fatores endógenos que dizem respeito ao papel das instituições na deslegitimação da democracia, como o enfraquecimento do mercado brasileiro de notícias, a atuação política de veículos de imprensa, um “regime de excepcionalidade das instituições de responsabilização e julgamento” (ALVES, 2019, p.115), e a fatores exógenos, como a plataformação da comunicação política que favorece a polarização e a difusão de desinformação, como veremos mais profundamente no próximo capítulo.

O desvirtuamento das instituições de controle, em especial o sistema de justiça e parte da imprensa tradicional, que por meio do ativismo jurídico, golpe parlamentar e cascatas de informações jornalísticas de enquadramento cínico e adversarial da política (ALBUQUERQUE, 2018; FERES et al, 2018; BAPTISTA e TELLES, 2018; DAMGAARD, 2018) contribuíram decisivamente para a deterioração das instituições e práticas democráticas no Brasil (ALVES, 2019, p. 112).

A confusão, a distração, o distanciamento dos referenciais e a desconfiança estão no cerne da crise epistêmica. Quando as pessoas perdem a confiança na ciência e na razão como

⁷Tradução nossa. No original: “Technology does not determine outcomes or the patterns of its own adoption. Specific technologies, under specific institutional and cultural conditions, can certainly contribute to epistemic crisis.” (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018, p.22)

fontes confiáveis de informações, elas podem ficar mais suscetíveis a acreditar em informações imprecisas ou enganosas. É por isso que os conceitos de crise epistêmica e pós-verdade estão intimamente relacionados. A desinformação pode ser disseminada para minar a confiança nas instituições científicas e outras fontes de conhecimento confiáveis. Quando as pessoas não acreditam mais na objetividade dos fatos, elas podem se sentir inclinadas a rejeitar todo o conhecimento como subjetivo ou politicamente motivado. Isso pode levar a uma perda ainda maior de confiança nas instituições científicas e outras fontes de conhecimento.

A desinformação e as conspirações são exemplos de organização discursiva e epistemológica da realidade. São parte essencial de um fenômeno que ataca de maneira sistemática as instituições “credenciadas” para determinar o que é verdadeiro ou falso, como a ciência, o jornalismo, o Estado, e a substitui, segundo Gomes e Dourado (2019), por uma “epistemologia tribal”

segundo a qual um relato é verdadeiro ou falso não em função dos fatos a que se referem, mas em virtude dos valores que reforçam, dos princípios que sustentam. Se a objetividade e a neutralidade estão irremediavelmente perdidas, o que é bom para nós é verdade e o verdadeiro é tão somente o que é bom para nós. (ROBERTS, 2017, apud GOMES, DOURADO, 2019, p.37)

É a partir da crise epistêmica que o termo “pós-verdade” ganha significado e relevância, permeando discursos e produções acadêmicas. Em 2016, “pós-verdade” foi eleita palavra do ano pelo dicionário de Oxford⁸, que descreve o verbete como "relativo ao que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal". 2016 foi também o ano em que Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos da América, em uma eleição marcada pela disseminação de desinformação em que a discussão sobre os impactos de conteúdos falsos, manipulados ou distorcidos, utilizados como tática de desconstrução de imagens eleitorais, de instituições e da democracia ganharam ainda mais destaque (EMPOLI, 2020), também foi o ano em que a presidente Dilma Rousseff sofreu um impeachment, após uma longa campanha de mobilização e radicalização política, marcada também pela desinformação.

⁸'Pós-verdade' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. G1, 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>>. Acesso em: 03 de nov de 2022.

O conceito de pós-verdade tem sido alvo de atenção por estudiosos de diferentes áreas, devido à sua relevância no contexto atual. De acordo com Safatle (2018), citado por Mello e Martinez-Ávila (2021, p.115), a pós-verdade é uma circunstância em que a opinião das pessoas é formulada a partir de suas crenças pessoais, e não necessariamente baseada em fatos objetivos, análises críticas ou reflexões. Muitas vezes, as pessoas tendem a acreditar em informações que confirmam suas próprias crenças, mesmo que essas informações sejam falsas ou imprecisas.

Além disso, a pós-verdade pressupõe a perda do vínculo com o real e o factual (MELLO E MARTINEZ-ÁVILA, 2021). Ou seja, as pessoas podem acreditar que o conteúdo presente na internet é verdadeiro, sem questionar sua veracidade. Esse fenômeno é agravado pelo fato de que a internet é uma fonte cada vez mais importante de informação, mas também pode ser uma fonte de desinformação.

Segundo Keyes (2004),

a natureza da pós-verdade é distinta de um binômio mentira versus verdade. A pós-verdade seria uma terceira categoria, distinta da mentira ou da verdade, e que estaria em uma certa ambiguidade política que não corresponde simplesmente uma oposição a um fato. É uma zona de classificação ética mais difícil, porque parte das pessoas que difundem aquilo que poderia ser considerado pós-verdade nas redes sociais não acreditam que são desonestas, mas simplesmente estão apresentando mais uma narrativa possível da realidade (KEYES, 2004, apud Mello e Martinez-Ávila, 2021, p.68-69).

Keyes argumenta que a pós-verdade não é simplesmente uma questão de mentira ou verdade, como discutimos no capítulo anterior, mas também envolve uma dimensão ética mais difícil de classificar. Isso ocorre porque muitas pessoas que difundem informações que podem ser consideradas pós-verdadeiras, não acreditam que estão sendo desonestas, mas estão apresentando sua própria narrativa da realidade.

O autor destaca três traços deste novo cenário comunicacional. O primeiro desses traços é o esvaziamento da formação da opinião pública por meio da mídia tradicional, que perdeu parte de sua capacidade de influenciar a opinião pública. O segundo traço destacado pelo autor é o monopólio dos espaços virtuais, ou seja, a crescente importância das plataformas online na produção e disseminação de informações e o fato de estarem, em ampla maioria, vinculadas a poucas plataformas, que detêm o monopólio do controle dessa arena. Nesse sentido, as redes sociais e outras plataformas digitais têm ganhado cada vez mais importância na formação da opinião pública e no debate político, o que pode levar a uma polarização ainda maior das opiniões e a uma perda de diversidade de ideias e perspectivas.

Por fim, o autor destaca a opressão do novo espaço público, que acaba por paralisar as ações de oposição. Em outras palavras, o ambiente digital pode ser marcado por uma série de práticas opressivas que limitam a liberdade de expressão e inibem a formação de opiniões divergentes. Isso pode levar à formação de uma opinião pública menos plural e mais conformista, o que pode ter graves consequências para a democracia e a cidadania.

Um dos pontos de virada deste cenário comunicativo é, segundo Keen (2009), a migração dos anunciantes das mídias tradicionais para a rede, o que ocasionou uma perda de recursos econômicos para as empresas jornalísticas. Essa mudança resultou em uma crise na formação da opinião pública por meio da mídia tradicional, e em um esvaziamento das práticas racionais e consensuais de discurso, de acordo com o autor.

Consentino (2020) aponta para quatro evidências principais em relação ao conceito de pós-verdade. A primeira é que a relativização da ideia de verdade e seu uso não são fenômenos novos e já existiam antes da internet. A segunda é que, embora haja consenso sobre o fenômeno da pós-verdade como algo novo na era digital, há papéis diferenciados nas mediações proporcionadas pelas plataformas digitais, com escala, conteúdo, interesses comerciais e participação distintos das mídias anteriores. A terceira evidência é que, de modo geral, o espectro político da esquerda compreende a pós-verdade como uma ameaça às democracias e aos laços sociais instituídos, enquanto o espectro político liberal tem uma visão mais variada, sugerindo que haja motivações democráticas e também a possibilidade de reação a novos modelos de discursos que buscam a hegemonia da verdade. A quarta evidência é que não há consenso sobre os impactos e consequências políticas da internet e das redes sociais, embora haja dados empíricos relevantes que sugerem que seu impacto no resultado de processos eleitorais, por exemplo, seja limitado.

O conceito de pós-verdade implica que a verdade é influenciada pela subjetividade humana, ou seja, as nossas crenças, emoções e experiências podem influenciar a forma como percebemos a realidade. Essa visão de verdade se opõe à ideia de que a verdade é objetiva e independente das nossas percepções individuais. A tradição da pós-verdade está ligada à corrente filosófica pós-moderna, que questiona as narrativas dominantes de verdade e objetividade e enfatiza a importância das perspectivas individuais. Como vimos no capítulo anterior, filósofos como Nietzsche e Foucault argumentaram que as narrativas de verdade são usadas para exercer poder e controle, e que a verdade deve ser entendida a partir do contexto e da perspectiva. A verdade não é necessariamente o resultado de fatos objetivos, mas sim uma construção subjetiva, como também apontam as perspectivas semióticas de Greimas e Peirce.

Consentino (2020, p.122-123) também relaciona o fenômeno de desinformação ao conceito de cauda longa desenvolvido por Chris Anderson (2006). Segundo o qual, há uma mudança significativa na distribuição de bens culturais com o advento da internet. Antes, o gargalo da distribuição fazia com que os intermediários da cultura se concentrassem em poucos conteúdos, limitando a diversidade da oferta em torno de “best sellers”. Com a internet, a distribuição da informação passou a obedecer a uma lógica diferente, em que a oferta é quase ilimitada e a lei de Pareto, segundo a qual 20% dos produtos garantem 80% das vendas, perde a sua relevância. Isso possibilitou o fortalecimento da cultura de nicho, em que títulos de livros, por exemplo, que vendem pouco podem existir aos milhares ou milhões em plataformas como a Amazon, sem que isso prejudique financeiramente o distribuidor.

Segundo o autor, essa passagem da informação de massa para a informação de nicho enfraqueceu os filtros tradicionais da opinião pública, como jornais, rádios, televisão e revistas, e permitiu uma diversidade de produção de conteúdos nunca antes disponível na cultura. Como resultado, os best-sellers, os veículos de comunicação tradicionais ou a própria produção científica, por exemplo, perderam parte de sua relevância, enquanto os títulos de nicho, ou a produção de conteúdo em sites e blogs fortemente enviesados ou nas redes sociais ganharam espaço e relevância.

2.2 Atenção como mercadoria: Plataformas e as mudanças no consumo de informação

O surgimento e fortalecimento das plataformas são parte do quadro descrito pela “pós-verdade” e pela “crise epistêmica”. Apesar destes não serem entendidos como fenômenos essencialmente digitais, são as plataformas que possibilitaram a maior oferta de bens culturais, sua disseminação e a descentralização da produção de conteúdo, além de ampliarem as possibilidades de formação de *clusters* e de comunicação.

Os Estudos de Ciência e Tecnologia “*Science and Technology Studies*” (STS) surgem como um campo transdisciplinar que busca o “estudo dos regimes de poder, das práticas situadas e das materialidades que constituem a produção científica e os artefatos tecnológicos” (DANDREA, 2020, p.14), um campo de estudos que se consolida à estreita dos estudos sobre tecnologia e cibercultura desenvolvido por nomes como Henry Jenkins, Clay Shirley e Pierre Lèvy e a premissa de que artefatos tecnológicos e práticas sociais se coproduzem, entendendo que os vínculos na web não podem ser observados fora de uma

lógica de sociabilidade programada pelas plataformas (DANDREA, 2020, p.17). A Teoria Ator-Rede, que veremos no capítulo 4, é uma das vertentes mais populares do campo STS.

Esse campo de estudos busca articular as dimensões técnicas, políticas e econômicas que fazem parte do que conhecemos como redes sociais online e outros ambientes digitais. Segundo Poell, Nieborg e Van Dijck, plataformas são

infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados (POELL; NIEBORG; DIJCK, 2020, p.4).

Plataformas são grandes corporações, com fins lucrativos, como as “*Big Five*”, termo utilizado para descrever as cinco maiores plataformas: Alphabet-Google, Amazon, Apple, Facebook-Meta e Microsoft que se consolidaram ao longo das últimas duas décadas como serviços infraestruturais, centralizando cada vez mais atividades estratégicas (D’ANDREA, 2020), e reorganizando práticas culturais enquanto também são moldadas por elas. Elas atuam como mercados multilaterais, estruturando como os operadores, usuários finais e complementares interagem entre si (POELL; NIEBORG; DIJCK, 2020).

Um dos conceitos importantes para os Estudos de Plataforma é o de datificação. Segundo Mejias e Couldry (2019), a datificação é o processo de transformação da vida humana para que seus elementos possam ser continuamente transformados em dados quantificáveis. A ideia de que tudo pode ser transformado em dados mensuráveis e armazenáveis incluindo as práticas sociais. É diferente da digitalização, porque não apenas converte o material simbólico em sua forma digital, mas torna os diferentes domínios da vida humana suscetíveis ao processamento automatizado e em larga escala. Este processo, segundo os autores, se organiza em dois elementos: as infraestruturas que coletam e processam os dados e a geração de valor, a partir dos processos de geração de valores monetários e culturais sobre e a partir dos dados coletados.

O que acontece na ciência e tecnologia está entrelaçado à ideia de biopoder de Michel Foucault (2021) como uma força disciplinadora dispersa por toda a sociedade e implementada por diferentes instituições.

A ideia que Foucault levanta a respeito da “classificação, padronização e acumulação de poder por instituições que possuem capacidade de disciplinar corpos, mentes e formas de vida”, continua reaparecendo e se reafirmando, assumindo outras formas em consonância com as mudanças científicas e tecnológicas coproduzidas socialmente (JASANOFF, 2004).

À medida em que as redes sociais online e as novas tecnologias passam a permear a forma como humanos se relacionam entre si, com outros atores, ou estruturas, e as instituições se tornam dependentes dessas tecnologias, temos o que os autores chamam de sociedade de plataformas e plataformização: a adequação das diferentes instâncias sociais à lógica das plataformas, com

a penetração das extensões econômicas, infraestruturais e governamentais das plataformas digitais nas indústrias culturais, bem como a organização de práticas culturais de trabalho, criatividade e democracia em torno dessas plataformas (POELL, NIEBORG e DUFFY, 2022, p.20)⁹.

Em seu livro “Pesquisando Plataformas Online: Conceitos e Métodos”, D’Andrea (2020) identifica cinco principais aspectos das plataformas. O primeiro deles são os algoritmos, que podem ser descritos como uma sequência de ações executáveis e finitas, mas que são muito mais do que construtos técnicos. “Ao interpretar um conjunto de dados para gerar novos dados, os algoritmos agem instituindo novas lógicas de seleção, hierarquização, recomendação e controle dos fluxos informacionais” (D’ANDREA, 2020 p. 32). Como explica Dourish (2016), algoritmos só são compreendidos dentro de sistemas. E, como qualquer outro objeto técnico, só são animados por práticas sociais e culturais. O que está no código é o ponto de partida, o que importa é o que é gerado a partir das relações, das ações dos algoritmos.

O segundo aspecto das plataformas são as infraestruturas. Aqui o autor chama a atenção para como as *Big Five* investem na aquisição e instalação de estruturas, controlando os aspectos materiais que viabilizam seus serviços e demais atividades online. Essas corporações não são apenas donas de domínios online e desenvolvedoras de algoritmos, a elas pertencem os servidores, cabos de dados submarinos, satélites e toda a infraestrutura necessária para a operação não só de seus serviços, mas, em certa medida, de quase toda a experiência online mundial.

Outro aspecto central das plataformas é a governança: plataformas possuem formas de moderar os conteúdos e normas específicas de uso que definem o que pode ser feito por cada usuário, em cada espaço. A governança das plataformas é, assim, um “conjunto de

⁹Tradução nossa. No original: “The penetration of digital platforms’ economic, infrastructural, and governmental extensions into the cultural industries, as well as the organization of cultural practices of labor, creativity, and democracy around these platforms.” (POELL, NIEBORG e DUFFY, 2022, p.20)

mecanismos e práticas de ordem técnica, política, jurídica e comercial que regulam seu funcionamento” (D’ANDREA, 2020, p.42).

O quarto dos cinco aspectos centrais que caracterizam as plataformas são as práticas e *affordances*, que se referem às formas como os usuários se apropriam das plataformas e das suas funcionalidades. O termo diz respeito não somente às funcionalidades previstas pelas plataforma (como botões de curtir, compartilhar, retuitar, seguir, enviar mensagens, etc), mas também como os usuários se apropriam das funcionalidades específicas criando novas possibilidades que podem ter fins diversos do que é previsto pela plataforma. As *affordances* se constituem na relação entre as materialidades da plataforma e as práticas sociais dos usuários.

O que as plataformas determinam como possibilidade são também formas de manifestação de poder das companhias, uma vez que delimitam e constituem aspectos da vida social. “As plataformas não são meras intermediárias (...), mas ambientes que condicionam a emergência de um social.” (D’ANDREA, 2020, p.18). Através das *affordances* e ferramentas de governança, as plataformas estruturam e delimitam como os usuários finais interagem entre si, ao mesmo tempo que também são moldadas pelas apropriações que os usuários fazem de suas funcionalidades.

Plataformas também são modelos de negócio e os organizam a partir da articulação com outros serviços e mercados que antes eram fragmentados, por isso são descritas como multilaterais (D’ANDREA, 2020). Um exemplo é a consolidação da mídia programática que deu origem, segundo Venturini e Munk (2021), à economia da viralidade. No início dos anos 2000, as empresas de internet desistem de vender conteúdo para maximizar receitas publicitárias. O ponto de virada é em outubro de 2000, com o lançamento do *Google AdWords*, plataforma de anúncios do *Google*, e em 2003, com o lançamento do *Google AdSense*, permitindo que proprietários e editores de sites, blogs e aplicativos, ofereçam espaços de suas plataformas para anunciantes. “Essa dupla automação permitiu que o *Google* lidasse com microtransações não lucrativas para agências de publicidade tradicionais e ampliasse sua rede para milhões de compradores e vendedores” (VENTURINI, 2021, p.128)¹⁰. Esse é um exemplo de como as plataformas sustentam, conectam e operacionalizam

¹⁰ Tradução nossa. No original: “This double automation allowed *Google* to handle micro-transactions unprofitable for traditional advertising agencies and to scale up its network to millions of buyers and sellers.” (VENTURINI, 2021, p.128)

uma série de diferentes transações. Também um aspecto importante para o enfraquecimento da mídia tradicional com a migração de recursos publicitários relevantes para as plataformas.

A mídia programática abriu a possibilidade para que pequenos sites e blogs pudessem ser remunerados por anunciantes dispersos em transações impessoais mediadas pelo *Google*. Possibilitando que veículos, usuários e temas que antes não tinham espaço no *mainstream* pudessem se estabelecer aumentando, a nosso ver, as possibilidades de participação, mas também contribuindo para a desordem informacional que descreveremos ainda neste capítulo. As “*junk news*” como descreve Venturini e Munk (2021) se proliferam neste ambiente. São criadas para atrair cliques e visualizações que, por sua vez, são monetizadas pelas plataformas.

A diferença entre a mercadoria de audiência nos meios de comunicação de massa tradicionais e na Internet é que neste último os usuários também são produtores de conteúdo: ‘os usuários se engajam em permanente atividade criativa, comunicação, construção de comunidade e produção de conteúdo... [Isso] não significa uma democratização da mídia para sistemas participativos, mas a total mercantilização da criatividade humana’ (Fuchs, 2009, apud D’Andrea, 2020, p.130)¹¹

A participação dos usuários é usada como uma forma de gerar mais lucro para as empresas, e não necessariamente como uma forma de democratizar o acesso à informação e ao espaço público. A falta de clareza entre usuários finais e profissionais remunerados nas plataformas e nas redes sociais online incentiva a produção de conteúdo. Porém, essa lógica de produção de informação abundante torna outra coisa rara: a atenção. Em seu artigo “Paying Attention: Towards a Critique of the Attention Economy”, Patrick Crogan e Samuel Kinsley (2012) apresentam as bases teóricas para os estudos sobre a “Economia da Atenção”, conceito que começa a ser debatido na década de 1970 e que discute a mercantilização da capacidade humana da atenção.

Segundo teóricos importantes para o campo de estudos como Simon e Goldhaber’s, a sobrecarga de informação-conteúdo gerada pela cibercultura, torna escassa a nossa capacidade de atender com atenção a essa informação, gerando uma “escassez de atenção” (CROGAN, KINSLEY, 2012). A atenção passa a ser considerada então um recurso

¹¹Tradução nossa. No original: “The difference between the audience commodity on traditional mass media and on the Internet is that in the latter the users are also content producers: “the users engage in permanent creative activity, communication, community building and content production... [This] does not signify a democratization of the media towards participatory systems, but the total commodification of human creativity” (Fuchs, 2009, apud D’Andrea, 2020, p.130)

acumulável, uma moeda calculada através da “estima”. Nesse contexto, o capitalismo passa a consumir, não apenas o tempo de trabalho, mas o tempo não produtivo das pessoas.

As plataformas, através, principalmente, de suas *affordances* e algoritmos buscam incentivar o maior tempo de permanência dos usuários nas redes sociais, garantindo que ele doe mais tempo da sua atenção em um ambiente convidativo para a sua permanência, seja através de mecanismos de gratificação (como *likes* e interações) ou da recomendação algorítmica de conteúdos que tendem a gerar mais reações dos usuários, geralmente apelando para reações passionais.

2.3 Desinformação e *fake news*: definições e conceitos

Como vimos, a internet e as plataformas provocaram mudanças fundamentais na forma como a informação é produzida, comunicada e distribuída. O que dá novos contornos a um fenômeno já conhecido: a desinformação. Segundo Wardle e Derakhshan (2017), as redes sociais aumentam a dificuldade das pessoas julgarem a credibilidade das mensagens porque os conteúdos parecem similares, uma vez que mimetizam conteúdos jornalísticos e favorecem o compartilhamento de conteúdo emocional. A definição do que é *fake news* e desinformação é mais multifacetada do que sugere o senso comum. Em torno do que chamamos aqui de desinformação há a consolidação de um campo de estudos emergente, uma vez que, segundo Lelo (2022) nota-se um aumento crescente de esforços em se estabelecer uma agenda de pesquisa em desinformação, conceituar os fenômenos, e promover estudos críticos à agenda epistemológica preponderante. Esse campo emergente inclui estudos em diferentes disciplinas já consolidadas como a comunicação política, as ciências cognitivas, a filosofia e as ciências da computação.

A seguir abordaremos uma série de conceituações e definições que aproximam termos como “*fake news*”, “desinformação” e “desordem informacional” e discutiremos algumas das abordagens da epistemologia social, psicologia política e estudos de plataforma.

O fenômeno da desinformação se manifesta de várias maneiras, assim como é descrito e denominado por diferentes termos. Para Gomes e Dourado (2019) *fake news* são essencialmente digitais. Não se tratando de uma mera digitalização da invenção de fatos com objetivo de causar dissenso. *Fake news* são essencialmente digitais porque é a vida digital que permite uma série de possibilidades que não ocorriam em outros meios, como o superdimensionamento do alcance e da velocidade de disseminação, a facilidade de produção e reprodução do conteúdo, a ampliação das possibilidades de segmentação, acrescida de

fatores como a “capacidade de exposição inadvertida das pessoas nos *smartphones*, a extrema maleabilidade e reprodutibilidade dos materiais digitais” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 36), destacando o aspecto central dos meios e modos de propagação na configuração do fenômeno da desinformação.

“Saber o que é desinformação implica saber o que é informação” afirmam Maria Ângela Mattos e Tiago Salgado do livro “Sociedade da Desinformação e Infodemia” (2021, p.39), Os autores recuperam as diferentes noções da palavra informação nas teorias acerca da comunicação e sua implicação na opinião pública, esmiuçando os sentidos das palavras “informação” e “desinformação” e como elas são tratadas pela comunicação para propor uma análise do fenômeno. Partindo de uma desconstrução etimológica da palavra “desinformação”, os autores argumentam que, se “informação” parte da ideia de moldar, de adquirir formato, a “desinformação” teria o efeito de retirar da ordem estabelecida. A palavra “informação” é uma palavra de origem latina que carrega duas acepções: “ato de moldar a mente” e “ato de comunicar conhecimento”, significado que se altera ao longo da história.

A desinformação pode ser compreendida como um tipo de disfunção; “implica, a nosso ver, a promoção de incertezas que culminam em desentendimentos, em dissensos, em controvérsias ou mesmo em conspirações” (SALGADO; MATTOS, 2021, p. 50). Com base nas premissas do campo da *Communication Research*, os autores argumentam que a desinformação é uma disfunção latente, ou seja, precisa ser reconhecida a partir de processos de checagem e validação, para que haja a distinção entre o que é informação e o que é desinformação. “Não sendo conscientemente desejada, portanto, a desinformação é intencionalmente produzida no intuito de causar dano ou fazer avançar, por meio de transmissão de herança social e cultural, ideologias” (MARWICK et al., 2021, apud SALGADO, MATTOS, 2021, p.51).

Para Recuero e Gruzd (2019, p. 32), a *fake news*, enquanto fenômeno, possui duas características centrais: a falta de autenticidade e o propósito de enganar, uma intencionalidade de atingir interesses de determinados grupos ou indivíduos. Para isso, em grande maioria, elas emulam ou mimetizam o conteúdo jornalístico. “A *fake news*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos” (RECUERO, GRUZD, 2019, p.32). Gomes e Dourado (2019, p.43) apontam que a utilização de características próprias da imprensa e do jornalismo tradicional é um mecanismo bastante usado para disfarçar a “origem duvidosa” da informação compartilhada, que pode ser observada não apenas quando as *fake news* imitam o formato tradicional de notícias, mas

também na utilização de elementos como frases simples e diretas que reforçam a objetividade da informação, a citação de fontes, o uso de manchetes e jargões como “exclusivo” e “urgente”, ou, segundo Greimas, mecanismos de camuflagem do discurso.

O uso do termo *fake news* desperta uma série de críticas de pesquisadores que preferem deixá-lo de lado. Sullivan (2017) considera o termo impreciso, uma vez que se refere a uma multiplicidade de conteúdos que incluem boatos, mentiras, conspiração, informações descontextualizadas, informações falsas produzidas com ou sem a intenção explícita de enganar. Na mesma linha, Wardle e Derakhshan (2017) argumentam que o termo *fake news* não acolhe toda a complexidade e diversidade do fenômeno que denominam como “desordem informacional”, além de ter sido apropriado por políticos para descrever veículos de comunicação ou conteúdos que consideram desagradáveis ou que de alguma forma os contradiz. Os pesquisadores classificam essa desordem informacional em três tipos: informação incorreta (“*misinformation*”); desinformação (“*desinformation*”) e má-informação (“*mal information*”), utilizando os termos para compreender, respectivamente, o compartilhamento não-intencional de informações falsas e enganosas; o compartilhamento intencional de conteúdos falsos, distorcidos ou manipulados com intenção de causar algum dano; e conteúdos verdadeiros, porém, produzidos ou distribuídos com intenção de prejudicar algo ou alguém, como vazamento de informações, assédio ou discurso de ódio.

Wardle e Derakhshan (2017) elaboram uma série de modelos classificatórios da desordem informacional. Segundo os autores, ela se manifesta de diferentes maneiras, podendo ser sátiras e paródias, informações enganosas, conteúdo impostor, fabricado com falsas associações entre legendas, títulos e recursos visuais, fora de contexto ou manipulado.

Adotamos neste trabalho o uso do termo “desordem informacional” como conceituado por Wardle, Derakhshan (2017), entendendo que o mesmo faz parte de um fenômeno que se organiza discursivamente das três maneiras citadas acima, sendo a mais comum a desinformação.

Em seu levantamento sobre pesquisas que abordam aspectos psicológicos que interferem na percepção das *fake news*, Pennycook e Rand (2021) debatem uma série de trabalhos. O estudo aponta que a deliberação sobre o conteúdo, o pensamento analítico, é o fator que mais interfere na recepção de desinformação, mais do que o nível de informação e conhecimento sobre o tema. Quem delibera mais tem uma tendência menor em acreditar em conteúdo falso, independente da concordância política (PENNYCOOK; RAND, 2021, p.392). Um grande problema, dado o enorme volume de conteúdo ao qual as pessoas são expostas nas redes sociais. Como não há tempo para a deliberação, as pessoas recorrem então a atalhos

mentais para julgar os conteúdos, como o uso da familiaridade (se o conteúdo está de acordo com crenças anteriores dos indivíduos), a fonte (se é uma pessoa pública de visibilidade, ou uma pessoa próxima com a qual o indivíduo tem uma relação de confiança) e a evocação emocional, uma vez que pessoas que possuem uma experiência mais emocional com o conteúdo tendem a gostar mais dele. Não à toa, conteúdos de desinformação recorrentemente utilizam mecanismos para despertar emoções como choque, medo, raiva ou indignação moral.

Os atalhos mentais são chaves heurísticas que as pessoas utilizam ao avaliar a credibilidade das mensagens. Segundo QIU et al (2017, apud WARDLE, DERAKHSHAN, 2017, p.45), esses atalhos podem ser de seis tipos: 1) reputação, baseados no reconhecimento e na familiaridade; 2) endosso, a percepção se os outros acham a mensagem crível; 3) consistência, se a mensagem se multiplica por diferentes canais e fontes; 4) expectativa de violação, se o website, perfil ou plataforma é crível; 5) autoconfirmação, se a mensagem confirma uma crença pessoal; 6) intenção persuasiva, se há fontes e outros mecanismos que sugerem credibilidade à mensagem. Sendo a familiaridade com a mensagem e com o emissor um dos fatores mais persuasivos.

Esses fatores são importantes, mas isoladamente são incapazes de explicar e descrever o porquê da aceitação e compartilhamento da desinformação. Aspectos que, segundo Pennycook e Rand (2021, p.393) não são necessariamente vinculados. Os pesquisadores apontam que a decisão de compartilhar o conteúdo não está associada à crença no conteúdo. O compartilhamento pode ser motivado por outros fatores como a intenção de reforçar uma posição política, obter um efeito futuro a uma agenda, para confundir as pessoas ou para tornar aquele conteúdo crível, apesar da consciência de sua inveracidade.

No artigo “Echo chambers and viral misinformation”, Tomberg (2018) propõe um modelo que, aplicado, aponta que a presença de câmaras de eco está associada à disseminação de desinformação. De acordo com o modelo apresentado, quando uma determinada desinformação é compartilhada dentro de uma câmara de eco, que é composta por usuários com opiniões semelhantes, essa informação pode ganhar força e se espalhar para outras pessoas fora da câmara através de conexões mais fracas, como amigos de amigos ou seguidores em redes sociais. Ou seja, a câmara de eco funciona como uma plataforma inicial para a disseminação da desinformação, que é posteriormente difundida em uma escala maior através de conexões mais fracas na rede. Dinâmica favorecida pela crise epistêmica que possui como uma das consequências a descentralização do poder de informar:

A mídia atual é menos organizada por meio de tomadas de decisão centralizadas e mais por meio de processos complexos em cascata, nos quais as notícias se

espalham como fogo selvagem pelas redes sociais através de conexões diretas entre produtores de notícias e consumidores - categorias entre as quais está se tornando cada vez mais difícil distinguir (TOMBERG, 2018, p.675).

Essa dinâmica cria uma complexa teia de conexões entre produtores de notícias e consumidores, dificultando a distinção entre essas categorias. Além disso, a velocidade e a intensidade com que as notícias são disseminadas nas redes sociais podem criar um efeito cascata difícil de controlar e conter. O autor usa a imagem de “milhões de usuários de smartphones impulsionados pela dopamina”¹² (TOMBERG, 2018, p.676) para ilustrar como as pessoas consomem notícias de forma impulsionada por recompensas imediatas.

A simples reunião de usuários que compartilham visões semelhantes pode ser suficiente para aumentar a disseminação de desinformação e rumores, uma vez que a homogeneidade da rede, ou seja, a presença de pessoas com opiniões semelhantes, aumenta a probabilidade de que a informação se espalhe rapidamente e alcance uma ampla audiência. A homofilia de rede também aumenta a viralidade, ou seja, a tendência de as informações se espalharem de forma rápida e ampla em grupos com características semelhantes. Isso sugere que a presença de câmaras de eco onde há pouca diversidade de opiniões e a prevalência de um viés de confirmação podem ser fatores importantes na disseminação de desinformação.

Os "filtros bolhas" algorítmicos não são os únicos responsáveis por moldar as notícias e perspectivas a que somos expostos nas redes sociais. A simples dinâmica de agrupamento social nas redes sociais também pode afetar a viralidade de um conteúdo online. Em outras palavras, quando as pessoas se agrupam em torno de ideias ou opiniões semelhantes nas redes sociais, isso pode criar um efeito de amplificação, que aumenta a viralidade de um conteúdo, mesmo que o algoritmo não esteja favorecendo diretamente esse conteúdo. Isso significa que a dinâmica social pode ser tão ou mais importante que os filtro bolhas algorítmicos na determinação da disseminação de informações e perspectivas nas redes sociais: “Não apenas os filtros bolhas algorítmicos afetam as notícias e perspectivas às quais somos expostos online, mas o simples fato das redes sociais permitirem uma dinâmica de agrupamento social pode alterar a dinâmica da viralidade online” (TOMBERG, 2018, p.683).

Em uma revisão crítica, Lelo (2022) distingue três abordagens distintas do campo emergente de estudos sobre desinformação: a epistemologia social, psicologia política e

¹²Tradução nossa. No original: “millions of dopamine-driven smartphone-users swiping through click-bait news on porcelain thrones.” (TOMBNERG, 2018, p.676)

estudos de plataforma. Os estudos no campo da epistemologia social abordam as supostas ameaças advindas da desinformação. Partindo da ideia de que mesmo declarações desprovidas de factualidade podem soar razoáveis quando massificamente compartilhadas. Segundo essa linha de pesquisa, as consequências mais alarmantes da desinformação são a nível macro, provocando a diminuição da confiança do público no que seriam “testemunhos legítimos” (LELO, 2022, p.6). De acordo com essa perspectiva, a desinformação polui o debate público, dificultando o funcionamento dos mecanismos de inteligência coletiva.

A psicologia social estuda os vieses cognitivos que tornam as pessoas mais suscetíveis à desinformação. Um dos pontos centrais é o “paradigma do raciocínio motivado” (NYHAN, 2020), que é a suscetibilidade humana a percepções errôneas que estejam de acordo com suas crenças, identidades ou atitudes. Entende-se como vieses cognitivo o partidarismo, questões sociais, raciais ou étnicas, por exemplo.

Já os estudos de plataforma se ocupam em entender como a desinformação se tornou viral nas plataformas digitais. Voltando-se ao estudo da infraestrutura financeira, a arquitetura das plataformas e as *affordances* das mídias sociais, como veremos ainda neste capítulo.

Lelo também aponta o que descreve como “virada comunicativa” nos estudos sobre desinformação baseado em um modelo praxiológico que se concentra nas condições que garantem que as mensagens de desinformação ganhem projeção na esfera pública, entendendo a desinformação como ações comunicativas. Segundo essa perspectiva, “o fenômeno não pode ser entendido como uma disfunção cognitiva, mas sim como um elemento intrínseco à condição humana - haja vista que normas sociais estabelecidas muitas vezes ressoam em mensagens enganosas” (LELO, 2022, p.10)

Segundo o modelo epistemológico de produção de conhecimento de Queré (1995), a informação é o que garante a “normalização” dos acontecimentos na experiência pública. “Os sujeitos socializam as informações para superarem os desafios colocados por um acontecimento e se situar em uma prática comunicativa em curso” (LELO, 2022, p.12).

Para os praxologistas, a confiança não se torna residual com a desinformação porque a confiança é necessária para organizar as experiências dos indivíduos. A relação primária entre humanos e seu ambiente epistêmico é atitudinal antes que relacional, ou seja, normalmente, as pessoas tendem a confiar em seus “instintos” para validar a veracidade de uma mensagem, antes mesmo de analisar criticamente seu conteúdo.

“Situações de desinformação”, segundo essa perspectiva, são aquelas que atendem a dois requisitos:

a) as histórias falsas e/ou enganosas ressoam com significados sociais estabelecidos, constituindo uma realidade comum entre os participantes da interação; b) são atendidas as condições de confiança, ou seja, a expectativa de comprometimento mútuo com uma prática comunicativa, segundo as mesmas regras constitutivas (LELO, 2022, p.15).

Como podemos ver, a desinformação é um fenômeno complexo que perpassa diferentes perspectivas. É impossível um entendimento amplo sobre este fenômeno que ignore aspectos infraestruturais de um ambiente que viabiliza o que chamamos de crise epistêmica, e aspectos psicológicos e sociais, que interferem na suscetibilidade individual.

2.4 Junk News e os efeitos da plataformização

Na perspectiva dos Estudos de Plataformas, Venturini (2019) questiona a ideia de que *fake news* resultam de operações psicológicas sofisticadas e defende que o fenômeno é resultado da utilização de técnicas computacionais e de processamento de dados para insuflar públicos mais sugestionáveis com mensagens persuasivas. Ele defende que a relação entre *fake news*, análises computacionais e intenções políticas não é direta, e que o ponto chave para o entendimento da desinformação é a sua forma de propagação e não a falsidade do conteúdo. O autor propõe o uso do termo “*junk news*” como componente de uma poluição viral que, assim como a *junk food* “são consumidas porque são viciantes, não porque são apreciadas” (VENTURINI, 2019, p.126).¹³

As “*junk news*” são perigosas não porque sejam falsas, mas porque saturam o debate público, deixando pouco espaço para outras discussões, reduzindo a riqueza do debate público e impedindo que histórias mais importantes sejam ouvidas (VENTURINI, 2019, p.126)¹⁴.

As *junk news* estão estritamente relacionadas às questões sociotécnicas das plataformas. Elas são produzidas para gerar *clicks* ou produzir engajamento sem que necessariamente haja uma intencionalidade política ou ideológica, a sua produção pode ser

¹³Tradução nossa. No original: “they are consumed because they are addictive, not because they are appreciated.” (VENTURNI, 2019, p.126)

¹⁴Tradução nossa. No original: “Junk news” is dangerous not because it is false, but because it saturates public debate, leaving little space to other discussions, reducing the richness of public debate and preventing more important stories from being heard. (VENTURINI, 2019, p.126)

motivada apenas pela possibilidade de geração de um retorno financeiro a partir da monetização de clicks ou engajamento nas plataformas. São prejudiciais porque poluem o debate público, ainda que não seja esta necessariamente a sua intencionalidade.

É o que podemos observar no estudo sobre as infraestruturas de desinformação sobre Covid-19 realizado por Alves (2021), que mostra como sites de hospedagem de vídeos são utilizados para reproduzir conteúdos de desinformação, que são divulgados de maneira orquestrada nas redes sociais, não necessariamente para favorecer grupos políticos de extrema-direita, mas para espalhar iscas para cliques de forma a gerar monetização para os portais.

O WhatsApp faz parte dessa rede de difusão de conteúdos, sendo um importante vetor no compartilhamento de desinformação, não só através do engajamento de usuários pelos aspectos mencionados acima, mas também pela apropriação das *affordances* da plataforma para o envio de mensagens em massa através do uso de *bots*, disparadores, e outras ferramentas que emulam o comportamento de usuários e automatizam o envio de mensagens.

É, portanto, difícil observar a circulação de desinformação no WhatsApp fora de uma perspectiva multiplataforma, uma vez que muitos dos conteúdos que circulam no WhatsApp são provenientes de outras redes como o Facebook, Youtube, Telegram, Tik Tok, Instagram, sites e portais.

Dentro de uma perspectiva multiplataforma, Gray, Bonegru e Venturini (2020) apresentam o conceito de “estranheza infraestrutural”, destacando que as relações entre a agência e as estruturas não são claras e as intencionalidades são ambíguas. O fenômeno das *fake news* vai além da problematização do conteúdo, do que é dito e da sua veracidade, mas parte também das condições técnicas e sociais que possibilitam que aquilo seja dito.

Os autores entendem que essa estranheza infraestrutural se manifesta no caráter de co-produção das relações sociais que resultam em “ambiguidades de agência” (Gray, Bonegru e Venturini, 2020:322-3), ou seja, incertezas se o conteúdo e as métricas de engajamento são gerados pelos próprios cidadãos ou de modo orquestrado, como o impulsionamento monetário, coordenação da ação, bots e fazendas de cliques. (ALVES, 2021, p.143)

Eles sugerem o estudo das cenografias da desinformação, tendo como base a noção de cenografias de Latour (2008) de forma a “elucidar as condições de produção e agências sociotécnicas que possibilitam as *fake news*”, (ALVES, 2021, p. 143). Os autores apontam três caminhos cenográficos possíveis: 1) a economia dos links e ranqueamento de conteúdo, ou seja, a análise de como os mecanismos de buscas ordenam e recomendam a desinformação; 2)

a economia de curtida e a metrificação do engajamento, analisando como as *affordances* e algoritmos das plataformas “premium” e monetizam determinados conteúdos pelos níveis de engajamento e como essas *affordances* podem ser manipuladas por estratégias de falsificação; e 3) mecanismos de rastreamento e comoditização da economia da atenção, analisando as indústrias globais de monetização de conteúdo falso (GRAY; BOUNEGRU; VENTURINI, 2020, p.334).

A fabricação do conteúdo que objetiva a viralidade, ainda que não se baseie em uma intencionalidade política ou ideológica, utiliza habilmente dos atalhos mentais para criar conteúdos com maior aderência a públicos específicos, que são amplificados por características das plataformas que favorecem a sua propagação.

De acordo com Kumar et al (2017, apud RECUERO, 2019, p.34), diferentes tipos de atores na rede podem influenciar o espelhamento de desinformação ou informações falsas. A disseminação de informações falsas pode ser influenciada por robôs (bots) e por usuários humanos altamente engajados que trabalham em conjunto para criar falsas percepções e consensos. As redes de bots são usadas para aumentar rapidamente a visibilidade de informações falsas e inflar o “status” de alguns usuários, o que faz com que essas informações pareçam críveis. Essas ações são realizadas para influenciar a opinião pública e manipular o consenso artificialmente.

Os trabalhos citados acima nos mostram como a desordem informacional é um fenômeno complexo, que passa pela lógica dos conteúdos, pelas relações sociais, mas também pelas características sociotécnicas das plataformas em suas cinco dimensões fundamentais: datificação e algoritmos, infraestrutura, modelos de negócio, governança, práticas e *affordances* (D’ANDREA, 2020).

2.5 Aproximações conceituais: processos de rumores e desinformação

Estudos sobre rumores também podem fornecer elementos que auxiliam no entendimento da desordem informacional enquanto um fenômeno multifacetado que pode ser observado por diferentes aspectos. Dourado (2022) descreve rumores como

relatos não-verificados que podem se revelar verdadeiros ou falsos, mas que são submetidos a distorções em série no âmbito de uma cadeia de transmissão que não se baseia na razão pública e na acurácia, mas em enviesamentos individuais independentes e sucessivos. (DOURADO, 2022, p.101)

Rumores fazem parte de um sistema de comunicação informal operado por indivíduos, são uma forma de comunicação que ocorre quando as pessoas se encontram em uma situação de incerteza ou ambiguidade e tentam obter informações que lhes permitam entender melhor o que está acontecendo. Quando as pessoas são confrontadas com uma situação incompreensível, ou que geram ansiedade ou desconforto, buscar informações adicionais pode ser uma forma de obter segurança e conforto. Essas informações adicionais muitas vezes não estão disponíveis ou não são claras, o que leva as pessoas a especular e formar hipóteses com base em suas próprias experiências, conhecimentos e crenças. Essas hipóteses e especulações são então compartilhadas com outras pessoas, resultando na propagação de rumores.

Para Dourado (2022), rumores só existem em circulação. E sua circulação é afetada por dois fatores: o grau de confiança na mensagem e o quanto o assunto tratado importa aos indivíduos. “A percepção de confiança na mensagem é orientada, principalmente, pela avaliação do sujeito sobre a precisão do relato, que, por sua vez, se relaciona com a apresentação de evidências sobre o evento narrado” (DOURADO, 2022, p.102). Se o relato é preciso e corresponde ao que ele interpreta como real, o receptor será mais propenso a confiar na mensagem. Além disso, quando as evidências são claras, sólidas e coerentes com a história apresentada, isso reforça a percepção de precisão e veracidade da mensagem.

O envolvimento dos indivíduos com o rumor, nesse sentido, pode ser entendido de acordo com a importância da questão em jogo (por exemplo, o perigo/a segurança que representa) e pela ambiguidade apresentada (sensação de incerteza sobre o que se passa), que são consubstanciadas pela ausência de notícias “autênticas” e/ou pela presença de notícias conflitantes (ALLPORT, POSTMAN, 1945, apud DOURADO, 2022 p.102-103).

O processo de circulação de rumores antecede - e muito - a discussão sobre *fake news* e desinformação. Em um ensaio publicado em 1921, o historiador Marc Bloch (1998) debate a difusão de notícias falsas durante a 1ª Guerra Mundial. Já nesta época, poucos anos após o fim do conflito, Bloch alertava para a urgência de “abrir uma investigação séria” sobre falsas notícias de guerra para evitar que os episódios registrados durante o período não se repetissem. Mas a urgência de Bloch não foi suficiente. Como ele chama a atenção, “as falsas notícias, em toda a multiplicidade das suas formas - simples boatos, imposturas, lendas - preenchem a vida da humanidade” (BLOCH, 1998, p.179).

A parte os exemplos se tratarem de rumores e boatos com a temática da guerra, o texto poderia ser facilmente adaptado ao debate atual sobre desordem informacional e *fake news*. Os paralelos são muitos e só nos mostram que, apesar de diferentes nos conteúdos e na forma

de disseminação que hoje se baseia principalmente nas redes sociais, boatos e rumores são fenômenos sociais e devem ser compreendidos como tal.

Para Bloch, a falsa notícia é fruto da psicologia coletiva. As falsas notícias da história,

nascerão porventura muitas vezes de observações individuais inexatas ou de testemunhos imperfeitos, mas este acidente original não é tudo; na verdade, só por si, nada explica. O erro só se propaga, só se amplia, só vive com uma condição: encontrar na sociedade em que se difunde um caldo de cultura favorável. Nele, inconscientemente, as pessoas exprimem os seus preconceitos, os seus ódios, os seus medos, todas as suas emoções fortes. Apenas grandes estados de alma coletivos têm o poder de transformar uma má percepção numa lenda (BLOCH, 1998, p.180).

Se, por um lado, a “falsa notícias de jornal” é um objeto fabricado, que almeja determinado fim, os boatos florescem da imaginação coletiva e emergem a partir de elementos culturais.

Para ilustrar o que chama de “psicologia do boato”, o autor relata um mesmo boato que se espalhou na França e na Grã-Bretanha em 1914, sobre o desembarque de militares russos em portos dos dois países, para se somarem às tropas dos Aliados Ocidentais. Com detalhes geográficos que divergiam, o mesmo boato percorreu os dois países. Observando as duas narrativas e se baseando também em outros estudos, Bloch aponta para uma origem semelhante: o desejo “apaixonado” de fortalecimento das tropas frente aos inimigos. A observação de alguns poucos militares reservistas russos em Liverpool foi suficiente para que o boato surgisse. Foi o gatilho para o boato, que encontrou terreno fértil na população que viu nessa história, a confirmação de um desejo comum. Para ele, na origem dessas notícias falsas vamos encontrar sempre uma “alma coletiva”. Notícias falsas que podem parecer absurdas ao analista mais crítico, apenas se proliferam porque reúnem elementos que já estão presentes no imaginário coletivo, que reforçam preconceitos e crenças já estabelecidos.

Uma falsa notícia nasce sempre de representações coletivas que preexistem ao seu nascimento; só na aparência é fortuita, ou, mais precisamente, tudo o que em si tem de fortuito é o incidente inicial, absolutamente um qualquer, que desencadeia o trabalho das imaginações, mas esta agitação só tem lugar porque as imaginações estão já preparadas e fermentam surdamente (BLOCH, 1998, p.191).

Outro aspecto importante seria a vulnerabilidade, o envolvimento emocional, que enfraquece o senso crítico e a “dúvida metódica”: “a emoção e a fadiga destroem o sentido crítico” (BLOCH, 1998, p.192). No exemplo usado pelo autor, os soldados e a população em geral estavam tão absortos e fatigados pela guerra que o auxílio de soldados russos como algo

que poderia favorecê-los se tornava mais plausível, tamanha era a vontade geral de que tal fato viesse a se concretizar.

Bloch também aponta o papel da censura, que diminui a credibilidade nas notícias “oficiais”, assim como observamos hoje o enfraquecimento da credibilidade da imprensa e das instituições democráticas como balizadores das informações, resultado da crise epistêmica contemporânea. Segundo ele, durante a guerra, a percepção que se tinha de que muitas informações eram censuradas ou distorcidas, tornava quase tudo o que não era noticiado factível porque o fato de não ter sido noticiado não era balizador de sua relevância ou veracidade. Essa ideia de que “estão tentando nos esconder algo” está no cerne de muitas das narrativas conspiratórias, que ajudam a tornar o clima mais propício para a difusão dessas notícias falsas.

Outro ponto apontado por Bloch (1998) é que, segundo o autor, “as falsas notícias só nascem onde puderem encontrar-se homens vindos de grupos diferentes”. Usando o exemplo dos soldados na guerra, Bloch aponta que o fato de estarem em grupos isolados tornava as informações falsas mais factíveis. “Os indivíduos, é certo, não viviam sozinhos; mas estavam divididos em pequenas frações muito separadas umas das outras” (BLOCH, 1998, p.192). O mesmo podemos observar na formação de *clusters* e câmaras de eco. As pessoas tendem a se organizar em grupos de interesses e visões de mundo em comum, ficando cada vez mais distante de outros grupos.

Para que a informação circulasse de um grupo a outro era também necessário um espaço de interlocução, no contexto observado por ele, esse espaço eram as cozinhas. Onde os interlocutores desses diferentes grupos se encontravam e a partir de onde as notícias se difundiam: “A ‘ágora’ deste pequeno mundo das trincheiras foram as cozinhas. Aí, uma ou duas vezes por dia, os fornecedores vindos de diferentes pontos encontravam-se e conversavam entre si ou com os cozinheiros” (ibidem, p.193). Se antes a “ágora” era a cozinha, agora são as mídias sociais os pontos de encontro, conectando esses grupos e indivíduos e se configurando como o constructo técnico por onde a desinformação circula.

Bloch também discorre sobre como a credibilidade do narrador influencia na difusão da notícia falsa. Por fim, o autor afirma que seguir as “peregrinações” dessas lendas é instrutivo para entendermos mais do que o seu contexto, mas também esse arcabouço coletivo e cultural. “Vimos, é certo, algumas lendas dotadas de uma vitalidade muito forte atravessarem os mais diversos grupos sociais; mas, a cada passagem, coloriam-se de tons novos. Nada seria mais instrutivo do que seguir suas peregrinações” (ibidem, p.194). É o que buscamos fazer neste trabalho através da utilização da Cartografia das Controvérsias.

Se a difusão de notícias falsas não é um fenômeno novo, como Bloch nos leva a observar, os conceitos abordados por ele podem ser relacionados ao que observamos hoje na desordem informacional. Apesar das familiaridades, Dourado (2022) aponta que, por mais que os fenômenos possam estar relacionados, eles não são correspondentes, fundamentalmente porque a desinformação é, para ela, um fenômeno que é essencialmente fruto dos modos de produção e difusão digitais. *Fake news* surgem de controvérsias online, mas “são produtos finais de climas de opinião hostil e processos de rumores” (DOURADO, 2022, p. 106). Dessa forma, um rumor não se desdobra necessariamente em uma *fake news*. A diferença entre o rumor e *fake news* está no fato de que um “rumor, enquanto relato não-verificado, pode se revelar verdadeiro ou falso”, já as “*fake news* são, antes de tudo, informações completa e objetivamente falsas” (DOURADO, 2022, p.108).

Segundo a autora, *fake news* possuem uma intencionalidade, pelo menos por parte do emissor originário. Vale destacar que essa intencionalidade não é necessariamente a intencionalidade de enganar, distorcer ou confundir coletiva ou individualmente, a intencionalidade pode estar direcionada à circulação, com o objetivo de provocar reações que gerem engajamento e façam o conteúdo circular com objetivo de ganho financeiro, como é o caso dos *clickbaits*.

O limiar entre o rumor e a peça de *fake news* é que a evidência é necessariamente forjada e que a matéria de discussão não é apresentada por meio de opiniões, distorções e pseudofatos frutos de imagens mentais sobre uma situação que não presenciou (LIPPMANN, 2008), mas projeta uma narrativa que comunica uma ideia de fato, uma novidade que precisa ser noticiada, algo concreto que precisa ser conhecido. Nas *fake news*, a comunicação não é ambígua, portanto, e sim se pretende factual (DOURADO, 2022, p. 109).

Apesar das diferenças conceituais, rumores e *fake news* são formas de comunicação que apresentam um potencial político nocivo, já que, no entendimento de Dourado (2022), a disseminação de informações incorretas ou mal-intencionadas pode levar a uma distorção da percepção da realidade e da compreensão dos fatos, afetando a formação da opinião pública. Esses fenômenos podem intensificar conflitos sociais e políticos, tensões e polarizações, levando a desarranjos democráticos.

3 DESINFORMAÇÃO E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

3.1 Crise epistêmica brasileira e o poder judiciário

A vitória de Jair Messias Bolsonaro em 2018 tem sido descrita como um ponto de virada na política brasileira. Vitória atribuída por muitos à desordem informacional e às mídias digitais. Esses elementos foram considerados alguns dos responsáveis pela eleição de um presidente de extrema-direita, que adota um discurso autoritário e manifesta desinteresse pelo conhecimento científico ou pelos fatos jornalísticos. Sua eleição representou uma mudança significativa na jovem democracia brasileira, onde até então a estrutura partidária, a moderação e a conquista do centro através da exposição dos candidatos na televisão eram consideradas essenciais para o sucesso no pleito majoritário federal.

A desordem informacional é um dos fatores que contribuiu para a construção desse cenário, parte de um fenômeno mais severo de disfunção das instituições e da democracia no Brasil, efeitos de uma crise que também foi acelerada e agravada pela plataformização da comunicação política e a interferência algorítmica das mídias digitais.

Em sua tese de doutorado, Marcelo Alves dos Santos Júnior (ALVES, 2019) descreve os fatores que ele classifica como a base teórica da deterioração democrática brasileira como a elite política e o sistema judiciário que, além de não fornecerem mecanismos de proteção suficientes aos avanços autoritários no Brasil, também

contribuíram decisivamente com a criminalização da política pela cassação discricionária da soberania do voto popular e a instalação de um regime de justiça de exceção que eliminou garantias individuais em nome do combate à corrupção (ALVES, 2019, p.95).

O autor chama a atenção para alguns fatores endógenos desta crise, que dizem respeito ao papel das instituições na deslegitimação da democracia, entre eles, o declínio e as mudanças no mercado brasileiro de notícias. Ainda que pesquisas apontem que os veículos de comunicação de massa são vistos como as fontes de notícias mais confiáveis (NEUMANN et al., 2018), a confiança em informações compartilhadas nas plataformas de mídias sociais é crescente. Relatório do Instituto Reuters divulgado em setembro de 2022¹⁵ apontou um elevado grau de confiança em notícias acessadas via mídias digitais como WhatsApp (53%),

¹⁵ Maioria dos brasileiros confia em notícias via WhatsApp, diz estudo. Folha de São Paulo, 22 set.2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/maioria-dos-brasileiros-confia-em-noticias-via-WhatsApp-diz-estudo.shtml>> Acesso em: mai.2023.

Google (57%), *YouTube* (46%), *Facebook* (40%) e *Instagram* (39%). Cenário que se consolida a partir da primeira década deste milênio, com o declínio da imprensa tradicional e o aumento do consumo informacional através das mídias sociais.

Ainda que uma tendência não tenha substituído a outra de forma causal, esses elementos demonstram uma dieta noticiosa mais heterogênea do que anteriormente, em que o jornalismo das empresas midiáticas convive com notícias e opiniões de outros veículos ou redes de comentaristas/blogueiros que amplificam, alteram ou repropõem a agenda e os enquadramentos (ALDÉ et al., 2007; MERAZ, 2011; PRUDÊNCIO e LEITE, 2013; ALVES, 2017, apud ALVES, 2019, p.97).

O enfraquecimento da imprensa tradicional se deve em parte à plataformização, mas também, como explica Alves (2019), às relações do sistema midiático brasileiro com a elite política. O “ativismo político da imprensa” pode ser observado na forma como os veículos de comunicação cobrem os eventos políticos e expressam opiniões que são dirigidas a atores partidários específicos. Nesse contexto, o antipetismo¹⁶ emerge como um elemento importante para compreender a crise política que afetou o Brasil, influenciado pela cobertura jornalística no país.

As falhas na prática jornalística ocorrem, segundo Alves (2019), de duas formas principais. A primeira quando os critérios de noticiabilidade, que são as características que tornam uma notícia interessante e relevante para o público, são utilizados como ferramentas por grupos políticos para alimentar a polarização política e a "guerra cultural". Ou seja, esses grupos instrumentalizam as notícias para fortalecer seus próprios interesses políticos.

A segunda forma ocorre quando a cobertura jornalística de um determinado evento ou assunto gera um "efeito cascata". Assim, outras mídias e veículos de comunicação reproduzem o enquadramento e a apuração inicial de baixa qualidade ou privilegiam enquadramentos cínicos e sensacionalistas, sem fazer uma análise crítica mais aprofundada ou investigação rigorosa dos fatos. Isso pode levar a um efeito de massificação desses enquadramentos e apurações de baixa qualidade, o que pode afetar negativamente a percepção pública sobre um determinado assunto ou evento.

O autor argumenta que a ampla divulgação de escândalos de corrupção, a piora da economia e o surgimento de um perfil ideológico de direita foram fatores que contribuíram

¹⁶“O antipetismo é definido como um sentimento partidário negativo em relação ao Partido dos Trabalhadores, ou seja, uma forma de identidade política que se configura pela exclusão e oposição a um partido em especial, influenciando fortemente a decisão do voto” (MEDEIROS e NOEL, 2014, apud ALVES, 2019, p.103).

para gerar sentimentos de insatisfação e revolta na população brasileira. Esses sentimentos teriam alimentado o engajamento de apoiadores de Jair Bolsonaro.

Além disso, a confiança na mídia seria um fator importante para influenciar as percepções públicas. “Quando os índices de credibilidade são baixos, as pessoas tendem a buscar fontes alternativas” (TSAFATI e CAPELLA, 2003; JAKOB, 2010, apud ALVES, 2019, p. 111). No Brasil, a desconfiança em relação à elite midiática levou à criação de projetos midiativistas, como a blogosfera progressista. Já a percepção da mídia como hostil ou opositora, aliada ao realinhamento das direitas brasileiras, criou demandas por iniciativas de comunicação partidárias ou de viés confirmatório. Em outras palavras, quando as pessoas não confiam na mídia tradicional, elas tendem a buscar fontes de informação que confirmem suas próprias crenças e ideologias.

Para Alves (2019), a causa raiz da crise institucional é a própria forma como as instituições funcionam, e não apenas a maneira como os governos são formados ou as políticas são implementadas. Esse estado de disfuncionalidade, segundo o autor, pode levar a ações que prejudicam a estabilidade e o funcionamento adequado das instituições, o que por sua vez contribui para a crise institucional.

A judicialização da política é um fenômeno que se relaciona com este cenário. O termo se refere à crescente intervenção do Poder Judiciário nas questões políticas e legislativas, o que pode ser visto como uma mudança no papel tradicionalmente atribuído aos tribunais em uma democracia. Essa intervenção pode ocorrer por meio de ações diretas de inconstitucionalidade, recursos, decisões liminares, entre outros instrumentos judiciais. Segundo o pesquisador Joaquim Falcão (2007), a judicialização da política pode ser entendida como um processo de ressignificação dos poderes e papéis dos órgãos estatais, em que a justiça ganha uma posição central na definição das políticas públicas. Já para o pesquisador José Eduardo Faria (2011), esse fenômeno ocorre em um contexto de crise de representatividade e legitimação das instituições políticas.

No Brasil, a judicialização da política tem sido um tema recorrente nos últimos anos, com alguns exemplos marcantes. Um deles é o julgamento do mensalão pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2012, que levou a uma ampla discussão sobre o papel da justiça na política e suas consequências para a democracia brasileira.

O julgamento do Mensalão é, segundo Alves (2019), um marco importante na deterioração das convenções e instituições democráticas que se aprofundaram ainda mais com a Operação Lava-Jato. Ambos os fenômenos têm a imprensa e o Poder Judiciário como atores importantes. Alves (2019, p.109) chama a atenção para a cobertura da imprensa sobre o

Mensalão e o enquadramento predominante de “moralização da política e responsabilização direta das lideranças petistas (...), sem abordar problemas estruturais da democracia representativa e do financiamento de campanha”. Esse enquadramento tem potenciais impactos sobre a confiança na democracia, junto à “presunção de culpabilidade”, o oportunismo midiático e a pressão da opinião pública sobre o sistema de Justiça.

O escândalo do Mensalão conferiu ainda um papel de destaque ao Supremo Tribunal Federal (STF). A atuação do STF foi vista como um símbolo do fim da impunidade e da responsabilização dos políticos pelos malfeitos na administração pública. Com o julgamento, a Corte assumiu um papel importante como ator político, arbitrou e interferiu nas disputas entre os poderes, tornando-se visível perante a opinião pública.

A imprensa também teve um papel importante nesse processo, ao criar uma dramatização do escândalo político, construindo uma imagem de herói para o relator Joaquim Barbosa, que foi visto como um combatente da corrupção, enquanto os opositores da condenação, como Ricardo Lewandowski, receberam atributos negativos, criando uma narrativa maniqueísta de juízes mocinhos e vilões (ARAÚJO, 2017; GOBBI e ALVES, 2017, apud ALVES, 2019, p.109).

A Operação Lava-Jato, que teve início em 2014, escalou esses enquadramentos maniqueístas envolvendo o Poder Judiciário. Juízes e promotores eram apresentados como heróis, engajados em uma cruzada moral contra a corrupção, enquanto políticos e empresários eram retratados como vilões. Esse enquadramento deixava de lado questões importantes como a legalidade dos métodos utilizados pelos investigadores, incluindo as conduções coercitivas, as prisões preventivas prolongadas, a manipulação de delatores e os vazamentos seletivos de informações para a mídia. Além disso, movimentos de rua organizados pressionavam os ministros do STF, inclusive com pedidos de impeachment, de acordo com o resultado das votações (FONTES et al., 2017, p. 262).

Um exemplo é a imagem construída em torno do juiz Sérgio Moro, que foi apresentado como um herói nacional pela mídia e pela opinião pública. Sua atuação foi vista como fundamental para o sucesso da Lava-Jato e para o combate à corrupção no país. No entanto, críticas sobre a legalidade dos métodos utilizados por ele e por outros investigadores, como a condução coercitiva do ex-presidente Lula em março de 2016, foram ignoradas ou minimizadas na cobertura midiática. A partir de 2019, as conversas vazadas entre Moro e

procuradores da Lava-Jato, divulgadas pelo site The Intercept Brasil¹⁷ e outros veículos de imprensa, levantaram novas questões sobre a atuação do juiz e dos investigadores, que teriam combinado estratégias e interferido no processo judicial de forma ilegal.

As eleições de 2022 reforçaram o protagonismo partilhado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e STF na agenda eleitoral (MARONA, MARCHETTI, KEERCHE, 2022). Segundo os autores, o nosso modelo de governança eleitoral conferiu à autoridade judicial a possibilidade de “atuar quase como um legislador”. Parcela significativa das transformações de reacomodação dos partidos e dos atores políticos foram consideradas “consequência de uma postura ativista - e reformista - por parte dos ministros do STF e TSE”¹⁸.

A eleição de 2022 foi o pleito com o maior número de processos recebidos pelo TSE, presidido então pelo ministro Alexandre de Moraes. Segundo levantamento do jornal O Globo¹⁹, a Corte recebeu 1.022 processos no período, 64% a mais do que os 623 registrados no pleito de 2018. O TSE e seus ministros estiveram no centro de algumas das principais controvérsias do período eleitoral.

No dia 24 de outubro de 2022, por exemplo, a equipe de campanha do candidato à reeleição Jair Bolsonaro entrou com um processo no Tribunal Superior Eleitoral (TSE)²⁰ alegando que rádios do Norte e Nordeste do país não veicularam todas as inserções a que o candidato teria direito. Essa medida teria sido tomada após denúncias de apoiadores de Bolsonaro nas redes sociais. No entanto, o presidente do TSE, Alexandre de Moraes, negou o pleito da campanha de Bolsonaro, alegando que as regras foram cumpridas e que não havia evidências suficientes para abrir uma investigação. Em vez disso, Moraes determinou a instauração de um procedimento para apurar se houve desvio de finalidade do fundo partidário pelo Partido Liberal (PL), que apoiava a campanha do presidente e foi autor da ação, bem como a ocorrência de crimes eleitorais.

¹⁷ Leia todas as reportagens que o Intercept e parceiros produziram para a Vaza Jato. The Intercept Brasil, 20 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>>

¹⁸ MARONA, M., MARCHETTI, V., KERCHER, F. O que está em jogo nas eleições 2022: O Poder Judiciário. Nexo Jornal, 21 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2022/O-que-est%C3%A1-em-jogo-nas-eleic%C3%A7%C3%B5es-2022-o-Poder-Judici%C3%A1rio>> Acesso em: 15 mai. 2023.

¹⁹ SHINOHARA, G., MUNIZ, M. Eleições 2022: volume de ações cresce 64% e leva TSE ao centro da batalha eleitoral. O Globo, 30 out. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/eleicoes-2022-volume-de-acoes-cresce-64percent-e-leva-tse-ao-centro-da-batalha-eleitoral.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2023.

²⁰ TAVARES, B. et al. Moraes nega pedido para investigar inserções nas rádios e diz que campanha de Bolsonaro pode ter agido para ‘tumultuar’ as eleições. G1, 26 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/26/moraes-indefere-pedido-da-campanha-de-bolsonaro-sobre-insercoes-em-radios.ghtml>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Outros episódios que ganharam relevância no debate público foram os pedidos de remoção de conteúdos de ambas as campanhas durante o 2º turno²¹. Como conteúdos relacionados ao episódio envolvendo o presidente Jair Bolsonaro e meninas venezuelanas por “grave descontextualização” e associação à pedofilia²²; a suspensão da veiculação de propaganda eleitoral do PT relacionando Bolsonaro à prática de canibalismo com a exibição de um vídeo em que ele diz que “comeria um índio”²³; a retirada de postagens sobre o suposto apoio do líder do PCC a Lula²⁴, associando-o à organização criminosa; a retirada do vídeo²⁵ do então vereador Nikolas Ferreira (PL-MG) atribuindo a Lula incentivo ao uso de drogas por crianças e fechamento de igrejas. Esses são apenas alguns exemplos de decisões judiciais relativas ao período eleitoral que foram centro de controvérsias nas redes sociais, mobilizando atores de diferentes setores e eixos polarizados. Alguns deles aparecem nos conteúdos compartilhados em grupos de WhatsApp que analisaremos adiante.

É relevante destacar que este trabalho não propõe debater a judicialização da política, a atuação do Poder Judiciário ou os enquadramentos midiáticos conferidos a estes atores. No entanto, esses debates se relacionam ao nosso corpus de análise. Nos cabe debater a desordem informacional sobre o tema. Essa contextualização nos ajuda a entender a relevância de tal temática, como ela se insere no contexto político eleitoral de 2022, contribuindo para a nossa análise.

3.2 Eleições 2022: guerra contra as *fake news*

Questionamentos sobre a segurança e idoneidade do processo eleitoral brasileiro também se tornaram comuns no Brasil nos últimos anos. A associação dos termos “eleições”

²¹ MARONA, M., MARCHETTI, V., KERCHÉ, F. O que está em jogo nas eleições 2022: O Poder Judiciário. Nexo Jornal, 21 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2022/O-que-est%C3%A1-em-jogo-nas-ele%C3%A7%C3%B5es-2022-o-Poder-Judici%C3%A1rio>> Acesso em: 15 mai. 2023.

²² BENEVIDES, G. TSE manda PT remover novo vídeo que liga Bolsonaro à pedofilia. Poder 360, 24 out. 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/tse-manda-pt-remover-novo-video-que-liga-bolsonaro-a-pedofilia/>> Acesso em: 15 mai. 2023.

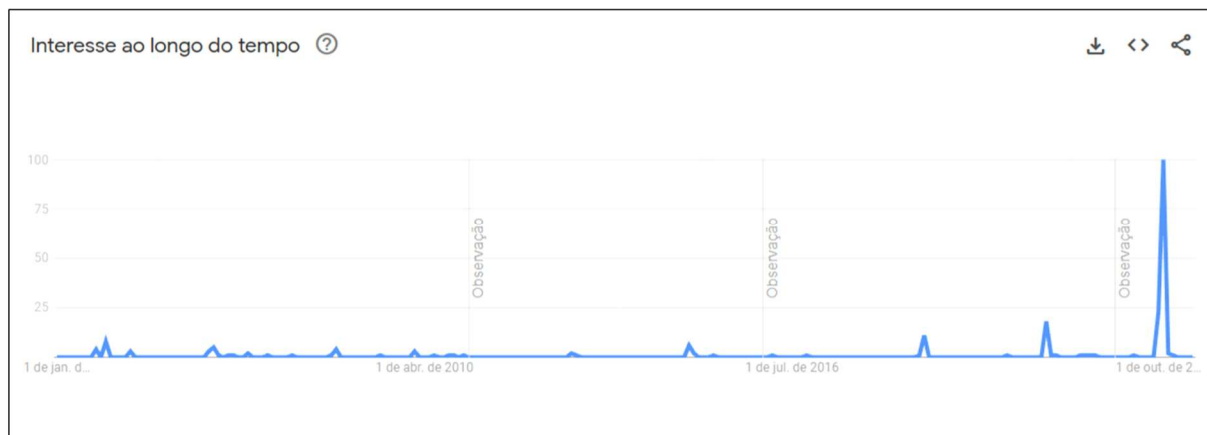
²³ COELHO, G., INOUE, G. TSE mantém decisão de suspender propaganda do PT que liga Bolsonaro ao canibalismo. CNN Brasil, 13 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-mantem-decisao-de-suspender-propaganda-do-pt-que-liga-bolsonaro-ao-canibalismo/>> Acesso em: 15 mai. 2023.

²⁴ NETTO, P. TSE multa Bolsonaro e determina exclusão de posts que ligam Lula ao PCC. UOL Notícias, 01 set. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/01/tse-multa-bolsonaro-e-determina-exclusao-de-posts-que-ligam-lula-ao-pcc.htm>> Acesso em: 15 mai. 2023.

²⁵ SIMÕES, E. TSE manda redes removerem vídeo de Nikolas Ferreira com alegações falsas contra Lula. UOL Notícias, 11 out. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/10/11/tse-manda-redes-removerem-video-de-nikolas-ferreira-com-alegacoes-falsas-contralula.htm>> Acesso em: 15 mai. 2023.

e “fraude” teve picos de relevância²⁶ no mecanismo de buscas *Google Trends* crescente nas últimas eleições. O gráfico 3 mostra o interesse nos termos de pesquisa mencionados durante o período de 01/01/2004 a 31/12/2022, listados para melhor visualização na Tabela 1:

Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo dos termos “eleições” e “fraude em associação no mecanismo de buscas do *Google*”



Fonte: Elaborado pela autora com uso da ferramenta do *Google Trends* (2023).

Tabela 1 - Picos de maior relevância dos termos “eleições” e “fraude” em associação no mecanismo de buscas do *Google*

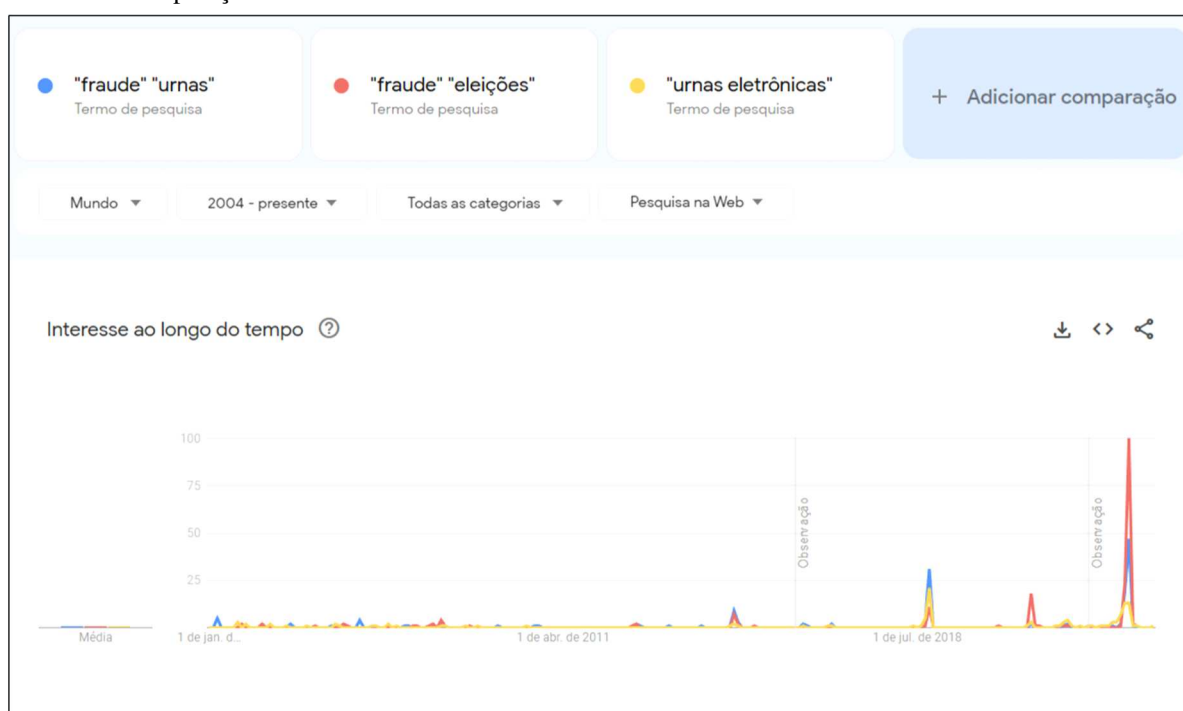
PERÍODO	INTERESSE
setembro/2004	4
novembro/2004	8
abril/2005	3
setembro/2006	5
outubro/2008	4
fevereiro/2010	3
outubro/2012	2
outubro/2014	6
outubro/2018	11
novembro/2020	18
novembro/2022	100

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

²⁶Segundo a plataforma *Google Trends*: “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.” Disponível em: <<https://trends.Google.com.br/home>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Nota-se um crescente interesse nos termos coincidindo com os períodos eleitorais. Também observamos que entre junho e setembro de 2021 o índice de interesse se manteve constantemente em 1%, demonstrando que o interesse em buscas sobre os termos precedeu o período eleitoral de 2022. Ao comparar três conjuntos de buscas contendo os termos a) “fraude” e “eleições”; b) “fraude” e “urnas”; c) “urnas eletrônicas²⁷”, observamos que os picos de relevância também se sobrepõem (Gráfico 4) nos períodos destacados anteriormente (Tabela 1).

Gráfico 4 - Comparação entre o interesse nos termos de busca



Fonte: Elaborado pela autora com uso da ferramenta do *Google Trends* (2023).

O interesse crescente na busca pelos termos pode nos indicar um maior interesse ou curiosidade dos usuários das plataformas de busca, motivados pelo período eleitoral e/ou por fatores externos, como o aumento dos questionamentos de figuras públicas e ações judiciais. A título de exemplo, listamos alguns deles.

²⁷A urna eletrônica é utilizada no Brasil desde 1996 e já passou por doze modelos diferentes, sendo o mais recente a UE 2020. Para as eleições gerais de 2022, em que foram escolhidos presidente, governadores, senadores, deputados federais e estaduais, foram disponibilizadas 577.125 urnas eletrônicas em todo o país, das quais 225 mil (39%) eram do novo modelo de 2020. Além disso, o sistema eletrônico de votação no Brasil conta com diversas medidas para garantir a segurança e transparência do processo. São realizadas auditorias pré e pós-eleitorais, bem como auditoria do código fonte. A assinatura digital, a publicação de códigos de integridade e lacração do equipamento, a lacração física das urnas, a identificação biométrica dos eleitores, a geração e registro de transações em cada urna e o Registro Digital do Voto são outras medidas adotadas para garantir a transparência e confiabilidade do processo eleitoral (MOE/OEA, 2022).

Em 2014, o candidato derrotado nas eleições presidenciais, Aécio Neves (PSDB), ingressou no TSE com um pedido de auditoria sobre o resultado das eleições²⁸, segundo divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral no portal Fato ou Boato²⁹, técnicos do PSDB e do TSE analisaram a curva de desempenho dos dois candidatos ao longo da apuração e constataram que as grandes variações no início da totalização dos votos, que teriam motivado os questionamentos, foram causadas pelo aumento dos votos apurados. À medida que os votos dos estados do Norte e do Nordeste, onde Dilma Rousseff obteve uma ampla vitória, foram sendo computados, o resultado mudou e acabou consolidando-se em uma vitória apertada para a candidata do PT, com uma diferença de apenas 3,28% dos votos. No entanto, a ação impetrada pelo PSDB em 2014 foi usada seguidamente como argumento contra a idoneidade das urnas eletrônicas.

Em entrevista à TV Bandeirantes, em setembro de 2018,³⁰ o então candidato à presidência Jair Bolsonaro questionou a segurança das urnas eletrônicas sugerindo que poderia haver fraude nas eleições. Ele afirmou que só aceitaria o resultado caso fosse eleito e que a única forma de evitar fraudes seria com o voto impresso, retomando a pauta que ele mesmo havia levantado em 2015 no Congresso Nacional³¹, quando apresentou uma emenda à minirreforma eleitoral para que houvesse voto impresso. Aprovada no Congresso, a medida foi considerada inconstitucional pelo STF em 2018, mas a intenção da implementação do voto impresso no Brasil foi retomada por Bolsonaro e outras figuras políticas inúmeras vezes.

Durante o 2º turno das eleições presidenciais de 2018, pesquisadores identificaram uma série de boatos e informações falsas. Entre eles, Recuero (2020, p.390) cita “estudos” que indicariam a possibilidade de fraude nas eleições; a fabricação de urnas eletrônicas na Venezuela que seriam utilizadas para favorecer o Partido dos Trabalhadores (PT), “boato que persistiu na mídia social mesmo após ser desmentido por inúmeros sites de *fact-checking* e pela mídia tradicional. Essa desinformação ganhou força e foi espalhada principalmente a partir de canais da mídia social” (RECUERO, 2020, p.390).

²⁸RIZÉRIO, L. PSDB, de Aécio, pede auditoria especial do resultado das eleições ao TSE. InfoMoney, 30 out. 2014. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/politica/psdb-de-aecio-pede-auditoria-especial-do-resultado-das-eleicoes-ao-tse>> Acesso em: 10 de mai.2023.

²⁹Fato ou boato: é falso que a urna eletrônica foi fraudada em 2014. Tribunal Superior Eleitoral, 15 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Julho/fato-ou-boato-e-falso-que-a-urna-eletronica-foi-fraudada-em-2014>> Acesso em: 10 de mai.2023.

³⁰Bolsonaro diz: ‘Não aceito resultado das eleições diferente da minha eleição’. G1, 28 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/09/28/bolsonaro-diz-que-nao-aceitara-resultado-diferente-do-que-seja-a-minha-eleicao.ghtml>> Acesso em: 10 de mai.2023.

³¹VENAGLIA, G. Pauta antiga de Bolsonaro, voto impresso retorna ao debate de olho em 2022. CNN Brasil, 13 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pauta-antiga-de-bolsonaro-voto-impresso-retorna-ao-debate-de-olho-em-2022/>> Acesso em: 10 de mai.2023.

Mesmo depois de eleito, Bolsonaro questionou a integridade das urnas e defendeu o voto impresso em diversas ocasiões. Nas eleições municipais de 2020, discursos sobre fraude nas urnas e farsa eleitoral foram abundantes nas redes sociais. Dourado (et al. 2020) analisou publicações sobre o tema no período eleitoral de 2020 no Facebook, Youtube e Twitter. A pesquisa identificou que os conteúdos com maior engajamento transitaram do Twitter para o Facebook e, em grande maioria, foram produzidos por atores relevantes como influenciadores digitais, jornalistas, políticos e a mídia conservadora da direita. Os temas mais abordados dentro deste escopo foram o voto impresso (35,6%), Estados Unidos (26,47%), repercutindo a reivindicação de fraude na corrida presidencial do país, atraso no primeiro turno das eleições (20,59%), processo eleitoral (10,29%) e ataque cibernético (7,35%). A pesquisa também identificou que 88% das publicações analisadas poderiam ser classificadas como de caráter conspiratório.

Em 5 de agosto de 2021, a Câmara dos Deputados votou o projeto de lei que instituíria a impressão de votos nas eleições³². O projeto de lei foi amplamente divulgado na mídia e gerou muita controvérsia e debate no país. A proposta foi rejeitada pela maioria dos deputados, com 229 votos contrários e 218 votos favoráveis. A rejeição do projeto ocorreu em meio a fortes críticas de especialistas em segurança da informação, organizações da sociedade civil e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que argumentaram que a impressão do voto poderia abrir espaço para fraudes e comprometer o sigilo do voto.

O resultado da votação gerou reações divergentes entre parlamentares e apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, que havia defendido publicamente a adoção do voto impresso. Mesmo após a derrota, o então presidente voltou a criticar o TSE e disse que, sem prova, a eleição de 2022 não seria confiável³³, mantendo aquecida a controvérsia sobre a idoneidade das eleições e das urnas eletrônicas. Desconfiança que pôde ser observada no contexto da desordem informacional observadas por esta pesquisa.

A deslegitimação do Poder Judiciário como mediador do processo eleitoral e a desconfiança sobre o processo de votação são parte de um contexto de desordem informacional que se tornou comum na política brasileira, aumentando em consonância com a radicalização da conjuntura política que foi escalando a partir das “jornadas” de junho de

³²SCHREIBER, M. Voto impresso é derrotado na Câmara em placar equilibrado. BBC News Brasil, 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58168038>> Acesso em: 10 de mai.2023.

³³MAZUI, G. Após derrota do voto impresso, Bolsonaro volta a criticar TSE e diz, sem prova, que eleição de 2022 não será confiável. G1, 11 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/11/apos-derrota-do-voto-impresso-bolsonaro-volta-a-criticar-tse-diz-sem-prova-que-eleicao-de-2022-nao-sera-confiavel.ghtml>> Acesso em: 10 de mai.2023.

2013 (DOURADO, 2020) e das eleições de 2014. Em 2018, a desinformação teve um papel importante no pleito e na radicalização política, entre outros aspectos, com o uso de ferramentas de disparo em massa financiadas de maneira ilegal por empresários para difundir informações falsas que beneficiariam o candidato eleito, Jair Bolsonaro³⁴.

A desinformação, ainda que nem sempre possua uma intencionalidade direta, é utilizada como método de campanha, direta ou indiretamente, não apenas beneficiando um candidato em decorrência dos ataques ao outro, mas criando “lastros de veracidade” que possam justificar o acionamento de um arsenal de narrativas, valores e universos simbólicos compartilhados, sempre que oportuno.

Não foi diferente em 2022. Ações do Tribunal Superior Eleitoral³⁵ para coibir e punir difusores de desinformação foram insuficientes para conter a prática. Segundo o TSE, nas 36 horas antes do 2º turno das eleições em 2022, foram retiradas do ar 700 URLs que continham discurso de ódio, notícias fraudulentas e desinformação ao eleitor³⁶. Número incipiente perto da quantidade de conteúdos que circulam nas redes sem que haja regulação ou transparência adequadas, debate que passa, como muitos especialistas apontam, pela regulamentação das plataformas.

Segundo registrado pelo Informe Preliminar da Missão de Observação Eleitoral da Organização dos Estados Americanos (MOE/OEA, 2022)³⁷, o TSE determinou a suspensão ou remoção de propagandas e mensagens em pelo menos 80 casos, devido ao conteúdo difamatório ou informações descontextualizadas ou falsas sobre candidatos e instituições. Isso levou o Tribunal a aprovar por unanimidade no dia 20 de outubro de 2022, uma resolução para combater a desinformação que, segundo o órgão, comprometia a integridade do processo eleitoral³⁸. A decisão concedeu ao tribunal a autoridade para solicitar imediatamente e de

³⁴Inquérito aponta cinco supostos financiadores de esquema de *Fake news* e ataques a autoridades. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/inquerito-aponta-cinco-supostos-financiadores-de-esquema-de-fake-news-e-ataques-a-autoridades.ghtml>>. Acesso em: 10 de mai.2023.

³⁵Programa de enfrentamento à desinformação do TSE tem mais de 150 parcerias. TSE, 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/programa-de-enfrentamento-a-desinformacao-do-tse-tem-mais-de-150-parcerias-659181>> Acesso em: 10 de mai.2023.

³⁶Fakenews nas eleições mudaram o debate público, avaliam especialistas. Correio Brasiliense, 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2022/11/5051190-fake-news-nas-eleicoes-mudaram-o-debate-publico-avaliam-especialistas.html>>. Acesso em: 10 de mai.2023.

³⁷MOE/OEA. Informe Preliminar MOE: Missão de Observação Eleitoral da OEA apresenta seu relatório preliminar após o segundo turno das eleições no Brasil. 1 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.oas.org/fpdb/press/Informe-Preliminar-de-la-MOE-Brasil-2022-PT.pdf>> Acesso em: 12 mai.2023

³⁸TSE aprova resolução para dar mais efetividade ao combate à desinformação no processo eleitoral. TSE, 20 out. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/tse-aprova-resolucao-para-dar-mais-efetividade-ao-combate-a-desinformacao-no-processo-eleitoral#:~:text=TSE%20aprova%20resolu%C3%A7%C3%A3o%20para%20dar%20mais%20efetividade%20a>>

ofício a remoção de propagandas ou mensagens online já consideradas falsas, diminuiu o prazo para retirada do conteúdo de 24 horas para 2 horas e impôs multas de R\$100 mil a R\$150 mil por hora para as plataformas digitais que não cumpriram as determinações do TSE, entre outras alterações. Segundo o Tribunal, as reclamações recebidas sobre desinformação aumentaram 1.671% em relação ao período eleitoral de 2020³⁹.

Os esforços do judiciário brasileiro para conter a desinformação no período eleitoral incluíram também a criação da Frente Nacional de Enfrentamento à Desinformação (FRENTE) e a criação do Sistema de Alerta de Desinformação contra as Eleições⁴⁰, além de um acordo de cooperação com mais de 150 entidades acadêmicas, empresariais e da sociedade civil, incluindo plataformas e veículos de comunicação⁴¹.

Ainda que incipientes, uma das principais iniciativas das plataformas foi a criação de programas de verificação de informações e a remoção de conteúdos falsos ou enganosos. O Facebook, por exemplo, lançou uma ferramenta para alertar os usuários quando um post é classificado como falso por checadores de fatos independentes. O Twitter também adotou medidas para identificar e remover conteúdos enganosos relacionados às eleições e perfis falsos.

O WhatsApp, no entanto, apresenta um desafio especial para o combate à desinformação, por se tratar de uma plataforma de mensagens privadas. No entanto, o aplicativo também anunciou medidas para combater a disseminação de notícias falsas durante as eleições, como a limitação do encaminhamento de mensagens, a inclusão de etiquetas para indicar quando uma mensagem foi encaminhada muitas vezes e o adiamento do lançamento do “WhatsApp Comunidades”, que amplia o limite do número de usuários em grupos de 256 para 2.560.

o,envolvidos%2020%2F10%2F2022%2012%3A31%20%20Atualizado%20em%2020%2F10%2F2022%2015%3A36> Acesso em: 10 de mai.2023.

³⁹ De acordo com o TSE, Resumo, Resolução nº 23.714, pág. 3. Disponível em: <<https://sintse.tse.jus.br/documentos/2022/Out/24/diario-da-justica-eletronico-tse-edicao-eleitoral/resolucao-no-23-714-de-20-de-outubro-de-2022-dispoe-sobre-o-enfrentamento-a-desinformacao-que-atinja>> Acesso em: 10 de mai.2023.

⁴⁰TSE. Sistema Alerta. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/sistema-de-alerta>> Acesso em: 10 de mai.2023.

⁴¹Programa de Enfrentamento à Desinformação do TSE tem mais de 150 parcerias. TSE, 20 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/programa-de-enfrentamento-a-desinformacao-do-tse-tem-mais-de-150-parcerias-659181?SearchableText=Sistema%20de%20Alerta>> Acesso em: 10 de mai.2023.

No entanto, mesmo com essas iniciativas, a colaboração das plataformas digitais foi limitada, e a desinformação se confirmou como um grande desafio que exige muito mais do que iniciativas voluntárias⁴².

3.3 Desinformação no WhatsApp

O WhatsApp está presente no dia a dia de milhões de brasileiros⁴³. A imensa presença e capilaridade deram à plataforma protagonismo no cenário de desordem informacional. O WhatsApp é um aplicativo gratuito que, em sua própria descrição, “oferece um serviço de mensagens e chamadas simples, seguro e confiável para celulares em todo o mundo”. Ele possibilita o envio e recebimento de arquivos de mídia como textos, fotos, vídeos, documentos, áudios, localização e realiza chamadas de voz e vídeo. O aplicativo permite conversas individuais e em grupos com até 256 pessoas; as conversas são protegidas com criptografia de ponta a ponta.

Em seu site, o WhatsApp é apresentado como uma ferramenta “para manter o contato com amigos e familiares, a qualquer hora e lugar”. Na prática, a ampla adoção da plataforma é fruto de uma combinação de fatores como o baixo custo, a acessibilidade e a facilidade de comunicação em tempo real, além da ligação das conversas com as relações cotidianas.

A natureza da rede, que mantém a lógica de interação de pessoa a pessoa, ou no máximo de uma pessoa a um grupo, e a criptografia de ponta a ponta, ao passo que dão segurança para a comunicação dos usuários, também possibilitam a difusão de conteúdo sem qualquer forma de restrição e de mensuração de seu alcance, sendo assim um importante veículo para a disseminação de desinformação e da manipulação da opinião pública (RESENDE et al., 2019).

⁴² Recentemente têm se discutido no Brasil a regulação das plataformas de mídias sociais. O Projeto de Lei 2630/2020, também conhecido como PL das *Fake news*, propõe uma regulamentação da divulgação de conteúdo falso ou enganoso nas redes sociais e está em tramitação no Congresso Nacional. Aprovado pelo Senado em 2020, a proposta, no momento da escrita desta dissertação está em análise na Câmara dos Deputados. O projeto prevê a obrigatoriedade de identificação de contas nas redes sociais por meio de número de celular válido e cria regras para o funcionamento de redes sociais e serviços de mensagens privadas, visando combater a disseminação de notícias falsas, discurso de ódio e violência.

O PL das *Fake news* se assemelha a legislações já existentes em outros países, como a Lei de Responsabilidade Digital da Alemanha, que prevê multas milionárias para redes sociais que não removerem conteúdos ilegais em até 24 horas após notificação, e a lei francesa que obriga redes sociais a removerem conteúdos de ódio e violência em até uma hora após notificação. Porém, a proposta tem gerado controvérsias e críticas, especialmente em relação à obrigatoriedade da identificação de contas nas redes sociais por meio de número de celular válido, que pode gerar problemas de privacidade e segurança de dados. Além disso, algumas organizações de direitos digitais questionam a eficácia da lei em combater a desinformação, argumentando que o projeto pode levar a uma maior censura na internet.

⁴³Segundo relatório de abril de 2022 produzido em parceria por We Are Social e Hootsuite. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: 03 nov 2022.

Apesar de sua grande dimensão, pesquisas sobre o WhatsApp ou sobre a circulação de conteúdos neste espaço encontram uma série de obstáculos, devido principalmente à dificuldade da coleta de dados, uma vez que os grupos e a troca de mensagens na rede se configuram como “privados”, diferente de outras redes sociais, onde é possível visualizar conteúdos públicos e mensurar seu alcance, engajamento, forma de disseminação e outras métricas. Ainda assim, é urgente tentar entender os mecanismos dessa ferramenta e do seu papel nesse processo de difusão de desinformação.

Masip et al (2021) analisam como os usuários do WhatsApp se engajam a notícias que circulam na plataforma, mostrando que o WhatsApp possui *affordances* e características que possibilitam um maior engajamento. Uma dessas características é que o WhatsApp se configura predominantemente como um ecossistema entre amigos e pessoas com interesses comuns. Os usuários se sentem protegidos em decorrência dessas conexões pessoais pré-existentes. A criptografia de ponta a ponta também contribui para essa sensação de segurança. Os usuários se sentem protegidos pelos algoritmos e, portanto, livres para compartilhar conteúdos e expressar opiniões.

A conclusão do trabalho de Masip (et al. 2021) corresponde também à de Jeeyun, Bellur & Sundar (2018) que afirmam que o alcance social é o principal aspecto de engajamento de notícias. As pessoas tendem a ter mais fé nas recomendações das pessoas em quem confiam, sejam familiares e amigos, influenciadores ou pessoas com maior poder social. Usuários também são mais propensos a compartilhar conteúdos que corroboram suas posições políticas (METAXAS et al, 2015) o que contribui para a formação dos efeitos de câmara de eco (RECUERO; GRUZD, 2019), *clusters* ideológicos aos quais estão filiadas, espaço de reprodução e compartilhamento de um mesmo universo de sentidos e significações, que reafirmam o desejo afetivo por pertencimento (YOUNG, 2021, apud ALVES, 2021).

As *affordances* tecnológicas do WhatsApp moldam tais práticas de endosso social, permitindo que os usuários “endosse” notícias que consumiram em outras plataformas, ou receberam pelo WhatsApp, reenviando-as para seus grupos ou contatos individuais. Outro aspecto desse endosso pode ser responder ao link enviado por um contato demonstrando concordância com seu conteúdo (MASIP et al, 2021, p.1066). 44

⁴⁴Tradução nossa. No original: “The technological *affordances* of WhatsApp shape such practices of social endorsement, allowing users to “endorse” news that they have consumed on other platforms, or received through WhatsApp, by re-sending it to their groups or individual contacts. Another aspect of this endorsement might be to reply to the link sent by a contact by showing agreement with its content.” (MASIP et al, 2021, p.1066)

Assim, as funcionalidades do WhatsApp permitem que os usuários endossem notícias que consumiram em outras plataformas (por exemplo, Facebook, Youtube ou Twitter), ou que receberam diretamente pelo WhatsApp, encaminhando-as para seus grupos ou contatos individuais. Além disso, os usuários podem responder aos links enviados pelos seus contatos, demonstrando que concordam com o conteúdo compartilhado ou que este pode ser relevante para as pessoas com quem ele se relaciona online ou offline.

As *affordances* do WhatsApp estão em constante mudança, atendendo a interesses da plataforma, às mudanças sociais e culturais e às pressões de usuários e da sociedade. Algumas dessas mudanças impactaram positiva ou negativamente na disseminação de desinformação na plataforma. Uma delas aconteceu em junho de 2018, quando o aplicativo passou a mostrar a etiqueta “encaminhada” junto a mensagens que não foram produzidas pelo interlocutor na conversa. Entre 2021 e 2022, o WhatsApp implementou cinco outras mudanças que foram capazes de impactar, em maior ou menor medida, na nossa avaliação, os usos e percepções de usos da plataforma e que consideramos serem relevantes no contexto de disseminação de desinformação: a) a possibilidade de acelerar em até duas vezes a velocidade das mensagens de áudio; b) a possibilidade de envio de mensagens temporárias; c) o uso da mesma conta em até 4 dispositivos ao mesmo tempo e d) a limitação para encaminhar mensagens originais a até 5 pessoas ou grupos por vez e reencaminhar mensagens para apenas um grupo por vez.

O aumento da velocidade das mensagens de áudio foi implementado em maio de 2021 e ajudou a ampliar o envio de mídias neste formato. Durante a pandemia da Covid-19, o uso dos recursos de áudio da ferramenta cresceu de forma significativa: 60% dos usuários afirmaram usar as funções com mais frequência do que fazem ligações tradicionais pelas operadoras⁴⁵. Em certas partes do planeta, o número de mensagens de voz enviadas diariamente pelo aplicativo ultrapassa 200 milhões (MAROS et al., 2020). Segundo os autores, “nem a mensagem em texto nem em imagem conseguem transmitir de forma tão clara o tom, urgência, emoção e propósito do interlocutor quanto a mensagem de áudio⁴⁶” (ibidem). Com maior velocidade de reprodução, além de ampliar-se a dinamicidade da recepção do conteúdo, que pode ser ouvido e repassado num intervalo menor de tempo, também podem ser perdidas algumas das nuances mencionadas pelos autores como parte essencial para compreensão da mensagem oral - e que podem levar à compreensão

⁴⁵ Utilização de recursos de áudio no WhatsApp cresce na pandemia. **IT Forum**. Notícias. 4 set. 2020. Disponível em: <<https://itforum.com.br/noticias/utilizacao-de-recursos-de-audio-no-WhatsApp-cresce-na-pandemia/>> Acesso em: 25 jul 2021.

⁴⁶ Tradução nossa. No original: “Neither text nor image messaging can fully convey sender’s tone, urgency, emotion or purpose as audio content can” (MAROS et al., 2020)

equivocada de ironias e brincadeiras, por exemplo. Já a possibilidade de conexão em até quatro dispositivos ao mesmo tempo, iniciada em julho de 2021, pode ampliar os usos da plataforma para os disparos em massa de mensagens - como inclusive já ocorreu no contexto eleitoral brasileiro de 2018 (CAMPOS MELLO, 2020).

Um exemplo documentado do uso político e eleitoral do aplicativo foi o envio em massa de propaganda contrária ao então candidato Fernando Haddad (PT) poucos dias antes do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 (CAMPOS MELLO, 2020). De acordo com a legislação eleitoral e os termos de uso do aplicativo, tais disparos eram proibidos, e teriam sido financiados por apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro. Um ano depois das denúncias, o WhatsApp admitiu que a plataforma teria sido usada com essa finalidade (CAMPOS MELLO, 2020).

Embora a definição oficial do WhatsApp proponha uma suposta neutralidade da tecnologia, a empresa admite que "algumas vezes as pessoas tentam explorar nosso serviço", seja por meio do roubo de informações ou pela promoção de uma ideia, assim como ocorre em qualquer plataforma de comunicação (WhatsApp, 2019, p. 4, apud RATIER, 2020).

Nenhuma das mudanças realizadas pelo WhatsApp corrige o apagamento das cadeias de referência dos conteúdos que são encaminhados entre os usuários (mesmo que, já há alguns anos, as mensagens que circulam mais recebam a etiqueta que mostra que o conteúdo não é original). Tem-se, deste modo, conforme Lemos e Oliveira (2021), um ambiente mais propício à disseminação de conteúdos falsos deliberadamente configurados para parecerem verdadeiros.

Apesar do discurso público e institucional da Meta - plataforma à qual o aplicativo pertence - que relaciona o WhatsApp à comunicação privada e às relações íntimas e familiares, a função *Business* da plataforma também contraria esses pressupostos, já que permite o disparo em massa de mensagens - que não necessariamente possuem finalidade comercial. No contexto eleitoral, por exemplo, a propaganda por meio de disparos em massa é vedada pela legislação brasileira, mas o WhatsApp e o Tribunal Superior Eleitoral tanto admitem a prática que criaram um sistema de denúncias desse tipo de irregularidade. A plataforma afirma que as aplicações que não respeitam os termos e condições do aplicativo são ilegais, mas os mecanismos existentes para fiscalizar e combater os inúmeros programas que permitem os disparos em massa não são suficientes para, hoje, solucionar o problema.

O WhatsApp *Comunidades*, lançado no Brasil após as eleições de 2022, também é contraditório em relação ao discurso usual da Meta para a plataforma: a novidade permite a junção de até 10 grupos em um único espaço, possibilitando a troca de mensagens com até

2560 pessoas (LIMA, 2022). A atualização, segundo reportagens publicadas por veículos especializados em tecnologia, é uma resposta do WhatsApp ao sucesso do concorrente, Telegram, com grupos muito maiores e os chamados "canais", que permitem o ingresso de milhares de usuários. Com alcance muito maior, esse tipo de ferramenta vai na contramão de medidas como as supracitadas restrições ao compartilhamento de mensagens encaminhadas, por exemplo.

Essas *affordances*, ainda que não sejam tratadas pelo discurso oficial do WhatsApp, que privilegia a comunicação interpessoal, afetam, conforme aponta danah boyd (2011 apud BUCHER; HELMOND, 2017), a replicabilidade e a escalabilidade da plataforma, que são parte essencial dela mesma. Sendo assim, é flagrante a incompatibilidade entre o posicionamento público da Meta e as efetivas configurações do WhatsApp. Já a nível individual, as mudanças realizadas nos últimos anos podem ter impactado a disseminação de desinformação, mas, como já observado, não são suficientes enquanto política de combate ao fenômeno - que se manifesta, também, em escala.

Pesquisas como a de RATIER (2020, p.4) destacam que esses aspectos conferem ao WhatsApp um caráter de *broadcast*. Na comunicação, o termo se refere a uma forma de envio de informações ou mensagens para um grande número de pessoas simultaneamente, sem a necessidade de uma interação específica com cada receptor. De acordo com a literatura, os grupos, especialmente aqueles de modalidade pública, são frequentemente utilizados como uma ferramenta de comunicação devido à facilidade de adesão e ampliação da rede.

O pesquisador analisa grupos de WhatsApp pró-Bolsonaro após as eleições de 2018 e destaca fortes indícios de ação coordenada já que “a coincidência de conteúdos e de narrativas entre os diversos grupos analisados sugere uma espécie de ‘voz de comando’ a dar o tom das produções privilegiadas” (RATIER, 2020, p.13). Segundo a hipóteses levantada por Ratier (2020) e Nemer (2019) a estrutura se assemelha a uma pirâmide: no topo os influenciadores, principais figuras políticas e midiáticas responsáveis pelo enviesamento das notícias e informações. Os conteúdos são postados em seguida em grupos de apoiadores com muito engajamento que espalharam os conteúdos em vários outros grupos, de maneira orquestrada e possivelmente com algum grau de automação.

Alves e Piaia (2020, p.145) apontam para conclusão semelhante, entendendo que a desinformação política em grupos de WhatsApp bolsonaristas são parte de uma estrutura interconectada de grupos com fluxos impressos em um ecossistema de mídias, “o WhatsApp funciona como um canal de interconexão que promove fluxos comunicacionais entre outras

plataformas, produzindo redes informativas complexas que não dependem somente de um site”.

Em outro trabalho, Alves (2022) discorre sobre a desinformação como um trabalho colaborativo, segundo Starbird (et al., 2019, apud ALVES, 2022, p.4) cuja “ideia principal é que a desinformação não deve ser vista como um processo comunicacional em que o público é receptor passivo, ou seja, um alvo a ser manipulado pelos atores políticos”. Nesse construto multiplataforma, o WhatsApp se comporta como um conector entre diversos sites e plataformas digitais cujas *affordances* influenciam na maneira como os conteúdos se espalham e se correlacionam.

4 CARTOGRAFANDO CONTROVÉRSIAS ONLINE

4.1 Teoria Ator-Rede: uma sociologia das associações

A Teoria Ator-Rede (TAR) é a base teórico-metodológica utilizada nesta pesquisa, pois oferece ferramentas para observar as conexões, interações e sentidos em disputa, considerando os artefatos tecnológicos e o ambiente da cibercultura. Buscamos observar um objeto complexo de interações mediadas por ferramentas online. A TAR e a metodologia derivada dela, a Cartografia das Controvérsias nos permitem investigar a complexidade desse debate social.

A utilização da Cartografia das Controvérsias como metodologia possibilita ao pesquisador observar a complexidade dos fenômenos imersos nas redes, acompanhando os rastros e revelando as diversas dimensões de redes em formação (LEMOS, 2012). As controvérsias giram em torno de crenças, utilizando a técnica proposta por Venturini (2010, 2012, 2022) será possível mapear os macrocosmos do fenômeno em disputa, contribuindo para a compreensão do fenômeno como um todo.

A Teoria Ator-Rede é apresentada por Bruno Latour de maneira sistemática no livro *Reagregando o Social* (2012), onde ele reúne conhecimento produzido em parceria com Michel Callon, John Law, Madeleine Akrich, Wiebe Bijker e outros pesquisadores dos Estudos de Ciência e Tecnologia a partir dos anos 1980. A Teoria Ator-Rede, assim nomeada por Michel Callon, surge com o objetivo de mostrar os limites da “sociologia do social”, que tem suas bases no estruturalismo e no pensamento durkheimiano, propondo uma “sociologia das associações”, para Latour, ou “sociologia da tradução”, como descreve Callon, uma ontologia plana, que renuncia à assimetria entre o discurso sobre as coisas (ciência e técnica) e sobre os homens (política) (BAUM e GONZALEZ, 2013, LEMOS, 2012).

A TAR renuncia à distinção entre Natureza e Sociedade e afirma que é hora de modificar o que se entende por “social”.

Um dado traço era considerado “social” ou “inerente à sociedade” quando apresentava, por definição, propriedades específicas, algumas negativas - não devia ser “puramente” biológico, linguístico, econômico, natural; e outras positivas - devia compor, reforçar, exprimir, preservar, reproduzir ou subverter a ordem social (LATOURE, 2012, p.20).

Latour propõe uma outra abordagem sociológica, entendendo que não há nada, nenhuma dimensão, contexto ou esfera da realidade a que se possa dar o nome de “social”. O social não pode ser encontrado em nenhum elemento de maneira isolada. Ele é um

movimento, a busca por novas associações de elementos: “Social não é um lugar, uma coisa, um domínio, ou um tipo de coisa mas um movimento provisório de novas associações” (LATOUR, 2005, apud LEMOS, 2012, p.33)⁴⁷. O social é “a circulating entity”, uma entidade circulante, que não é nem agência, nem estrutura (LATOUR, 1999, apud LEMOS, 2012, p.61).

Assim, a Teoria Ator-Rede é uma "sociologia da mobilidade", pois se concentra na análise da mobilidade das associações que compõem as entidades e fenômenos, sejam eles seres humanos, não-humanos, coisas ou elementos sociais. Nesse sentido, a TAR não se preocupa com a mobilidade das coisas, como transporte, ou da informação, como comunicação, mas sim com a mobilidade das associações que se formam entre os elementos. Ela considera que as associações são móveis e instáveis, podendo se formar e se desfazer ao longo do tempo e em diferentes contextos.

A TAR propõe então que as ciências sociais dediquem a atenção à dinâmica de formação das associações, aos movimentos e agenciamentos, a partir de uma “simetria generalizada” (LEMOS, 2012, p.37), uma vez que o social é o que emerge nos movimentos de agregação e associação. Sendo assim, para observar os fenômenos sociais é preciso identificar as redes e os atores presentes em uma determinada associação. Uma vez que, para a TAR, não há “nem fenômenos coletivos, nem fenômenos individualizados, mas apenas extensão e compreensão das ações” (LEMOS, 2012, p.43).

As associações são formadas por actantes (termo da semiótica greimasiana) e mediadores/intermediários, que podem ser pessoas, objetos ou as próprias associações. O actante é tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença, sendo humano ou não-humano. “Cada actante é sempre fruto de outras associações e cada associação age também como um actante. Ele pode ser um mediador ou cessar essa atividade transformando-se em um intermediário. Não há essência nos objetos: só associações” (LEMOS, 2012, p.35). O actante, no entanto, não é proprietário da ação, já que a ação pertence à rede e só existe no contexto da associação. Já o intermediário, complementar ao actante, não produz diferença, ele transporta sem modificar e, portanto, só existe em um determinado contexto de subsistência.

Na “sociologia das associações”, nada é fixo. O mediador ou actante está nessa posição em razão dos papéis assumidos naquela associação, podendo assumir outras funções

⁴⁷ Tradução nossa. No original: “Social is not a place, a thing, a domain, or a kind of stuff but a provisional movement of new associations” (LATOUR, 2005, p.238 apud LEMOS, 2012, p.33)

em diferente contexto. Quando esses atores se engajam em uma determinada rede, eles geram uma série de conexões e relações que podem ser analisadas e estudadas. Ao se conectarem e interagirem, esses atores procuram estabelecer padrões e relações mais estáveis e duradouras, a fim de garantir a continuidade e a manutenção da rede.

A mediação entre atores em uma rede é, segundo Latour (2021, p.80), sempre comunicação, uma vez que desloca o sentido “original” de algo, criando “diferença, circulação e distribuição de transformações, inscrições, proposições e instaurações”. A mediação é responsável pela tradução de qualquer objeto em inscrições, tornando algo real e observável. “A mediação/tradução (Callon, 1986, apud LEMOS, 2012, p.35) é a capacidade de um actante manter outro envolvido, modificando-se e reinterpretando seus interesses. Ela é comunicação, produção de sentidos, percepção, interpretação e apropriação”.

Essas mediações e traduções ocorrem por meio de "scripts", ou seja, escritas que definem as ações e relações que os atores devem seguir em determinado contexto. Esses scripts são produzidos e utilizados em dispositivos técnicos e culturais diversos, como softwares, linguagem corporal, normas sociais, leis e outras formas de regulação.

A partir desses scripts, as associações são definidas e mantidas, e os atores e fenômenos são articulados em uma rede de relações complexa e dinâmica. A TAR argumenta que essas mediações e traduções são essenciais para entender como as entidades e fenômenos se associam e produzem efeitos no mundo, e que devem ser analisadas de forma cuidadosa e detalhada para uma compreensão mais completa das dinâmicas sociais e culturais.

Para Latour, “a inscrição é de fato a produção de ficção, a produção dos fatos científicos em diversos dispositivos de leitura e de escrita. Sem eles não há ‘realidade’” (LEMOS, 2013, p.51). É a forma através da qual palavras e coisas se relacionam:

As inscrições são as fotos, mapas, gráficos, diagramas, filmes, gravações acústicas ou elétricas, observações visuais diretas anotadas em um diário de bordo de laboratório, ilustrações, modelos 3-D, espectros de som, imagens de ultrassom ou raios-X organizados e filtrados por meio de técnicas geométricas. Todas essas inscrições são produzidas por instrumentos. O trabalho dos pesquisadores consiste em preparar experimentos para que as entidades que estão estudando possam ‘escrever’ na forma dessas inscrições e interpretá-las. Por meio dessas traduções sucessivas, os pesquisadores acabam conseguindo fazer afirmações sobre as entidades e experimentação. (CALLON, 2001, p.62 apud LEMOS, OLIVEIRA, 2021, p.74-75)

Na visão de Latour, o conhecimento não é resultado de uma oposição entre um sujeito cognoscente e um mundo a ser conhecido, mas sim de uma cadeia de inscrições e transformações. Nesse processo, as mediações e instrumentos de acesso são fundamentais

para a produção das referências que constituem o conhecimento. Ou seja, a existência do fenômeno e sua compreensão dependem das associações e das cadeias de traduções e mediações, na qual as inscrições em dispositivos e os instrumentos de acesso têm um papel fundamental. A abordagem de Latour, assim, enfatiza a importância das associações, da mobilidade e das conexões para se compreender a produção do conhecimento e os fenômenos em geral.

Lemos destaca a importância da rede como um movimento associativo que forma o social, caracterizado pela circulação e inscrição de influências entre os atores. “A rede é o próprio movimento associativo que forma o social. Ela é circulação, a inscrição de influências de actantes sobre actantes, tradução, mediação até a sua estabilização” (LEMOS, 2012, p.53). Elas atravessam fronteiras, e por isso não podem ser compreendidas de maneira isolada, é impossível dissociar o poder científico, encarregado da representação dos objetos, do político, encarregado de representar os sujeitos. Assim, é fundamental compreender a dinâmica dessas redes e como elas se relacionam para entender como os fenômenos emergem e se estabilizam. Para Callon, mais do que explicar os fenômenos causados pelo social, a teoria os coloca como consequência da circulação em rede, não permitindo que nenhum campo permaneça isolado enquanto categoria.

Ao dispensar a assimetria entre os atores humanos e não-humanos, a TAR ajuda, aos estudos da cibercultura, a revelar as associações através dos rastros digitais deixados em diversas ações na internet, permitindo, segundo Lemos (2012, p.34), a análise da sociabilidade online, das mídias locativas, das interfaces e interações nos dispositivos móveis, da arte, do ciberativismo, dos *games*, da Internet das Coisas (IoT) e de várias outras formas de interação online e/ou com ferramentas tecnológicas e digitais.

Ao olharmos para a internet é possível observar duas dimensões de rede. A “rede” expressa no termo “ator-rede” sendo esta a associação de humanos e não-humanos, que deixa rastros e que se atualiza: “trata-se aqui do que as pessoas e coisas realizam na internet” (LEMOS, 2012, p.35) e a outra dimensão que é a rede como infraestrutura, um espaço “criando sempre utopias e possibilidades emancipadoras”. Sendo assim, o WhatsApp, enquanto rede, pode ser tanto uma ferramenta revolucionária e emancipatória como uma infraestrutura, quanto uma rede de associações específicas. O que determina isso, segundo o autor, seriam as associações produzidas em determinado contexto, já que não há essência no objeto em si, apenas associações.

A partir do livro “Investigação sobre os modos de existência” (2019), Bruno Latour passa a entender a Teoria Ator-Rede como uma Teoria dos Modos de Existência”, onde a noção de modo sobrepõe-se à noção de rede, a englobando, como explica a Lemos (2012, p.97):

O modo em rede é um modo de análise que não é suficiente. A análise ator-rede é ideal para destrinchar as associações, mas há uma enorme falha, em particular, a de não entender a variedade das conexões. (...) ela funciona muito bem como ferramenta para delinear associações, mas é insuficiente para caracterizar os modos de existência.

Latour estabelece 15 modos de existência, divididos em 5 grupos e que relacionam entre si. Segundo ele, é o modo de “pré-posição” que estabelece a chave de interpretação. Enquanto as redes nos ajudam a visualizar as mediações, inscrições e traduções entre os atores, a “pré-posição” estabelece o nosso ponto de vista, a nossa chave de interpretação. A “pré-posição” complementa a ideia dinâmica de rede com um modo “locativo”, ou seja, uma perspectiva espacial que nos permite localizar o nosso lugar de observação em relação aos atores e relações que estamos investigando. Dessa forma, a “pré-posição” e a rede trabalham juntas para nos ajudar a entender e valorar as relações entre os atores na sociedade.

Para Latour, o que interessa

não são os erros dos nossos sentidos sobre o real, mas os erros de postura, de direção, de sentido, significando aqui direção (posição, localização mesmo) para a compreensão de um problema. por isso a rede não é mais o único modo para descrever as associações. Ela não é capaz de indicar esses modos de posicionamento. Cada erro de categoria corresponderia assim a um modo de existência, como aponta o filósofo Patrice Mainglier. Deve-se buscar quais os princípios de julgamento de cada modo para decidir sobre o verdadeiro e o falso. A pluralidade dos modos de existência significa que há uma pluralidade de regimes de verdade e que o ator-rede é, de agora em diante, apenas um desses modos. (LEMOS, OLIVEIRA, 2021, p.99).

Entre os modos relacionados por Latour, três merecem destaque no nosso debate sobre desordem informacional: o “modo da reprodução” (REP), o “modo da referência” (REF), e o “modo religioso” (REL). Como explica Lemos e Oliveira (2021, p.75), é através do “modo de reprodução” que as coisas naturais se articulam. Já o “modo de referência” é o modo de articulação próprio da ciência e, como demonstrado no trabalho dos autores, o modo reproduzido também pelo jornalismo. Já o modo religioso, como afirma Latour (2013), “é o do reforço da palavra e da crença originários, por repetição, (...) em uma determinada forma de criação de mundo. Ele não funciona por cadeias de referência auditáveis no mesmo modo da ciência” (ibidem, p.76).

Latour argumenta que a concepção moderna de ciência é limitada porque ela pressupõe que a ciência fornece um acesso direto e objetivo à realidade. No entanto, isso ignora o papel crucial que os mediadores desempenham na obtenção de informações sobre o mundo. Esses mediadores podem incluir instrumentos e objetos usados em experimentos, métodos de medição e análise de dados, bem como as próprias pessoas envolvidas na pesquisa. Ao reconhecer a importância desses mediadores, a ciência pode ser vista como um processo colaborativo e coletivo de produção de conhecimento, em vez de uma busca solitária por verdades objetivas. Segundo Latour, “Não se pode criticar, argumentando que o conhecimento, como resultado de cadeias de referência, seja falso por ser construído” (LEMOS, OLIVEIRA, 2021, p.75).

Lemos defende que tanto a ciência quanto o jornalismo são eventos que precisam ser instaurados e que sua veracidade pode ser sustentada através do debate sobre suas cadeias de referência. Ambos devem colocar suas cadeias de referência à prova e uma verdade científica ou um fato jornalístico serão considerados verdadeiros se não houver argumentos que os contradigam. Assim, a verdade é um enunciado forte que se baseia em boas cadeias de referência.

Os autores apontam que as *fake news* simulam o modo de referência, emulando características do jornalismo, como a menção a fontes documentais (sejam elas falsas ou verdadeiras), fontes religiosas ou personalidades, especialistas ou através da empiria, mas atuando no modo religioso “no reforço ideológico e identitário mobilizado pela lógica algorítmica das plataformas” (ibidem, p.76). Os conteúdos que circulam nas redes sociais não são distribuídos e propagados por meio da razão ou da verificação cuidadosa dos fatos por um sujeito racional, mas sim por meio da adesão a grupos e comunidades online que compartilham visões de mundo semelhantes. Esse processo tende a reforçar estereótipos e ideologias, criando bolhas e nichos de opinião. As *fake news* são particularmente prejudiciais nesse contexto, já que muitas vezes não são baseadas em fontes confiáveis e verificáveis, mas são disseminadas com o objetivo de reforçar crenças e ideologias específicas, atuando no modo religioso de referência, mobilizado pela lógica algorítmica das plataformas.

4.2 Controvérsias: movimento em busca de estabilização

Se o social são as associações e estas estão em constante processo de movimentação, como é possível observar fenômenos tão fluidos e heterogêneos? A resposta está nos rastros,

os índices, inscrições das ações que permitem a observação das redes em movimento. Esses rastros tornam as redes visíveis sempre que há uma controvérsia.

Para Latour, controvérsia é o mais complexo fenômeno a ser observado na vida coletiva (LATOURE, 2012). São as ações que estão em movimento, as disputas sobre o que ainda não está estabilizado dentro da dinâmica social. São situações em que há discordância entre os atores:

As controvérsias começam quando os atores descobrem que não podem ignorar uns aos outros e as controvérsias terminam quando os atores conseguem chegar a um compromisso sólido de convivência. Qualquer coisa entre esses dois extremos pode ser chamada de controvérsia (VENTURINI, 2012, p.4, tradução nossa).

As redes só estão visíveis quando se movimentam, em que há disputa de argumentos, ideias e visões de mundo. São nos momentos de instabilidade que é possível observar as associações, os atores, cosmos, ideologias e todos os construtos da rede. Controvérsia, “é o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o social aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade da rede se dá nas controvérsias” (LEMOS, 2012, p.55).

As controvérsias tendem sempre à estabilização. Os actantes e mediadores agem para resolverem as diferenças, diminuïrem a complexidade do social (LEMOS, 2012, p.114) e atingirem o ponto que Latour chama de caixa-preta, quando não há conflito e as redes se tornam invisíveis, até que novos conflitos apareçam, tornando a rede novamente visível através de uma nova controvérsia.

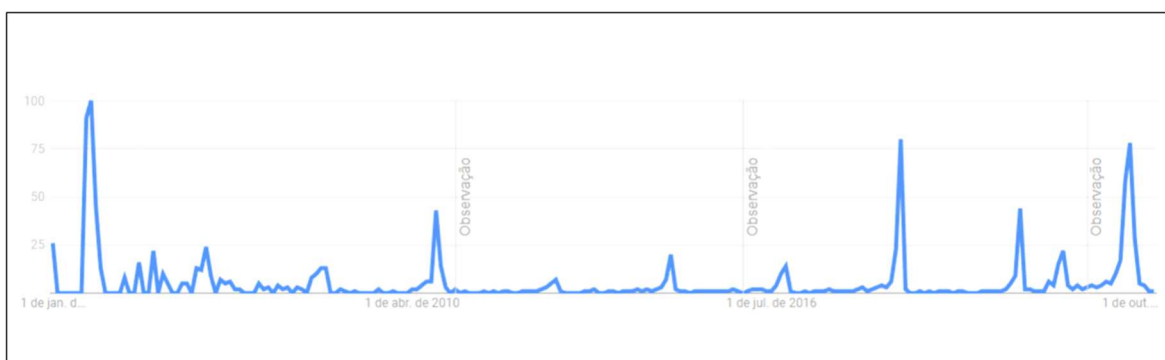
Controvérsias envolvem todo tipo de atores, elas não se restringem a grupos humanos (VENTURINI, 2010, p.5). Como apontamos, uma das principais contribuições da TAR é a não diferenciação entre atores humanos e não-humanos, o que a caracteriza como uma ontologia plana. Dessa forma, os actantes de uma controvérsia podem ser tanto humanos, quanto elementos biológicos, produtos industriais e tecnológicos, artefatos técnicos, científicos e instituições. O que não quer dizer que os actantes agem da mesma maneira ou se equivalem em uma controvérsia, o que precisa ser considerado ao observar a movimentação nas associações. Elas funcionam como um “fórum híbrido”, um espaço de conflito e negociação entre atores heterogêneos.

As controvérsias também explicitam o dinamismo do “social”: mesmo unidades sociais rígidas e estáveis podem se romper em várias peças conflitantes, dando origem a uma nova arena de conflito e negociação. Elas são fenômenos complexos e resistentes à redução: muitas vezes os atores possuem visões de mundo diferentes e compartilham universos

simbólicos diversos, o que dificulta a estabilização. Controvérsias são diferentes de disputas, em que situações são rejeitadas e novas simplificações são aceitas ou impostas. “A dificuldade da controvérsia não é os atores discordarem das respostas, mas que eles não possam sequer concordar com as perguntas” (VENTURINI, 2010, p.5).

As controvérsias surgem quando questões e ideias que antes pareciam estabilizadas, começam a ser questionadas e discutidas. Um dos temas recorrentes nos conteúdos do corpus de análise desta pesquisa, por exemplo, diz respeito à segurança das urnas eletrônicas. Observando o histórico de buscas em mecanismos de pesquisas - utilizados o *Google Trends* - (Gráfico 5), observamos que o termo “urna eletrônica” teve seu maior pico de “relevância” em 2004, com momentos recorrentes de relevância até outubro de 2006. O termo volta à tona apenas em momentos de disputa eleitoral, nos meses de setembro/outubro de 2008, 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018. Nota-se que a partir de 2018, o termo tem picos de relevância em períodos que não correspondem às campanhas eleitorais, como novembro de 2020 e agosto de 2021. Podemos dizer que este é um exemplo de uma controvérsia que surge a partir de um tema considerado estabilizado, mas que passou a ser alvo de questionamento e discussão,

Gráfico 5 - Interesse ao longo do tempo do termo “urna eletrônica” no mecanismo de buscas do *Google*



saindo da caixa-preta para se tornar objeto de tensionamentos.

Fonte: Elaborado pela autora com uso da ferramenta do *Google Trends* (2023).

O exemplo nos ajuda a entender ainda outra característica destacada por Venturini (2010): controvérsias são conflitos, onde a hierarquia social está em jogo. Os atores não são iguais, as forças são conflitantes e a distribuição de poder muitas vezes é desproporcional. Dessa forma, “elas podem ser negociadas por meio de procedimentos democráticos, mas geralmente envolvem força e violência”, (VENTURINI, 2010, p.5).

Callon (1999, apud LEMOS, 2012, p.109), destaca também algumas características específicas das controvérsias ligadas à tecnologia. Para o autor, as controvérsias apesar de serem sobre um objeto técnico, não se restringem apenas a ele, uma vez que todo objeto é social e, portanto, deve ser observado através das suas associações. Da mesma forma, as soluções não são simples, ou em uma única direção. Controvérsias são complexas e envolvem a negociação entre vários actantes, suas sub-redes e redes adjacentes. Os grupos e actantes também possuem interesses variados, visões de mundo diversas que entram em conflito revelando, além das associações, os conflitos de forças e hierarquias. Por fim, Callon aponta que as forças que disputam o campo em conflito tendem a se equilibrar, fazendo com que a controvérsia esfrie ou retorne a forma de uma caixa-preta.

A observação dos rastros deixados pelos actantes e mediadores em uma controvérsia permite, através da observação e análise sistematizada por uma Cartografia das Controvérsias, como veremos adiante, constituir os cosmogramas aos quais fazem parte determinada questão.

Ao fim de uma controvérsia, um universo de sentidos se torna estável.

Desamarrar os laços que dão consistência à realidade é necessariamente uma tarefa difícil, porém duas oportunidades apresentam-se: testemunhar e registrar as estratégias dos atores na constituição de uma rede, percebendo como são fechadas essas caixas-pretas, ou flagrá-las abertas e voltar a ver as diversas estratégias de ação, os conflitos escondidos pela coerência do cosmos que está sendo estudado (LEMOS, 2012, p.88).

As novas tecnologias de informação possibilitaram o acesso a uma gama cada vez maior de rastros digitais, uma vez que a cibercultura tem como característica o controle e monitoramento de ações de atores humanos e não-humanos. As interações entre atores e suas trocas são cada vez mais rastreáveis, o que amplia a possibilidade de observar fenômenos sociais (VENTURINI, LATOUR, 2019). As controvérsias são um “operador analítico potente para as pesquisas que se debruçam sobre as dimensões comunicacionais/midiáticas dos intensos e complexos temas em debate na contemporaneidade” (D’ANDREA, 2018, p.29). Dessa forma, “o papel do cientista social é abrir as caixas-pretas, traçar as associações e reagrupar o social” (LATOUR, 2005, apud LEMOS, 2012, p.37), ou seja, examinar os rastros deixados pelos mediadores para visualizar as redes.

o papel do analista é mapear as redes de associações entre os actantes mobilizados para determinados programas de ação, de acordo com estratégias para suportar provas de resistência (tentativas de falseamento por programas adversários),

anotando cada conexão de acordo com os papéis que assumem nas delegações, mediações ou intermediações, de modo a visualizar o cosmos desenhado por estas associações. (LEMOS, 2013, p.87)

André Lemos (2013, p.87) destaca que a pesquisa em comunicação é um campo dinâmico e complexo, composto por diferentes atores coletivos (tais como pesquisadores, instituições de pesquisa, agências de fomento, grupos de interesse, entre outros) que possuem objetivos e perspectivas variadas. Esses atores colaboram e competem entre si na busca por atenção e credibilidade, envolvendo-se em controvérsias científicas, através das quais é possível aprimorar a produção de conhecimento.

As proposições dos atores envolvidos são submetidas a "provas de resistência", ou seja, são testadas e avaliadas com base em sua validade e pertinência. Quando uma proposição é bem-sucedida, ela é incorporada à rede de conhecimento, fortalecendo-a. Quando falha, pode dar origem a redes antagônicas ou a novas proposições que buscam superar suas limitações. O resultado dessa produção não é necessariamente um paradigma, mas um cosmograma.

“O paradigma é o ‘frame’, o enquadramento teórico estabilizado. O cosmograma é o movimento e o desenho da distribuição da agência, da mobilidade” (LEMOS, 2013, p.87). Como explica Lemos, cosmogramas não são uma visão de mundo, ideologia ou sistema, mas o “diagrama das mediações”, um desenho do movimento. Com o paradigma vemos a caixa-preta, através da observação de um fenômeno geral e estático. Com o cosmograma, é possível observar o movimento, a formação dos consensos e da estabilização, e de maneira empírica, os elementos, atores e processo tudo que o compõe este movimento.

A construção de um determinado universo de significados, ou cosmograma, é complexa e pode parecer inquestionável devido à sua coerência interna. Desamarrar os laços que dão consistência a essa realidade é uma tarefa difícil, mas há duas oportunidades para fazê-lo: observar e registrar as estratégias dos atores que constroem essa rede, percebendo como elas são fechadas e restritas; ou flagrar essas redes abertas e expostas, revelando os conflitos que estavam escondidos pela aparência de coerência.

Cada proposição de verdade mobilizada para constituir um dado cosmograma parecerá inquestionável, uma vez que amarrada pela coerência geral do cosmos em que passa a ganhar sentido. Desamarrar os laços que dão consistência à realidade é necessariamente uma tarefa difícil, porém duas oportunidades apresentam-se: testemunhar e registrar as estratégias dos atores na constituição de uma rede, percebendo como são fechadas essas caixas-pretas, ou flagrá-las abertas e voltar a ver as diversas estratégias de ação, os conflitos escondidos pela coerência do cosmos que está sendo estudado. (LEMOS, 2013, p.88)

É importante examinar a forma como as redes são construídas e compreender as estratégias usadas para mantê-las coesas, a fim de entender melhor as dinâmicas sociais e os conflitos que podem estar escondidos sob essa aparência de coerência.

As controvérsias são importantes para a proliferação do social em regimes democráticos. Segundo Callon, Lascoumes e Barthe (2009 apud D'ANDREA, 2018, p.32), esses momentos são propícios para a formação de alianças e oposições, e ocorrem em diferentes espaços abertos chamados de "fóruns híbridos". Nesses espaços, grupos podem se reunir para discutir soluções técnicas que envolvam a coletividade. São espaços caracterizados pela heterogeneidade de porta-vozes em ação, o que inclui a participação de não especialistas no debate. Dessa forma, as controvérsias permitem a participação de diferentes atores na tomada de decisão e na construção do consenso.

4.3 Cartografia das Controvérsias

A Cartografia das Controvérsias é, segundo Tommaso Venturini (2010), o exercício de observar e descrever o debate social, principalmente quando ele acontece em torno de questões tecnocientíficas. Esta descrição é apresentada em seu artigo "*Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory*" (2010), onde ele introduz o que descreve como uma versão prática da Teoria Ator-Rede, apresentando um método para descrever e observar a complexidade das tensões sociais. A metodologia é complementada em seu trabalho seguinte, o artigo "*Building on Faults: How to represent controversies with digital methods*" (2012), onde Venturini descreve como é possível representar as associações, atores, redes e cosmos presentes em uma controvérsia, e no livro "*Controversy Mapping: a Field Guide*", onde os autores detalham e sistematizam a metodologia (VENTURINI, MUNK, 2021).

A metodologia apresentada por Latour e Venturini é o ponto de partida para a análise que se pretende fazer em torno da desinformação em grupos de WhatsApp. A nossa proposta é utilizar a metodologia para identificar e descrever as ideologias, cosmos e sentidos em disputa no discurso dos conteúdos compartilhados na plataforma. Para isso, é necessário compreender o que os autores entendem como Cartografia das Controvérsias (CC).

Para Latour (2012), o mundo social é composto por associações e é papel do cientista social observar e identificar essas formações. A CC é então um conjunto de técnicas para explorar polêmicas e questões que emergem de agrupamentos, um método para visualizar o

movimento, a circulação de ações e a fluidez das mediações: “o cartógrafo social produz mapas de deslocamento a partir de um esforço para seguir rastros (indícios das ações) deixados pelos mediadores” (SANTOS, 2017, p. 3), rastreando relações e descobrindo padrões que registram “vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis” (LATOURE, 2012, p.45).

Longe de serem fenômenos residuais ou de transição, as controvérsias são o verdadeiro mecanismo da ciência. Em ciência e tecnologia (Bijker & Law, 1992), os desacordos e os conflitos são a norma, e o consenso só pode ser alcançado por meio de esforços árduos de coordenação e estabilização (CALLON, LASCOUMES & BARTHE, 2009 apud VENTURINI, LATOUR, 2019, p.42)

Para Venturini (2010, p.1) a Cartografia das Controvérsias é a aplicação da Teoria Ator-Rede, sua versão educacional, o viés prático da TAR desembaraçada de todas as suas “sutilezas teóricas”. É um conjunto de técnicas e mecanismos para explorar as questões polêmicas emergentes e seus agrupamentos, movimentos de circulação e suas mediações, revelando as diversas dimensões que fazem parte de uma rede sociotécnica.

O papel do analista é mapear as redes de associações entre os actantes mobilizados para determinados programas de ação, de acordo com estratégias para suportar provas de resistência (tentativas de falseamento por programas adversários), anotando cada conexão de acordo com os papéis que assumem nas delegações, mediações ou intermediações, de modo a visualizar o cosmos desenhado por estas associações. (LEMOS, 2012, p.87)

A CC aliada aos métodos digitais e ferramentas computacionais amplia a possibilidade de visualização do social em formação, dos movimentos e associações, dos rastros digitais que permeiam a cibercultura. Abrindo assim uma nova possibilidade para as ciências sociais, a partir da observação dos seus rastros digitais. “É possível observar toda a lógica de interações para compreender os fenômenos através de um método quali-quantitativo” (VENTURINI, LATOUR, 2019, p. 37). Sendo assim, a CC comumente observa e descreve o debate social em torno de questões sociotécnicas, fornecendo uma “ocasião empírica” para a análise das relações entre ciência, tecnologia e sociedade. (MARRES, 2015)

Após a conceituação de Cartografia das Controvérsias, Venturini (2010, p.3) convida o pesquisador a utilizar todas as ferramentas que têm à mão para descrever e desvendar as relações implícitas e expostas na rede. Ele também define o que seriam os 3 “mandamentos” da CC. Segundo ele, o cartógrafo social 1) não pode restringir suas observações a nenhuma teoria ou metodologia única, uma vez que a CC convida os pesquisadores a usarem todas as

ferramentas de observações disponíveis; 2) deve observar todos os pontos de vista possíveis, entendendo que “a objetividade só pode ser buscada multiplicando os pontos de observação” (VENTURINI, 2010, p.3, tradução nossa). Dessa forma, quanto mais numerosos os pontos de vistas através dos quais um fenômeno é observado, mais imparcial e objetiva é a observação; 3) o observador deve ouvir as vozes dos atores mais do que as suas próprias presunções. A CC parte do pressuposto de que os participantes dos fenômenos podem ser tão ou mais informados que os investigadores e, portanto, suas observações e ideias, ainda que não sejam baseadas em teorias ou na metodologia científica, não devem ser negligenciadas.

Este é um exercício que o observador das controvérsias online não pode negligenciar. Por mais absurdas e distantes da realidade que determinados argumentos e conteúdos possam parecer ao pesquisador, é preciso considerar o seu papel no debate que está posto.

Mas o que são as controvérsias, como delimitar o que Latour (2012) descreve como o mais complexo fenômeno a ser observado na vida coletiva? Segundo a definição presente no Macospol (Mapping Controversies on Science for Politics) projeto pioneiro e referência de mapeamento de controvérsias coordenado por Latour, “a palavra 'controvérsia' refere-se aqui a cada parte da ciência e tecnologia que ainda não está estabilizada, fechada ou 'caixa preta'... nós a usamos como um termo geral para descrever a *incerteza compartilhada*”⁴⁸ (Macospol, 2007, p.6 apud Venturini, 2010, p.3). Controvérsias são então, situações de disputa, onde não há consenso ou estabilização. Nas palavras de Venturini (2010, p.4, tradução nossa) “são situações onde atores discordam (ou melhor, concordam sobre sua discordância)”. Conforme Badouard e Mabi (2015, p.11, apud D’ANDREA, 2018, p.31), “uma controvérsia significa assim a expressão de contestação, de uma confrontação entre diferentes racionalidades, entre concepções diferentes de um mesmo problema e do mundo social no qual ela desenrola”. A controvérsia tem fim quando a questão é estabilizada, quando o movimento de disputa e embate cessa.

O primeiro ponto para realizar uma CC é, para Venturini (2010, p.7) realizar a boa escolha da controvérsia que será analisada, uma vez que nem todas se configuram como fenômenos ideais para o desvelamento das suas conexões. O pesquisador deve então evitar: 1) controvérsias frias, aquelas onde o consenso está próximo de se estabelecer ou que os atores possuem poucos pontos de discordância; 2) controvérsias passadas, quando a solução já foi imposta ou a discussão encerrada, torna-se difícil a observação do movimento. Ainda que o

⁴⁸Tradução nossa. No original: “the word ‘controversy’ refers here to every bit of science and technology which is not yet stabilized, closed or ‘black boxed’...we use it as a general term to describe *share uncertainty*” (Macospol, 2007, p.6 apud Venturini, 2010, p.3)

observador analise rastros que sempre serão de ações que já ocorreram, as controvérsias são mais bem observadas quando as questões ainda estão em disputa; 3) controvérsias limitadas, sendo que “quanto mais restrita a um objeto específico, mais fácil ela será de analisar”, uma vez que menos complexa; 4) controvérsias escondidas, aquelas em que a observação é mais restrita e limitada, localizadas em lugares e contextos em que o observador tem pouco acesso.

Já falamos aqui que o trabalho do cartógrafo social consiste em revelar as associações, relações e descrever os rastros desses deslocamentos em mapas. Venturini (2010, p.8-9), propõe uma metodologia para a realização da análise, partindo de 5 diferentes lentes de observação: das declarações para a literatura, mapeando as referências para entrelaçar discursos dispersos; da literatura para actantes, considerando as conexões que extrapolam o universo textual; dos actantes para as redes; das redes para os cosmos, identificando as ideologias que determinam a extensão das controvérsias; e do cosmos para a cosmopolítica, abandonando a ideia de que há uma realidade ou ideologias objetivas, já que todas as verdades científicas, filosóficas, técnicas, religiosas, guardam em si controvérsias.

Cabe aqui uma breve descrição do que Venturini e Latour entendem por ideologia e cosmos, conceitos caros para a análise que pretendemos fazer, uma vez que nosso objetivo é também visualizar categoricamente os universos de sentidos que permeiam a desinformação. Para Venturini, ideologias são visões projetadas de mundo:

Enquanto a vida coletiva é caótica e errática, as ideologias são ordenadas e harmoniosas: não são universos, mas cosmos. Como tal, as ideologias podem ser mais influentes do que qualquer cálculo realista. A observação não pode se limitar a declarações, ações e relações, mas deve se estender ao significado que os atores atribuem a elas. Somente vagando de cosmo em cosmo, os cartógrafos sociais podem perceber toda a extensão de suas controvérsias. (VENTURINI, 2010, p.10, trad. nossa)

Para ele, a CC parte da ideia de que as ideologias e controvérsias existem independente do que os atores dizem ou fazem e derivam de uma imperfeição do intelecto humano. Por não conseguirem ver a realidade tal qual ela é, os homens necessitam “negociar racionalmente sua existência coletiva”, (VENTURINI, 2010, p.10). Assim, toda realidade coletiva, seria então fruto de discussão, de uma controvérsia.

Cada proposição de verdade, segundo Latour, é mobilizada para formar um cosmograma, um universo de sentidos formado por laços que dão consistência à realidade que enquanto estável, pode parecer inquestionável, mas, no entanto, é constituída por uma controvérsia “encaixapretada”.

A observação de tudo isso só será possível com a descrição, que para Venturini, é um imperativo: é preciso tornar a complexidade das controvérsias legível, o que se dá através da cartografia, da produção de mapas que permitam a visualização de tudo o que descrevemos anteriormente. Para isso, é crucial que o cartógrafo social entenda que os cosmos em disputa são divergentes. Ser proporcional na cartografia social, é dar diferente visibilidade a diferentes pontos de vista levando em conta sua representatividade, sua influência e seu interesse (VENTURINI, 2012, p.3). Sua representatividade depende do número de atores que compartilham de um mesmo argumento ou ponto de vista. Já a sua influência é determinada pelas posições assumidas pelos atores, uma vez que em uma controvérsia há a disputa por posições de influência e poder. Também é importante considerar que actantes possuem interesses divergentes em uma controvérsia.

A Cartografia das Controvérsias se configura como um método relevante para o estudo de disputas sociotécnicas, que exigem lentes que captam a sua complexidade e heterogeneidade. A vida social é cada vez mais complexa. Para lidar com essa complexidade, os atores desenvolvem “grades de interpretação simplificadas” (VENTURINI, 2012, p.13). Quando essas grades divergem, vemos a origem de uma controvérsia entre cosmos tão distintos que podem parecer inegociáveis:

Vistos de diferentes ideologias, os mesmos elementos podem parecer radicalmente diferentes, impedindo assim a compreensão recíproca. Ao contrário do que uma abordagem positivista sugeriria, as controvérsias nunca são apenas um desacordo em alguns pontos técnicos. As disputas tecnocientíficas, por mais específicas que sejam, sempre acabam por se opor a visões de mundo conflitantes. (VENTURINI, 2012, p.13)

D’Andrea (2020, p.56) aponta que há duas formas de pesquisas controvérsias nas plataformas. A primeira é se debruçando sobre as controvérsias protagonizadas pelas plataformas, pesquisando as transformações e repercussões de suas políticas de governança, suas mediações algorítmicas e seus modelos de negócios. A outra forma é partir de temáticas ou acontecimentos específicos para buscar compreender “como aquele episódio de ‘formação do social’ se constitui a partir das possibilidades de uso do Facebook, do WhatsApp ou do Pinterest” (D’ANDREA, 2020, p.61).

Nossa análise da desordem informacional em grupos do WhatsApp trata assim as plataformas como “ambiência” dos atores em visibilidade.

Estudar como as controvérsias se constituem com as plataformas significa explorar os dados coletados a partir das dimensões tecnopolíticas que singularizam o processo, e não à sua revelia. Portanto, mais do que respostas precisas, os dados fornecidos pelas plataformas de mídias sociais nos oferecem pistas de como o social

se constituiu, em um dado momento, a partir de suas *affordances*, de sua governança, de seus interesses comerciais. (D'ANDREA, 2020, p.69)

Ao relacionar nossa pesquisa também com os estudos de plataforma, torna-se necessária a reflexão sobre como as *affordances*, a governança e as características próprias do WhatsApp contribuem para a disseminação de desinformação. Assim como a atuação de mecanismos que burlam as regras da plataforma, como a utilização de robôs e ferramentas que facilitam a disseminação intencional e em larga escala de conteúdos com o intuito de provocar desordem informacional e como a plataforma e instâncias de controle e fiscalização poderiam agir para cercear o uso da ferramenta para disseminação de desinformação.

Por entender que as redes sociais, em especial a ferramenta de trocas de mensagens WhatsApp, tem papel central na difusão de informação e desinformação⁴⁹, a pesquisa propõe uma observação da controvérsia sobre a atuação das instâncias superiores do Poder Judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, através da análise dos conteúdos sobre o tema compartilhados em grupos de WhatsApp. Para isso, utilizaremos as técnicas da Cartografia das Controvérsias, proposta por Latour (2012) e explicitada por Venturini (2010, 2012) como ferramenta para observar e descrever o debate social em torno do tema, buscando identificar os argumentos conectados e estruturados nos discursos, as visões de mundo e crenças contrastantes presentes nos conteúdos compartilhados.

⁴⁹ Segundo relatório de abril de 2022 produzido em parceria por We Are Social e Hootsuite. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>>. Acesso em: 03 nov 2022.

5 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

Por entender que as redes sociais, em especial a ferramenta de trocas de mensagens WhatsApp, têm papel central na difusão do que chamamos até agora de desordem informacional, nossa pesquisa realiza uma observação da controvérsia sobre a atuação das instâncias superiores do Poder Judiciário e a desconfiança sobre o processo eleitoral durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, através da análise dos conteúdos sobre o tema compartilhados em grupos de WhatsApp. Para isso, utilizamos as técnicas da Cartografia das Controvérsias, proposta por Latour (2012) e explicitada por Venturini (2010, 2012) e Venturini e Munk (2021), como ferramenta para observar e descrever o debate social em torno do tema, buscando identificar os argumentos conectados e estruturados nos discursos, as visões de mundo e crenças contrastantes presentes nos conteúdos compartilhados.

A utilização da Cartografia das Controvérsias como metodologia possibilita ao pesquisador observar a complexidade dos fenômenos imersos nas redes, acompanhando os rastros e revelando as diversas dimensões de redes em formação (LEMOS, 2012). As controvérsias giram em torno de crenças, utilizando a técnica proposta por Venturini (2010, 2012) é possível mapear o macrocosmo do fenômeno em disputa, contribuindo para a compreensão do fenômeno como um todo.

Para Venturini e Munk (2021, p.5), o objetivo do mapeamento de controvérsias é analisar as disputas sociotécnicas desdobrando-as em um espaço conceitual no qual os diversos atores e questões envolvidas possam ser consideradas e ponderadas entre si. Esse processo permite uma compreensão mais ampla e aprofundada das controvérsias, permitindo uma análise das perspectivas, interesses e argumentos envolvidos. Embora as controvérsias possam se manifestar em questões menores, é comum que elas envolvam uma oposição entre visões de mundo abrangentes e conflitantes. Assim, “as controvérsias resistem à simplificação metodológica imposta pela divisão convencional entre métodos qualitativos e quantitativos” (VENTURINI, MUNK, 2021, p.8).

Para tornar possível essa observação, os autores propõem uma interação com os métodos digitais, por entenderem as mídias digitais como um meio de investigação e não apenas um objeto de estudo. Os métodos digitais obedecem assim,

ao compromisso etnometodológico de estudar fenômenos coletivos por meio de ferramentas conceituais e práticas nativas de um mundo social cada vez mais

moldado por arquivos digitais, mecanismos de busca e plataformas de mídia social (Law et al., 2011; Law & Ruppert, 2013, apud VENTURINI, MUNK, 2021, p.142).

Os autores (2022, p.163) propõem um modelo de trabalho a partir dos métodos digitais, os quais utilizamos nessa pesquisa. O primeiro passo desse fluxo é a coleta de rastros digitais que fizemos a partir da utilização da ferramenta Monitor de WhatsApp; a segunda é a organização do corpus de dados para que este se encaixe ao propósito da pesquisa; a terceira é a análise do corpus; a quarta é a publicidade da pesquisa, para que, tanto os dados coletados como a observação realizada oriente mais formas de observação.

Através dessa pesquisa buscamos contribuir para o entendimento de um fenômeno comunicacional multifacetado, que se institui também como ferramenta de poder e dominação. Ainda que conte com toda a dificuldade de observação de uma plataforma que se apresenta como “privada”, o trabalho apresenta uma possibilidade de análise a partir de um corpus que permite observar o fenômeno por um ângulo diferente das pesquisas netnográficas, mais comuns devido às dificuldades do acesso a dados quantitativos sobre o WhatsApp.

Para isso, utilizamos dados coletados pelo Monitor de WhatsApp, ferramenta do Projeto Eleições Sem Fake, desenvolvido pelo Departamento de Ciências da Computação (DCC) da UFMG, que monitora, utilizando inteligência artificial, cerca de 1 mil grupos abertos de conteúdo político na rede social, organiza um banco de dados de acordo com o número de vezes que foram compartilhadas nos grupos monitorados em determinado intervalo de tempo e permite a observação de quais imagens, textos, áudios, memes e notícias foram mais frequentes nestes chats do WhatsApp. A partir da análise do conteúdo coletado elaboramos mapas descritivos, segundo a metodologia proposta por Venturini (2010, 2012) e Venturini e Munk (2021), que nos permitem observar os discursos, literaturas, ideologias e universos de sentido em disputa, proporcionando uma reflexão sobre a desordem informacional neste campo.

A ferramenta Monitor de WhatsApp, classifica os conteúdos de acordo com o número de compartilhamentos nos grupos analisados. O Monitor de WhatsApp reúne também as informações sobre o número total de compartilhamentos, o número de grupos onde o conteúdo foi compartilhado e o total de usuários que o compartilharam, informações relevantes, uma vez que o WhatsApp permite que um mesmo usuário compartilhe um conteúdo em vários grupos. Segundo as *affordances* da plataforma, um único usuário pode compartilhar ao mesmo tempo uma mensagem para até 5 grupos ou usuários. Caso o

conteúdo seja recompartilhado, o usuário pode compartilhar para apenas um usuário por vez. O limite é aplicado apenas para envios únicos, sendo que um mesmo usuário pode realizar a ação de compartilhamento diversas vezes, também não podemos descartar a possibilidade da utilização de estratégias de automação que utilizam ferramentas computacionais para realizar atividades nas plataformas de maneira automatizada. Através do Monitor, também é possível observar em quais grupos a mensagem foi compartilhada e realizar a pesquisa do conteúdo nos mecanismos de busca no campo “outras fontes”, como podemos observar na Figura 2.

Figura 2 - Exemplo de informações disponibilizadas pelo Monitor de WhatsApp.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp, 2022.⁵⁰

Além das informações sobre os compartilhamentos, no caso de mensagens no formato de imagens, a ferramenta também disponibiliza informações sobre o “contexto” da mensagem, descritas pela ferramenta como “mensagens enviadas próximo ao conteúdo”. As mensagens coletadas para ajudar na determinação do contexto dos conteúdos são divididas em três categorias: “mensagens anteriores”, que são postadas em um intervalo de tempo de até 1 minuto antes da mídia em análise; “mensagens enviadas junto ao conteúdo”, sendo aquelas que foram enviadas juntamente com a mídia; e “mensagens posteriores”, enviadas com um intervalo de até 2 minutos. A classificação utiliza o critério meramente temporal, sendo, portanto, incapaz de garantir a correlação entre as mensagens: “não há garantias que as

⁵⁰Disponível em: <<http://www.monitor-de-WhatsApp.dcc.ufmg.br/>>. O Monitor de WhatsApp é desenvolvido pelo Departamento de Ciências da Computação da UFMG e faz parte do Projeto Eleições Sem Fake.

mensagens estão diretamente relacionadas com a mídia em questão”, está explicitado na ferramenta.

Para limitar o escopo de análise observamos os conteúdos com mais de 10 compartilhamentos, incluindo mensagens nos formatos de texto (com ou sem inclusão de links e URLs) e imagens. O texto contido nas imagens e suas propriedades foram transcritos e descritos para que fosse possível aplicar os filtros a partir dos termos selecionados, possibilitando também as análises textuais posteriores.

Foram coletados conteúdos compartilhados no intervalo entre 03 de outubro de 2022 e 30 de outubro de 2022, período correspondente ao segundo turno das eleições presidenciais. A delimitação do tema leva em conta os critérios sugeridos para a escolha de controvérsias a serem analisadas, segundo os trabalhos de Tommaso Venturini (2010, 2012). O assunto é uma temática que podemos considerar quente, atual, que pode ser limitada em um escopo para análise, além de ser facilmente observável no corpus escolhido. Considerando que as controvérsias emergem de ideias que passam a ser discutidas e questionadas, controvérsias como a fraude nas eleições e a interferência do Poder Judiciário no pleito podem ser objetos de estudo satisfatórios.

De posse dessas informações, realizamos a organização do corpus de dados para sua adequação ao propósito da pesquisa. Seguimos as etapas iniciais da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). Após a coleta e transcrição do corpus, realizamos a etapa de pré-análise, com organização das mensagens coletadas. Foram coletadas um total de 560 conteúdos, sendo 280 mensagens de texto (50%) e 280 imagens (50%), correspondendo às 10 mensagens mais compartilhadas do dia em cada um dos dois formatos de mídia. Do total de mensagens, 15 não puderam ser incluídas por estarem indisponíveis para visualização na plataforma do Monitor de WhatsApp e 1 foi retirada por se tratar de conteúdo pornográfico sem contexto político útil à nossa análise.

Depois de já coletados os dados, partimos para a seleção do nosso corpus. Para isso, realizamos a categorização das mensagens utilizando seu aspecto semântico, observando o tema principal abordado em cada mensagem. Seguindo a seguinte classificação:

Tabela 2 - Categorias para análise de conteúdo.

TEMA	DESCRIÇÃO	NÚMERO DE MENSAGENS
vulnerabilidade eleitoral, fraude nas urnas,	questões acerca da insegurança do voto, do processo de apuração, das urnas eletrônicas e ideia de que eleições são controladas e decididas pela cooperação de agentes e	34

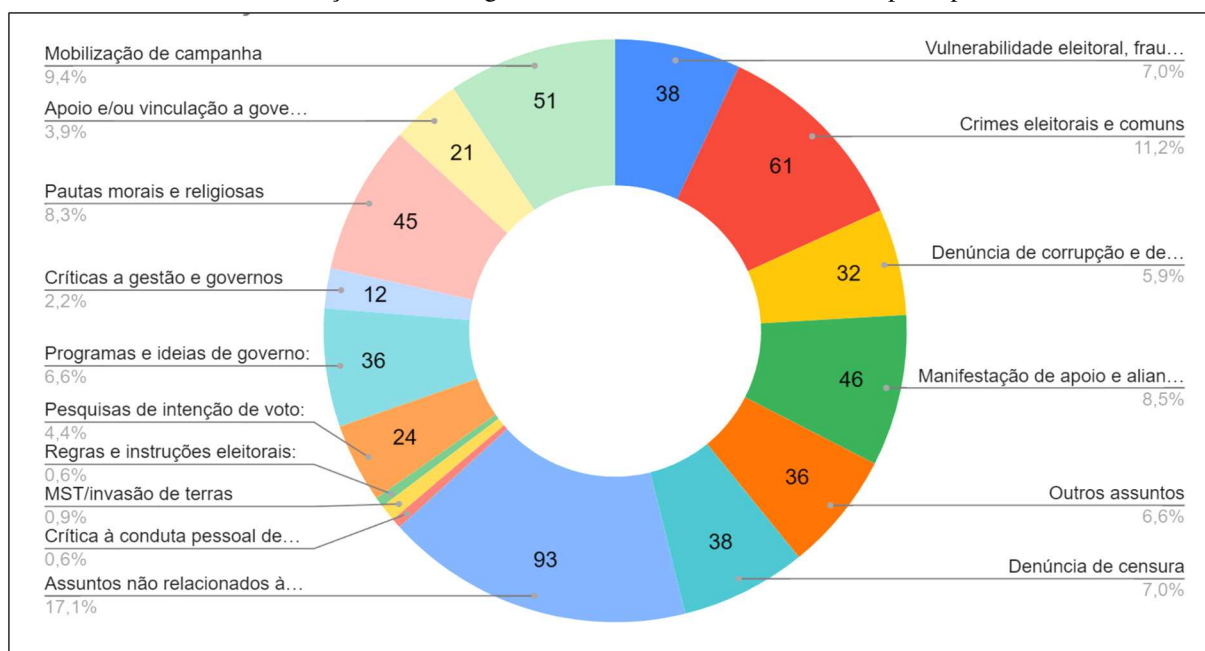
manipulação/golpe eleitoral	organismos externos e internos.	
regras e instruções eleitorais	sobre colégios, zonas, horários e orientações eleitorais, com foco maior no que fazer nos dias de votação;	2
pesquisas de intenção de voto	mensagens que noticiam sobre sondagens de opinião sobre candidatos;	24
programas e ideias de governo	novidades sobre orientações, medidas e políticas que serão defendidas e adotadas pelo candidato;	37
críticas à gestão e governos	mensagens que criticam programas e ações de governos e governantes;	12
pautas morais e religiosas	mensagens relacionadas à agenda de costumes morais e religiosos;	43
apoio e/ou vinculação a governos não democráticos	mensagens que exploram a ideia de regimes autoritários e liga alguns candidatos a eles;	17
mobilização de campanha	mensagens que comunicam atividades, declarações de apoio a determinado candidato;	53
crimes eleitorais e comuns	mensagens que denunciam candidato(a)s por cometimento ou envolvimento com crimes e criminosos	60
denúncia de corrupção e de enriquecimento ilícito	mensagens que associam candidatos(as) a esquemas de corrupção e que afirmam acréscimo indevido de patrimônio pessoal;	31
manifestação de apoio e alianças	mensagens que comunicam declarações de apoio e alianças políticas vinculadas a determinado candidato(a) e/ou projeto de país;	43
denúncia de censura	mensagens que denunciam censura por meio de personalidades ou instituições;	38
crítica à conduta pessoal de candidatos	conjunto de mensagens que deslegitima e ridiculariza competências e reputação de candidatos e candidaturas;	3

MST/invasão de terras	mensagens que criticam o Movimento Sem Terra (MST), e citam invasões de terra;	5
assuntos não relacionados à eleição	-	95
outros assuntos	mensagens vinculadas às eleições não classificadas com nenhuma das opções anteriores	30

Fonte: Elaboração da autora (2023), adaptação de DOURADO, 2021, p.115-116.

Dessa forma, observamos a seguinte distribuição dos conteúdos (Gráfico 6), sendo que 82% das mensagens coletadas correspondem a conteúdos relacionados às eleições presidenciais de 2022 e 17,1% se referem a outros temas.

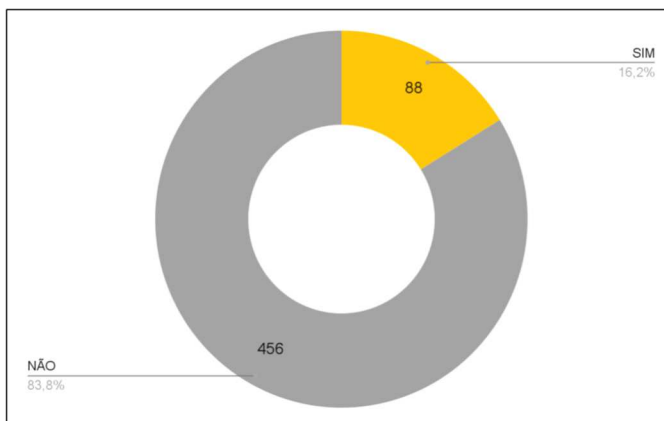
Gráfico 6 - Gráfico da distribuição das mensagens coletadas de acordo com o tema principal.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como nossa pesquisa objetiva analisar conteúdos que se referem à fraude no processo eleitoral, às urnas e interferências do Poder Judiciário no pleito, realizamos uma segunda categorização em relação a ocorrência de citações diretas ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Supremo Tribunal Federal (STF), os ministros membros dos tribunais supracitados ou outras instâncias do Poder Judiciário. Assim, observamos que 88 mensagens, 16,2%, faziam referências diretas a estes atores.

Gráfico 7 - Ocorrência de mensagens que citam diretamente o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Supremo Tribunal Federal (STF), os ministros membros dos tribunais supracitados ou outras instâncias do Poder Judiciário.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para a obtenção do corpus para análise selecionamos, além das mensagens que continham a citação direta aos órgãos e personalidade supracitadas, também selecionamos os conteúdos com tema sobre vulnerabilidade eleitoral, fraude nas urnas, manipulação/golpe eleitoral e ações definidas como censura ou proibições. Assim, obtivemos um conjunto de 116 mensagens, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Seleção dos conteúdos para o corpus de análise.

	VULNERABILIDADE ELEITORAL, FRAUDE NAS URNAS, MANIPULAÇÃO/GOLPE ELEITORAL	DENÚNCIA DE CENSURA/ DIVULGAÇÃO DE POIBIÇÕES	OUTROS TEMAS
Citação direta ao TSE/STF, membros ou instâncias do Poder Judiciário	13	35	40
Não citam TSE/STF, membros ou instâncias do Poder Judiciário	24	4	0

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A partir da coleta e da organização do corpus, realizamos o mapeamento de forma exploratória e descritiva, de acordo com a metodologia indicada por Venturini (2012). Para isso realizamos a aplicação da Cartografia das Controvérsias e do percurso adaptado por Santos (2017) com algumas adaptações que facilitaram a nossa análise. O percurso é composto pelas seguintes etapas: identificação da controvérsia; classificação da controvérsia; aplicação de lentes para observação; representação da cronologia a partir dos conteúdos coletados; produção de mapa da discordância; definição de limites e escalas da controvérsia, rastreando a pluralidade de argumentos conectados e estruturados em discursos, e identificando as subcontrovérsias que compõem a disputa; identificação dos cosmogramas, identificando os principais vetores e ideologias diferenciadas que exercem influência nas subcontrovérsias. Descreveremos como se dará esse processo a seguir.

A primeira etapa para a realização de uma Cartografia das Controvérsias (VENTURINI, 2010, 2012, 2022; SANTOS, 2017) é a definição da controvérsia. Mapeamos a conversação sobre o 2º turno das eleições presidenciais de 2022 nos grupos de WhatsApp monitorados pela ferramenta Eleições Sem Fake. Eleições democráticas, uma vez que são uma disputa entre dois ou mais candidatos, são em sua essência uma controvérsia. Há pontos de vista conflitantes que convencionalmente buscam a estabilização através de um processo eleitoral. A partir dessa temática, selecionamos para análise as controvérsias sobre fraude nas eleições e as interferências do Poder Judiciário no pleito.

Temos consciência de que, ao objetivarmos uma análise global dos conteúdos compartilhados no WhatsApp durante o período, esbarramos numa série de dificuldades devido à amplitude temática. Venturini (2010, 2022) alerta sobre a dificuldade de abordar controvérsias muito amplas. É por isso que optamos em fazer uma análise mais detalhada a partir das subcontrovérsias encontradas. Sem ignorar que todas fazem parte de um ambiente de conversação mais amplo e que estão interconectadas a partir de atores e universos simbólicos.

Após a delimitação e identificação da controvérsia, os autores orientam a aplicação das lentes de observação. A primeira lente de observação parte das declarações para a literatura: “o primeiro passo do cartógrafo é identificar a extensão total do território coletivo da controvérsia (...) mapear esta teia de referências, revelando o quanto discursos dispersos estão entrelaçados para formar literaturas articuladas” (SANTOS, 2017, p.4). Para isso descrevemos e mapeamos o corpus, observando quais os termos mais frequentes e agrupamos os conteúdos por temática, dentro do grande tema “Eleições 2022”, conforme já descrito neste capítulo. Também elaboramos a representação dos limites ou escalas das controvérsias, com a

representação das subcontrovérsias, ou subtemas observados no conteúdo e como eles articulam os atores, valências e argumentos.

A segunda lente de observação a ser aplicada parte da literatura para os actantes, considerando assim as conexões que extrapolam o universo textual. Nessa etapa descrevemos os atores presentes nos discursos. Além de elaborar o mapa das posições contrárias ou ações de discordâncias, com a representação de como os argumentos estão conectados e estruturados em discursos.

A terceira lente de observação a ser aplicada parte dos actantes para as redes, com o objetivo de observar as redes onde os actantes fazem parte, uma vez que todos eles compõem e são compostos por redes. Nesta etapa, buscamos estabelecer as conexões externas e observar como os conteúdos se relacionam para fora da rede observada (WhatsApp), estabelecendo um vínculo multiplataformas através da identificação de links externos e referências a outras plataformas nos conteúdos.

A última lente de observação a ser aplicada objetiva observar a controvérsia a partir das redes para cosmos, ou seja, quais são as ideologias e universos simbólicos que permeiam o discurso, o que vamos fazer utilizando a análise de conteúdo.

Por fim, trazemos a discussão sobre os dados coletados a partir da construção e observação da Cartografia da Controvérsia. Pretendemos discutir os temas e conteúdos predominantes no debate nos grupos de WhatsApp analisados e os principais eixos em cada subcontrovérsia observada; a correlação entre o que foi compartilhado nos grupos e a conversação online, através da observação do volume de buscas no Google Trends; os mecanismos que conferem veracidade ao conteúdo, através da observação das camuflagens, estratégias de manipulação, procedimentos subjetivantes, gêneros discursivos e papéis subjetivantes, de acordo com o conceito de Camuflagens proposto por Greimas (Capítulo 1); também faremos a identificação das ideologias e universos simbólicos presentes nos conteúdos analisados.

Com isso, nossa discussão de ancora nos seguintes pontos: 1) quais características conferem veracidade aos conteúdos; 2) o que os conteúdos mais compartilhados têm em comum; 3) como os argumentos se relacionam em cada subcontrovérsia analisada e como estes se distribuem ao longo do período; e 4) se há indícios que apontam para estratégias de automatização e orquestração na distribuição dos conteúdos nos grupos de WhatsApp.

Compreendemos as limitações da pesquisa, que impossibilitam a universalização do corpus. No entanto, a análise dos conteúdos de um volume de grupos públicos possibilita aos pesquisadores observações sobre a discussão política em um período tão significativo na

história da democracia brasileira. A desordem informacional que podemos observar nos grupos de WhatsApp são um aspecto importante da pós-verdade, que coloca em risco a democracia e instituições modernas. A observação de parte desse fenômeno pode contribuir para a discussão sobre o tema e sobre o papel desempenhado pelas plataformas, pelo Estado e pela sociedade.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

6.1 Análise dos grupos

Descrevemos no capítulo anterior qual a composição dos dados coletados, a partir dos quais realizamos a delimitação do corpus em análise. Como já descrito, utilizamos para análise mensagens coletadas pelo Monitor de WhatsApp durante o período correspondente ao 2º turno das eleições presidenciais de 2022, entre 03 e 30 de outubro. Focamos nossa observação nas dez mensagens mais compartilhadas diariamente nos grupos analisados. Após a coleta das mensagens, buscamos compreender como são os espaços onde estes conteúdos foram compartilhados, qual o meio onde as mensagens circulam.

A ferramenta nos permite observar em quais grupos os conteúdos de imagem foram compartilhados, apresentando uma lista dos nomes dos grupos onde os conteúdos foram observados. No caso das mensagens de texto, tal funcionalidade não estava disponível para a nossa observação, portanto, os dados que vamos descrever a seguir referem-se aos grupos onde foram compartilhadas imagens, o que corresponde a 50,86% do nosso corpus, 59 das 116 mensagens coletadas para análise.

Foram listados 849 grupos. A partir da observação dos títulos dos grupos, os classificamos nas seguintes categorias:

Tabela 4 - Classificação dos grupos.

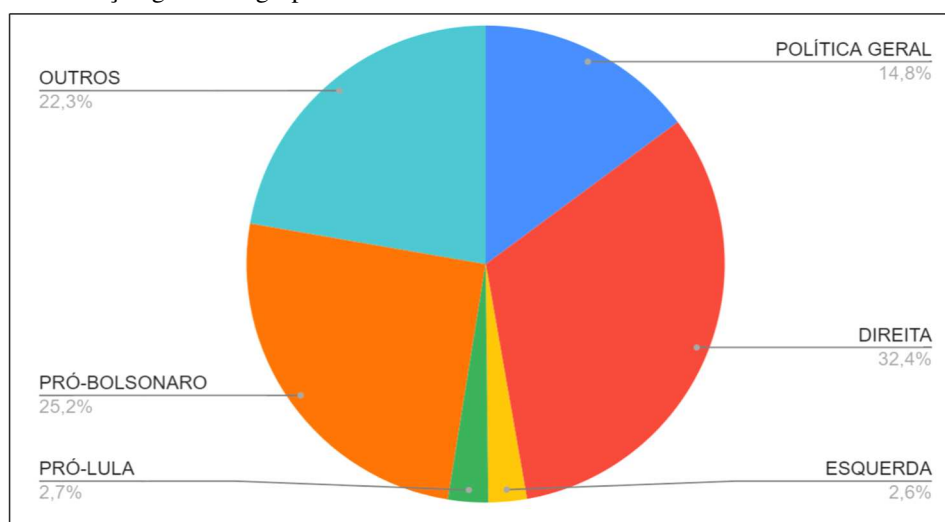
TEMÁTICA	DESCRIÇÃO	NÚMERO DE GRUPOS
Pró-Lula	citam diretamente o nome do candidato, manifestando apoio	23
Esquerda	grupos de viés de esquerda que não citam diretamente o nome do candidato	22
Pró-Bolsonaro	citam diretamente o nome do candidato, manifestando apoio	214
Direita	grupos de viés de direita que não citam diretamente o nome do candidato	275
Política Geral	grupos explicitamente sobre política, mas que não era possível identificar o enviesamento, como grupos de debates sobre política e eleições	126
		189

Outros grupos	grupos sobre temáticas não identificadas, portais de notícias, ou sem enviesamento claro.
---------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Podemos observar a predominância de grupos abertos vinculados diretamente ao candidato Jair Bolsonaro ou relacionados ao espectro político da direita, ao qual podemos vincular o então presidente e candidato à reeleição. Do total de 849 grupos, cerca de 25% (214) têm em seus nomes manifestações explícitas de apoio a Jair Bolsonaro e a maior parte dos grupos, 32,4% (275), possuem viés de direita, como podemos observar no Gráfico 8. Os grupos Pró-Lula, são apenas 2,7% (23) e de viés de esquerda 2,6% (22).

Gráfico 8 - Classificação geral dos grupos.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A diferença é ainda maior quando observamos os títulos dos grupos onde circularam as mensagens sobre fraude no processo eleitoral, ações e interferências do Poder Judiciário nas eleições. As 59 mensagens em formato de imagem que fazem parte do nosso recorte temático, correspondendo a 50,86% do total de mensagens analisadas, foram compartilhadas em 448 grupos. Destes, a grande maioria, 70,3%, são grupos explicitamente pró-Bolsonaro (143 grupos, 31,9%) e de viés político de direita (172 grupos, 38,4%). Já os grupos cujos títulos indicam que são pró-Lula ou de viés político de esquerda são 1,1% dos grupos observados (2 grupos, 0,4% e 3 grupos, 0,7%, respectivamente). A diferença, observada na Tabela 5 e Gráfico 9, evidenciam a predominância do viés político de Direita no corpus de

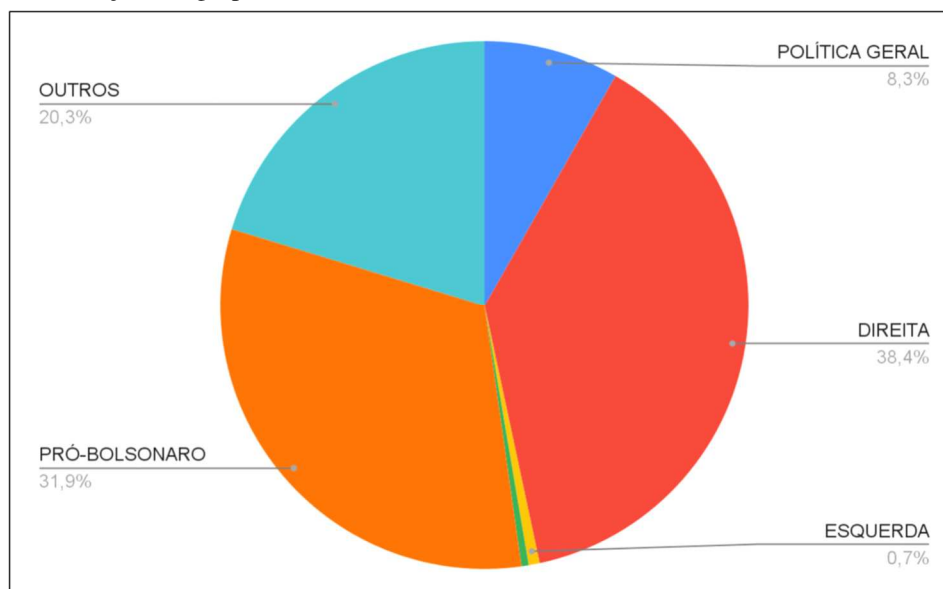
análise. Sinalizando para duas hipóteses: 1) a maior disponibilidade de grupos públicos com viés político de direita ou relacionados ao candidato Jair Bolsonaro; e 2) a controvérsia sobre fraude no processo eleitoral e interferências do Judiciário no pleito mobilizou com maior intensidade atores no campo ideológico da direita.

Tabela 5 - Classificação dos grupos do recorte temático

TEMÁTICA	NÚMERO DE GRUPOS	TOTAL DE COMPARTILHAMENTOS
POLÍTICA GERAL	37	378
DIREITA	172	1683
ESQUERDA	3	22
PRÓ-LULA	2	2
PRÓ-BOLSONARO	143	1713
OUTROS	91	713

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 9 - Classificação dos grupos do recorte temático

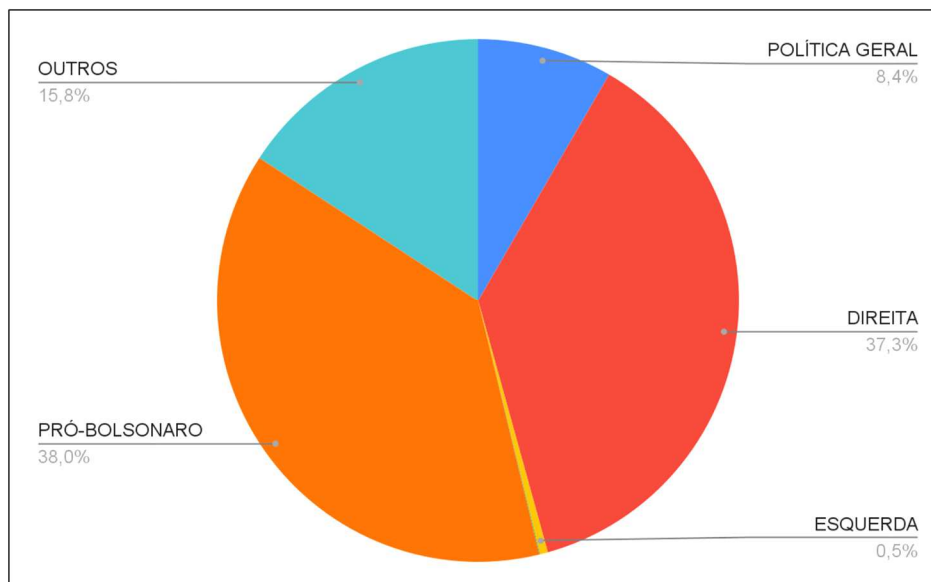


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No quantitativo total de compartilhamentos das imagens, observamos uma ocorrência ainda maior de grupos de Direita e Pró-Bolsonaro. Esses grupos obtiveram 75,3% de todos os conteúdos do nosso recorte compartilhado no período. Os grupos de Esquerda receberam

0,5% dos compartilhamentos, enquanto grupos sobre política em geral ou outros assuntos receberam respectivamente 8,4% e 15,8% dos compartilhamentos (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Número de compartilhamentos na distribuição temática dos grupos.



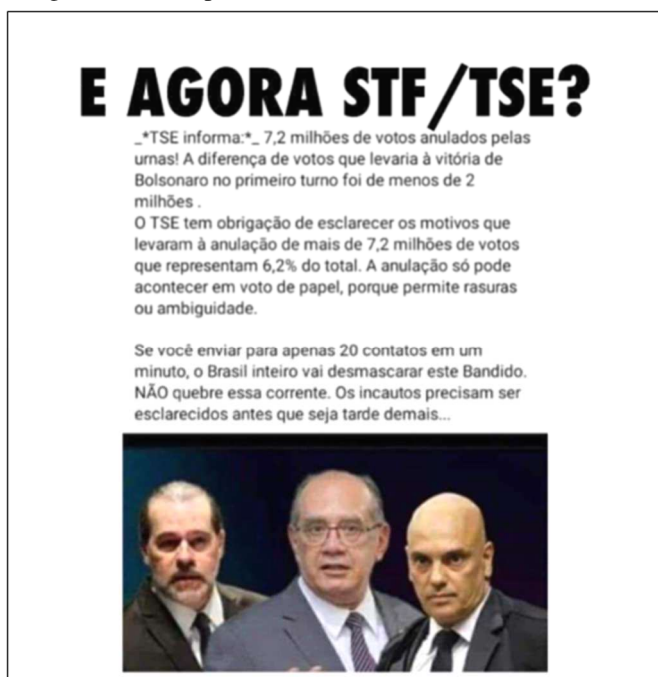
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

6.2 Análise de conteúdo

O corpus de análise é composto por 116 mensagens sobre fraude nas urnas e no processo eleitoral, que citam diretamente órgãos do Poder Judiciário, seus membros ou decisões judiciais. Sendo que 59 mensagens analisadas, 50,86%, são imagens e 57 mensagens, 49,14%, são mensagens de texto.

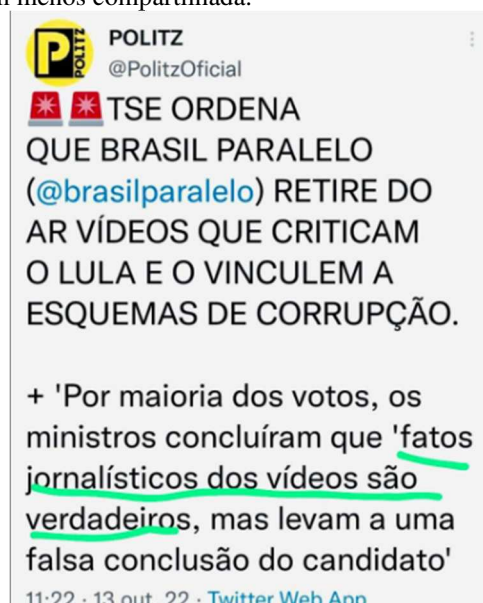
As mensagens em formato de imagem tiveram um número médio maior de compartilhamentos. Entre as imagens, a média de vezes em que foram compartilhadas foi 116. A mensagem que obteve o maior número absoluto de compartilhamentos (Imagem 1), foi compartilhada 465 vezes em 256 grupos por 392 usuários diferentes, no dia 03/10/2022. Já a mensagem que obteve menos compartilhamentos (Imagem 2) foi compartilhada 18 vezes, em 14 grupos, por 4 usuários diferentes, no dia 14/10/2022

Figura 3 - Mensagem em imagem mais compartilhada.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 4 - Mensagem em imagem menos compartilhada.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

As mensagens de texto obtiveram, em média, menos compartilhamentos, alcançando um total de 94 vezes. A mensagem que obteve maior número de compartilhamentos

(Mensagem 01) foi compartilhada 394 vezes, distribuída em 202 grupos distintos por 334 usuários. Já a mensagem que obteve o menor número de compartilhamentos (Mensagem 02) foi compartilhada 31 vezes, em 30 grupos diferentes, por 4 usuários.

Mensagem 1 - Mensagem de texto mais compartilhada.

CIDADES QUE ATÉ OS MORTOS VOTARAM EM LULA. N.S. da Glória (Se) 3.053 habitantes. 4.615 votaram em Lula. Porto da Pedra: (Pe) 6.122 habitantes: 8.090 votaram em Lula. Poço das Antas(Pe) População: 4.342 habitantes. 5.873 Votaram em Lula. Xique Xique (BA) 43.548 habitantes: Pasmem: 64.805 habitantes votaram no Lula. Barragem(BA) 25.687 habitantes: 31.338 votaram em Lula. Nova liberdade (BA) 11.026 habitantes: 16.192 votaram em Lula. Novaçores (BA) 9.622 habitantes: 12.351 votaram em Lula. Guanabim(BA) população: 19.764 habitantes: 22.538 Votaram em Lula. Joaçaba (BA) 6.142 habitantes: 6.984 votaram em Lula. Antas(BA) população: 11.434 habitantes: 18.001 votaram em Lula. e mais 192 cidades Brasileiras (Bahia com maior número) em que os mortos RESSUSCITARAM para VOTAR em Lula.

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 2 - Mensagem de texto menos compartilhada.

Lula zomba de Bolsonaro por ir ao STF rezar o Pai Nosso: “Não dá pra acreditar que Bolsonaro foi ao STF rezar o Pai Nosso ,isso não tem sentido!”; Veja o vídeo! _*REVOLTANTE VER UM LADRÃO DESSE ZOMBANDO DAS COISAS DE DEUS*_ *<https://www.folhadapolitica.com/2021/07/lula-zomba-e-ataca-bolsonaro-por-rezar.html?m=1>*

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

É possível notar que as imagens tiveram um volume maior de compartilhamentos, corroborando os achados da pesquisa conduzida por Resende (et al. 2019), que destacou as imagens como o formato mais comum para a circulação de conteúdos de desinformação. Essas discrepâncias nos números de compartilhamentos entre as mensagens de texto e as imagens podem ilustrar a preferência e o interesse dos usuários por diferentes tipos de conteúdo. O que ressalta a importância de compreender as preferências e comportamentos dos usuários ao se comunicarem e compartilharem informações.

A ocorrência de temas, argumentos e conteúdos recorrentes no contexto das controvérsias investigadas permitiu um panorama mais aprofundado e abrangente da diversidade de perspectivas e posicionamentos presentes, revelando a existência de linhas de disputa e conflitos subjacentes ao discurso examinado, contribuindo para a delimitação semântica das subcontrovérsias. Como podemos observar nos exemplos a seguir.

Mensagem 3 - 14/10/2022 – 65 compartilhamentos, 47 grupos, 56 usuários.

O país vai morrer? Se você não vê crime na atitude de um candidato a presidente da República, ao desfilar em carreata cercado por traficantes carregando armas pesadas, desista de sua família, de seus valores, de sua identidade e do seu país. Você não é um cidadão, nem pai de família. Você é apenas um covarde, desprovido de princípios, que enxerga apenas conveniências e vantagens na sua convivência e relações do dia a dia. O que Lula da Silva fez no Complexo do Alemão (RJ), na última quarta-feira (12), foi perturbador e desmoralizante. Foi agressivo e altamente nocivo. Mostrou que aquele verme imundo deveria estar preso, se o STF não fosse, hoje, instituição voltada à proteção do crime e ao acobertamento dos atos mais vis e facinorosos de que se tem registro na história nacional. Fazer o quê, com tal STF cheio de degenerados morais? Lula da Silva mostrou quem é o chefe do crime organizado no país. Que vergonha, que tristeza, que avacalhão, que podridão, que depravação! Como é que indivíduo de tamanha periculosidade pode encontrar quem o suporte e o apoie, fora do círculo criminoso do qual é membro? Lula da Silva se expôs, mostrou quem é, exibiu por inteiro o seu caráter, ou a sua falta. Vejam as fotos do ex-presidente e ex-presidiário, usando chapéu do Comando Vermelho e a abreviatura CPX, que quer dizer “cupincha”. Que dizem os senhores ministros do TSE? Que diz o ministro Benedito Gonçalves, que responde a inquérito sobre propina recebida da Odebrecht? Nosso país está sendo dominado pelos piores bandidos. É isso que você deseja para os seus filhos? É esse o futuro com o qual você sonha? Deus, ó Deus, imploremos aos céus! AINDA HÁ TEMPO PARA VOTAR PELA liberdade DE NOSSO BRASIL E DE NOSSAS FAMÍLIAS. DEUS É FIEL

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 4 - 14/10/2022, 126 compartilhamentos, 88 grupos, 106 usuários.

[13/10 21:20] Lúdia: Marcelo Rossi dos Santos: Foto de Marcelo Rossi O país vai morrer? Se você não vê crime na atitude de um candidato a presidente da República, ao desfilar em carreata cercado por traficantes carregando armas pesadas, desista de sua família, de seus valores, de sua identidade e do seu país. Você não é um cidadão, nem pai de família. Você é apenas um covarde, desprovido de princípios, que enxerga apenas conveniências e vantagens na sua convivência e relações do dia a dia. O que Lula da Silva fez no Complexo do Alemão (RJ), na última quarta-feira (12), foi perturbador e desmoralizante. Foi agressivo e altamente nocivo. Mostrou que aquele verme imundo deveria estar preso, se o STF não fosse, hoje, instituição voltada à proteção do crime e ao acobertamento dos atos mais vis e facinorosos de que se tem registro na história nacional. Fazer o quê, com tal STF cheio de degenerados morais? Lula da Silva mostrou quem é o chefe do crime organizado no país. Que vergonha, que tristeza, que avacalhão, que podridão, que depravação! Como é que indivíduo de tamanha periculosidade pode encontrar quem o suporte e o apoie, fora do círculo criminoso do qual é membro? Lula da Silva se expôs, mostrou quem é, exibiu por inteiro o seu caráter, ou a sua falta. Vejam as fotos do ex-presidente e ex-presidiário, usando chapéu do Comando Vermelho e a abreviatura CPX, que quer dizer “cupincha”. Que dizem os senhores ministros do TSE? Que diz o ministro Benedito Gonçalves, que responde a inquérito sobre propina recebida da Odebrecht? Nosso país está sendo dominado pelos piores bandidos. É isso que você deseja para os seus filhos? É esse o futuro com o qual você sonha? Deus, ó Deus, imploremos aos céus! 🖐️🖐️ Lula fez isso como Ameaça aos Militares Brasileiros. [13/10 21:23] Lúdia: Marcelo Rossi dos Santos: Disse em linguagem figurada que possui um Exército paralelo, o CRIME ORGANIZADO. Mandou um " sinal " dizendo que também possui um poder de força e que caso os Militares intervenham , ele pretende barbarizar nas ruas , derramar sangue Essa é a verdade. São os dois lados , o Bem e o Mal na disputa eleitoral.

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Ambas as mensagens (Mensagem 3 e 4) foram compartilhadas no dia 14/10/2022. Sendo que a primeira teve um total de 65 compartilhamentos, em 47 grupos, por 56 usuários. A segunda foi compartilhada 126 vezes, em 88 grupos, por 106 usuários. Vemos que os

conteúdos são muito semelhantes, sendo que na segunda mensagem há no início termos que podem indicar uma suposta origem do conteúdo, com a indicação dos nomes dos autores da mensagem que foi compartilhada. O encerramento das mensagens também traz diferenças, como indicado. Na primeira, observamos o uso da interpelação como procedimento de estratégias de camuflagem subjetivante. Há uso da estratégia de invisibilidade, com o ocultamento da enunciação além de um apelo e senso de urgência, característico de conteúdos interpelativos, recorrentes na desinformação. Já na segunda mensagem, as mudanças no conteúdo evidenciam o uso de estratégias e procedimentos subjetivantes diferentes. A inserção do nome de um suposto enunciador evidencia este aspecto. Há um “eu” manifesto que faz o relato e emite o seu comentário a respeito do que é relatado.

Há um outro exemplo que evidencia ainda mais a recorrência de conteúdos e temas. As imagens compiladas abaixo (Imagem 3) foram observadas entre os conteúdos mais compartilhados 16 vezes em 4 datas diferentes. São 76% do total de mensagens sobre a controvérsia corrupção do judiciário. As imagens são muito semelhantes e trazem o ministro do STF, Gilmar Mendes em um jantar. As mensagens de contexto que acompanham estas imagens denunciam um suposto jantar em Roma do ministro com o filho do candidato Lula. Episódio classificado pela agência de checagem Fato ou Fake como falso⁵¹. Elas foram compartilhadas nos dias 24, 25, 26 e 27 de outubro.

Figura 5 - Compilado das imagens de Gilmar Mendes em um suposto jantar compartilhadas entre os dias 24 e 27/10/22.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

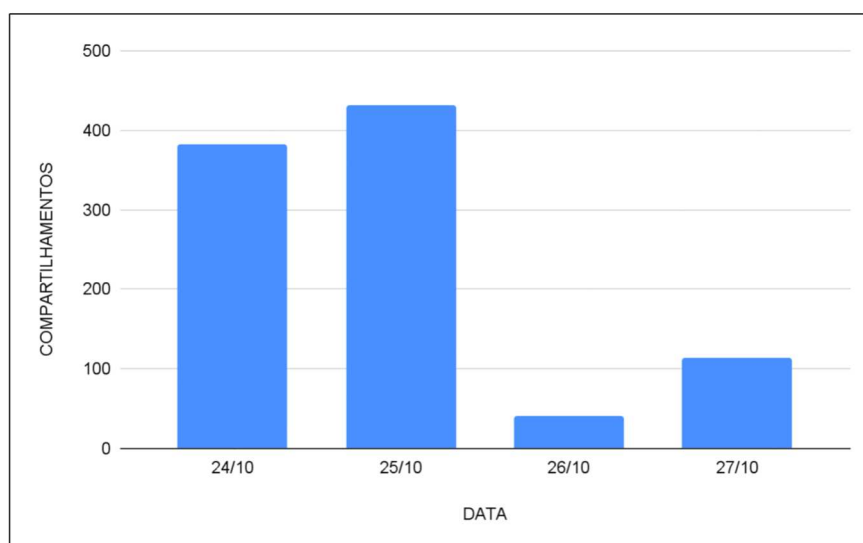
⁵¹É fake que imagem mostre Gilmar Mendes com filho de Lula em restaurante em Roma. G1. 26 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/10/26/e-fake-que-imagem-mostre-gilmar-mendes-com-filho-de-lula-em-restaurante-de-roma.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2023.

No dia 24 de outubro, observamos que 6 das 10 mensagens mais compartilhadas estavam relacionadas a imagens referentes ao mesmo episódio em questão. Essas imagens apresentaram uma média de 64 compartilhamentos cada. Já no dia seguinte, 25 de outubro, novamente houve a predominância de 6 imagens entre as 10 mensagens mais compartilhadas, porém, com uma média de compartilhamentos mais elevada, alcançando a marca de 72. No dia subsequente, 26 de outubro, somente uma mensagem foi registrada entre as 10 mais compartilhadas, a qual obteve um total de 40 compartilhamentos. No dia 27 de outubro, foram identificadas 3 mensagens, com uma média de 38 compartilhamentos cada, conforme descrito no Gráfico 11.

Observou-se que o assunto em questão dominou a conversação nos grupos analisados durante os dias 24 e 25 de forma proeminente. No entanto, a relevância desse tema gradualmente diminuiu após os dois primeiros dias, com uma diminuição na quantidade de compartilhamentos e na presença desse tópico nos conteúdos coletados.

Esses resultados apontam para um engajamento intenso inicial, com grande visibilidade e circulação nos grupos de WhatsApp. No entanto, ao longo do tempo, a atenção e o interesse dos usuários parecem ter se dispersado, levando a uma diminuição tanto na quantidade de compartilhamentos quanto na relevância do assunto nas conversações observadas. Esses achados ressaltam a importância de considerar a dinâmica temporal e a evolução dos temas discutidos nas redes sociais, uma vez que a intensidade do engajamento pode variar ao longo do tempo.

Gráfico 11 - Distribuição das mensagens sobre o suposto jantar do ministro Gilmar Mendes e o filho do candidato Lula.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

O terceiro exemplo de conteúdos recorrentes são mensagens de texto com chamadas para que o interlocutor assista a uma propaganda eleitoral supostamente censurada. Apesar de não termos acesso ao vídeo, que provavelmente foi compartilhado como mídia, a data das mensagens e a descrição podem sugerir que provavelmente três das mensagens tratam de um mesmo conteúdo.

Mensagem 5 - 21/10/2022, 85 compartilhamentos, 70 grupos, 77 usuários.

Esta propaganda iria ao ar hoje 20-10. Foi proibido, eu quero ver segurar a internet 🤔🤔🤔🤔🤔🤔. Senta o dedo manda até para os cachorros! 🐾

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 6 - 26/10/2022, 184 compartilhamentos, 121 grupos, 139 usuários.

ESSA ERA A PROPAGANDA ELEITORAL DO BOLSONARO, QUE IA AO AR HOJE MAS, FOI proibida!!! ESTÁ LINDA!!! VAMOS COMPARTILHAR O MÁXIMO E PEDIR QUE COMPARTILHEM COM MUITOS AMIGOS!!! JUNTOS SOMOS MAIS FORTES! 🤝🤝👍👍👍👍👍👍👍👍👍

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 7 - 25/10/2022, 119 compartilhamentos, 83 grupos, 92 usuários.

ESSA ERA A PROPAGANDA ELEITORAL DO BOLSONARO, QUE IA AO AR HOJE MAS, FOI proibida!!! ESTÁ LINDA!!! VAMOS COMPARTILHAR O MÁXIMO E PEDIR QUE COMPARTILHEM COM MUITOS AMIGOS!!! JUNTOS SOMOS MAIS FORTES! 🤝🤝👍👍👍👍👍👍👍👍👍

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 8 - 25/10/2022, 83 compartilhamentos, 60 grupos, 73 usuários.

Essa propaganda do Bolsonaro ia ao ar hoje e foi proibida. Quero ver o careca proibir a gente de divulgar na internet. Vamos sentar o dedo galera!

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

As mensagens foram coletadas nos dias 21, 26, 25 e 25, respectivamente. A Mensagem 5 foi compartilhada em um total de 185 vezes, distribuída em 70 grupos diferentes, com a participação de 77 usuários. A Mensagem 6 obteve 184 compartilhamentos, sendo disseminada em 121 grupos e alcançando o envolvimento de 139 usuários. Já a

Mensagem 7 registrou um total de 119 compartilhamentos, espalhados por 83 grupos e contando com a participação de 92 usuários. A Mensagem 8, obteve menos compartilhamentos, totalizando 83, foi disseminada em 60 grupos, com a participação de 73 usuários.

Um aspecto que destacamos é o uso recorrente da palavra "proibida" em todas as mensagens analisadas. Essa escolha linguística demonstra uma estratégia discursiva com o objetivo de chamar a atenção do receptor e despertar seu interesse através da sugestão de um conteúdo restrito ou vedado. Além disso, observa-se a presença do discurso interpelativo como um procedimento subjetivante em todas as mensagens examinadas. Essa abordagem visa envolver o leitor ou receptor da mensagem de forma pessoal, convocando-o a se engajar e participar da ação proposta.

É interessante ressaltar que nas mensagens 6 e 7, há uma clara exaltação do conteúdo que se pretende promover. Essa estratégia busca enfatizar a importância e relevância do conteúdo em questão, incentivando o receptor a se envolver e se identificar com a mensagem. Além disso, em todas as mensagens, há um convite ou convocação que busca evidenciar a união como grupo e apelar para o senso de urgência como uma motivação para a ação.

Outro exemplo de conteúdo são as três mensagens a seguir. O mesmo conteúdo foi coletado três vezes no dia 27 de outubro, com textos diferentes. A primeira mensagem obteve um total de 107 compartilhamentos, em 76 grupos, por 98 usuários; a segunda foi compartilhada 96 vezes, em 77 grupos, por 88 usuários; e a terceira obteve um total de 89 compartilhamentos, em 70 grupos, por 82 usuários.

Mensagem 9 - 27/10/2022, 107 compartilhamentos, 76 grupos, 98 usuários.

! Atenção, Brasil! Chegou a hora de colocarmos fim aos abusos praticados pelo ministro Alexandre de Moraes e mostrarmos aos demais ministros do STF que o povo não aceitará mais qualquer excesso praticado por eles. Como qualquer outro membro do Estado, eles devem agir nos limites da lei e de sua competência. Para isso, vamos fazer circular essa petição pelo IMPEACHMENT de Alexandre de Moraes. O Brasil acordou e vamos mostrar que supremo é o POVO! Assine e compartilhe! Pra frente, Brasil! Vamos mostrar nossa força!
BRBRBR 🗣️ 📌 <https://peticaopublica.me/impeachment-alexandre-de-moraes-2021/>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 10 - 27/10/2022, 96 compartilhamentos, 77 grupos, 88 usuários.

! Brasil, temos acompanhado os abusos praticados pelo STF em nosso país, especialmente pelo Ministro Alexandre de Moraes. Temos visto a ditadura imposta por este senhor e o desrespeito aos limites constitucionais quanto à sua competência. Chega de nos curvamos diante das atrocidades praticadas por ele, é hora de acabar com a impunidade por seus atos ilegais. Precisamos demonstrar a posição e força do nosso povo. Vamos lutar pelo IMPEACHMENT de Alexandre de Moraes e mostrar que supremo é o POVO! Assine

e compartilhe muito essa petição! Precisamos do seu apoio! BRBRBR 🇧🇷 👉
<https://peticaopublica.me/impeachment-alexandre-de-moraes-2021/>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 11 - 27/10/2022, 89 compartilhamentos, 70 grupos, 82 usuários.

!Povo brasileiro, nossa nação acordou! Lutaremos pela nossa nação e uma das pautas urgentes é o fim da ditadura importa pelo STF. Temos acompanhado os abusos praticados por este órgão, especialmente pelo Ministro Alexandre de Moraes. Chegou a hora de colocarmos fim à impunidade deste senhor e mostrarmos que não aceitaremos mais o desrespeito aos limites constitucionais por qualquer dos membros do STF. Vamos assinar essa petição pelo IMPEACHMENT de Alexandre de Moraes! CHEGA! Precisamos do seu apoio! Compartilhe muito!!! SUPREMO É O POVO! BRBRBR 🇧🇷 👉
<https://peticaopublica.me/impeachment-alexandre-de-moraes-2021/>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Ao analisarmos as mensagens em questão, podemos observar que todas elas compartilham uma mesma fonte, representada pelo *hiperlink* que direciona para uma petição pública referente ao impeachment do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes. Embora apresentem diferenças textuais, é possível identificar uma estrutura comum nas mensagens analisadas.

Essa estrutura consiste em elementos específicos que se repetem. Todas elas iniciam com um emoji de exclamação, que denota ação e busca criar um senso de urgência. Em seguida, utilizam um vocativo generalizante, como "Brasil" ou "povo brasileiro", com o intuito de se dirigir ao público-alvo de forma ampla e inclusiva. Além disso, são empregados emojis da bandeira do Brasil e da balança, que simboliza a Justiça, reforçando a ideia de que a causa em questão está relacionada a um ideal de justiça para o país.

Outro aspecto relevante é a abordagem de ações do STF, descritas como "excesso", "ditadura", "desrespeito aos limites" e "abusos". Essas expressões caracterizam as ações do tribunal como ilegítimas e prejudiciais à sociedade. Além disso, observa-se o uso de estratégias subjetivantes de invisibilidade, em que a enunciação não é explicitada, o que pode indicar uma intenção de ocultar a origem dessas mensagens.

O discurso interpelativo é utilizado como um recurso para convocar os indivíduos a agirem, assinando a petição, visando alcançar um resultado coletivo almejado. Esse apelo à ação individual e a ideia de união em prol de um objetivo comum são estratégias que buscam engajar os receptores e incentivar a participação ativa. Outro elemento presente nas

mensagens é a expressão "Supremo é o povo". Essa frase sintetiza uma visão de que o poder supremo deve estar nas mãos do povo, sugerindo uma crítica ao papel e às decisões do STF, e reforçando a ideia de que a ação coletiva é fundamental para a defesa dos interesses da sociedade.

A semelhança estrutural e semântica entre as mensagens analisadas pode indicar que foram produzidas por um mesmo grupo ou indivíduo. Essa repetição de elementos e estratégias discursivas podem sugerir a existência de ações orquestradas de produção e compartilhamento de conteúdos no aplicativo de mensagens WhatsApp, com propósito de amplificar uma determinada narrativa ou influenciar a opinião pública em relação ao tema em discussão. Vamos analisar ainda dois exemplos de conteúdos recorrentes entre os observados que reforçam a hipótese de uma orquestração na produção e compartilhamento dos conteúdos.

Imagens muito semelhantes sobre decisões de ministros e do STF/TSE sobre censura ou proibições com a logo do portal Hora Brasília foram compartilhadas entre os dias 18 e 19 de outubro. São 15 conteúdos que se assemelham não apenas na estética, mas também no conteúdo, como podemos observar nas imagens número 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33 e 34 (conforme Anexo 1). Todas compartilhadas nos dias 18 e 19 de outubro.

Todas elas se referem a ações do TSE para retirar conteúdo e proibir veiculações. Além disso, todas essas imagens possuem uma mesma fonte, que é explicitamente apresentada através do portal mencionado nas próprias imagens. Essa consistência na fonte reforça a ideia de uma narrativa comum, buscando conferir maior credibilidade e veracidade aos conteúdos compartilhados.

Há o uso da invisibilidade como estratégia de manipulação subjetivante, caracterizada pelo discurso impessoal, característico de textos jornalísticos, que busca criar uma aparência de imparcialidade e objetividade. Essa abordagem pode influenciar a percepção dos receptores a respeito da narrativa veiculada.

Além disso, chama a atenção a semelhança nos números de compartilhamentos totais, quantidade de usuários envolvidos e grupos onde os conteúdos foram coletados, conforme demonstrado na Tabela 6. Essa consistência nos números pode ser um indício de orquestração na disseminação desses conteúdos. Tal orquestração pode ocorrer por meio da automação de disparos, ou seja, o uso de ferramentas ou técnicas para envio em massa das imagens, ou pode indicar uma articulação entre indivíduos ou grupos com o intuito de amplificar a mensagem e alcançar um público maior.

Tabela 6 - Número de compartilhamentos das mensagens 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33 e 34

DATA	TOTAL	GRUPOS	USUÁRIOS
19/10/2022	222	135	189
18/10/2022	203	133	173
19/10/2022	220	137	190
19/10/2022	215	135	189
18/10/2022	205	133	171
19/10/2022	222	138	190
18/10/2022	209	132	175
18/10/2022	205	134	174
18/10/2022	202	131	169
18/10/2022	201	131	170
18/10/2022	199	131	170
19/10/2022	216	133	189
19/10/2022	215	134	185
19/10/2022	215	132	186
19/10/2022	222	135	191

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Também identificamos um padrão recorrente em outros conteúdos de imagem durante os dias 18 e 19 de outubro. Entre os conteúdos mais compartilhados nesse período, destacam-se quatro imagens relacionadas a decisões do TSE que fazem referência direta a Lula e ao PT. Essas imagens, identificadas como números 17, 23, 28 e 29 no Anexo 1, apresentam um alto grau de semelhança entre si.

Tanto a Imagem 4, quanto a Imagem 5, foram compartilhadas duas vezes, uma em cada um dos dias mencionados: a imagem 4 foi coletada no dia 18 de outubro, com um total de 200 compartilhamentos, em 131 grupos por 170 usuários. No dia 19 de outubro, essa mesma imagem obteve 221 compartilhamentos, em 138 grupos diferentes, por 192 usuários. De maneira semelhante, a imagem 5 registrou 209 compartilhamentos no dia 18 de outubro, em 134 grupos e por 176 usuários, enquanto no dia 19 de outubro obteve 220 compartilhamentos, em 134 grupos e por 190 usuários.

Figura 6 –19/10/2022, 221 compartilhamentos, 138 grupos, 192 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 7 - 19/10/2022, 220 compartilhamentos, 134 grupos, 190 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

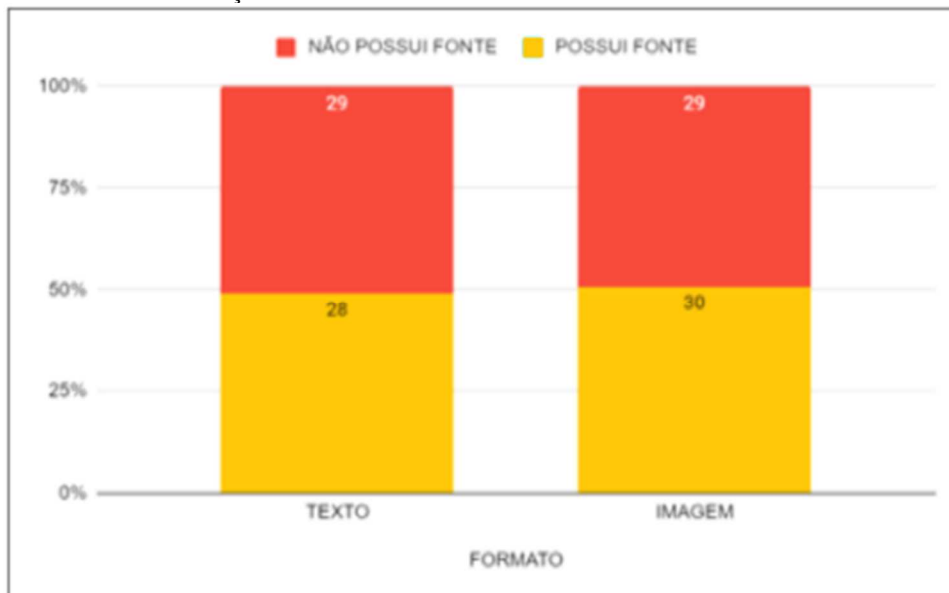
A presença de informações de compartilhamentos tão similares entre esses dois conjuntos de imagens também pode sugerir a existência de uma coordenação na distribuição desses conteúdos.

6.3 Fontes

Na análise anterior, citamos a presença do que chamamos aqui de “fontes”, destacando a explicitação da origem da informação compartilhada, seja através de *hiperlinks*, ou de

indicação nas imagens. Observamos que exatamente 50% (Gráfico 12) das mensagens analisadas menciona alguma fonte externa para a informação presente no discurso. tal elemento serve como validação da informação, direcionando para outros canais onde os conteúdos originais foram produzidos.

Gráfico 12 - Conteúdos com citação de fontes.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Na Tabela 7, podemos observar quais as fontes que aparecem nos conteúdos. Nas mensagens de texto, observamos que as mensagens de texto, a citação de fonte ocorre através de hiperlinks direcionados para sites e portais de notícias com viés político de direita como o portal Pensando Direita, que aparece em 15 dos links compartilhados. Já entre as imagens, observamos que a maior parte são reproduções de conteúdos produzidos por portais como Hora Brasília, Conexão Política, UOL, G1 e O Globo ou que mimetizam os elementos gráficos desses meios de comunicação.

Tabela 7 - Fontes citadas nos conteúdos.

FORMATO	FONTE	NÚMERO DE CONTEÚDOS
TEXTO	Folha da Política ⁵²	6
	Bombeiros DF ⁵³	2

⁵² Disponível em: <<https://www.folhadapolitica.com/>> Acesso em: 20 jun.2023.

	Pensando Direita ⁵⁴	15
	Terra Brasil notícias ⁵⁵	2
	Nova Iguaçu 24h ⁵⁶	2
	Twitter	1
IMAGEM	Reprodução de Tweet	6
	Inscrição da Fonte na imagem - Polícia Federal	1
	Reprodução de Portal - HORA BRASÍLIA ⁵⁷	15
	Reprodução de Portal - Conexão Política (CP) ⁵⁸	4
	Reprodução de Portal de Notícias - UOL ⁵⁹	1
	Reprodução de Portal de Notícias - G1 ⁶⁰	1
	Reprodução de Portal de Notícias sem inscrição	1
	Reprodução de Portal de Notícias - O GLOBO ⁶¹	1

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Dentre os veículos de comunicação que aparecem nos conteúdos, vemos que o que possui maior número de citações é o Portal Hora Brasília, com 15 conteúdos, que levam a sua logomarca.

O uso das fontes pode ser compreendido como uma estratégia para conferir maior credibilidade aos conteúdos compartilhados. Observamos que a grande maioria é composto por veículos de comunicação o que associa às mensagens aspectos como a impessoalidade e imparcialidade dos conteúdos. São estratégias de camuflagem para conferir juridicidade aos conteúdos, como discutiremos a seguir.

⁵³ Disponível em: <<https://www.bombeirosdf.com.br/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.pensandodireita.com/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁵ Disponível em: <<https://terrabrasilnoticias.com/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁶ Disponível em: <<https://novaiguacu24h.com.br/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁷ Disponível em: <<https://horabrasilia.com.br/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁶⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/>> Acesso em: 20 jun.2023.

⁶¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>> Acesso em: 20 jun.2023.

6.4 Camuflagens e estratégias de manipulação discursiva

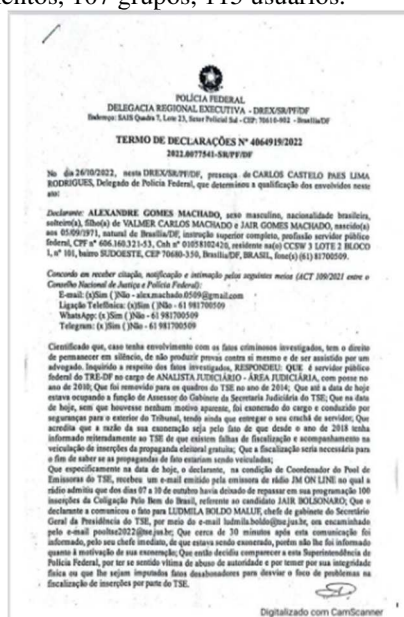
Como vimos no Capítulo 1, Greimas (2014) propõe dois tipos de procedimentos com objetivo de produzir o verídico: camuflagens objetivantes e subjetivantes. A camuflagem objetivante procura “parecer não o discurso de um sujeito, mas o puro enunciado das relações necessárias entre as coisas e, para isso, apaga tanto quanto possível todas as marcas da enunciação” (GREIMAS, 2014, p.123). Na camuflagem objetivante há o uso do “nós” e certo mascaramento do ato de linguagem, uma vez que o enunciador é substituído por construções impessoais. Já na camuflagem subjetivante, há um sujeito que interpela, provocando um efeito maior de proximidade. Demuru, Fachine, Lima (2022) observaram a ocorrência destas camuflagens como estratégias para conferir veracidade aos conteúdos de desinformação. Utilizaremos os estudos como referência para realizar parte da nossa análise. Observando a utilização de estratégias que atuam para conferir credibilidade, mobilizar e ampliar o alcance de conteúdos.

6.4.1 Camuflagens objetivantes

No conjunto total de 116 mensagens, identificamos que 69 delas utilizam o emprego de camuflagens objetivantes, com o mascaramento do ato da linguagem, através do uso de construções impessoais, ocultando a enunciação e conferindo uma aparência de objetividade aos discursos observados. Já 47 das mensagens analisadas empregam estratégias de camuflagem subjetivante, visando ocultar intenções e manipular a percepção do receptor.

Um exemplo do uso da camuflagem objetivante é observado na Imagem 6, na qual é aplicado o ocultamento da enunciação. Nesse caso, o autor da mensagem opta por não se manifestar diretamente, mas utiliza a impessoalidade do documento apresentado como forma de enunciar seu discurso. O documento em questão é um termo de declaração da Polícia Federal, supostamente do depoimento de um servidor que teria denunciado fraudes na veiculação de propaganda em rádios que prejudicaram o candidato Jair Bolsonaro.

Figura 8 - 26/10/2022, 162 compartilhamentos, 107 grupos, 115 usuários.

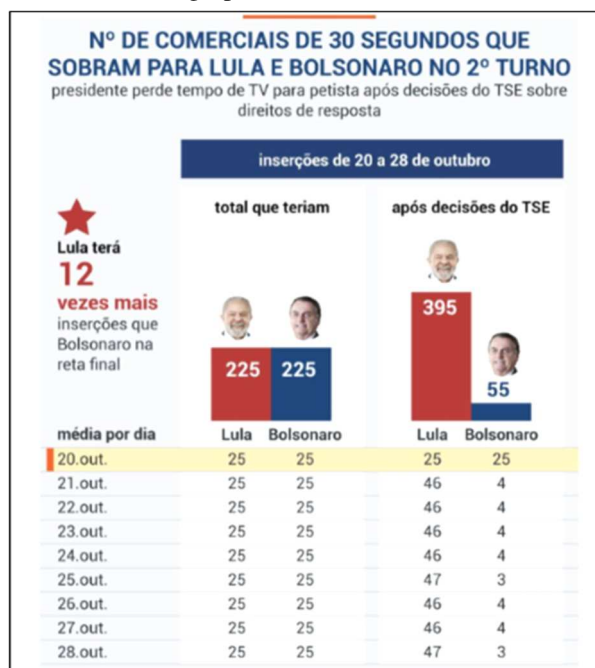


Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

A utilização da imagem do documento ajuda a conferir maior credibilidade ao argumento apresentado. A impessoalidade da imagem, ao distanciar seu conteúdo de um caráter pessoal e opinativo, cria a ilusão de um relato imparcial e baseado em fatos concretos. Dessa forma, a estratégia de camuflagem objetivante busca legitimar o discurso ao apresentá-lo como algo respaldado por uma fonte documental oficial, reforçando sua credibilidade perante os receptores.

A Imagem 7 é outro exemplo do uso da camuflagem objetivante. Nesse caso, o enunciador não se manifesta de forma explícita, optando por utilizar um recurso visual na forma de um infográfico, frequentemente utilizado por veículos de imprensa. A escolha de um infográfico como formato de comunicação é significativa, pois esse recurso visual é comumente associado a uma abordagem informativa e imparcial, transmitindo a ideia de que as informações apresentadas são baseadas em fatos e dados verificáveis. Ao utilizar essa forma de camuflagem objetivante, o enunciador busca distanciar-se do discurso, evitando a exposição de suas opiniões pessoais e subjetividades, e reforçando a ideia de que o conteúdo apresentado é fruto de uma análise neutra e embasada, por uma fonte supostamente objetiva e confiável.

Figura 9 - 20/10/2022, 77 compartilhamentos, 57 grupos, 58 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.4.2 Camuflagens subjetivantes

Dentre as 47 mensagens onde observamos o uso de estratégias de camuflagem subjetivante, 28 utilizam a estratégia do disfarce para conferir uma aparência de veracidade ao discurso. Essa estratégia é alcançada por meio de duas abordagens principais: a explicitação do enunciador e o uso de testemunhos.

Na primeira abordagem, observamos a explicitação do enunciador, em que o autor da mensagem se identifica ou faz referência direta à sua autoria. Essa estratégia busca estabelecer uma relação de confiança e autenticidade com o receptor, transmitindo a ideia de que o discurso provém de uma fonte legítima e confiável. A explicitação do enunciador visa fortalecer a credibilidade do conteúdo apresentado, pois cria a percepção de que as informações são respaldadas por uma pessoa real e responsável por suas afirmações.

A segunda abordagem consiste no uso de testemunhos que evidenciam a presença de um "eu" enunciador manifesto. Nesse caso, são incluídos relatos pessoais ou experiências vivenciadas pelo enunciador, criando a ilusão de que o discurso é embasado em experiências reais e individuais que são elevadas à uma regra geral. Essa estratégia visa apelar para a

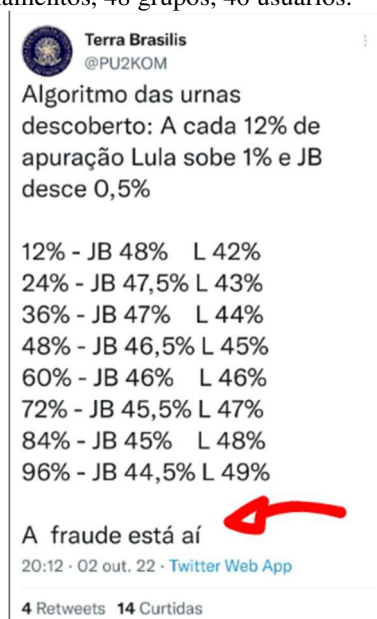
empatia e identificação do receptor, pois o testemunho pessoal pode gerar uma conexão emocional.

Na Imagem 8, percebemos o emprego da estratégia de disfarce por meio de uma declaração do perfil "Terra Brasilis" supostamente divulgada no Twitter. Nesse caso, o enunciador está manifesto, ou seja, o autor do discurso se apresenta explicitamente como sendo o perfil mencionado. Essa abordagem cria a percepção de que o conteúdo é proveniente de uma fonte confiável, neste caso específico, o perfil mencionado. A utilização dessa estratégia visa estabelecer uma relação de credibilidade com o receptor, pois a identificação do enunciador tende a gerar confiança no discurso apresentado.

Já na Imagem 9, observamos a estratégia de disfarce por meio do relato de um usuário identificado, supostamente extraído do Twitter. Nessa situação, é o testemunho do usuário que contribui para conferir veracidade ao enunciado. Ao apresentar um relato pessoal de algo que ele próprio observou, o enunciador busca estabelecer uma conexão emocional com o receptor, apelando para a empatia e a identificação. Além de assumir um papel de autoridade, de quem detém acesso a uma informação restrita. A inclusão do testemunho pessoal cria a percepção de que o discurso é baseado em experiências reais, o que pode gerar maior confiabilidade e aceitação das informações apresentadas.

Esses exemplos evidenciam a intenção dos enunciadores em utilizar estratégias de disfarce para conferir uma aparência de veracidade e autenticidade aos discursos. Ao se manifestarem explicitamente como enunciadores ou ao compartilharem testemunhos pessoais, buscam estabelecer uma relação de confiança com o receptor, fundamentada na percepção de que as informações provêm de fontes autênticas e confiáveis.

Figura 10 - 03/10/2022, 63 compartilhamentos, 48 grupos, 46 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 11 - 30/10/2022, 26 compartilhamentos, 16 grupos, 23 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.4.3 Estratégias subjetivantes

Ao analisarmos as estratégias presentes nas mensagens, identificamos também o uso de estratégias de invisibilidade em 18 das mensagens observadas, nas quais a ocultação da enunciação é utilizada como forma de conferir credibilidade ao enunciado. Um exemplo é a Mensagem 12. Nela, observamos que o enunciador não está explícito, ou seja, o autor da

mensagem não se manifesta de forma direta. Essa ausência de identificação visa criar a percepção de objetividade e imparcialidade no discurso. Ao ocultar o enunciador, o foco é direcionado para o conteúdo apresentado, que busca transmitir informações que sustentam o argumento implícito no texto: a ocorrência de fraudes na votação e apuração dos votos em favor do candidato Lula.

Essa estratégia de invisibilidade confere maior credibilidade ao enunciado, uma vez que a ausência de uma identificação pessoal pode transmitir a ideia de que o discurso é imparcial e baseado em fatos objetivos. A apresentação de dados que sustentam o argumento reforça a intenção de conferir uma aparência de veracidade às informações transmitidas.

Mensagem 12 - 04/10/2022, 394 compartilhamentos, 202 grupos, 334 usuários.

CIDADES QUE ATÉ OS MORTOS VOTARAM EM LULA. N.S. da Glória (Se) 3.053 habitantes. 4.615 votaram em Lula. Porto da Pedra: (Pe) 6.122 habitantes: 8.090 votaram em Lula. Poço das Antas(Pe) População: 4.342 habitantes. 5.873 Votaram em Lula. Xique Xique (BA) 43.548 habitantes: Pasmem: 64.805 habitantes votaram no Lula. Barragem(BA) 25.687 habitantes: 31.338 votaram em Lula. Nova liberdade (BA) 11.026 habitantes: 16.192 votaram em Lula. Novaçores (BA) 9.622 habitantes: 12.351 votaram em Lula. Guanabim(BA) população: 19.764 habitantes: 22.538 Votaram em Lula. Joaçaba (BA) 6.142 habitantes: 6.984 votaram em Lula. Antas(BA) população: 11.434 habitantes: 18.001 votaram em Lula. e mais 192 cidades Brasileiras (Bahia com maior número) em que os mortos RESSUSCITARAM para VOTAR em Lula.

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Já a estratégia de disfarce, pode ser observada em conteúdos como a Imagem 10. Nela vemos uma foto do ministro Luís Roberto Barroso, descrito como presidente do TSE, cargo que já não ocupava no pleito de 2022. Sobreposta à imagem está a frase: “Eleição não se ganha, se toma”, atribuída a ele. Vemos na imagem o “eu” manifesto, com o enunciador sendo o ministro Luís Roberto. Utiliza-se a posição do ministro, na tentativa de influenciar e persuadir os receptores.

Figura 12 - 03/10/2022, 53 compartilhamentos, 45 grupos, 47 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Ao atribuir a frase "Eleição não se ganha, se toma" ao ministro Barroso, o enunciador procura estabelecer uma narrativa de suposta manipulação e questionamento da lisura do processo eleitoral. A mensagem sugere que as eleições não são conquistadas por meio de votos legítimos, mas sim por meio de artimanhas e estratégias questionáveis. Dessa forma, busca-se criar uma atmosfera de desconfiança e deslegitimação das instituições e dos processos democráticos.

Da mesma forma, também observamos o enunciador explícito e manifesto na Imagem 11. Podemos identificar a mimetização de características do jornalismo como estratégia de disfarce. A imagem simula um conteúdo jornalístico, utilizando o layout e a identidade visual do portal de notícias G1. A "manchete" apresenta uma afirmação em primeira pessoa atribuída à suposta irmã do ministro Alexandre de Moraes, conferindo um caráter de autenticidade ao enunciado. Ao simular um formato jornalístico, a imagem busca enganar o receptor, fazendo com que ele acredite estar diante de uma notícia. No caso em questão, tal informação não foi publicada pelo portal de notícias G1.

É fundamental destacar que o uso do disfarce como estratégia de manipulação pode distorcer a percepção da realidade. Através da mimetização e do enunciador explícito, o conteúdo busca influenciar o receptor, levando-o a aceitar como verdadeiras informações que podem não ser totalmente precisas ou embasadas em fatos verificáveis.

Figura 13 - 27/10/2022, 34 compartilhamentos, 25 grupos, 28 usuários



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.4.4 Papéis subjetivantes

Os papéis subjetivantes mais recorrentes nos conteúdos analisados é o de pessoa comum, que observamos em 31 conteúdos. Tanto nos discursos que fazem uso de estratégias de invisibilidade quanto nos que utilizam o disfarce, é possível observar que o enunciador se posiciona, de forma implícita ou explícita, como um indivíduo comum, muitas vezes indignado com alguma situação, que convoca outras pessoas à ação, como podemos observar na Imagem 12 e na Mensagem 13.

Na Imagem 12, por exemplo, o enunciador não se manifesta explicitamente, ocultando sua identidade. No entanto, a mensagem transmitida busca apelar para a sensibilidade e indignação dos receptores ao abordar a suposta fraude na votação e apuração dos votos em favor do candidato Lula. O enunciador busca estabelecer uma conexão emocional com o público, transmitindo a ideia de que o discurso é representativo de um sentimento

generalizado de revolta e descontentamento, se incluindo entre os cidadãos comuns brasileiros, enganados por um sistema fraudulento: “somos tão burros assim?”.

Figura 14 - 03/10/2022, 105 compartilhamentos, 85 grupos, 84 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

O mesmo observamos na Mensagem 13. Nesse caso, o enunciador compartilha sua opinião pessoal e convida outros indivíduos a se unirem em um determinado propósito. Essa abordagem busca mobilizar o receptor por meio da identificação, apresentando o enunciador, mesmo que implícito, como alguém comum que compartilha dos mesmos valores e preocupações.

Essa estratégia de assumir o papel de pessoa comum é utilizada para estabelecer uma maior proximidade com o público-alvo, criando uma sensação de empatia e identificação. Ao apresentar-se como alguém semelhante ao enunciador, que pertence a um mesmo grupo, ou compartilha dos mesmos valores, o enunciador busca ampliar sua influência e persuasão sobre os receptores, uma vez que muitas pessoas tendem a se sentir mais inclinadas a aceitar e seguir as opiniões de seus pares.

Mensagem 13 - 25/10/2022, 119 compartilhamentos, 83 grupos, 92 usuários.

ESSA ERA A PROPAGANDA ELEITORAL DO BOLSONARO, QUE IA AO AR HOJE MAS, FOI

proibiDA!!! ESTÁ LINDA!!! VAMOS COMPARTILHAR O MÁXIMO E PEDIR QUE COMPARTILHEM COM MUITOS AMIGOS!!! JUNTOS SOMOS MAIS FORTES! 🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝🤝

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.4.5 Discurso interpelativo

Em nossa análise identificamos uma predominância de conteúdos escritos em terceira pessoa, totalizando 73 mensagens, o que representa cerca de 63% do total analisado. As mensagens redigidas em primeira pessoa correspondem a 47% do corpus, totalizando 31 mensagens. Dentre essas mensagens em primeira pessoa, notamos que 34 delas utilizam estratégias de interpelação.

É interessante observar que, na maioria dos casos, o discurso interpelativo ocorre na primeira pessoa, empregando construções na primeira pessoa do plural, como "nós" e "a gente", e outras construções semelhantes. Essa abordagem busca criar um senso de coletividade e pertencimento, estabelecendo uma identificação entre o enunciador e o receptor. Ao adotar uma linguagem inclusiva, o enunciador busca mobilizar o receptor para uma ação específica, na maior parte das vezes o ato de compartilhar o conteúdo em questão.

Além disso, notamos a presença de construções mistas, como a Mensagem 14, em que parte do texto é redigida em terceira pessoa, buscando uma impressão de imparcialidade e impessoalidade, e, em seguida, ocorre um comentário em primeira pessoa, geralmente no plural, com o intuito de interpelar o receptor e motivá-lo a tomar uma determinada ação. Essa estratégia reforça a ideia de engajamento coletivo, convocando o receptor a se juntar a um grupo ou movimento em prol de uma causa ou objetivo comum.

Mensagem 14 - 21/10/2022, 173 compartilhamentos, 121 grupos, 143 usuários.

ATENÇÃO *Lista de proibições do TSE* • É proibido mostrar IMAGENS DO 7 DE SETEMBRO; • É proibido pendurar a BANDEIRA DO BRASIL nas faixadas das Igrejas; • É proibido reunir FATOS HISTÓRICOS em um documentário; • É proibido falar que o Lula defende a LEGALIZAÇÃO DO ABORTO; • É proibido dizer que o Lula é a favor da LIBERALIZAÇÃO DAS DROGAS; • É proibido dizer que o Lula defende INVASÃO DE TERRAS; • É proibido dizer que Lula quer a VOLTA DA censura; • É proibido dizer que o Lula é AMIGO E APOIADOR DE MADURO E ORTEGA; • É proibido dizer que Lula e o PT tem ligação com as FARC; • É proibido dizer que Lula e o PT APOIAM DITADURAS; • É proibido dizer que o Lula é EX-PRESIDIÁRIO; • É proibido dizer que Lula era o CHEFE DOO MENSALÃO; • É proibido dizer que Lula era o CHEFE DOO PETROLÃO; • É proibido dizer que o Lula é LADRÃO; • É proibido dizer que o Lula foi CONDENADO; • É proibido dizer que o Lula foi DESCONDENADO POR UMA MANOBRA DO STF; • É proibido dizer que o Lula só é candidato porque tem AMIGOS NO STF; • É proibido dizer que Lula tem relação com a MORTE DE CELSO DANIEL; • É proibido falar sobre o PEDIDO DE MARCOLA, para que a bandidagem votasse em Lula; • É proibido dizer que Lula tem RELAÇÃO COM O PCC; • É proibido falar sobre ADÉLIO BISPO; • É proibido falar sobre o ATENTADO AO CANDIDATO

TARCISO; • É proibido falar sobre o Lula no Morro do Alemão, recebendo o APOIO DOS TRAFICANTES; • É proibido dizer que o PT é uma ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA; • É proibido dizer que um HACKER PASSEOU 6 MESES NOS COMPUTADORES DO TSE, com acesso ao código fonte das urnas; • É proibido dizer que a Invasão dos computadores do TSE foi ESCONDIDA DO POVO pelo TSE em inquérito sigiloso; • É proibido dizer que os registros da invasão também foram apagados pelo próprio TSE; • É proibido falar sobre a INTERFERÊNCIA DE BARROSO, na tramitação do VOTO AUDITÁVEL no Congresso; • É proibido falar sobre VULNERABILIDADES NAS urnaS eletrônicas; • É proibido ter dúvidas sobre a SEGURANÇA DAS urnaS; • É proibido DENUNCIAR EVENTUAIS IRREGULARIDADES OU fraudeS nas urnas; • É proibido indagar sobre PARCIALIDADE no TSE e STF; • É proibido dizer que existe censura no Brasil; • É proibido dizer que existe PERSEGUIÇÃO POLÍTICA do STF e TSE à apoiadores do Bolsonaro; • É proibido dizer que o STF TEM DESRESPEITADO A CONSTITUIÇÃO; • É proibido dizer que existem INQUÉRITOS ILEGAIS NO STF; • É proibido dizer que VIVEMOS EM UM REGIME DE EXCEÇÃO. *SÓ FALTOU:* • proibir a gente de dizer que o Lula é o Lula! *Então, aproveita que ainda não proibiram a gente de usar o WhatsApp, e taca o dedo no celular, e compartilha com seus contatos!*

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Durante a análise do corpus, observamos que as mensagens que utilizam camuflagens objetivantes apresentaram uma média de compartilhamentos mais alta, com um total de 115 compartilhamentos em média. Por outro lado, as mensagens que empregam camuflagens subjetivantes tiveram uma média de 92 compartilhamentos. É importante ressaltar, no entanto, que não podemos tirar conclusões generalizantes, uma vez que nosso corpus é limitado e não conseguimos considerar outros fatores que podem influenciar na ocorrência e viralização dos conteúdos.

Um dos fatores que merece atenção é o possível uso de estratégias de distribuição que podem ter impacto na disseminação. É fundamental considerar que a popularidade de uma mensagem pode ser influenciada por mecanismos de compartilhamento automático ou por uma orquestração intencional, como já evidenciado em nosso trabalho. Essa é uma questão importante a ser considerada, pois a utilização de técnicas automatizadas ou coordenação estratégica pode distorcer a percepção do alcance e popularidade de determinados conteúdos.

Portanto, embora tenhamos identificado uma diferença média nos compartilhamentos entre as mensagens que utilizam camuflagens objetivantes e subjetivantes, é necessário abordar essas conclusões com cautela e considerar as limitações do nosso estudo. A compreensão plena do impacto e da eficácia dessas estratégias requer uma análise mais abrangente e a consideração de outros fatores que podem influenciar no engajamento e disseminação das mensagens.

Esses resultados evidenciam a variedade de recursos linguísticos e discursivos utilizados para influenciar e mobilizar o receptor. O uso de diferentes pessoas gramaticais, estratégias de interpelação e construções que alternam entre a impessoalidade e a subjetividade revela a complexidade dessas mensagens e a intenção de conferir-lhes maior

impacto persuasivo. Compreender essas dinâmicas discursivas é fundamental para uma leitura crítica e consciente das mensagens recebidas, permitindo ao receptor avaliar de forma mais informada os apelos e argumentos apresentados.

6.5 Limites e escala da controvérsia

6.5.1 Definição das subcontrovérsias

Com o objetivo de compreender melhor o conteúdo das mensagens analisadas, realizamos a classificação dos temas abordados, identificando subcontrovérsias presentes nos discursos. Essa abordagem nos permitiu agrupar as mensagens de acordo com os tópicos discutidos, facilitando a análise das diferentes perspectivas e argumentos apresentados.

É importante ressaltar que a classificação dos temas foi realizada com base nos conteúdos disponíveis no corpus analisado. Portanto, é possível que existam outros temas ou subcontrovérsias relevantes que não tenham sido abordados na amostra considerada.

Essa abordagem de classificação dos temas nos possibilita uma visão mais ampla e organizada das discussões presentes nas mensagens analisadas, contribuindo para uma compreensão mais completa do cenário político e ideológico retratado neste espaço de conversação online.

Tabela 8 - Categorização semântica dos conteúdos.

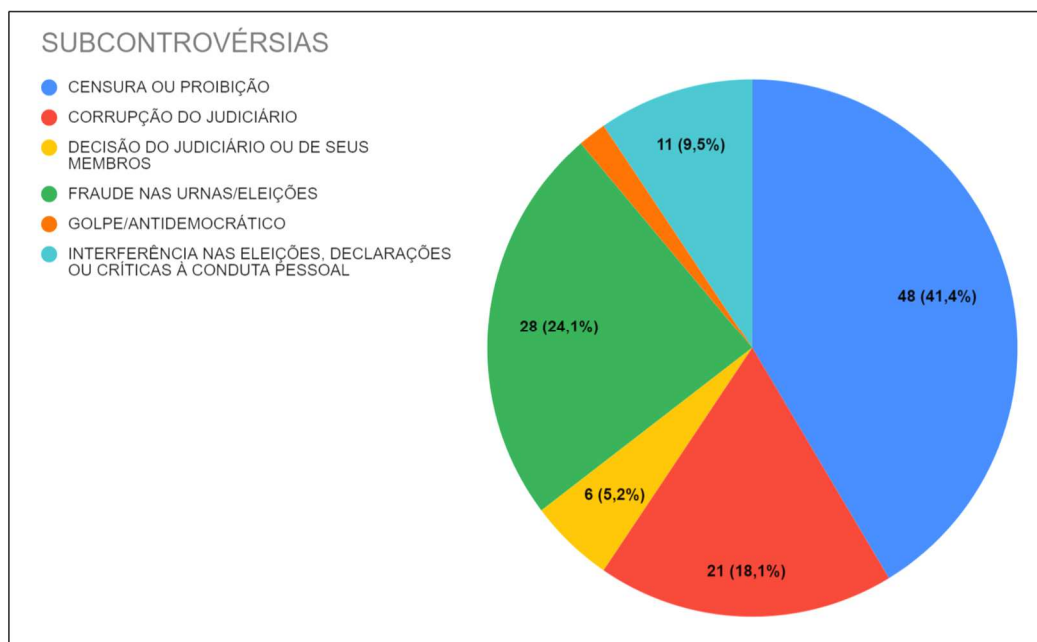
TEMA	DESCRIÇÃO	NÚMERO DE MENSAGENS	MÉDIA DE COMPARTILHAMENTOS
CENSURA OU PROIBIÇÃO	Conteúdos que descrevem ou criticam ações do judiciário ou seus membros para proibir veiculação de conteúdos nas redes sociais, propagandas eleitorais, cerceamento da liberdade de expressão de figuras públicas ou pessoas comuns, denúncias de censura	48	102
CORRUPÇÃO DO JUDICIÁRIO	Conteúdos que denunciam ou citam órgãos do judiciário ou seus membros, os vinculando à corrupção ou conluio com candidatos ou grupos políticos	21	35

DECISÃO DO JUDICIÁRIO OU DE SEUS MEMBROS	Conteúdos que criticam e/ou descrevem ações do Poder Judiciário ou seus membros, e que não estão descritas na categoria de "censura ou proibição"	6	59
FRAUDE NAS URNAS/ELEIÇÕES	Conteúdos que denunciam fraudes nas urnas eletrônicas, na apuração de votos ou no processo eleitoral, mobilizam ou defendem o voto impresso e/ou auditável, auditoria e recontagem dos votos	28	76
GOLPE ANTIDEMOCRÁTICO	Conteúdos que fazem apologia ou denunciam golpes antidemocráticos	2	31
INTERFERÊNCIA NAS ELEIÇÕES, DECLARAÇÕES OU CRÍTICAS À CONDUTA PESSOAL	Conteúdos que possuem citações de pessoas públicas criticando o processo democrático ou a conduta pessoal ou profissional de membros do judiciário, descrição ou crítica a ações do judiciário ou seus membros que de alguma forma interferem nas eleições	11	95

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

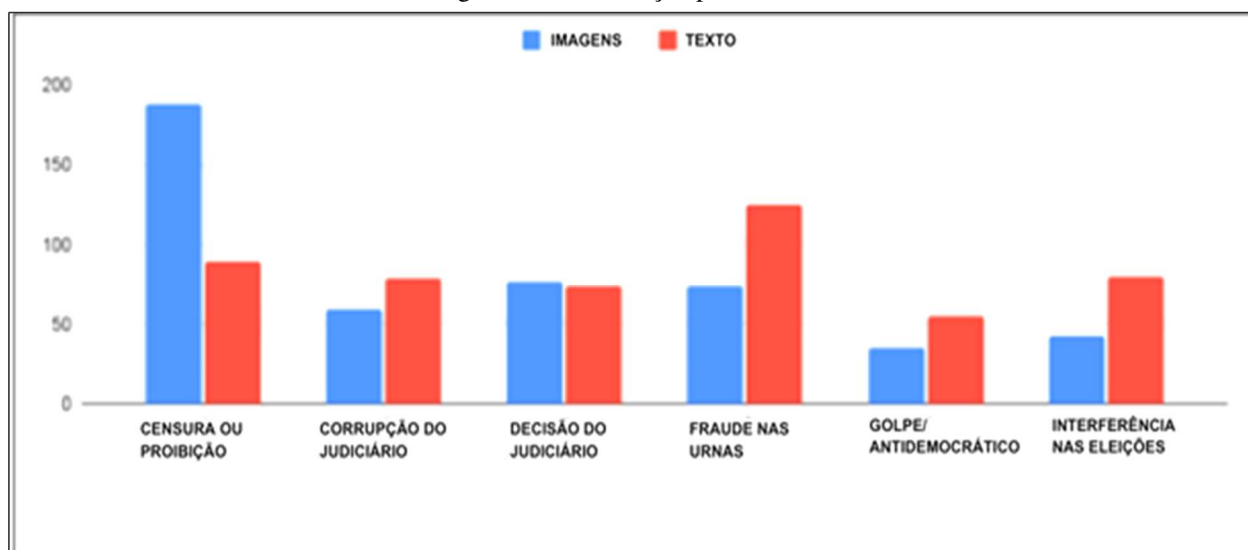
Como podemos ver, a maior parte das mensagens, 41,4% se referem a denúncias e censura ou ações do judiciário para proibir ações ou veiculação de conteúdos. Seguida por mensagens cujo tema são a fraude nas urnas, na totalização dos votos ou no sistema eleitoral (24,1%). Conteúdos que fazem menção a ações que podem ser compreendidas como corrupção de membros do Poder Judiciário são 18,1% das mensagens analisadas. Observamos ainda mensagens sobre decisões do judiciário que não dizem respeito aos temas citados anteriormente (5,2%) e que fazem menção ou apologia a golpes antidemocráticos (1,72%).

Gráfico 13 - Ocorrência das subcontrovérsias.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 14 - Análise do formato das mensagens e da distribuição por subcontrovérsia.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A análise do Gráfico 14 revela informações importantes sobre os tipos de conteúdo e o volume de compartilhamentos em cada subcontrovérsia identificada. Observamos que, no contexto das discussões sobre censura ou proibições por parte do judiciário, as imagens foram os conteúdos mais compartilhados. Podemos notar que as imagens também foram as mais compartilhadas quando o assunto envolveu outras decisões judiciais. No entanto, quando o

tema abordado foi corrupção, fraude, golpe ou interferências no pleito, notamos um volume de compartilhamentos maior em mensagens de texto.

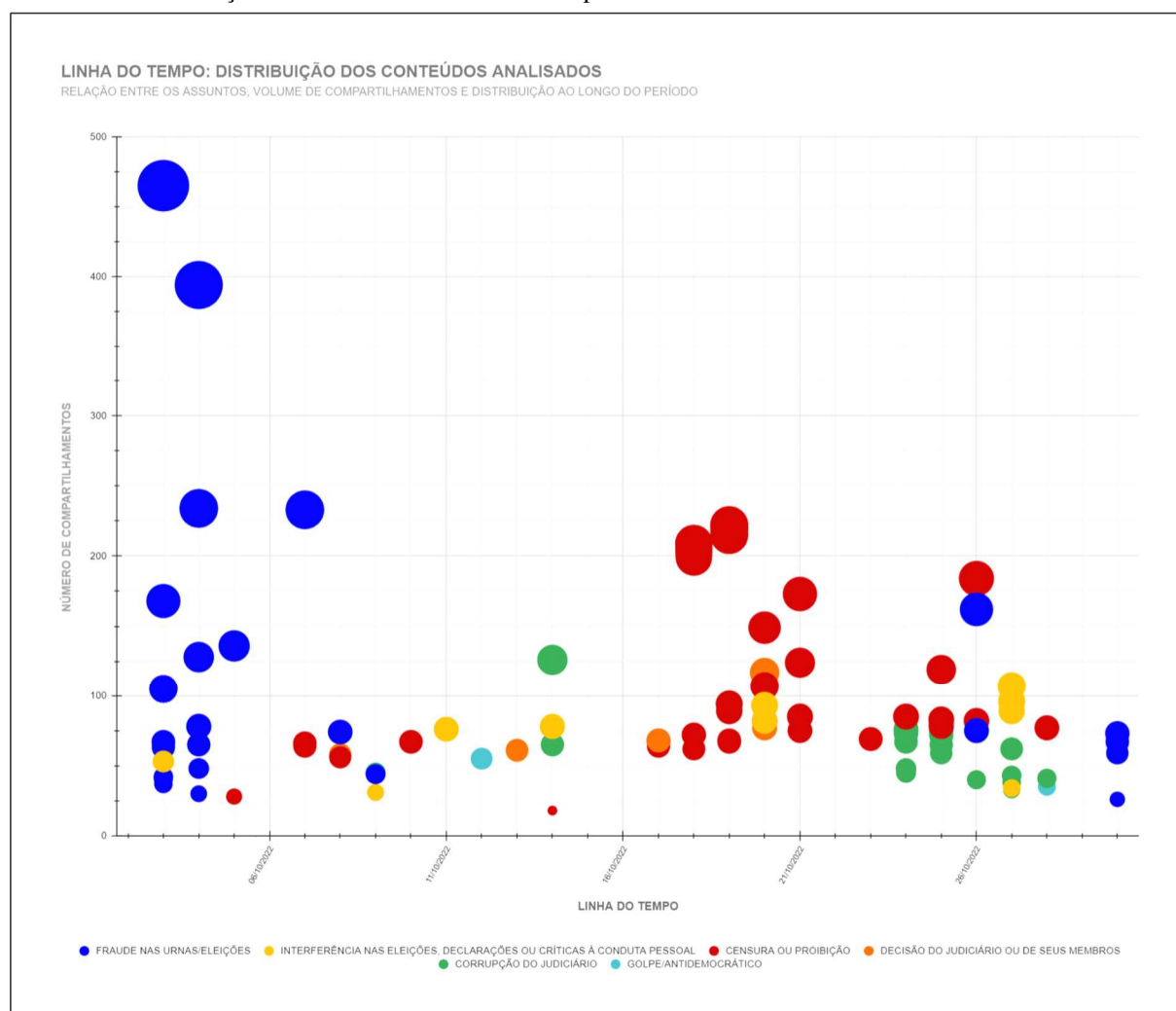
6.5.2 Cronologia da controvérsia

Também nos atentamos à distribuição temporal dos conteúdos nas diferentes subcontrovérsias durante o período do segundo turno. O Gráfico 15 apresenta uma linha do tempo que mostra a ocorrência dos conteúdos identificados ao longo desse período. Adicionalmente, para cada ponto na linha do tempo, foi registrado o número de compartilhamentos correspondente às mensagens.

Essa análise temporal é relevante, pois nos permite identificar possíveis padrões e tendências de disseminação dos conteúdos ao longo do segundo turno. Compreender em que momentos específicos as mensagens foram mais compartilhadas pode nos fornecer *insights* sobre a dinâmica das discussões nas redes sociais durante esse período eleitoral.

Podemos visualizar a distribuição dos conteúdos ao longo do tempo, bem como identificar eventuais picos de compartilhamentos. Isso nos ajuda a compreender a influência temporal desses conteúdos e como eles podem ter impactado as discussões e percepções dos usuários.

Gráfico 15 - Distribuição dos conteúdos na linha do tempo.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A linha do tempo nos mostra que as mensagens com maior número de compartilhamentos são sobre fraude nas eleições. Podemos observar também que essa subcontrovérsia ganha maior predominância no nosso corpus de análise em dois momentos: o primeiro, logo nos primeiros dias após o 1º turno das eleições, quando vemos entre os conteúdos mais compartilhados nos grupos de WhatsApp analisados questionamentos à apuração do primeiro turno, denúncias de fraudes e irregularidades, como discutiremos ainda neste capítulo. Nesse período os conteúdos também possuem um número maior de compartilhamentos. Os conteúdos sobre essa temática deixam de estar entre os mais compartilhados a partir do dia 10 de outubro, quando outras temáticas ganham maior relevância. Voltamos a ver conteúdos sobre o tema aparecerem no dia 26 de outubro e se tornarem mais frequentes à medida que se aproxima o 2º turno das eleições.

Essa variação na predominância dos conteúdos sobre fraude nas eleições ao longo do tempo sugere uma dinâmica influenciada pelo contexto eleitoral. Os momentos de pico de compartilhamentos nessa subcontrovérsia estão relacionados à proximidade com as eleições.

Diferentemente dos conteúdos sobre fraude, os conteúdos sobre censura ou proibições apresentaram constância ao longo do período analisado. Observamos que o pico de relevância dessa subcontrovérsia ocorreu entre os dias 17 e 26 de outubro. Durante esse período, os conteúdos relacionados à censura e proibições foram mais frequentes e obtiveram um maior número de compartilhamentos.

Essa constância ao longo do tempo sugere que a preocupação com as proibições foi uma temática recorrente nas discussões online durante a campanha eleitoral. É possível que eventos específicos, como notícias sobre ações judiciais, restrições a determinados discursos ou remoção de conteúdo em plataformas digitais, tenham impulsionado o interesse e a disseminação dessas mensagens.

6.6 Conexão entre discursos e argumentos

A próxima etapa de nossa análise consiste em examinar mais detalhadamente os conteúdos de cada uma das três principais subcontrovérsias, a fim de compreender como os argumentos se organizam e identificar os vieses predominantes. Essa análise nos permite ter uma visão mais abrangente das narrativas e estratégias discursivas utilizadas nos conteúdos analisados.

Nossa análise se concentra nos seguintes aspectos:

1. **Organização dos argumentos:** Investigaremos como os argumentos são estruturados nos conteúdos de cada subcontrovérsia. Observamos se há uma lógica sequencial, uso de evidências, citação de fontes, referências históricas, entre outros elementos que possam contribuir para a construção da argumentação.
2. **Predominância dos argumentos:** Identificamos quais são os argumentos mais recorrentes em cada subcontrovérsia. Isso nos ajuda a compreender quais questões são consideradas mais relevantes pelos produtores desses conteúdos e como eles buscam sustentar suas posições.

3. Vieses: Analisamos os vieses presentes nos conteúdos, ou seja, as perspectivas ideológicas, políticas ou sociais que permeiam as mensagens. Buscamos identificar se há uma predominância de um viés pró-Bolsonaro, pró-Lula ou se há uma maior diversidade de posicionamentos.

Ao examinar esses aspectos, realizamos observações sobre como os conteúdos são construídos, quais são os argumentos mais usados e quais vieses estão sendo reforçados. Vale ressaltar que essas observações são baseadas nos dados e amostra específicos desta pesquisa, e que a análise de conteúdo pode ser influenciada por fatores contextuais e temporais.

6.6.1 Subcontrovérsia 1: denúncias de censura ou menção a decisões do judiciário e/ou seus membros

6.6.1.1 Argumento 1: TSE censura e age em conluio ou apoio ao PT e ao Lula

A subcontrovérsia em análise refere-se a denúncias de censura ou menção a decisões do judiciário e/ou seus membros. O argumento predominante nessa discussão é o de que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) censura e age em conluio ou apoio ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Os discursos que sustentam essa argumentação apontam para a atuação do TSE na censura de vídeos e entrevistas a pedido do PT, reforçando a percepção de que o tribunal está agindo em favor do partido, como podemos observar nas Mensagens 15 e 16. Além disso, o TSE é acusado de ordenar a retirada de vídeos que criticam Lula e o vinculam a esquemas de corrupção (Imagem 13).

A relação entre o TSE e Lula é ressaltada em diferentes momentos. Há menções a investigações abertas pelo tribunal a pedido da campanha do ex-presidente, o que intensifica a percepção de que há uma parcialidade em suas decisões. A figura de Alexandre de Moraes (Imagem 15), associado ao TSE, também é alvo de críticas, sendo apontado como responsável por determinações que restringem a liberdade de expressão, como a suposta obrigação de uma emissora mentir para seus espectadores (Mensagem 18).

Nessa subcontrovérsia, é perceptível a construção de uma narrativa que envolve o PT, Lula, o TSE e seus membros, sugerindo uma atuação conjunta com o intuito de favorecer o candidato (Imagem 14). As denúncias de censura e restrição à liberdade de expressão

(Mensagem 17) reforçam a visão de que há uma manipulação política por parte do tribunal, comprometendo a imparcialidade e a legitimidade do processo eleitoral.

Essa análise dos conteúdos revela a organização dos argumentos, os vieses observados e a predominância do discurso que aponta para a censura e a atuação parcial do TSE em relação ao PT e a Lula.

Mensagem 15 - 07/10/2022, 64 compartilhamentos, 61 grupos, 8 usuários.

BRASIL: Após pedido do PT, TSE manda censurar vídeos e satanista se revolta (Os Pingos nos Is); ASSISTA <https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-apos-pedido-do-pt-tse-manda.html>

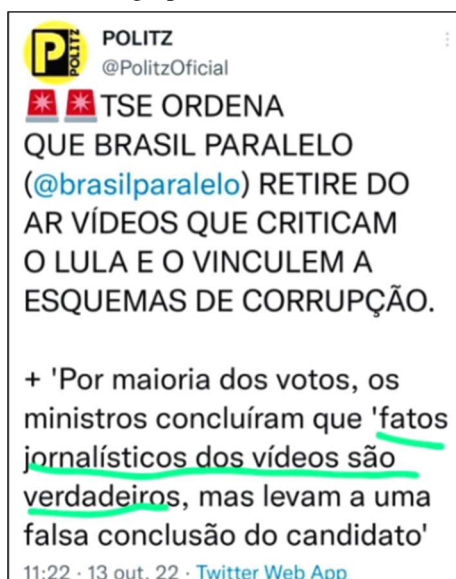
Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 16 - 10/10/2022, 67 compartilhamentos, 66 grupos, 7 usuários.

BRASIL: A pedido do PT, TSE censura Jovem Pan por entrevista sobre caso Celso Daniel (Os Pingos Nos Is); ASSISTA <https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-pedido-do-pt-tse-censura-jovem.html?m=1>

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 15 - 14/10/2022, 18 compartilhamentos, 14 grupos, 4 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 16 - 19/10/2022, 221 compartilhamentos, 138 grupos, 192 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 17 - 21/10/2022, 75 compartilhamentos, 61 grupos, 63 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 17 - 23/10/2022, 69 compartilhamentos, 51 grupos, 60 usuários.

Nesta próxima segunda-feira (24/10), talvez tenhamos a grata satisfação de ver cair por terra DE UMA SÓ VEZ, Lula, Alexandre de Moraes, PT, TSE e STF, todos juntos. Graças a ousadia e CORAGEM do Senador Eduardo Girão, que CONVOCOU para uma AUDIÊNCIA no Senado Federal, o Sr. Marcos Valério, operador do mensalão, que em sua delação premiada, confirmou, categoricamente, o envolvimento do PT e do Ex-presidiário LULA, com o PCC. Alexandre de Moraes proibiu, a todos os veículos de comunicação, de falar deste assunto, quero ver se ele vai proibir a TV Senado, na próxima segunda-feira (24), de transmitir essa audiência. Outro que merece todo o nosso reconhecimento e agradecimento é o Senador Reguffe, Presidente da Comissão de Transparência, que teve peito, teve coragem e MANTEVE a seção na pauta, mesmo sob forte pressão da oposição (PT, PC do B, PSOL e toda a horda de vagabundos que já conhecemos), que queriam o ADIAMENTO desta audiência para, APÓS O PLEITO ELEITORAL. AGUARDEMOS E ACOMPANHEMOS DE PERTO! Caso, Marcos Valério mantenha-se vivo até segunda-feira (24/10), veremos a República pegar fogo! Pode ser o início da purgação, da punição destes bandidos, que tanto mal fizeram e fazem ao nosso povo e ao nosso país.

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 18 - 28/10/2022, 77 compartilhamentos, 71 grupos, 16 usuários.

-URGENTE - *TSE obriga JOVEM PAN A MENTIR* Decisão de processo relatado por Alexandre de Moraes obriga emissora a mentir para seus expectadores. Confira: <https://novaiguacu24h.com.br/tse-obriga-jovem-pan-a-dizer-que-lula-foi-inocentado/>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Outro elemento que reforça o argumento de censura e conluio em favor de Lula é a mensagem que traz uma fala atribuída ao presidente Jair Bolsonaro em relação à conduta de Alexandre de Moraes e do TSE (Mensagem 19). Bolsonaro critica as decisões de Moraes, chegando a afirmar que ele é "o vice de Lula". Essa declaração sugere uma relação próxima entre o candidato e o magistrado, alimentando a percepção de que as ações do TSE são orquestradas para beneficiar Lula.

Mensagem 19 - 17/10/2022, 68 compartilhamentos, 65 grupos, 8 usuários.

BRASIL: Bolsonaro critica decisões de Moraes sobre pesquisas: "É o vice de Lula" (Os Pingos Nos Is); ASSISTA
<https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-bolsonaro-critica-decisoes-de.html?m=1>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Essa suposta fala de Bolsonaro, somada aos demais conteúdos sobre decisões parciais e manipulação do TSE, contribui para fortalecer a visão de que existe um alinhamento entre o tribunal e o ex-presidente. A alegação de que as ações são orquestradas implica uma conspiração para favorecer Lula, minando a credibilidade do processo eleitoral e gerando desconfiança em relação à imparcialidade do TSE.

6.6.1.2 Argumento 2: Censura por parte de Lula e do PT

Outro argumento presente na subcontrovérsia refere-se à suposta censura por parte de Lula e do PT. Há relatos e denúncias de tentativas do candidato e de seu partido de silenciar jornalistas e influenciadores de direita. Um exemplo que ilustra essa afirmação são as mensagens 20 e 21, que apontam para tentativa e ação para "censurar" jornalistas e influenciadores de direita por parte de Lula. Esses enunciados podem ser interpretados como uma estratégia para restringir o espaço de vozes opositoras e controlar o fluxo de informações. Essas tentativas de censura atribuídas a Lula e ao PT acrescentam mais um elemento à subcontrovérsia em questão. Elas sugerem uma busca por controle da narrativa e uma possível ameaça à liberdade de expressão.

Mensagem 20 - 08/10/2022, 56 compartilhamentos, 49 grupos, 14 usuários.

Lula já tenta "censurar" jornalistas e influencers de direita ▀ <https://terrabrasilnoticias.com/2022/10/lula-ja-tenta-censurar-jornalistas-e-influencers-de-direita/>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 21 - 17/10/2022, 64 compartilhamentos, 62 grupos, 7 usuários.

BRASIL: LULA e PT entram com um pedido no TSE para acabar com a liberdade de expressão (Gustavo Gayer); ASSISTA <https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-lula-e-pt-entram-com-um-pedido.html?m=1>

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.6.1.3 Argumento 3: Judiciário age com parcialidade para prejudicar Bolsonaro

Outro argumento relevante na análise das subcontrovérsias é a alegação de ações com o objetivo de prejudicar Bolsonaro. Diversos exemplos apontam para medidas tomadas por autoridades judiciais que resultaram na restrição de ações de campanha do então presidente. A Mensagem 22 e as imagens 16, 17 e 18, sugerem, por exemplo, que medidas judiciais foram tomadas com o propósito de prejudicar a campanha e a imagem de Bolsonaro. Tais ações podem ser interpretadas como interferências que visam limitar sua capacidade de comunicação e mobilização eleitoral. Essa percepção reforça a subcontrovérsia em torno de ações supostamente direcionadas a favorecer Lula e prejudicar Bolsonaro.

Mensagem 22 - 19/10/2022, 89 compartilhamentos, 71 grupos, 79 usuários.

Vamos sentar o dedo. O vídeo retirado é esse aqui. Esse foi o vídeo que o Alexandre de Moraes mandou apagar da página do Bolsonaro. Vamos todos postar nas redes sociais. Quero ver ele mandar apagar de milhares de pessoas. BRBRBR Precisa falar mais claro???

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 18 - 18/10/2022, 205 compartilhamentos, 133 grupos, 171 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 19 - 18/10/2022, 202 compartilhamentos, 1314 grupos, 169 usuários; 19/10/2022, 222 compartilhamentos, 135 grupos, 191 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 20 - 19/10/2022, 222 compartilhamentos, 138 grupos, 190 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.6.1.4 Argumento 4: Apoiadores de Bolsonaro são censurados

Um quarto argumento relevante na análise das subcontrovérsias é a alegação de censura direcionada aos apoiadores de Bolsonaro. Diversos casos são citados como exemplos de restrições à liberdade de expressão e à divulgação de informações consideradas críticas ao então presidente.

Entre os exemplos mencionados, destaca-se a determinação do TSE para retirada de um vídeo contendo uma entrevista de Mara Gabrilli à Jovem Pan (Imagem 19). Além disso,

relatos de bloqueios temporários em redes sociais e ações judiciais para derrubada de sites e perfis de bolsonaristas também são citados como evidências de censura (Mensagem 23, Imagem 20). Alega-se que tais medidas restringem a possibilidade de apoiadores de Bolsonaro expressarem suas opiniões e divulgar informações que consideram verdadeiras.

Figura 21 - Imagem compartilhada em dois dias: 1) 18/10/2022, 205 compartilhamentos, 134 grupos, 174 usuários; 2) 19/10/2022, 216 compartilhamentos, 133 grupos, 189 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 22 - 19/10/2022, 220 compartilhamentos, 137 grupos, 190 usuários.



Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 23 - 19/10/2022, 94 compartilhamentos, 73 grupos, 79 usuários.

Atenção: Boicote Geral Repasse, Copie e cole para poder passar para 5 pessoas, pois estava limitado a 1. O economista liberal, Rodrigo Constantino acaba de ser bloqueado 7 dias no FACEBOOK, porque publicou uma lista de Petistas, que fomentam um verdadeiro golpe comunista no país. Já que ele não pode falar por 7 dias, segue aqui a lista: Alcione André Singer Barbara Gancia Camila Pitanga Carlinhos Brown Buarque Chico César Chico Pinheiro Delfim Netto Dinho Ouro Preto Emir Sader Fábio Konder Comparato Felipe Santa Cruz Fernanda Torres Fernando Morais Frei Betto Gilberto Gil Gregorio Duvivier Guilherme Boulos José de Abreu Juca Kfoury Kennedy Alencar Laerte Coutinho Leandro Karnal Leonardo Attuch Leonardo Boff Leonardo Sakamoto Letícia Sabatella Luís Carlos Bresser-Pereira Luis Fernando Verissimo Luis Nassif Luiz Carlos Barreto Luiz Gonzaga Belluzzo Luiza Trajano (Magazine Luiza) Marcelo Adnet Marcio França Maria Rita Kehl Marieta Severo Marilena Chaui Mário Sérgio Cortella Mino Carta Miriam Leitão Osmar Prado Pablo Villaça Paulo Betti Paulo Nogueira Batista Jr. Pedro Bial Preta Gil Reinaldo Azevedo Renato Janine Ribeiro Serginho Groisman Tico Santa Cruz Tônico Pereira Viviane Mosé Vladimir Safatle Xico Sá Wagner Moura *Não comprem mais nada deles. Não assistam seus programas, não leiam suas colunas.* Não comprem seus livros, não vão às suas peças de teatro, não comprem seus CDs. *Eles precisam saber que não será impune atentar contra a Democracia.* *Viver as custas do Capitalismo e difundir Comunismo CT ex/Socialismo, é no mínimo falta de caráter.* **NÃO ESQUEÇA DE COMPARTILHAR!!! TEMOS QUE DENUCIAR SIM...** Não podemos dar audiência a quem trai nosso país!!! 🖐️🖐️🖐️🖐️🖐️🖐️🖐️🖐️

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

No contexto mais amplo da subcontrovérsia sobre denúncias de censura e menção a decisões do judiciário e/ou seus membros, esses argumentos se entrelaçam e contribuem para a construção de narrativas que sustentam ideias de manipulação política e falta de imparcialidade. As denúncias de censura, tanto atribuídas ao TSE quanto a Lula e ao PT, geram preocupações quanto à liberdade de expressão e à possibilidade de controle da narrativa política. Além disso, as ações que supostamente visam prejudicar Bolsonaro e

restringir a atuação de seus apoiadores reforçam a polarização e a desconfiança em relação ao processo eleitoral.

6.6.2 Subcontrovérsia 2: Corrupção do Poder Judiciário

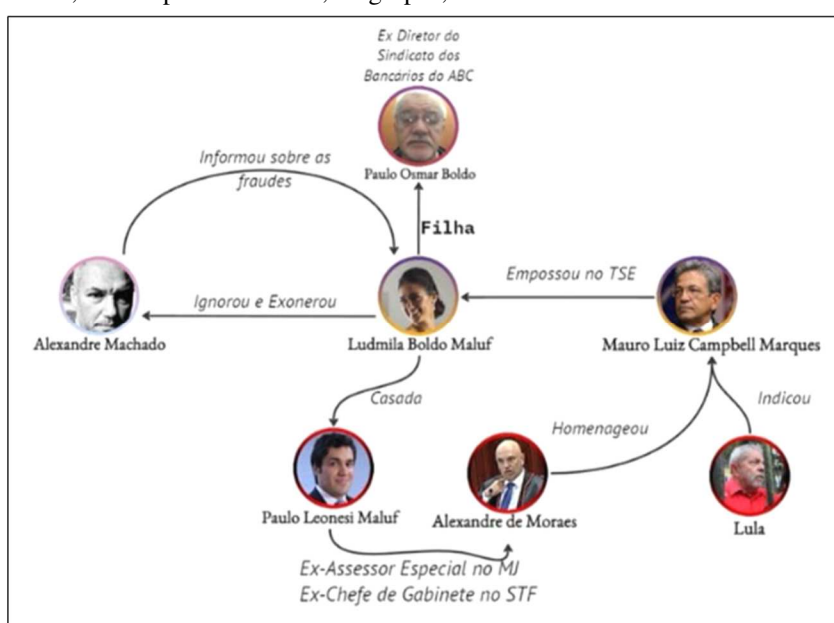
6.6.2.1 Argumento 1: Juízes são corrompidos e vinculados ao Lula e ao PT

A subcontrovérsia sobre a corrupção do Poder Judiciário revela um argumento central que afirma que juízes são corrompidos e estão vinculados ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Esse argumento se relaciona com o tema da censura discutido anteriormente, sugerindo que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF) agem de forma parcial em favor do PT e de Lula.

Um exemplo que reforça esse argumento é a associação feita entre o ministro Gilmar Mendes e o filho de Lula. Essa associação busca fortalecer a narrativa de que o Judiciário estaria comprometido com interesses políticos, prejudicando a imparcialidade e a integridade das instituições.

A Imagem 21, por exemplo, apresenta um organograma que relaciona o ex-diretor do Sindicato dos Bancários do ABC, Paulo Osmar Boldo, o ministro Alexandre de Moraes, Lula e as instituições TSE e STF. Essa representação visual sugere uma conexão entre esses atores, insinuando uma suposta influência e controle exercido por Lula sobre o sistema judicial.

Figura 23 - 27/10/2022, 62 compartilhamentos, 53 grupos, 55 usuários.

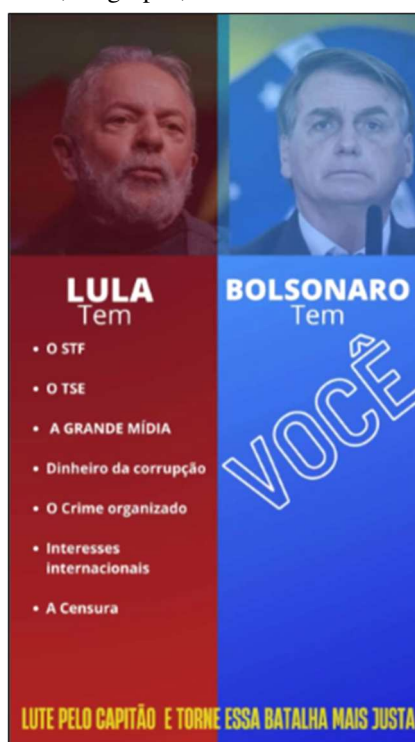


Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

O argumento é reforçado por mensagens que apontam que Lula possui o apoio do STF, do TSE, da grande mídia, além de supostamente contar com dinheiro proveniente da corrupção, o crime organizado e interesses internacionais. Por outro lado, destaca-se a figura de Jair Bolsonaro, retratado como alguém que está sozinho contra um sistema corrupto. A Imagem 22 conclama a militância a lutar pelo presidente, buscando tornar a batalha mais justa.

Essa subcontrovérsia revela a construção de uma narrativa que questiona a integridade do Poder Judiciário, apontando para supostas relações corruptas entre juízes, Lula e o PT. Ao vincular esses atores, sugere-se que as decisões judiciais estão sendo influenciadas por interesses políticos, comprometendo a imparcialidade e a justiça.

Figura 24 - 28/10/2022, 41 compartilhamentos, 33 grupos, 34 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.6.3 Subcontrovérsia 3: Fraude no sistema eleitoral

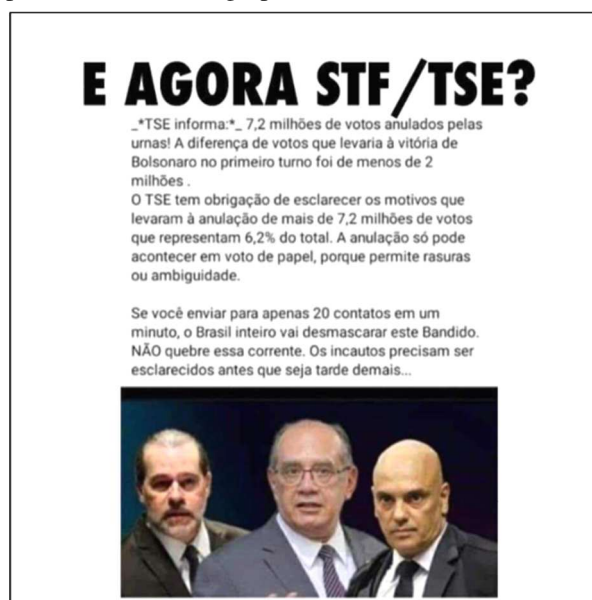
6.6.3.1 Argumento 1: Irregularidades na totalização de votos

Na subcontrovérsia sobre fraude e golpe nas eleições, são apresentados dois argumentos principais. O primeiro argumento se refere a irregularidades na totalização de

votos, como a denúncia de anulação de votos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), alegando que 7,2 milhões de votos não foram computados. Essa alegação é exemplificada pela Imagem 23, o conteúdo com maior número de compartilhamentos entre os analisados. Na mensagem, há o questionamento do motivo da anulação desses votos e um apelo para que a informação seja compartilhada.

O argumento levanta dúvidas sobre a transparência do processo eleitoral e coloca em questão a atuação do TSE. Alega-se que a anulação de votos só deveria ocorrer em casos de votos de papel, devido à possibilidade de rasuras ou ambiguidade. Essa alegação busca criar um clima de desconfiança em relação ao resultado das eleições e sugere a existência de uma fraude que teria impactado o resultado, além de exaltar o voto impresso.

Figura 25 - 03/10/2022, 465 compartilhamentos, 252 grupos, 392 usuários.



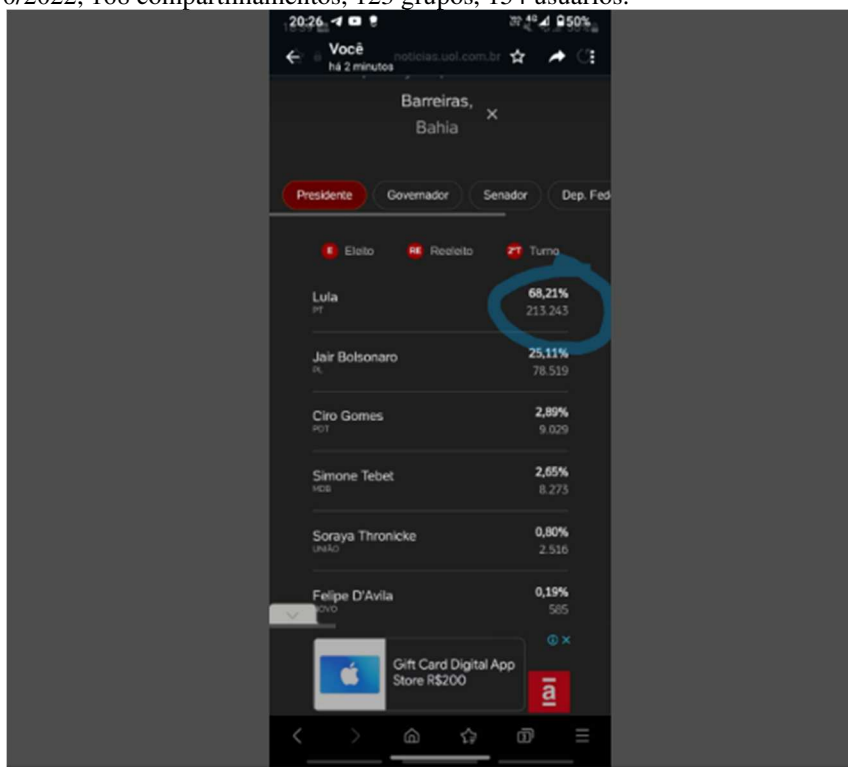
Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Outra denúncia que corrobora o tema, relaciona-se a cidades onde teriam sido registrados mais votos do que o número de eleitores. A Imagem 24, que traz uma reprodução da tela de um site de notícias mostrando o resultado eleitoral da cidade de Barreiras, na Bahia, onde o nome de Lula (PT) aparece com uma quantidade significativa de votos. Na Mensagem 24, são citadas várias cidades com supostos casos de votação irregular, com números de votos superiores à população local.

Essa alegação busca evidenciar possíveis irregularidades e sugerir a existência de uma manipulação do resultado eleitoral em favor de Lula. A menção de que até mesmo os mortos teriam votado no candidato reforça a ideia de fraude.

Outro conteúdo (Imagem 25) apresenta uma foto de cinco comprovantes de votação unidos, sendo dois referentes ao primeiro turno e três referentes ao segundo turno, insinuando a possibilidade de votos computados antes mesmo da realização das eleições, sugerindo uma manipulação dos resultados. Esses argumentos levantam suspeitas de fraude e golpe no processo eleitoral, questionando a legitimidade dos resultados e colocando em dúvida a transparência das eleições.

Figura 26 - 03/10/2022, 168 compartilhamentos, 123 grupos, 154 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 24 - 04/10/2022, 394 compartilhamentos, 202 grupos, 334 usuários.

CIDADES QUE ATÉ OS MORTOS VOTARAM EM LULA. N.S. da Glória (Se) 3.053 habitantes. 4.615 votaram em Lula. Porto da Pedra: (Pe) 6.122 habitantes: 8.090 votaram em Lula. Poço das Antas(Pe) População: 4.342 habitantes. 5.873 votaram em Lula. Xique Xique (BA) 43.548 habitantes: Pasmem: 64.805 habitantes votaram no Lula. Barragem(BA) 25.687 habitantes: 31.338 votaram em Lula. Nova liberdade (BA) 11.026 habitantes: 16.192 votaram em Lula. Novaçores (BA) 9.622 habitantes: 12.351 votaram em Lula. Guanabim(BA) população: 19.764 habitantes: 22.538 votaram em Lula. Joaçaba (BA) 6.142 habitantes:

6.984 votaram em Lula. Antas(BA) população: 11.434 habitantes: 18.001 votaram em Lula. e mais 192 cidades Brasileiras (Bahia com maior número) em que os mortos RESSUSCITARAM para VOTAR em Lula.

Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 27 - 04/10/2022, 65 compartilhamentos, 48 grupos, 57 usuários.



Fonte: DCC/UFGM, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

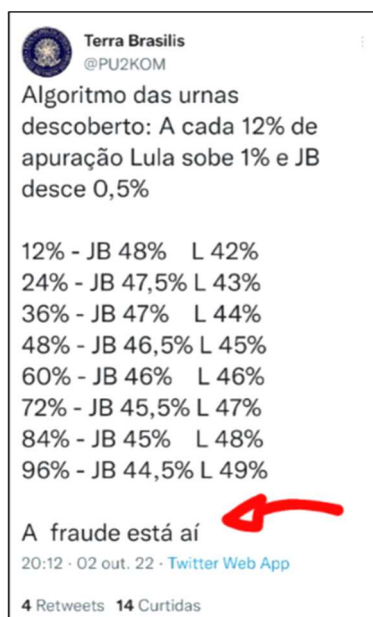
6.6.3.2 Argumento 2: Algoritmo fraudar a centralização de votos

As mensagens abordam a preocupação em relação à existência de supostos algoritmos e padrões de contagem de votos que poderiam beneficiar um determinado candidato em detrimento de outro. Essas teorias levantam a possibilidade de que o sistema eleitoral atual seja suscetível a manipulações e questionam a confiabilidade das urnas eletrônicas. Além disso, há apelos pela implementação do voto impresso e pela contagem pública dos votos como medidas de segurança adicionais.

Um dos argumentos levantados é a alegação de que as urnas eletrônicas possuem um algoritmo programado para direcionar a vitória ao candidato Lula. Essa afirmação, presente

em vários conteúdos coletados sugere que existe uma manipulação intencional do sistema (Imagens 26, 27, 28, mensagens 25 e 26).

Figura 28 - 03/10/2022, 63 compartilhamentos, 48 grupos, 46 usuários.



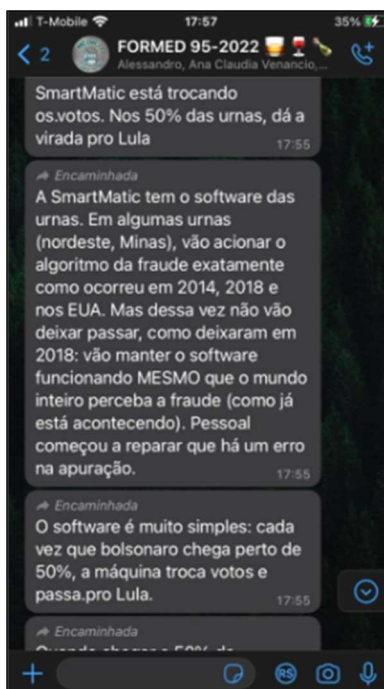
Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 29 - 03/10/2022, 42 compartilhamentos, 36 grupos, 34 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Figura 30 - 03/10/2022, 41 compartilhamentos, 35 grupos, 35 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 25 - 04/10/2022, 234 compartilhamentos, 156 grupos, 199 usuários.

Exército solicita o código fonte do programa de centralização dos votos. Há uma suposição de erro considerando o voto de rebanho. O ITA é o IME irão fazer a auditoria. Entenda como funciona conforme o áudio que segue. 👉👉👉

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 26 - 30/10/2022, 73 compartilhamentos, 61 grupos, 59 usuários.

Algoritmo de falcaturas já está funcionando a pleno Vapor urnas Bolsonaro Luladrão 12,02% 51,86% 48,14% 13,25% 51,77% 48,23% 14,60% 51,69% 48,31% 17,00% 51,64% 48,36% 18,53% 51,63% 48,37% 19,98% 51,57% 48,43% 21,50% 51,48% 48,52% 23,05% 51,36% 48,64% 24,48% 51,27% 48,73% 26,04% 51,23% 48,77% 26,88% 51,17% 48,83% 28,50% 51,10% 48,90% 30,10% 51,06% 48,94% 31,67% 50,99% 49,01% 33,12% 50,88% 49,12% 34,69% 50,84% 49,16% 35,44% 50,81% 49,19% 37,13% 50,75% 49,25% 38,96% 50,70% 49,30% *ALGORITMO FUNCIONANDO A PLENO VAPOR CONTRA BOLSONARO ESCANCARADO* *desde os 6% de urna apuradas que Bolsonaro só desce! Incrível! só O LULADRÃO CRESCE, QUE BANDIDAGEM!!!* *VAI VIRAR! VAI VIRAR!* *Impressionante que o algoritmo é linear, bobo e primário e ninguém percebe?* *Que sacanagem! Cadê as Forças Armadas???*

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.6.3.3 Argumento 3: Defesa do voto impresso e auditável para assegurar as eleições

A demanda por maior transparência e segurança nas eleições é uma questão importante levantada pelos críticos do sistema eleitoral atual. Eles argumentam que a implementação do voto impresso permitiria uma verificação física dos votos, proporcionando uma camada adicional de confiabilidade e transparência ao processo. Além disso, a contagem pública dos votos seria uma forma de assegurar que os resultados refletem verdadeiramente a vontade dos eleitores (Imagem 29 e Mensagem 27).

Figura 31 - 04/10/2022, 30 compartilhamentos, 27 grupos, 23 usuários.



Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

Mensagem 27 - 07/10/2022, 233 compartilhamentos, 141 grupos, 198 usuários.

URGENTE O Presidente do Senado Rodrigo Pacheco acatou o projeto do "Voto Auditável" e foi colocado no Site do Senado para Consulta Pública, porém não está sendo Divulgado e a Esquerda está votando para parecer que o Povo Brasileiro não quer isso para continuar a Manipulação dos Resultados das Eleições. Precisamos Urgentemente mostrar a nossa vontade votando *SIM* e vamos desmascarar essa Farsa. <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=132598> Obs: O Voto Impresso tá perdendo... O Placar tá 1.410.860 contra e 1.300.616 a favor da proposição do voto impresso. VAMOS VIRAR PESSOAL !!! DIVULGUE AO MÁXIMO SE NÃO QUISER PERMITIR A MANIPULAÇÃO DE SEU VOTO NAS ELEIÇÕES (QUALQUER QUE SEJA)!!

Fonte: DCC/UFMG, Eleições Sem Fake: Monitor de WhatsApp (2022).

6.7 Análise das conexões

A Tabela 9 esquematiza os argumentos predominantes descritos na seção anterior. Através da nossa análise de conteúdo, observamos a predominância dos seguintes argumentos, relacionados com as subcontrovérsias em questão.

Tabela 9 - Quadro de Argumentos predominantes

SUBCONTROVÉRIA	ARGUMENTOS
Denúncias de censura ou menção a decisões do judiciário e/ou seus membros	TSE censura e age em conluio ou apoio ao PT e ao Lula
	Censura por parte de Lula e do PT
	Judiciário age com parcialidade para prejudicar Bolsonaro
	Apoiadores de Bolsonaro são censurados
Corrupção do Poder Judiciário	Juízes são corrompidos e vinculados ao Lula e ao PT.
Fraude nas urnas/eleições	Há irregularidades na totalização de votos
	Algoritmo fraudas a centralização de votos
	Defesa do voto impresso e auditável para assegurar as eleições

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Produzimos uma nuvem de palavras utilizando o programa Iramuteq com o corpus textual deste trabalho, incluindo os textos contidos nas imagens analisadas, com o objetivo de contribuir para a nossa análise dos cosmogramas presentes nos discursos observados. Antes da análise é importante atentarmos para alguns aspectos considerados na geração das figuras 3, 4 e 5.

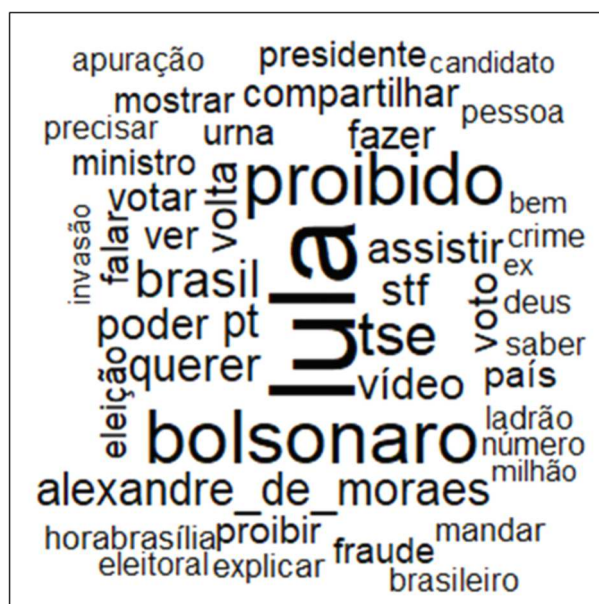
A geração da nuvem de palavras pelo Iramuteq foi ajustada para incluir ativamente as classes gramaticais de adjetivos, verbos, substantivos e formas não recorrentes. Essas palavras foram analisadas em destaque pelo algoritmo do programa. Os advérbios, por sua vez, foram

considerados de forma complementar, aparecendo em segundo plano em relação às classes mencionadas anteriormente.

Algumas classes gramaticais foram excluídas da análise, uma vez que não contribuem significativamente para os objetivos e resultados esperados. Entre as classes eliminadas estão os artigos, onomatopeias, numerais, pronomes, preposições e conjunções.

Ao configurar a nuvem de palavras, foi estabelecido o limite máximo de 400 formas ou palavras para a seleção. Optou-se pelo uso da forma ativa, pois essa abordagem abrange um maior número de classes gramaticais e pode fornecer informações mais abrangentes. Além disso, foram selecionadas palavras com frequências mínimas de 10 e máximas de 195 para compor a nuvem, a fim de evitar um excesso de palavras e priorizar a legibilidade.

Figura 32 - Nuvem de palavras



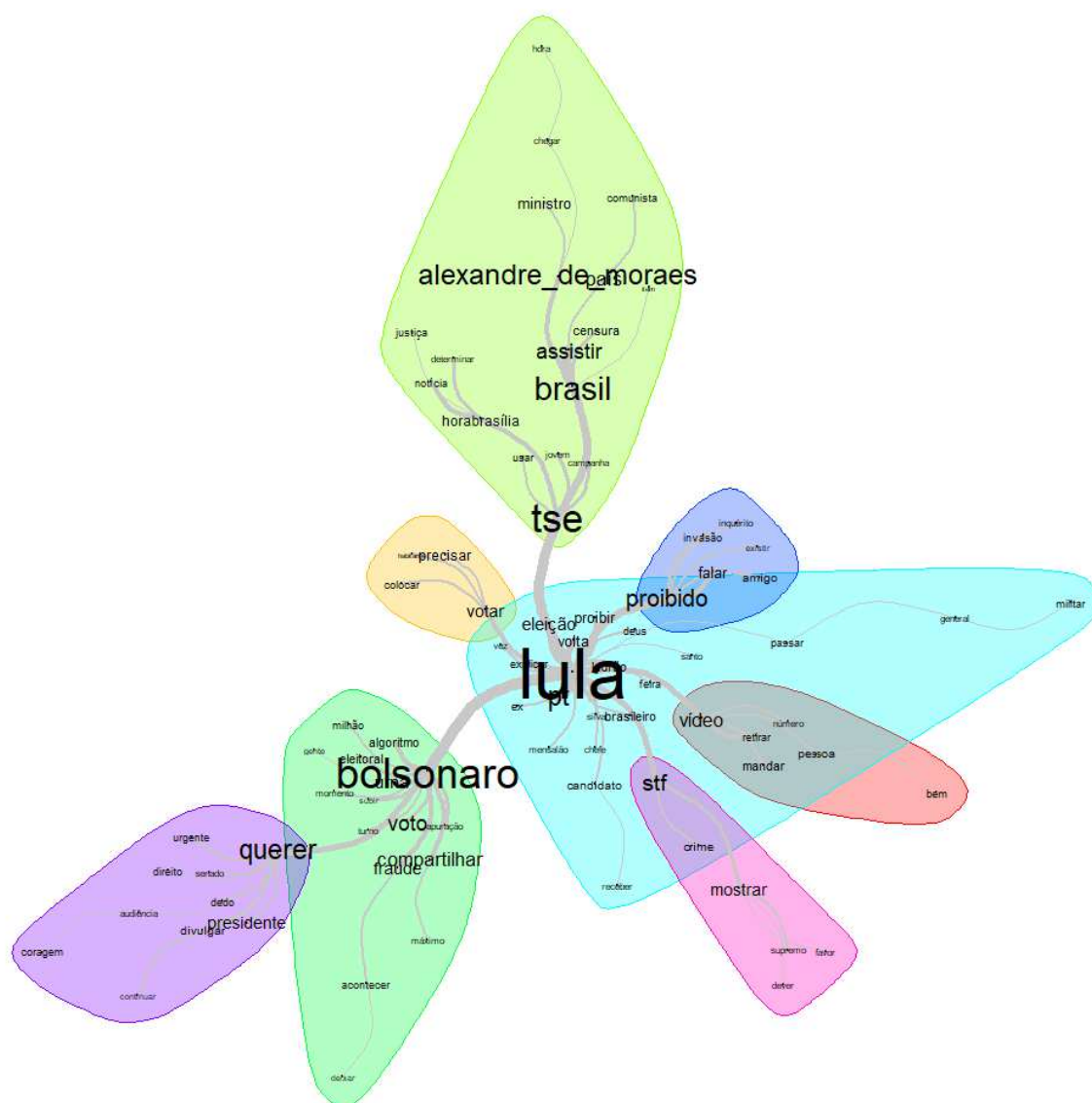
Fonte: Elaborado pela autora com utilização do Iramuteq (2023).

A Figura 3 mostra uma nuvem de palavras com a palavra “Lula” no centro, destacando que este termo foi o mais citado nos conteúdos, seguido pela palavra “Bolsonaro” e “proibido”. Vemos aqui que os nomes dos candidatos à presidência foram centrais nas discussões, o que é natural uma vez que nossa análise observa mensagens coletadas em grupos de WhatsApp com temática política, durante o 2º turno das eleições disputado pelos dois candidatos. Já a presença do termo “proibido” aponta para a centralidade das ações do Poder Judiciário na nossa observação, mostrando que os conteúdos que envolvem a atuação de juízes e tribunais, nosso objeto de análise, explicitam as ações de proibição, mais do que decisões judiciais de outro teor.

Em seguida vemos a predominância do vocábulo “TSE” e “Alexandre de Moraes”, apontando para a centralidade do Tribunal e de seu presidente nos conteúdos abordados. Como vimos na análise de conteúdo, o ministro Alexandre de Moraes figura nas subcontrovérsias e sua imagem e ações são utilizadas para reforçar argumentos como a parcialidade judicial em favor do candidato Lula e a fraude nas urnas.

As figuras 4 e 5 representam a Análise de Similitude que realizamos tendo como base o mesmo material textual utilizado na construção da nuvem de palavras. Baseada na Teoria dos Grafos, a Análise de Similitude “permite identificar as ocorrências (possibilidade de unidades ocorrerem uma(s) em combinação com outras(s)) entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual” (FLAMENT, 1981 apud CAMARGO; JUSTO, 2018, p.16). Através dela podemos destacar como os vocábulos se relacionam nos discursos, observando suas conexões. Na Figura 4, utilizamos o gráfico de Análise de Similitude sem a utilização de halos, já na Figura 5 eles estão presentes para facilitar a visualização dos diferentes *clusters* observados.

Figura 34 - Análise de Similitude com a utilização de halos para delimitação dos diferentes clusters observados



Fonte: Elaborado pela autora com utilização do Iramuteq (2023).

Podemos notar que os nomes dos dois candidatos se encontram em *clusters* separados, apesar de haver uma forte ligação entre os dois. “Lula” se relaciona diretamente a termos como “explicar”, “proibir”, “volta”, “chefe”, “mensalão”, “ladrão”, “PT”, e com os temas religiosos, como vemos com a relação direta com os vocábulos “deus” e “santo”. Como nossa análise dos grupos e de conteúdo mostrou, a maior parte do corpus analisado possui um viés mais favorável ao candidato Jair Bolsonaro. Dessa forma, podemos inferir que mesmo os termos que aparecem com frequência e não são explicitamente negativos ganham tal conotação quando relacionados ao candidato Lula.

Já o nome do candidato “Bolsonaro” aparece relacionado diretamente a vocábulos sobre o processo eleitoral como “voto”, “apuração”, “turno”, “eleitoral”, “urna”, além das palavras presentes nos conteúdos sobre a fragilidade do sistema eleitoral como os termos “fraude” e “algoritmo”. Também notamos a proximidade do nome de Bolsonaro a termos muito presentes nos conteúdos interpelativos como “compartilhar” e o vocativo “gente”.

“Bolsonaro” está diretamente conectado a outros *clusters* de palavras presentes nos conteúdos interpelativos, com objetivo de mobilizar e direcionar a ação dos usuários. Podemos observar a relação entre as palavras “querer”, “urgente”, “divulgar”, “audiência”, “continuar” e “coragem”.

Na imagem também é possível perceber que o termo “Bolsonaro” não se conecta diretamente com os outros *clusters*. “Lula”, por sua vez, está próximo e diretamente conectado às outras temáticas observadas.

O termo “TSE” aparece relacionado a “Lula” evidenciando o que mostramos na análise de conteúdo, que há uma tendência a relacionar as ações do TSE ao candidato. O nome do tribunal está também relacionado diretamente a termos como “determinar”, “justiça”, “notícia”, “campanha” indicando que os conteúdos sobre o TSE se relacionam à divulgação de decisões sobre as eleições. É interessante observar que a palavra “censura” aparece mais próxima ao nome do ministro e presidente do TSE, “Alexandre de Moraes”, do que ao nome da instituição. Também observamos que o nome do ministro se distancia do uso do termo “justiça” e se aproxima de “comunista”, por exemplo.

Também observamos, no cluster formado pela palavra “proibido”, a proximidade com o nome de “Lula”, assim como a conexão com termos “invasão” e “inquérito”, indicando que os conteúdos relacionados com crimes geralmente se relacionam ao candidato Lula. Também é a “Lula” que se relaciona às menções ao STF, tribunal responsável por decisões judiciais que não são de cunho eleitoral. Vemos aqui que Lula é relacionado diretamente ao tribunal, assim como à palavra “crime”, “favor”, “dever”. Na análise de conteúdo que realizamos, observamos que muitos dos conteúdos relacionados ao órgão reforçavam o argumento de corrupção e ligação entre Lula e os ministros.

A Análise de Similaridades nos ajuda a representar de maneira visual os argumentos e observações decorrentes da nossa análise dos conteúdos coletados. Confirmando, tanto as subcontrovérsias delimitadas quanto a correlação entre os argumentos observados.

CONCLUSÃO

A desordem informacional é um fenômeno de extrema relevância para a compreensão dos desafios enfrentados na era da comunicação digital. Por meio desta pesquisa, buscamos contribuir para a compreensão desse fenômeno multifacetado, que se institui também como ferramenta de poder e dominação. Nesse contexto, a presente pesquisa se propôs a refletir sobre a desordem informacional, tendo como foco a controvérsia em torno da atuação do Poder Judiciário e a desconfiança no processo eleitoral durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, observando como os fluxos se organizam e contribuem para o fenômeno, através da análise das subcontrovérsias e argumentos conectados ao tema.

Durante as eleições presidenciais de 2022, observou-se uma intensa disputa discursiva, marcada por posicionamentos polarizados e controvérsias. A atuação do Poder Judiciário, em especial o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF), foi objeto de questionamentos, assim como a segurança das urnas eletrônicas e do processo de centralização dos votos, alimentando a desconfiança no processo eleitoral como um todo. Essa controvérsia foi amplamente observada nos conteúdos coletados na plataforma do projeto Eleições sem Fake, o que motivou a escolha do nosso corpus de análise. Uma vez que a expressiva presença do tema entre os conteúdos mais compartilhados nos grupos de WhatsApp observados, evidenciou a sua relevância. Tal recorte nos possibilitou observar dinâmicas que permeiam a desordem informacional.

Nossa pesquisa optou por um caminho menos usual de observação de conteúdos compartilhados no WhatsApp, é mais comum a realização de pesquisas netnográficas, devido à dificuldade de acesso à dados quantitativos sobre a circulação de conteúdos na plataforma. Como já discutimos, as *affordances* do WhatsApp não nos permitem o acesso a informações sobre a extensão da circulação de conteúdos na rede. Ainda assim, o acesso aos dados coletados pelo projeto Eleições sem Fake é uma oportunidade para buscar observar as lógicas de compartilhamento na rede.

Utilizamos a Cartografia das Controvérsias para produzir formas de visualização que nos permitissem observar o fenômeno. A metodologia prevê o uso de diferentes lentes de observação e o uso de uma ampla gama de ferramentas e metodologias de análise que possibilitam ao pesquisador olhar para diferentes aspectos e nuances das controvérsias. Assim, umas das nossas chaves de análise foi a instrumentalização dos conceitos de camuflagens de Greimas (2014) para observar a construção dos enunciados. Utilizamos também a Análise de Conteúdo para observar as mensagens e a correlação entre os

argumentos em cada subcontrovérsia analisada, como eles se relacionaram com os principais atores do pleito e como elas se distribuem ao longo do período.

Ao analisar a desordem informacional, nossa pesquisa reforça a pertinência deste termo. O que observamos no corpus é uma mescla de informações verdadeiras, fora de contexto ou falsas, em um emaranhado de conteúdos que apresentam similaridades, que evidenciam ainda mais a ideia de desordem, perda de referências e a possibilidade de compartilhamento estratégico de conteúdos para reforçar uma ideia ou conceito. O fenômeno da desordem informacional não se limita à difusão de conteúdos considerados *fake news*, mas abrange uma multiplicidade de referenciais utilizados para validar informações, a disputa de universos simbólicos e não apenas o dualismo entre o que é verdade e o que é mentira.

A ideia de “verdade factual” de Hannah Arendt, assim como os conceitos elaborados por Foucault, nos ajudaram a observar o fenômeno da desordem informacional sobre um prisma mais amplo do que a simples dualidade entre o que é e o que não é verdade. São práticas sociais e discursivas, construções coletivas baseadas em evidências que muitas vezes também são formas de interpretação. A verdade é construída. Por isso, é tão difícil limitar a solução do “problema da desinformação” a estratégias de checagem de informações ou letramento, quando o que temos em disputa não é apenas a veracidade ou não de uma informação, mas todo um universo simbólico que valida as informações, crenças construídas e compartilhadas.

Por isso, optamos por não classificar os conteúdos observados sobre a perspectiva da desinformação, mas sim observar o uso de estratégias de camuflagem. Apontamos assim para a predominância de mensagens com o uso de estratégias como a linguagem jornalística, o relato pessoal, a interpelação como mecanismos para conferir veracidade a diversos conteúdos que reforçavam os argumentos presentes na controvérsia.

Durante nossa análise, constatamos uma predominância de argumentos pró-Bolsonaro nos grupos estudados. Essa tendência pode ser atribuída, em grande parte, ao fato de que os grupos analisados possuem uma inclinação majoritariamente de apoio ao candidato. Nossa observação é baseada em uma amostra específica, não representando a totalidade dos grupos existentes no WhatsApp, mas uma amostra de grupos abertos, cujos links de participação foram disponibilizados em espaços públicos de conversação.

Uma das possíveis hipóteses levantadas para explicar essa predominância é a menor disponibilidade de grupos abertos com inclinação favorável ao candidato Lula. É plausível que esses grupos existam, porém sejam privados ou restritos, o que dificulta o acesso e a análise dos conteúdos compartilhados dentro deles. A falta de acesso a esses grupos restringe

nossa compreensão do espectro de opiniões e perspectivas presentes bem como limita a diversidade de argumentos e pontos de vista sobre as subcontrovérsias. Assim, reconhecemos que a preponderância de argumentos favoráveis a Bolsonaro nos grupos examinados reflete a limitação da amostra utilizada neste estudo.

No entanto, nossa pesquisa oferece observações importantes sobre os conteúdos analisados, fornecendo um retrato parcial, mas significativo das discussões no WhatsApp. Os resultados obtidos destacam a diversidade de recursos linguísticos e discursivos utilizados para mobilizar os receptores. O uso de diferentes pessoas gramaticais, estratégias de interpelação e construções que alternam entre impessoalidade e subjetividade revela a complexidade dessas mensagens e a intenção de conferir-lhes um maior impacto persuasivo. Compreender essas dinâmicas discursivas é fundamental para uma leitura das mensagens compartilhadas neste espaço.

No contexto mais amplo da subcontrovérsia sobre denúncias de censura e menções ao Poder Judiciário, observamos como esses argumentos se entrelaçam e contribuem para a construção de narrativas que sustentam ideias de manipulação política e falta de imparcialidade. As denúncias de censura, atribuídas tanto ao Tribunal Superior Eleitoral quanto a Lula e ao PT, fomentam preocupações quanto à liberdade de expressão e ao controle da narrativa política. Além disso, as ações que supostamente visam prejudicar Bolsonaro e restringir a atuação de seus apoiadores reforçam a polarização e a desconfiança em relação ao processo eleitoral.

Nossa pesquisa também identificou indícios que apontam para o uso de estratégias de automatização e orquestração na distribuição dos conteúdos nos grupos de WhatsApp, que podem ter um impacto significativo na disseminação desses enunciados. Essa é uma questão relevante a ser considerada, pois o uso de técnicas automatizadas ou coordenadas pode distorcer a percepção do alcance e da popularidade de determinados conteúdos.

Embora tenhamos identificado uma diferença média nos compartilhamentos entre mensagens que utilizam camuflagens objetivantes e subjetivantes, é necessário abordar essas conclusões com cautela e considerar as limitações de nosso estudo. Para compreender plenamente o impacto e a eficácia dessas estratégias, é necessário realizar uma análise mais abrangente e considerar outros fatores que possam influenciar o engajamento e a disseminação das mensagens.

Entendemos o WhatsApp como parte de um ambiente retroalimentado pela desordem informacional. A ferramenta desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo que conteúdos que circulem em diversas redes sociais e espaços digitais cheguem até um

maior número de usuários. Observamos que os conteúdos são conectados a outras redes e plataformas, a argumentos, personagens, fontes e estratégias de validação que formam uma ampla rede constituída por atores e enunciados. São enunciadores conectados por hiperlinks e menções, enunciados conectados em um mesmo universo de referências, estratégias de validação e argumentos.

Durante nossa análise precisamos realizar algumas adaptações na metodologia da Cartografia das Controvérsias, em razão da ausência de vozes contrastantes nos conteúdos analisados. Os dados coletados apontam também para a predominância de determinadas subcontrovérsias ou argumentos entre os conteúdos mais compartilhados. O WhatsApp, rede que se apresenta como uma ferramenta de conversação entre pessoas próximas e conhecidas, ganha contornos de *broadcasting*, como um canal de difusão de conteúdos e não apenas de conversação.

Entendemos as mídias digitais como um meio de observação de um fenômeno que extrapola as redes sociais: a desconfiança na segurança das urnas eletrônicas, por exemplo, foi uma controvérsia presente durante todo o período eleitoral e os meses que o antecederam, como já vimos na justificativa da escolha do nosso corpus de análise. Pesquisas de opinião⁶² realizadas durante o período mostraram que na população em geral, essa desconfiança se manteve na casa dos 25%. Também observamos que as críticas ao Poder Judiciário foram, em muitas situações, instrumentalizadas como estratégia por parte de alguns atores políticos, incluindo Jair Bolsonaro, que fez inúmeras críticas e ameaças ao Poder Judiciário e seus membros, como listamos no Capítulo 3, de forma a deslegitimar, intencionalmente ou não, as decisões judiciais que poderiam ocorrer contra ele e reforçar narrativas de perseguição política.

Esse contexto evidencia a complexidade das dinâmicas políticas e comunicacionais nas mídias digitais, onde discursos e estratégias são utilizados para influenciar a percepção pública e consolidar determinadas agendas. Diante desse panorama, é imprescindível compreender as mídias digitais como espaços de observação e análise, pois elas desempenham um papel fundamental no reforço de crenças. A desconfiança nas instituições

⁶² Datafolha: confiança dos brasileiros nas urnas eletrônicas cresce de 73% para 79%. **Jornal Nacional**. 30 jul. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/30/datafolha-confianca-dos-brasileiros-nas-urnas-eletronicas-cresce-de-73percent-para-79percent.ghtml>> Acesso em: 30 jun 2023.
Exclusivo: 74% dos brasileiros confiam nas urnas eletrônicas. **Congresso em Foco**. 28 set. 2022. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/exclusivo-74-dos-brasileiros-confiam-nas-urnas-eletronicas/>> Acesso em: 30 jun. 2023.

democráticas não se restringe apenas às redes sociais, mas está presente em diferentes plataformas e canais de comunicação o que torna necessária análises multiplataformas para compreender de forma mais abrangente os fluxos da desordem informacional. Embora tenhamos utilizado o WhatsApp como objeto de estudo, é importante reconhecer que as informações e conteúdos das controvérsias também circulam em outras plataformas digitais, como redes sociais, fóruns e blogs, veículos de imprensa e discursos de figuras públicas, como apontamos na nossa análise.

Dessa forma, sugere-se que futuras pesquisas busquem explorar abordagens que integrem análises de diferentes redes sociais e plataformas, como Twitter, Instagram, Youtube, TikTok, sites e blogs que, como vimos, retroalimentam as discussões que circulam no WhatsApp, além de uma análise de corpos mais abrangente, com a utilização de análise de *big data*, por exemplo.

A desordem informacional é um fenômeno complexo e em constante mudança, o que requer uma atualização constante das abordagens de pesquisa. A colaboração entre pesquisadores, instituições acadêmicas, organizações da sociedade civil e empresas de tecnologia é fundamental para enfrentar esse desafio e desenvolver soluções mais efetivas. Somente por meio de um esforço conjunto e contínuo poderemos avançar na compreensão e mitigação da desordem informacional nas mídias digitais.

Outros pontos importantes que merecem discussão e análises futuras estão relacionados aos desafios do combate à desinformação e às tentativas recentes de regulação das plataformas digitais. O cenário de desordem informacional apresenta uma série de obstáculos que dificultam sua mitigação efetiva. A amplitude do problema abrange ao complexo cenário da pós-verdade que envolve, entre outras, questões como a manipulação de algoritmos, o compartilhamento em massa de conteúdos enganosos e a polarização de opiniões.

As *affordances* das plataformas digitais avançam rapidamente, permitindo que as informações sejam disseminadas de forma rápida e ampla em todo o ecossistema online. Portanto, é necessário adotar uma abordagem abrangente que considere as diferentes plataformas e mídias sociais.

Uma das principais contribuições deste estudo está em evidenciar a interconexão entre as discussões que ocorrem nas redes sociais e o mundo offline. Ao analisar as subcontrovérsias e argumentos presentes nos grupos de WhatsApp, observamos que as discussões não se limitam a estes espaços, mas estão intrinsecamente relacionadas aos

conteúdos e debates que ocorrem em outras plataformas digitais e fora delas. Essa constatação reforça a importância de observar a plataforma como parte integrante do todo social.

Além disso, essa pesquisa revelou a complexidade da desordem informacional e a necessidade de abordagens multidisciplinares para enfrentá-la. Ao explorar as estratégias de camuflagem, as dinâmicas discursivas e as limitações do ambiente digital, destacamos a importância de considerar fatores sociais, políticos, tecnológicos e comunicacionais na compreensão desse fenômeno.

Nosso trabalho também desempenha um papel relevante ao ampliar o conhecimento sobre a desordem informacional, ao destacar a importância das plataformas digitais, como o WhatsApp, como espaços de discussão de controvérsias e difusão de conteúdos. Espera-se que os apontamentos deste trabalho possam contribuir para um maior entendimento desse fenômeno complexo.

A internet possibilitou um ambiente inédito de comunicação de muitos para muitos, onde o extenso volume de informação leva a uma busca incessante pela atenção do público. Nessa dinâmica, as controvérsias têm um importante papel competitivo, despertando emoções, mobilizando debates e interações em um ritmo acelerado, com um fluxo constante de informações que dificulta a compreensão e a reflexão aprofundada. Observar esse sistema de mídia hipercompetitivo em que as controvérsias florescem e compreender a influência dessas dinâmicas na formação da opinião pública e na construção de narrativas são um grande e urgente desafio.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, C. **Teorias conspiratórias, verdade e democracia.** In: ALZAMORA, G.; MENDES, C. M.; RIBEIRO, D. M. *Sociedade da desinformação e infodemia. Olhares Transversais.* Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2021.
- ALVES, M. **Clones do YouTube:** replataformização da irrealidade e infraestruturas de desinformação sobre a Covid-19. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v.23, n.2, p. 140-159, 14 set. 2021.
- ALVES, M. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018.** 2019. 399 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2019.
- ALVES, M., PIAIA, V. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. *Anais Intercom - RBCC.* São Paulo, v. 43, n.3, p.135-154, set/dez. 2020.
- ALZAMORA, G., MENDES, C., RIBEIRO, D. **Sociedade da Desinformação e infodemia.** Belo Horizonte/MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.
- ALZAMORA, G. C.; ANDRADE, L. **A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade.** *MATRIZES*, 13(1), 109-131, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p109-131>
- ANDERSON, C. **A cauda longa:** do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro, Campus. 2006
- ARENDDT, Hannah. **Verdade e Política.** In: _____. *Entre o passado e o futuro.* 7.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011. p. 282-325.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENKLER, Y., FARIS, R., ROBERTS, H. **Epistemic Crisis.** In: BENKLER, Y., FARIS, R., ROBERTS, H. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics.* NY: Oxford University Press, 2018.
- BLOCH, Marc. **Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias de guerra.** In: BLOCH, Marc. *História e Historiadores.* Lisboa: Teorema, 1998. p.177-198.
- CAMPOS MELLO, P. **A Máquina do Ódio:** notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- CARDOSO, T. S., GOMES, R., NAKAGAWA, F., NAKAGAWA, R. **A pílula mágica da gripezinha:** a narrativa da cloroquina nos grupos bolsonaristas de WhatsApp durante a pandemia de Covid-19. *Fronteiras - estudos midiáticos.* vol 23, n. 2, maio/agosto 2021
- CONSENTINO, A. **Pós-verdade e mediação política:** netnografia das páginas de Facebook dos candidatos à presidência do Brasil em 2018. Tese de Doutorado. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2020.

CROGAN, P., KINSLEY, S. **Paying Attention:** Towards a critique of the Attention Economy. Culture Machine, v.13, 2012.

D'ANDRÉA, C. **Cartografando controvérsias com as plataformas digitais:** apontamentos teórico-metodológicos. In: Galaxia, n.38. p.28-39. São Paulo: 2018

D'ANDREA, C. **Pesquisando Plataformas Online:** conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

DEMURU, P. FECHINE, Y. LIMA, C. **Desinformação como Camuflagem:** modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia. Anais do 31º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - MA, 06 a 10 de junho de 2022.

DOURADO, T. **Processos de rumores e circulação de fake news:** paralelos teóricos e o caso das eleições municipais de 2020 do Brasil. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro, XXII, n. 1, 2021, p. 99-121. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace;handle/handle/10438/31694>> Acesso em: 14 dez 2022.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil.** 308 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DOURISH, P. **Algorithms and their others:** Algorithmic culture in context. Big Data & Society, v.3, n.2, dez, 2016.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos:** Como as *fake news*, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Trad. Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio. 1 ed. 2020

FALCÃO, Joaquim. **Judicialização da política e do direito.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FARIA, José Eduardo. **Judicialização da política, legitimidade democrática e poder.** Lua Nova, São Paulo, n. 82, p. 39-60, 2011.

FONTES, G. S., FERRACIOLI, P., SAMPAIO, R. **Petrolão na mídia:** o enquadramento de 18 meses da Operação Lava-Jato nas revistas impressas. Agenda 2021.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 12ª ed. rio de Janeiro: Paz e terra, 2021.

GOMES, W.; DOURADO, T. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia.** Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol.16, n.2. Jul-dez 2019.

GRAY, J; BOUNEGRU, L; VENTURINI, T. **'Fake news' as infrastructural uncanny.** New media & society, v. 22, n. 2, p. 317-341, 2020.

GREIMAS A. J., COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**. Ensaios semióticos. Trad. Dilson F. Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.

JASANOFF, S. **States of knowledge: the co-production of science and social order**. Londres: Routledge, 2004.

JEEYUN, O., BELLUR, S., SUNDAR, S. **Clicking, Assessing, Immersing, and Sharing: An Empirical Model of User Engagement with Interactive Media**. *Communication Research* 45 (5): 737–763, 2018.

BAUM, C. GONZALES, Z. **Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Bruno Latour**. In: *Polis e Psique*, vol. 3, n.1, Porto Alegre: 2013.

JEEYUN, O., BELLUR, S., SUNDAR, S. **Clicking, Assessing, Immersing, and Sharing: An Empirical Model of User Engagement with Interactive Media**. *Communication Research* 45 (5): 737–763, 2018.

KAISER, B. **Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque**. Trad. CLAPP, R., FIUZA, B. 1 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

KEEN, A. **O culto do amador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2009.

KEYES, R. **The post-truth era: Dishonesty and deception in contemporary life**. New York, St. Martin's Press. 2004.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, B. **What Is the Style of Matters of Concern? Two Lectures in Empirical Philosophy**. Spinoza Lectures at the University of Amsterdam. Publication of the Department of Philosophy, 2008. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/97-SPINOZA-GB.pdf>>. Acesso em 12 de abril de 2023.

LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2019

LELO, T. A. **Desinformação de uma perspectiva comunicacional**. Anais do 31º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - MA, 06 a 10 de junho de 2022.

LEMOS, A. **A Comunicação das Coisas**. Internet das coisas e a Teoria Ator-rede: Etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. 2012.

LEMOS, A. OLIVEIRA, F. **Fake news e cadeias de referência: A desinformação sobre Covid-19 e o projeto de verificação do Facebook**. revista *Fronteiras - estudos midiáticos* 23(2): 73-88 maio/agosto 2021. Unisinos. p.73-88

MASIP, P., SUAUI, J. RUIZ-CABALLERO, C., CAPILLA, P., ZILLES, K. **News Engagement on Closed Platforms.** *Human Factors and Technological Affordances Influencing Exposure to News on WhatsApp*, *Digital Journalism*, 9:8, 1062-1084, 2021. DOI: 10.1080/21670811.2021.1927778

MAROS, A. et al. Analyzing the Use of Audio Messages in WhatsApp Groups. *WWW'20: Proceedings of the Web Conference 2020. Association of Computing Machinery*, New York, 2020. Disponível em: <<https://homepages.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/www20-maros.pdf>>. Acesso em: 08 ago 2022.

MARRES, N. **Why map issues?** On controversy analysis as a digital method. In: *Science, Technology & Human Values*, v.40, n.5, p.655-686, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

MCPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. M. **Birds of a feather:** Homophily in social networks. *Annual Review of Sociology*, 27(1):415–444, 2001.

MEJIAS, U. U., COULDRY, N. **Datafication.** *Internet Policy Review*, v.8, n.4, nov.2019.

MELLO, M. MARTINEZ-ÁVILA, D. **Desinformação, Verdade e Pós-Verdade:** reflexões epistemológicas e contribuições de Piaget. *Logeion: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.108-127, mar/ago, 2021.

METAXAS, P. T., MUSTAFARAJ, E., WONG, K., ZENG, L., O'KEEFE, M., FINN, S. **What Do Retweets Indicate? Results from User Survey and Meta-Review of Research.** In *International Conference on Weblogs and Social Media. Association for the Advancement of Artificial Intelligence*, Palo Alto, CA, USA, 658–661, 2015

MOE/OEA. **Informe Preliminar MOE:** Missão de Observação Eleitoral da OEA apresenta seu relatório preliminar após o segundo turno das eleições no Brasil. 1 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.oas.org/fpdb/press/Informe-Preliminar-de-la-MOE-Brasil-2022-PT.pdf>> Acesso em: 12 mai.2023

NEMER, D. (In Progress). **Humans acting as Filter Bubble Algorithms.** In Sanfilippo & Ocepek. (In Progress). *Governing Misinformation in Everyday Knowledge Commons.* Oxford University Press. 2019.

NEWMAN, N., FLETCHER, R., KALOGEROPOULOS, A., LEVY, D., NIELSEN, R-K. **Digital News Report 2018.** Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. 2018.

NOELLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio.** *Opinión pública: nuestra piel social.* Barcelona-Buenos Aires-México: Ediciones Paidós, 1995.

NYHAN, B. **Facts and Myths about Misperceptions.** *Journal of Economic Perspectives*, v. 34, n. 3, 2020, p.220-236.

PEIRCE, Charles Sanders. **A Fixação da Crença**. Trad.: Anabela Gradim Alves. *Popular Science Monthly* 12 - November 1877 , pp. 1-15. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>>. Acesso em 12 de abril de 2023.

PEIRCE, Charles. **Ilustrações da lógica da ciência**. Tradução: Renato Rodrigues Kinouhci. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. **The Psychology of Fake News**. *Trends in Cognitive Sciences*, v.25, n.5, p.388-402, may.2021.

PINTO, G. A. O. **Fact-checking e eleições presidenciais de 2018**: A disputa pela verdade em interações no Twitter. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

POELL, T., NIEBORG, D. B., DUFFY, B. E. **Platforms and cultural production**. Medford: Polity Press, 2022.

POELL, T., NIEBORG, D., DIJCK, J. VAN. **Plataformização**. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v.22, n.1, p.2-10 - 10, 4, abr.2020.

POGREBINSCHI, T. **A matriz filosófica do pragmatismo**. In: _____. *Pragmatismo. Teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 23-72. *Política*, v. 4, n. 3, p. 238-266, 2017.

QUÉRÉ, L. **From an epistemological model of communication to a praxeological approach**. *Réseaux*, v. 3, n. 1, 1995, p. 111-133.

RATIER, R. **BROADCAST E RADICALIZAÇÃO PARA AS MASSAS**: produção e **difusão** de conteúdo no WhatsApp bolsonarista. Em: *Anais do 29º Encontro Anual da COMPÓS; Campo Grande. Mato Grosso do Sul. Brasil. Campinas : Galoá; 2020.*

RECUERO, R. **#FraudenasUrnas**: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. In: *Revista Brasileira Linguística Aplicada*, v.20, n.3, p.383-406, 2020.

RECUERO, R.; GRUZD, A. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter**. *Galaxia*, n.41, p.31-47. São Paulo: maio-ago 2019.

RESENDE, Gustavo, et al. **(Mis)Information Dissemination in WhatsApp**: Gathering, Analyzing and Countermeasures. In: *Proceedings of The Web Conference (WWW'19)*, San Francisco, USA. May 2019. Disponível em: <<https://homepages.dcc.ufmg.br/~fabricio/download/resende-www2019.pdf>>. Acesso em 12 de abril de 2023.

RIBEIRO, D. PAES, F. **Verdade e crença sob a perspectiva do pragmatismo**: contribuições para o debate sobre a desinformação científica. In: ALZAMORA, G.; MENDES, C. M.; RIBEIRO, D. M. *Sociedade da desinformação e infodemia. Olhares Transversais*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2021. p. 87-112

RUEDIGER, M. A., GRASSI, A., DOURADO, T., CALIL, L., PIAI, V., ALMEIDA, S., CARVALHO, D. **Desinformação online e eleições no Brasil: A circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no Youtube (2014-2020)**. Rio de Janeiro, outubro de 2020.

SAFATLE, V. **Ética e pós-verdade**. São Paulo: Litercultura, 2018, p.125-136.

SALGADO; T.; MATTOS, M. A. **Da informação à desinformação: conceitos e abordagens das teorias acerca da comunicação**. In: ALZAMORA, G., MENDES, C., RIBEIRO, D. (org) *Sociedade da Desinformação e infodemia*. Belo Horizonte/MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p.39-62

SANTOS, A. P. S. **A cartografia das controvérsias como método para pesquisas em contexto digital: o uso de digital influencers em campanha publicitária do Novo Ensino Médio**. In: XX SemeAd, 2017.

SOARES, F. B.; RECUERO, R.; VOLCAN, T.; FAGUNDES, G.; SODRÉ, G. **Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada como debate político**. *Ciência da Informação em Revista, [S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 74–94, 2021. DOI: 10.28998/cirev.2021v8n1e. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11246>>. Acesso em: 3 nov. 2022>. Acesso em 12 de abril de 2023.

SOUSA JÚNIOR, J. H. de; RAASCH, M.; SOARES, J. C.; RIBEIRO, L. V. H. A. de S. **Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake news frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil**. *Cadernos de Prospecção, [S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 331, 2020. DOI: 10.9771/cp.v13i2.35978. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

SULLIVAN, M. **It's time to retire the tainted term 'fake news'**. The Washington Post, 2017. disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/its-time-to-retire-the-tainted-term-fake-news>> Acesso em: 3 nov. 2022

TOMBERG, V. **Echo chambers and viral misinformation**. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 21, n. 6, p. 675-685, 2018. DOI: 10.1080/13645579.2018.1466957.

VENTURINI, T. **Diving in magma: How to explore controversies with Actor-Network**. 2010.

VENTURINI, T. **Building on faults: How to represent controversies with digital methods**. *Public Understanding of Science*, n. 21, pp. 796-812, 2012.

VENTURINI, T. **From Fake to Junk News, the Data Politics of Online Virality**. Didier Bigo, Engin Isin, 2019.

VENTURINI, T., LATOUR, B. **O tecido social: rastros digitais e métodos quali-quantitativos**. In: OMENA, J. (org). *Métodos digitais: Teoria-prática-crítica*. Lisboa: ICNOVA, 2019.

VENTURINI, T., MUNK, A. K. **Controversy Mapping: A Field Guide**. Cambridge; Medford: 2021.

VIEIRA, D. BRITO, L. Verdade e Poder em Michel Foucault: Um Projeto Genealógico. Trilhas Filosóficas, Caicó-RN, n.2, p.73-82, jul-dez, 2015.

WARDLE, C; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe report, v.27, 2017.
WWW'20: Proceedings of the Web Conference 2020. Association of Computing

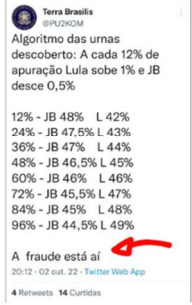
ZAGANELLI, Margareth Vetis; MAZIERO, Simone Guerra. **Fake news e eleições no Brasil - os riscos para a democracia**. Revista Eletrônica de Direito Eleitoral e Sistema Político - REDESP, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 164-175, jan./jun. 2021.

ANEXO: CORPUS DE ANÁLISE IMAGENS

Mensagem 01
Publicada em 03/10/2022 - 1/10



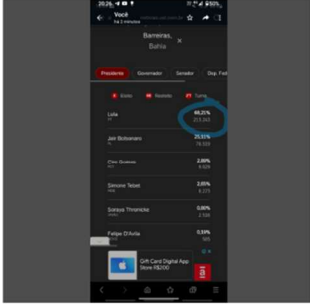
Mensagem 04
Publicada em 03/10/2022 - 6/10



Mensagem 10
Publicada em 04/10/2022 - 2/10



Mensagem 02
Publicada em 03/10/2022 - 3/10



Mensagem 05
Publicada em 03/10/2022 - 7/10



Mensagem 08
Publicada em 03/10/2022 - 10/10



Mensagem 11
Publicada em 04/10/2022 - 4/10



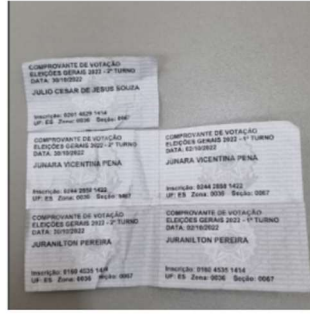
Mensagem 03
Publicada em 03/10/2022 - 4/10



Mensagem 06
Publicada em 03/10/2022 - 8/10



Mensagem 09
Publicada em 04/10/2022 - 1/10



Mensagem 12
Publicada em 04/10/2022 - 8/10



Mensagem 13
Publicada em 05/10/2022 - 1/10



Mensagem 16
Publicada em 18/10/2022 - 2/10



Mensagem 19
Publicada em 18/10/2022 - 5/10



Mensagem 22
Publicada em 18/10/2022 - 8/10



Mensagem 14
Publicada em 05/10/2022 - 6/10



Mensagem 17
Publicada em 18/10/2022 - 3/10



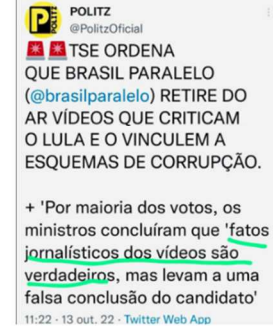
Mensagem 20
Publicada em 18/10/2022 - 6/10



Mensagem 23
Publicada em 18/10/2022 - 9/10



Mensagem 15
Publicada em 14/10/2022 - 10/10



Mensagem 18
Publicada em 18/10/2022 - 4/10



Mensagem 21
Publicada em 18/10/2022 - 7/10



Mensagem 24
Publicada em 18/10/2022 - 10/10



Mensagem 25
Publicada em 19/10/2022 - 1/10

NOTÍCIAS

Cármem Lúcia ordena a remoção de outdoors de apoio a Bolsonaro no DF

Publicado 40 minutos atrás em 26/09/2022
Por Redação

Mensagem 26
Publicada em 19/10/2022 - 2/10

NOTÍCIAS

Cármem Lúcia mantém vídeos em que Lula chama Bolsonaro de 'genocida'

Publicado 1 hora atrás em 21/09/2022
Por Redação

Mensagem 27
Publicada em 19/10/2022 - 3/10

ELEIÇÕES

TSE proíbe Bolsonaro de usar imagens do discurso na ONU em campanha eleitoral

Publicado 1 hora atrás em 20/09/2022
Por Redação

Mensagem 28
Publicada em 19/10/2022 - 4/10

BAIXE AGORA O APP DO CP

ELEIÇÕES 2022

TSE atende campanha de Lula e abre investigação contra Jovem Pan

Mensagem 29
Publicada em 19/10/2022 - 5/10

BAIXE AGORA O APP DO CP

ELEIÇÕES 2022

TSE censura Brasil Paralelo e manda retirar vídeo sobre Lula e corrupção no PT

Mensagem 30
Publicada em 19/10/2022 - 6/10

JUSTIÇA

Moraes determina a derrubada de sites de juíza que criticou o STF

Publicado 11 segundos atrás em 30/09/2022
Por Redação

Mensagem 31
Publicada em 19/10/2022 - 7/10

NOTÍCIAS

TSE determina retirada de vídeo com entrevista de Mara Gabrielli à Jovem Pan

Publicado 53 segundos atrás em 07/10/2022
Por Redação

Mensagem 32
Publicada em 19/10/2022 - 8/10

NOTÍCIAS

TSE determina remoção de publicações com áudio de Lula sobre Palocci

Publicado 1 hora atrás em 27/09/2022
Por Redação

Mensagem 33
Publicada em 19/10/2022 - 9/10

NOTÍCIAS

TSE determina a remoção de publicações que associam Lula à perseguição de cristãos

Publicado 1 hora atrás em 04/10/2022
Por Redação

Mensagem 34
Publicada em 19/10/2022 - 10/10

JUSTIÇA

Moraes bloqueia perfil de juíza e do jornalista Allan dos Santos na plataforma Gettr

Publicado 46 segundos atrás em 08/10/2022
Por Redação

Mensagem 35
Publicada em 20/10/2022 - 4/10

Nº DE COMERCIAIS DE 30 SEGUNDOS QUE SOBRAM PARA LULA E BOLSONARO NO 2º TURNO
presidente perde tempo de TV para petista após decisões do TSE sobre direitos de resposta

Inserções de 20 a 28 de outubro

total que teriam	Lula		Bolsonaro	
	antes	depois	antes	depois
antes	225	225	395	55
depois	25	25	25	25

média por dia	Lula	Bolsonaro	Lula	Bolsonaro
20.out	25	25	25	25
21.out	25	25	46	4
22.out	25	25	46	4
23.out	25	25	46	4
24.out	25	25	46	4
25.out	25	25	47	3
26.out	25	25	46	4
27.out	25	25	46	4
28.out	25	25	47	3

Mensagem 36
Publicada em 21/10/2022 - 2/10

Mensagem 37
Publicada em 24/10/2022 - 2/10



Mensagem 38
Publicada em 24/10/2022 - 3/10



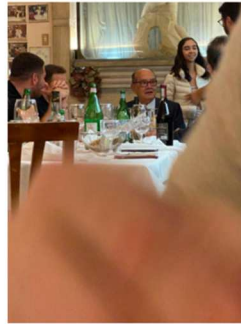
Mensagem 39
Publicada em 24/10/2022 - 4/10



Mensagem 40
Publicada em 24/10/2022 - 5/10



Mensagem 41
Publicada em 24/10/2022 - 7/10



Mensagem 42
Publicada em 24/10/2022 - 8/10



Mensagem 43
Publicada em 25/10/2022 - 2/10



Mensagem 44
Publicada em 25/10/2022 - 3/10



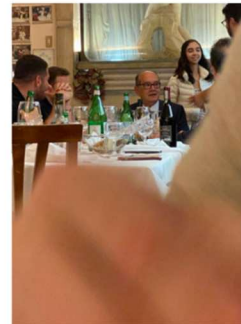
Mensagem 45
Publicada em 25/10/2022 - 4/10



Mensagem 46
Publicada em 25/10/2022 - 7/10



Mensagem 47
Publicada em 25/10/2022 - 8/10



Mensagem 48
Publicada em 25/10/2022 - 9/10



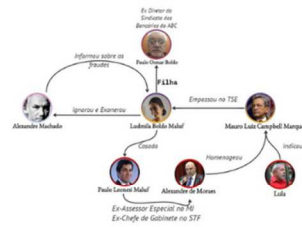
Mensagem 49
Publicada em 26/10/2022 - 1/10



Mensagem 50
Publicada em 26/10/2022 - 9/10



Mensagem 51
Publicada em 27/10/2022 - 2/10



Mensagem 52
Publicada em 27/10/2022 - 3/10



Mensagem 53
Publicada em 27/10/2022 - 4/10



Mensagem 54
Publicada em 27/10/2022 - 6/10



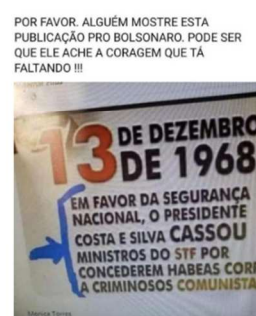
Mensagem 55
Publicada em 27/10/2022 - 7/10



Mensagem 56
Publicada em 28/10/2022 - 3/10



Mensagem 57
Publicada em 28/10/2022 - 5/10



Mensagem 58
Publicada em 30/10/2022 - 1/10



Mensagem 59
Publicada em 30/10/2022 - 7/10



MENSAGENS DE TEXTO

MENSAGEM	DATA
<p>https://t.me/+hXARif2UnEEwOTVh ESTÃO QUERENDO FRAUDAR AS urnaS PRECISAMOS COLOCAR 70 MILHÕES DE ELEITORES DO BOLSONARO NO GRUPO COMPARTILHA PRA TODOS ESSE LINK TODOS QUE VÃO VOTAR NO BOLSONARO BAIXE O TELEGRAM E ENTRE NO GRUPO ASSIM PROVAREMOS A VITÓRIA DO BOLSONARO ENTRA NO GRUPO E COMPARTILHA O MÁXIMO QUE VOCÊ PUDE</p>	03/10/2022
<p>fraude! Estou vendo q está assim: Com 12% temos: Bolsonaro 48% Lula 42% ----- Então, observem o seguinte: nos votos totais. A cada 12% de apuração Se lula sobe 1% e JB desce 0,5%> Então: 12% - JB 48% L 42% 24% - JB 47,5% L 43% 36% - JB 47% L 44% 48% - JB 46,5% L 45% 60% - JB 46% L 46% 72% - JB 45,5% L 47% 84% - JB 45% L 48% 96% - JB 44,5% L 49% Acompanhem o resultado a cada % q marquei, sobre o total. Estou acompanhando pela Jovem Pan. Isto acontecendo, e se confirmando, é sinal d algoritmo e fraude eleitoral. As FFAA deverão estar d olho neste acontecimento. Ou algo bem parecido com estes números. Com 60% estarão empatados....</p>	03/10/2022
<p>. URGENTE... ATENÇÃO https://t.me/+hXARif2UnEEwOTVh ESTÃO QUERENDO FRAUDAR AS urnaS PRECISAMOS COLOCAR 70 MILHÕES DE ELEITORES DO BOLSONARO NO GRUPO COMPARTILHA PRA TODOS ESSE LINK TODOS QUE VÃO VOTAR NO BOLSONARO BAIXE O TELEGRAM E ENTRE NO GRUPO ASSIM PROVAREMOS A VITÓRIA DO BOLSONARO ENTRA NO GRUPO E COMPARTILHA O MÁXIMO QUE VOCÊ PUDE Telegram 70 MILHÕES EU VOTO EM BOLSONARO: TEMOS QUASE 16 MIL, HOJE DIA 03/10/2022 COMPARTILHEM!!!</p>	03/10/2022
<p>CIDADES QUE ATÉ OS MORTOS VOTARAM EM LULA. N.S. da Glória (Se) 3.053 habitantes. 4.615 votaram em Lula. Porto da Pedra: (Pe) 6.122 habitantes: 8.090 votaram em Lula. Poço das Antas(Pe) População: 4.342 habitantes. 5.873 votaram em Lula. Xique Xique (BA) 43.548 habitantes: Pasmem: 64.805 habitantes votaram no Lula. Barragem(BA) 25.687 habitantes: 31.338 votaram em Lula. Nova liberdade (BA) 11.026 habitantes: 16.192 votaram em Lula. Novaçores (BA) 9.622 habitantes: 12.351 votaram em Lula. Guanambim(BA) população: 19.764 habitantes: 22.538 votaram em Lula. Joaçaba (BA) 6.142 habitantes: 6.984 votaram em Lula. Antas(BA) população: 11.434 habitantes: 18.001 votaram em Lula. e mais 192 cidades Brasileiras (Bahia com maior número) em que os mortos RESSUSCITARAM para VOTAR em Lula.</p>	04/10/2022
<p>*Exército solicita o código fonte do programa de centralização dos votos. Há uma suposição de erro considerando o voto de rebanho. O ITA é o IME irão fazer a auditoria. Entenda como funciona conforme o áudio que segue.* 🗣️🗣️🗣️</p>	04/10/2022
<p>*Alexandre de Moraes ataca partido de Bolsonaro após auditoria encontrar 24 vulnerabilidades nas urnas eletrônicas* *_MORAES QUER Q A GENTE CULPE OS NORDESTINOS E ESQUEÇA Q FOI ELE Q FRAUDOU A ELEIÇÃO, NORDESTINOS NÃO TEM CULPA DE NADA, MESMO VOTANDO EM LULA, BOLSONARO GANHARIA IGUAL EM 2018, LULA SÓ GANHOU PQ TEVE fraude, NÃO FOI ATÔA Q O STF TIROU LULA DA CADEIA E TORNOU ELE ELEGÍVEL COM A FICHA MAIS LIMPA Q QUALQUER UM.* *_ A auditoria estava certa, Moraes fraudou as eleições, no momento q paralizou a apuração por mais de 15 minutos, foi nesse momento que foi ligado o algoritmo roubador de votos, Bolsonaro estava com 48% e após isso não subiu mais nenhum milésimo, só fez cair e Lula subir_* *_COMPARTILHE* *_https://www.folhadapolitica.com/2022/09/alexandre-de-moraes-ataca-partido-de.html*</p>	04/10/2022
<p>URGENTE O Presidente do Senado Rodrigo Pacheco acatou o projeto do "Voto Auditável" e foi colocado no Site do Senado para Consulta Pública, porém não está sendo Divulgado e a Esquerda está votando para parecer que o Povo Brasileiro não quer isso para continuar a Manipulação dos Resultados das Eleições. Precisamos Urgentemente mostrar a nossa vontade votando *"SIM"* e vamos desmascarar essa Farsa. https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=132598 Obs: O Voto Impresso tá perdendo... O Placar tá 1.410.860 contra e 1.300.616 a favor da proposição do voto impresso. VAMOS VIRAR PESSOAL !!! DIVULGUE AO MÁXIMO SE NÃO QUISER PERMITIR A MANIPULAÇÃO DE SEU VOTO NAS ELEIÇÕES (QUALQUER QUE SEJA)!!</p>	07/10/2022
<p>*BRASIL: o vídeo que o TSE não quer que o Brasil veja (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-o-video-que-o-tse-nao-quer-que-o.html</p>	07/10/2022
<p>*BRASIL: Gilmar Mendes diz que ministros do STF devem ficar irmanados com Alexandre de Moraes (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-gilmar-mendes-diz-que-ministros.html</p>	07/10/2022
<p>*BRASIL: Após pedido do PT, TSE manda censurar vídeos e satanista se revolta (Os Pingos nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-apos-pedido-do-pt-tse-manda.html</p>	07/10/2022

<p>""URGENTE O Presidente do Senado Rodrigo Pacheco acatou o projeto do "Voto Auditável" e foi colocado no Site do Senado para Consulta Pública, porém não está sendo Divulgado e a Esquerda está votando para parecer que o Povo Brasileiro não quer isso para continuar a Manipulação dos Resultados das Eleições. Precisamos Urgentemente mostrar a nossa vontade votando *SIM* e vamos desmascarar essa Farsa."" https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=132598 Obs: O Voto Impresso tá perdendo... O Placar tá 1.410.860 contra e 1.300.616 a favor da proposição do voto impresso. VAMOS VIRAR PESSOAL !!! DIVULGUE AO MÁXIMO SE NÃO QUISE PERMITIR A MANIPULAÇÃO DE SEU VOTO NAS ELEIÇÕES (QUALQUER QUE SEJA)!!</p>	08/10/2022
<p>*PT obtém liminar e proíbe plantio de soja em Mato Grosso, estado é responsável por 25% da produção nacional de soja*_O PT é contra o AGRONEGÓCIO q gera bilhões de lucro para o Brasil e gera milhões de empregos, os agricultores iria semear soja até Fevereiro e o PT proibiu na justiça, assim diminuindo o período de plantio da soja_*#COMPARTILHE* https://www.folhadapolitica.com/2022/09/pt-obtem-liminar-e-proibe-plantio-de.html*</p>	08/10/2022
<p>Lula já tenta "censurar" jornalistas e influencers de direita ▣ https://terrabrasilnoticias.com/2022/10/lula-ja-tenta-censurar-jornalistas-e-influencers-de-direita/</p>	08/10/2022
<p>*CAMPANHA: VOLTA LULA* *O ATOR MARCELO MADUREIRA PUBLICOU O QUE SEGUE SOBRE O LULA:* *VOLTA LULA! E traga de volta as DUAS REFINARIAS que VOCÊ DOOU para a BOLÍVIA!* *VOLTA LULA! E traga de volta os 1,2 BILHÕES DE DÓLARES que VOCÊ "EMPRESTOU" para HUGO CHÁVEZ!* *VOLTA LULA! E traga de volta os BILHÕES DE DÓLARES que VOCÊ MANDOU para CUBA, HAITI E OUTROS.* *(VOCÊ NÃO SABIA QUE AQUI NO BRASIL TAMBÉM TINHA CRIANÇAS MORRENDO DE ANEMIA ???)* *VOLTA LULA! E traga de volta os 10,6 BILHÕES DE REAIS que VOCÊ EMPRESTOU para o EIKE BATISTA (SEU TESTA DE FERRO) E QUE AGORA ESTÁ EM SITUAÇÃO FALIMENTAR!* *VOLTA LULA! E traga de volta os 25 MILHÕES DE EUROS que VOCÊ LEVOU com a ROSE para PORTUGAL;* *Volta Lula, e explica o MENSALÃO, que vc planejou e que tinha o "Quartel General" ao lado da sua sala...* *Volta Lula, e explica o fenômeno "ROSE";* *Volta Lula, e explica os 6.000 médicos cubanos;* *Volta Lula, e explica a falência do SUS;* *Volta Lula, e explica onde foi parar a reabilitação da indústria naval brasileira;* *Volta Lula, e explica os 4,8 bilhões gastos na transposição do Rio São Francisco e que estava tudo abandonado...* *Volta Lula, e explica os 0,20 centavos mais caros do planeta;* *Volta Lula, e explica os 39 ministérios;* *Volta Lula, e explica a falência da Petrobras;* *Volta Lula e explica os 20% de inadimplência do programa eleitoral "Minha Casa Minha Vida", que os brasileiros que trabalham terão que pagar. Observe também que a taxa de inadimplência de 16% gerou a crise imobiliária de 2007 dos Estados Unidos.* *Volta Lula, e explica o que aconteceu com o óleo de mamona que ia ser a independência energética do Brasil;* *Volta Lula, e explica, o PRÉ-SAL;* *Volta Lula, e explica essa sua criação, o poste "DILMA" que você plantou em Brasília...* *Volta Lula, e explica porque o ministro do supremo Roberto Barroso passou uma semana inteira tentando explicar o contrato milionário que o governo, por meio da Eletronorte, concedeu recentemente - sem licitação, ao seu escritório de advocacia do Rio de Janeiro.* *Milhões de Brasileiros estão decepcionados: O LULA ESTÁ MUDO!* *Todos sabem que, se o Lula se explicar, O PT E OS ALIADOS SERÃO TODOS TRANCAFIADOS!* *VOLTA LOGO E VOLTE PRA CADEIA TAMBÉM !!!!!* *PEÇO MACIÇA DIVULGAÇÃO!* *Começou a rodada de pizza. Tenha coragem e encaminhe esta mensagem para cada contato seu. Não podemos deixar essa situação acontecer. Seja patriota e proteste, enviando esta mensagem para conhecimento de todos. Vamos reagir, POVO.* *Por favor, vamos dar uma resposta para esses ladrões. Vamos salvar o nosso futuro.* *Repassem... BRBRBR* *Não fique chateado se essa mensagem chegar a vc mais de uma vez. Isso significa que está surtindo efeito.* *Vamos compartilhar!!* *Quanto mais melhor!!!!*</p>	09/10/2022
<p>*Alexandre de Moraes ataca partido de Bolsonaro após auditoria encontrar 24 vulnerabilidades nas urnas eletrônicas* *_MORAES QUER Q A GENTE CULPE OS NORDESTINOS E ESQUEÇA Q FOI ELE Q FRAUDOU A ELEIÇÃO, NORDESTINOS NÃO TEM CULPA DE NADA, SÃO NOSSOS IRMÃOS, MESMO VOTANDO EM LULA, BOLSONARO GANHARIA IGUAL EM 2018, LULA SÓ GANHOU PQ TEVE fraude, NÃO FOI ATÔA Q O STF TIROU LULA DA CADEIA E TORNOU ELE ELEGÍVEL COM A FICHA MAIS LIMPA Q QUALQUER UM_* *_A auditoria estava certa, Moraes fraudou as eleições, no momento q paralisou a apuração por mais de 15 minutos, foi nesse momento que foi ligado o algoritmo roubador de votos, Bolsonaro estava com 48% e após isso não subiu mais nenhum 0,01% décimo, só fez cair e Lula subir_* *_Sem fraude isso é impossível de acontecer, faltava 60% das urnas serem apuradas e BOLSONARO não subiu mais 0,01 centésimo se quer, mas Lula subiu em todas as parciais após a paralização de mais de 15 minutos_* *_Algoritmo das urnas descoberto:* A cada 12% de apuração Lula sobe 1% e JB desce 0,5% *12% da apuração -* JB 48% L42% *24% da apuração-* JB 47,5% L 43% *36% da apuração -* JB 47% L 44% *48% da apuração -* JB 46,5% L 45% *60% da apuração-* JB 46% L 46% *72% da apuração-* JB 45,5% L 47% *84% da apuração-* JB 45% L 48% _Obs: desconsiderando os décimos preciso_* *_As Forças Armadas estavam fiscalizando a convite do TSE, mas eles já estão agindo para impedir q a fraude aconteça no segundo turno, a ordem é todos ganhar votos e deixe q os militares faça sua parte_* *_#DIVULGUE MUUUUUUITO* https://www.folhadapolitica.com/2022/09/alexandre-de-moraes-ataca-partido-de.html*</p>	09/10/2022
<p>*Lula zomba de Bolsonaro por ir ao STF rezar o Pai Nosso. "Não dá pra acreditar que Bolsonaro foi ao STF rezar o Pai Nosso, isso não tem sentido!"; Veja o vídeo!* *_REVOLTANTE VER UM LADRÃO DESSE ZOMBANDO DAS COISAS DE DEUS_* https://www.folhadapolitica.com/2021/07/lula-zomba-e-ataca-bolsonaro-por-rezar.html?m=1*</p>	09/10/2022
<p>*BRASIL: A pedido do PT, TSE censura Jovem Pan por entrevista sobre caso Celso Daniel (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-pedido-do-pt-tse-censura-jovem.html?m=1</p>	10/10/2022
<p>*BRASIL: Mara Gabrilli confronta TSE e volta a criticar Lula: "Ele dilacerou o Brasil" (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-mara-gabrilli-confronta-tse-e.html?m=1</p>	11/10/2022

<p>https://www.portalcidade.news/mst-sinaliza-retomada-de-invasoes-de-terras-em-caso-de-vitoria-de-lula/ Quando a mentira não tem perna curta, Mas tem nove dedos. 🚫 Lula foi benzido na macumba, ninguém pode derrubar nosso pai , os Exus estão com Lula 🙏🙏🙏🙏🙏 Dia 30/10/2022 vamos conhecer a moral da nação. Ou a festa será nas Igrejas ou nos presídios. Porque,??????? Certas pessoas aderem ao pensamento de esquerda. (COMUNISMO) Existe um sentimento na mente humana INVEJA Se alguém que eu conheço está financeiramente bem A pessoa justifica pra si mesmo: Essa pessoa só esta bem financeiramente Porque conseguiu isso de forma injusta Por isso eu não ACEITO em não ter o mesmo sucesso financeiro do que ela. Racionalmente concluo que o sistema vigente não está correto Logo eu sem saber que o efeito do meu sentimento de inveja Altera o meu modo de raciocinar Ou seja sensação errônea de achar injusto algo que na verdade não é. Faz com que eu me posicione contra a DEMOCRACIA E passo a ser um defensor do Regime COMUNISTA. Mesmo sabendo que a DEMOCRACIA até a presente data é o melhor sistema de governo pra que a sociedade possa prosperar. Já que no COMUNISMO Toda a população vive na miséria. Assista o melhor vídeo Sobre Porque as pessoas ainda aceitam um político COMUNISTA . https://fb.watch/fJVC3UnzD6/ ***** SÃO dez LINKS. PT FEIKE NEWS Assista os vídeos. Assista vídeo número 1. PT quer implantar o COMUNISMO. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178679988037283&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 2 RECADO aos IRMÃOS CRISTÃOS. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178682091370406&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 3 O que LULADRAO acha dos PASTORES EVANGÉLICO. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178681391370476&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número:4 O que LULADRAO faz pra vencer as eleições em 22 **No Ceará, Lula participa de Ritual Umbandista é Consagrado Filho de Xangô por Mãe de Santo e recebe imagem de Zé Pilintra das Almas para Vencer as Eleições de 2022, Mas nós o Povo do Deus Vivo , Declaramos em Nome de Jesus Cristo, Lula , Xango, Ze Pilintra das Almas Todos Derrotados Por meio do Sangue de Cristo Vertido no CALVARIO, XO SATANAS AQUI NÃO, VADES RETO PRA NUNCA MAIS VOLTAR** **Lula jamais aceitou ser Consagrado a Deus Quando foi Presidente do BRASIL. Por ser Filho de Xango e Seguidor de Zé Pilintra das Almas, por isso ele nao pode entrar dentro de Igrejas Evangelicas por que corre o risco de ficar posseço dentro das IGREJAS** *ACORDA CRENTE* *#COMPARTILHE* Assista vídeo número 4 Como LULADRAO faz pra vencer as eleições. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178928134679135&id=100076858487537&sfnsn=wiwspw Assista vídeo número 5 LULADRAO diz Pobre é igual papel higiênico. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=180346737870608&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 6 LULADRAO ofende as pessoas.....? https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178704301368185&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 7 LULADRAO diz: Vou implantar COMUNISMO No Brasil A partir de 23. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=178977234674225&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 8 LULADRAO DIZ Estou falando com o DIABO E o DIABO está tomando conta de mim. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=180144187890863&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 9 PT organiza reunião do foro de são Paulo Canta.... Um, dois, três, quatro, cinco mil viva O Partido COMUNISTA do BRASIL https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=180341404537808&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa Assista vídeo número 10 PT é uma organização criminosa. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=180955964476352&id=100076858487537&sfnsn=wiwspwa ***** O PT divulga abertamente, em seu Site, plano de Dominação Comunista no País.* *Parece um absurdo o documento onde abertamente o PT declara suas intenções no país.* Dentre todos os absurdos desse documento destaque: - Refundar o Estado brasileiro em uma dinâmica de aprofundamento e radicalização *(pág 56, n° 21)*. - Estatização da Mídia e de todas as emissoras religiosas *(pág. 160, item f)*. - Imunidade aos movimentos como *MST e MTST,* que poderão agir sem serem presos *(pág 160, item c)*. - Anulação das sentenças do Mensalão *(pág. 160, item c)*. - Demissão de ministros capitalistas e Impeachment dos Ministros do STJ que foram a favor da condenação do Mensalão *(pág. 160, item c)* - Cancelar todas as privatizações do Brasil, assim como a Bolívia fez no passado *(pág. 160, item g)*. - Fim do Financiamento Público a qualquer mídia que seja contrária ao Partido *(pág. 160, item e)* - Calote da dívida interna e externa *(pág. 160, item b)*. - Declaração de que o Brasil é o fiador dos Países comunistas da América *(pág. 129, n° 3)*. - Fazer uma nova constituinte, socialista *(pág 4, item 15)*. - Fim do superávit primário e controle dos meios de comunicação *(pág 50, e, item g)*. E muitos outros absurdos. *Parece piada, parece invenção da oposição, mas está abertamente no site do PT, para quem quiser ver.* Isso é *URGENTE,* peça a todos que compartilhem com o máximo de pessoas possíveis, pois pode ser a última chance de impedir que o nosso país se torne uma nova e miserável Venezuela! *As redes sociais estão limitando o alcance de tudo que é contra o PT, por isso os artigos devem ser compartilhados massivamente, para que possam chegar a todos.* *Leiam, tirem suas conclusões e repassem para que ninguém alegue desconhecimento e não chore depois...* http://www.pt.org.br Globolixo não divulga *BRASIL: Moraes toma dianteira e cobra explicação de ação da PF que mirou aliado de Lula (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-moraes-toma-dianteira-e-cobra.html?m=1</p>	<p>12/10/2022</p>
<p>*BRASIL: Moraes toma dianteira e cobra explicação de ação da PF que mirou aliado de Lula (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-moraes-toma-dianteira-e-cobra.html?m=1</p>	<p>13/10/2022</p>

<p>[13/10 21:20] Lídia: Marcelo Rossi dos Santos: Foto de Marcelo Rossi O país vai morrer? Se você não vê crime na atitude de um candidato a presidente da República, ao desfilar em carreata cercado por traficantes carregando armas pesadas, desista de sua família, de seus valores, de sua identidade e do seu país. Você não é um cidadão, nem pai de família. Você é apenas um covarde, desprovido de princípios, que enxerga apenas conveniências e vantagens na sua convivência e relações do dia a dia. O que Lula da Silva fez no Complexo do Alemão (RJ), na última quarta-feira (12), foi perturbador e desmoralizante. Foi agressivo e altamente nocivo. Mostrou que aquele verme imundo deveria estar preso, se o STF não fosse, hoje, instituição voltada à proteção do crime e ao acobertamento dos atos mais vis e facinorosos de que se tem registro na história nacional. Fazer o quê, com tal STF cheio de degenerados morais? Lula da Silva mostrou quem é o chefe do crime organizado no país. Que vergonha, que tristeza, que avacalhão, que podridão, que depravação! Como é que indivíduo de tamanha periculosidade pode encontrar quem o suporte e o apoie, fora do círculo criminoso do qual é membro? Lula da Silva se expôs, mostrou quem é, exibiu por inteiro o seu caráter, ou a sua falta. Vejam as fotos do ex-presidente e ex-presidiário, usando chapéu do Comando Vermelho e a abreviatura CPX, que quer dizer "cupincha". Que dizem os senhores ministros do TSE? Que diz o ministro Benedito Gonçalves, que responde a inquérito sobre propina recebida da Odebrecht? Nosso país está sendo dominado pelos piores bandidos. É isso que você deseja para os seus filhos? É esse o futuro com o qual você sonha? Deus, ó Deus, imploremos aos céus! 🙏🙏 Lula fez isso como Ameaça aos Militares Brasileiros. [13/10 21:23] Lídia: Marcelo Rossi dos Santos: Disse em linguagem figurada que possui um Exército paralelo, o CRIME ORGANIZADO. Mandou um " sinal " dizendo que também possui um poder de força e que caso os Militares intervenham , ele pretende barbarizar nas ruas , derramar sangue Essa é a verdade. São os dois lados , o Bem e o Mal na disputa eleitoral.</p>	14/10/2022
<p>*BRASIL: Moraes protege os institutos de pesquisa e a fraude eleitoral contra Bolsonaro continuará (Gustavo Gayer); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-moraes- protege-os-institutos-de.html?m=1</p>	14/10/2022
<p>O país vai morrer? Se você não vê crime na atitude de um candidato a presidente da República, ao desfilar em carreata cercado por traficantes carregando armas pesadas, desista de sua família, de seus valores, de sua identidade e do seu país. Você não é um cidadão, nem pai de família. Você é apenas um covarde, desprovido de princípios, que enxerga apenas conveniências e vantagens na sua convivência e relações do dia a dia. O que Lula da Silva fez no Complexo do Alemão (RJ), na última quarta-feira (12), foi perturbador e desmoralizante. Foi agressivo e altamente nocivo. Mostrou que aquele verme imundo deveria estar preso, se o STF não fosse, hoje, instituição voltada à proteção do crime e ao acobertamento dos atos mais vis e facinorosos de que se tem registro na história nacional. Fazer o quê, com tal STF cheio de degenerados morais? Lula da Silva mostrou quem é o chefe do crime organizado no país. Que vergonha, que tristeza, que avacalhão, que podridão, que depravação! Como é que indivíduo de tamanha periculosidade pode encontrar quem o suporte e o apoie, fora do círculo criminoso do qual é membro? Lula da Silva se expôs, mostrou quem é, exibiu por inteiro o seu caráter, ou a sua falta. Vejam as fotos do ex-presidente e ex-presidiário, usando chapéu do Comando Vermelho e a abreviatura CPX, que quer dizer "cupincha". Que dizem os senhores ministros do TSE? Que diz o ministro Benedito Gonçalves, que responde a inquérito sobre propina recebida da Odebrecht? Nosso país está sendo dominado pelos piores bandidos. É isso que você deseja para os seus filhos? É esse o futuro com o qual você sonha? Deus, ó Deus, imploremos aos céus! AINDA HÁ TEMPO PARA VOTAR PELA liberdade DE NOSSO BRASIL E DE NOSSAS FAMÍLIAS. DEUS É FIEL</p>	14/10/2022
<p>*BRASIL: TSE foi longe demais agora - Até mesmo as verdades sobre LULA estão proibidas na internet (Gustavo Gayer); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-tse-foi-longo-demais-agora-ate.html?m=1</p>	17/10/2022
<p>*BRASIL: Bolsonaro critica decisões de Moraes sobre pesquisas: "É o vice de Lula" (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-bolsonaro-critica-decisoes-de.html?m=1</p>	17/10/2022
<p>*BRASIL: Justiça manda sem-terra saírem de fazenda produtiva invadida (Os Pingos Nos Is); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-justica-manda-sem-terra-sairem.html?m=1</p>	17/10/2022
<p>*BRASIL: LULA e PT entram com um pedido no TSE para acabar com a liberdade de expressão (Gustavo Gayer); ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-lula-e-pt-entram-com-um-pedido.html?m=1</p>	17/10/2022
<p>Vamos sentar o dedo. O vídeo retirado é esse aqui. Esse foi o vídeo que o Alexandre de Moraes mandou apagar da página do Bolsonaro. Vamos todos postar nas redes sociais. Quero ver ele mandar apagar de milhares de pessoas. BRBRBR Precisa falar mais claro???</p>	18/10/2022
<p>*PT NÃO OBEDECE DECISÃO DO TSE E CONTINUA DIVULGANDO FAKE NEWS* Com Lula atrás, segundo pesquisas internas, PT vai pro tudo ou nada e decide continuar divulgando <i>fake news</i> sobre Bolsonaro proibida pelo TSE. Confira: https://novaiguacu24h.com.br/campanha-do-pt-decide-desrespeitar-decisao-judicial-e-continuar-divulgando-fake-news-sobre-bolsonaro/</p>	18/10/2022

<p>*BRASIL: Lula diz que continuará acionando a Justiça sempre que "se sentir prejudicado"; ASSISTA* https://www.pensandodireita.com/2022/10/brasil-lula-diz-que-continuara.html?m=1</p>	20/10/2022
<p>*ATENÇÃO* *Lista de proibições do TSE* • É proibido mostrar IMAGENS DO 7 DE SETEMBRO; • É proibido pendurar a BANDEIRA DO BRASIL nas faixadas das Igrejas; • É proibido reunir FATOS HISTÓRICOS em um documentário; • É proibido falar que o Lula defende a LEGALIZAÇÃO DO ABORTO; • É proibido dizer que o Lula é a favor da LIBERALIZAÇÃO DAS DROGAS; • É proibido dizer que o Lula defende INVASÃO DE TERRAS; • É proibido dizer que Lula quer a VOLTA DA censura; • É proibido dizer que o Lula é AMIGO E APOIADOR DE MADURO E ORTEGA; • É proibido dizer que Lula e o PT tem ligação com as FARC; • É proibido dizer que Lula e o PT APOIAM DITADURAS; • É proibido dizer que o Lula é EX-PRESIDIÁRIO; • É proibido dizer que Lula era o CHEFE DOO MENSALÃO; • É proibido dizer que Lula era o CHEFE DOO PETROLÃO; • É proibido dizer que o Lula é LADRÃO; • É proibido dizer que o Lula foi CONDENADO; • É proibido dizer que o Lula foi DESCONDENADO POR UMA MANOBRA DO STF; • É proibido dizer que o Lula só é candidato porque tem AMIGOS NO STF; • É proibido dizer que Lula tem relação com a MORTE DE CELSO DANIEL; • É proibido falar sobre o PEDIDO DE MARCOLA, para que a bandidagem votasse em Lula; • É proibido dizer que Lula tem RELAÇÃO COM O PCC; • É proibido falar sobre ADÉLIO BISPO; • É proibido falar sobre o ATENTADO AO CANDIDATO TARCISO; • É proibido falar sobre o Lula no Morro do Alemão, recebendo o APOIO DOS TRAFICANTES; • É proibido dizer que o PT é uma ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA; • É proibido dizer que um HACKER PASSEOU 6 MESES NOS COMPUTADORES DO TSE, com acesso ao código fonte das urnas; • É proibido dizer que a Invasão dos computadores do TSE foi ESCONDIDA DO POVO pelo TSE em inquérito sigiloso; • É proibido dizer que os registros da invasão também foram apagados pelo próprio TSE; • É proibido falar sobre a INTERFERÊNCIA DE BARROSO, na tramitação do VOTO AUDITÁVEL no Congresso; • É proibido falar sobre VULNERABILIDADES NAS urnas eletrônicas; • É proibido ter dúvidas sobre a SEGURANÇA DAS urnas; • É proibido DENUNCIAR EVENTUAIS IRREGULARIDADES OU fraudeS nas urnas; • É proibido indagar sobre PARCIALIDADE no TSE e STF; • É proibido dizer que existe censura no Brasil; • É proibido dizer que existe PERSEGUIÇÃO POLÍTICA do STF e TSE à apoiadores do Bolsonaro; • É proibido dizer que o STF TEM DESRESPEITADO A CONSTITUIÇÃO; • É proibido dizer que existem INQUÉRITOS ILEGAIS NO STF; • É proibido dizer que VIVEMOS EM UM REGIME DE EXCEÇÃO. *SÓ FALTOU:* • proibir a gente de dizer que o Lula é o Lula! *Então, aproveita que ainda não proibiram a gente de usar o WhatsApp, e taca o dedo no celular, e compartilha com seus contatos!*</p>	21/10/2022
<p>E AGORA XANDÃO ? Vai mandar prender o General Gilberto Pimentel ? 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 *CARTA BOMBÁSTICA POSTADA NO "BRASIL PELO EXARNET", BLOG FECHADO DO EXÉRCITO.* Meus amigos de trincheiras, em um momento de instabilidade nacional em que o País passa, eu colocarei aqui alguns pontos muito importantes que estão engasgados na garganta. Com 41 anos de Carreira Militar, desde que ingressei ainda em nosso glorioso Regime Militar Democrático, aos 18 anos, no Exército e por meritocracia cheguei a General de Brigada do Exército, e agora sigo atuando pelo Comando de presidir o nosso Clube Militar. Eu nunca vi o que está acontecendo com a nossa Pátria. Entre tantas preocupações e anseios que a Sociedade necessita nesses tempos difíceis e sombrios que passamos, ainda existem aqueles que insistem em nos provocar e nos intimidar pelas Vias Radicais e Ditatoriais. Esse Tribunal que se diz ser Supremo, afronta a Nação de uma forma irresponsável, podando e talhando os Direitos Constitucionais adquiridos na constituição de 1988. Querendo mostrar uma força que nós, Militares desconhecemos. E há aqueles que dizem ainda que: "Os 21 anos de Ouro foram de trevas e repressores". Mas então eu coloco aqui a pergunta: "O que estamos vivendo agora?" "DEMOCRACIA"? Em um gesto covarde e absurdo de um homem que se acha Deus Supremo, aplica inquéritos de censuras a liberdade de imprensa, e de seu povo que absolutamente não quer mais esses homens no Poder e tem o poder e direito de manifestar-se. E simplesmente dois bandidos de toga se acham no direito de reprimir e cassar pessoas, Jornais, Jornalistas, e Generais, como se fossem animais selvagens. Querendo amordaçá-los com suas focinheiras escrotas de autoritarismo barato. Isso é um absurdo! Quero alertá-los que dentro do Clube que estou a servir, isso caiu como um martelo no centro dos Generais, que já se levantaram e intimaram até mesmo o chefe de Estado que esteve conosco semana passada. Viu-se no próprio Presidente da República, o temor e o medo de se expressar contra essa corja de canalhas. Sabendo disso Senhores, o próprio Chefe de Estado, se assim posso usar essa expressão: "Está em um mató sem cachorro". Alguém terá que parar esses inescrupulosos homens deuses. Nós juramos defender a Pátria! Começou em 1964. Os senhores meus amigos sabem muito bem. Uma coisa leva a outra!!! Assim estou expressando meu maior sentimento de repúdio a esse Supremo Tribunal da vergonha. Será que também vão invadir minha casa? Nem em uma Ditadura mais opressora, viu-se o que está acontecendo em nosso País. Uma população que está acomodada em berço esplêndido e ao mesmo tempo oprimida ao seu maior medo. "O direito de se expressar". Nós das FFAA sabemos muito bem o que devemos fazer para impedir tudo isso, mas agora cabe saber o que a Sociedade de bem deseja. Porque quero já alertá-los, se isso começar, não terá mais volta, e todos nós sabemos muito bem disso. Convoco aqui, como Chefe de Instituição Militar, uma grande mobilização dos nosso amigos oficiais patriotas e que essa carta se espalhe para todos vocês e se unam ao meu sentimento, porque depois que as lagartas se moverem, não reclamem de quem tem o poder de verdade de recuperar essa Nação. Mais uma vez alerta que: Quando tudo está parado e sequestram o direito de um Presidente de governar, não há mais o que fazer, a não ser agirmos em prol e em defesa da Nação. Que pena, que pena que nos tiraram esse poder institucional. Será que teremos que ver o País ser dominado por completo por meia dúzia de raposas Comunistas e não fazermos nada? *Onde está a sociedade que não nos outorga isso? Ao mesmo tempo que a sociedade está cansada de tantas falácias e declarações nossas, nós também estamos cansados de ver o País afundar sem poder mover o pino da granada. Me perdoem as palavras ríspidas e diretas, mas o momento é oportuno em se fazer esse alerta urgente! Meus amigos de farda, levantemo-nos agora, e estejamos em QAP total de prontidão. Um grande abraços a todos. Nosso exército nunca dorme! Aço, selva. General de brigada Gilberto Pimentel Presidente do Clube Militar. SOMOS TODOS FFAA, Vamos fazer a limpeza, já passou da hora. Se você concorda, compartilhe muito. Eles só poderão começar algo se forem convocados por nós, a maioria do povo brasileiro. NÃO DEIXE PASSAR ESTA OPORTUNIDADE. *Se o seu desejo é colocar um final nesta situação, compartilhe* 🙌🙌 BR. Recebi e te</p>	21/10/2022

enviei.	
Esta propaganda iria ao ar hoje 20-10. Foi proibido, eu quero ver segurar a internet 😞😞😞🙅🙅🙅. Senta o dedo manda até para os cachorros! 🐾	21/10/2022
Nesta próxima segunda-feira (24/10), talvez tenhamos a grata satisfação de ver cair por terra DE UMA SÓ VEZ, Lula, Alexandre de Moraes, PT, TSE e STF, todos juntos. Graças a ousadia e CORAGEM do Senador Eduardo Girão, que CONVOCOU para uma AUDIÊNCIA no Senado Federal, o Sr. Marcos Valério, operador do mensalão, que em sua delação premiada, confirmou, categoricamente, o envolvimento do PT e do Ex-presidiário LULA, com o PCC. Alexandre de Moraes proibiu, a todos os veículos de comunicação, de falar deste assunto, quero ver se ele vai proibir a TV Senado, na próxima segunda-feira (24), de transmitir essa audiência. Outro que merece todo o nosso reconhecimento e agradecimento é o Senador Reguffe, Presidente da Comissão de Transparência, que teve peito, teve coragem e MANTEVE a seção na pauta, mesmo sob forte pressão da oposição (PT, PC do B, PSOL e toda a horda de vagabundos que já conhecemos), que queriam o ADIAMENTO desta audiência para, APÓS O PLEITO ELEITORAL. AGUARDEMOS E ACOMPANHEMOS DE PERTO! Caso, Marcos Valério mantenha-se vivo até segunda-feira (24/10), veremos a República pegar fogo! Pode ser o início da purgação, da punição destes bandidos, que tanto mal fizeram e fazem ao nosso povo e ao nosso país.	23/10/2022
A BOMBA ATÔMICA QUE VAI LIQUIDAR A FATURA DA ESQUERDA (encaminhada) *Nesta próxima segunda-feira (24/10), talvez tenhamos a grata satisfação de ver cair por terra DE UMA SÓ VEZ, Lula, Alexandre de Moraes, PT, TSE e STF, todos juntos. Graças a ousadia e CORAGEM do Senador Eduardo Girão, que CONVOCOU para uma AUDIÊNCIA, no Senado Federal, o Sr. Marcos Valério, operador do mensalão, que em sua delação premiada, confirmou, categoricamente, o envolvimento do PT e do Ex-presidiário LULA, com o PCC. Alexandre de Moraes proibiu, a todos os veículos de comunicação, de falar deste assunto, quero ver se ele vai proibir a TV Senado, na próxima segunda-feira (24), de transmitir essa audiência. Outro que merece todo o nosso reconhecimento e agradecimento é o Senador Reguffe, Presidente da Comissão de Transparência, que teve peito, teve coragem e MANTEVE a seção na pauta, mesmo sob forte pressão da oposição (PT, PC do B, PSOL e toda a horda de vagabundos que já conhecemos), que queriam o ADIAMENTO desta audiência para, APÓS O PLEITO ELEITORAL. AGUARDEMOS E ACOMPANHEMOS DE PERTO! Caso, Marcos Valério mantenha-se vivo até segunda-feira (24/10), veremos a República pegar fogo! Pode ser o início da purgação, da punição destes bandidos, que tanto mal fizeram e fazem ao nosso povo e ao nosso país.* BRBRBRBRBRBRBRBR Repasse Repasse Repssse Repasse	24/10/2022

